CPAD

10 HEBREUS A APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

CPAD

10 HEBREUS A APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

1. APOCALIPSE
2. Introdução
    1. O PRESENTE
        1. A avaliação de Cristo acerca dessa igreja era bem
        2. Quando João comeu o livro, ele descobriu que a pre
        3. O problema com essa interpretação é que parece col
        4. e) A última promessa e oração (22.20). Aquele que
        5. Bibliografia
3. Autores deste volume

B

Comentário Bíblico

EACON

0 Livro de

APOCALIPSE

Ralph Earle

- Introdução
  - O PRESENTE
    - A avaliação de Cristo acerca dessa igreja era bem
    - Quando João comeu o livro, ele descobriu que a pre
    - O problema com essa interpretação é que parece col
    - e) A última promessa e oração (22.20). Aquele que
    - Bibliografia
- Autores deste volume

Introdução

Alguém disse acerca do livro de Apocalipse: "Ele é ao mesmo tempo o livro mais respeitado, o mais incompreendido e o mais negligenciado dos escritos do Novo Testamento".[1] Ele tem sido chamado de "o livro mais abusado da Literatura Cristã".[2] Barclay observa: "O *Apocalipse* é notoriamente o livro mais difícil do Novo Testamento".[3]

A veracidade dessa declaração é ressaltada pelo fato de Calvino se abster de escrever um comentário desse livro. Adam Clarke, quando chegou até o livro de Apocalipse, quase decidiu não escrever acerca do mesmo. Ele finalmente concordou com essa complexa tarefa, mas se expôs à difícil situação de citar longos textos de outro autor.
Os sentimentos de Clarke são expressos nestas palavras:

Estou satisfeito em saber que ainda não foi descoberto um modo *certo* de interpretar as profecias desse livro, e não vou acrescentar um outro monumento à insignificância ou insensatez da mente humana ao empenhar-me em iniciar um novo estudo. Vou repetir o que já disse, não entendo esse livro; e estou satisfeito em saber que ninguém que escreveu a respeito desse assunto sabe mais do que eu [...1 Eu havia resolvido, por um tempo considerável, não ocupar-me com esse livro, porque previ que não poderia produzir nada satisfatório acerca do mesmo [...1 Mudei minha decisão e acrescentei breves notas, principalmente filológicas, nos trechos em que achei que entendi o significado.[4]

John Wesley chama atenção ao grande valor dos capítulos de abertura e conclusão de Apocalipse, e acrescenta: "Mas deixei de estudar as partes intermediárias por muito anos, sem esperança de entendê-las, após as tentativas infrutíferas de tantos homens sábios e bons; e talvez deveria ter vivido e morrido com esse sentimento, se não tivesse conhecido as obras do grande Bengelius".[5] Wesley então decidiu prover um resumo das notas de Bengel. Mas esse grande comentarista alemão caiu na armadilha de definir datas (e.g., 18 de junho de 1836, para a destruição da besta). Spurgeon adverte: "Se um expositor tão magnífico vagueia dessa forma, isso deveria servir de advertência para homens menos instruídos".[6]

A. Autoria

No início e no fim o livro afirma ter sido escrito por um homem chamado João (1.1,4, 9; 22.8). Mas quem era esse João? Essa pergunta tem causado muita discussão.

0 testemunho mais antigo é de Justino, o Mártir (c. 150 d.C.). Em *sen Dialogue with Trypho the Jew* (Diálogo com Trifo, o judeu, LXXXI), ele diz: "Além do mais, um homem entre nós chamado João, um dos apóstolos de Cristo, recebeu uma revelação e predisse que os seguidores de Cristo habitariam em Jerusalém por mil anos".[9]

2. *Evidência Interna*

A situação torna-se um tanto mais complicada quando nos voltamos para o próprio testemunho do livro. O problema está na diferença de linguagem e estilo entre o Evangelho e as epístolas de João de um lado e o Apocalipse do outro. Isso foi percebido

por Dionísio, um famoso bispo de Alexandria (morreu em 264 d.C.). Ele escreveu:

Também podemos notar como a fraseologia do Evangelho e das epístolas difere do livro de Apocalipse. O'Evangelho e as epístolas são escritos não só de maneira irrepreensível, no que tange à linguagem, mas são também elegantes na fluência, nos argumentos e em toda a estrutura de estilo [...] Não nego que o autor do Apocalipse teve uma revelação e recebeu conhecimento e profecia. Mas percebo que tanto o seu dialeto quanto a sua linguagem não podem ser considerados um grego muito requintado; o autor, na verdade, usa expressões bastante impuras.[10]

Por essa e outras razões, Dionísio entendeu que o Apocalipse não foi escrito pelo mesmo João que escreveu o quarto Evangelho e 1 João. Mas ele foi cuidadoso ao expressar a sua convicção e disse que o Apocalipse foi obra "de um homem santo e inspirado".[11]

O estilo de Apocalipse é descrito por Wikenhauser nestes termos: "O autor escreve em grego, mas pensa em hebraico; ele frequentemente traduz expressões hebraicas literalmente para o grego. Irregularidade gramatical e estilística é a regra nesse livro".[12] Guthrie tem o seguinte comentário acerca do autor de Apocalipse: "Ele coloca nominativos em oposição [aposição?] com outros casos, usa particípios de maneira irregular, constrói frases quebradas, acrescenta pronomes desnecessários, mistura gêneros, números e casos e introduz diversas construções incomuns".[13]

De que maneira podemos explicar essa diferença de linguagem? Westcott acredita que o livro de Apocalipse foi escrito bem cedo e acha que o contato próximo posterior com pessoas de fala grega tornou possível para João usar o grego refinado encontrado no Evangelho.[14] Mas, como vamos ver mais tarde, é preferível datar os dois livros mais ou menos no mesmo período.

Zahn sugere uma explanação mais válida. Ele diz que o fenômeno linguístico de Apocalipse é devido, em parte, "à dependência das próprias visões e de sua forma literária baseada no modelo dos escritos proféticos do Antigo Testamento".[15] Esse argumento parece válido pelo fato de nenhum outro livro do Novo Testamento fazer um uso tão abundante do Antigo Testamento. Em sua tradução do Novo Testamento, Beck fornece no final de cada livro uma lista de referências do Antigo Testamento que são citadas ou aludidas de forma clara no livro em análise. No final de Apocalipse, ele apresenta quase 300 referências dos livros proféticos do Antigo Testamento — incluindo aproximadamente 70 referências de Daniel, que não é classificado como "Profeta" pelos judeus. Isso mostra que o autor de Apocalipse estava saturado com o espírito e ensinamentos dos profetas hebreus.

0 uso repetitivo de Daniel pelo autor de Apocalipse — mais do que de qualquer outro livro do Antigo Testamento — acrescenta mais um fator. A linguagem de Apocalipse é definitivamente apocalíptica. Ao manter a ênfase em *cataclismos* e *catástrofes* — duas palavras gregas apropriadas — é mais do que natural que a linguagem apocalíptica fosse abrupta e quebrada em estilo.

Daniel é o grande apocalipse do Antigo Testamento —junto com Ezequiel, que também é mencionado com freqüência em Apocalipse. No período intertestamentário, apareceram

muitos apocalipses judaicos. Muito tem sido dito nos anos recentes acerca da relação entre o livro de Apocalipse e esses apocalipses judaicos, bem como em relação aos apocalipses cristãos dos primeiros séculos da Igreja. Inúmeros livros foram escritos nessa área.[16] Mas sempre deve ser lembrado que o livro de Apocalipse é mais do que um apocalipse; ele também é uma profecia. Bowman escreveu com propriedade:

Se devemos encontrar um protótipo para o Apocalipse, seria mais próximo da verdade [...] relacioná-lo tanto em forma quanto em conteúdo ao escrito profético do Antigo Testamento do que a qualquer literatura apocalíptica quer judaica ou cristã que apareceu entre 175 a.C. e 100 d.C. Diferentemente dessa literatura, João fala do seu livro como "profecia" em seis passagens e apenas uma única vez como "apocalipse" no seu título.[17]

Há ainda uma outra possibilidade que deveria ser considerada. João provavelmente escreveu seu Evangelho e epístolas em Efeso, onde teria os serviços de excelentes copistas (secretários) gregos. Mas se ele escreveu o livro de Apocalipse na ilha de Patmos, como parece ter sido o caso, ele próprio teria de escrever o livro. O estilo grego rústico seria então o seu próprio.

Na verdade, as diferenças na linguagem entre o Apocalipse e o Evangelho e as epístolas de João têm sido grandemente exageradas. Guthrie observa que "apesar das diferenças lingüísticas e gramaticais, o Apocalipse apresenta uma afinidade maior com o grego dos outros livros de João do que com qualquer outro livro do Novo Testamento".[18]

O que com freqüência tem passado despercebido é o fato de haver uma série de afinidades marcantes entre o Apocalipse e o Evangelho de João. Guthrie chama a nossa atenção para um ponto importante: "Os dois livros usam a palavra 'Logos' para referir-se a Cristo, uma expressão que não é usada em nenhuma outra parte do Novo Testamento além da literatura joanina (Jo 1.1; Ap 19.13)".[19] Mais uma comparação é: "Existe um gosto perceptível por antíteses nos dois livros".[20] Westcott já tinha chamado a atenção para esse detalhe em seu comentário acerca do Evangelho de João, em que escreveu: "Ambos apresentam uma visão de um conflito supremo entre os poderes do bem e do mal".[21] Ele acrescenta: "No Evangelho, as forças opositoras são apresentadas debaixo de formas abstratas e absolutas, como luz e trevas, amor e ódio; no Apocalipse, debaixo de formas concretas e definidas, Deus, Cristo e a Igreja guerreando com o diabo, o falso profeta e a besta".[22] Essas e outras afinidades tendem a apoiar uma autoria comum.

As vezes se toma como certo que todos os estudiosos do Novo Testamento hoje em dia rejeitam completamente a idéia de que o Apocalipse foi escrito por João, filho de Zebedeu. Mas, isso não é verdade. Stauffer escreve: "Em vista de tudo isso, temos base suficiente para atribuir esses cinco escritos a um autor comum, de uma individualidade marcante e grande significância, e identificá-lo como o apóstolo João".[23] Alan Richardson diz concernente ao Evangelho: "A evidência, tal como a encontramos, não exclui a possibilidade de que a tradição que conecta o quarto Evangelho ao nome de João, filho de Zebedeu, esteja certa, afinal".[24] E, em relação ao Apocalipse? Ele diz: "Hoje pode ser seriamente sustentado que o autor de Apocalipse não é ninguém mais do que o próprio

autor do quarto Evangelho, adotando o estilo e imagem convencional da literatura apocalíptica judaica da época como o instrumento de comunicação da sua 'profecia' a uma igreja perseguida".[25]

B. Data

Duas datas principais para a composição de Apocalipse têm sido sugeridas. Uma é em torno de 65 d.C., quando os cristãos estavam sendo perseguidos por Nero. A outra é em torno de 95 d.C., durante as perseguições realizadas por Domiciano.

O grande triunvirato de Cambridge — Lightfoot, Westcott e Hort — acreditava que o Apocalipse foi escrito durante o tempo de Nero. Mas, como Swete observa: "A primitiva tradição cristã é quase unânime em atribuir o Apocalipse aos últimos anos de Domiciano".[26]

Irineu é a testemunha antiga mais importante. Conforme é citado por Eusébio, ele diz no quinto livro de *Against Heresies* (Contra Heresias): "Se, no entanto, fosse necessário proclamar o seu nome [i.e., Anticristo] abertamente no tempo presente, seria declarado por ele que teve a revelação, porque não faz muito tempo que foi visto, quase em nossa própria geração, no fim do reinado de Domiciano".[27] A maioria dos Pais da igreja posteriores segue a interpretação de Irineu.

Há uma série de argumentos que apoiam essa data posterior. Um argumento diz que o livro de Apocalipse parece claramente refletir a presença da adoração ao imperador na província da Ásia. Embora haja evidência da divinização extra-oficial e adoração de imperadores mais antigos, "não houve nenhuma tentativa oficial de reforçar o culto até a última parte do reinado de Domiciano".[28]

Mais um argumento é a severidade da perseguição refletida no livro de Apocalipse (1.9; 2.12; 3.10; 6.9). Com relação a Domiciano, Guthrie escreve: "Esse imperador mandou matar seu parente Flávio Clemente e baniu a esposa dele com a acusação de sacrilégio (*atheotes*), o que fortemente sugere que isso ocorreu por causa do cristianismo, visto que a esposa, Domitilla, é conhecida, de inscrições, como tendo sido cristã".[29] O quadro apresentado no Apocalipse parece encaixar-se melhor no reinado de Domiciano.

Um terceiro argumento citado com certa freqüência é o mito da ressurreição de Nero. Após a *morte* desse imperador maníaco em 68 d.C., surgiu uma lenda de que ele continuava vivo e que voltaria como líder à frente de um exército de partos para invadir o Império Romano. Swete comenta: "A lenda, na verdade, não surgiu sem um correlativo histórico. Quando o Apocalipse foi escrito achavam que Nero tinha, na verdade, voltado na pessoa de Domiciano".[30]

Alguns acreditam que Apocalipse 13.3 e 17.8 se referem à lenda a respeito de Nero. McDowell afirma: "E claro que o autor de Apocalipse não acreditava nesse mito, mas parece bastante provável que ele o empregou em conexão com o seu simbolismo".[31]

Uma data no reinado de Nero (c. 65 d.C.) não pode ser descartada. Mas, de acordo com os argumentos acima e especialmente à luz da forte tradição da Igreja Primitiva, parece-nos mais sensato ficar com uma data na última parte do reinado de Domiciano (c. 95 d.C.).

C. Destinatários

0 livro foi dirigido às "sete igrejas que estão na Ásia" (1.4); isto é, a província da Ásia, no lado ocidental da Ásia Menor (veja mapa 1). As sete igrejas são mencionadas em 1.11.

D. Propósito

O propósito principal era confortar e encorajar os cristãos nas suas perseguições presentes e nas futuras ao assegurar-lhes o triunfo final de Cristo e seus seguidores. Também era necessário advertir as igrejas contra falhas na doutrina ou na prática cristã.

E. Estrutura

Que o livro de Apocalipse é altamente dramático dificilmente pode ser questionado por qualquer leitor atento. Até que ponto esse fenômeno afeta a estrutura do livro?

Bowman tornou esse o fator dominante. Depois de notar que a forma de carta ou epístola se aplica particularmente à saudação de abertura em 1.4-6 (1.1-3 sendo o título do livro) e à bênção final (22.21), ele trata do restante do livro como um drama literário. Entre o Prólogo (1.7-8) e o Epílogo (22.6-10) ele encontra sete atos, cada um com sete cenas.[32] Todo o esquema é realizado com grande engenhosidade — demais para alguns críticos! Mas o quadro como um todo causa grande impacto e torna o bvro de Bowman uma leitura muito interessante.

McDowell começa o drama com o capítulo 4 e sugere dois atos, com sete cenas cada.[33] Kepler encontra "sete atos e dez cenas".[34]

Embora esses esboços difiram um pouco em detalhes, todos eles salientam o fato de que *sete* é o número predominante em Apocalipse. Há sete cartas, sete selos, sete trombe-tas e sete taças. Poderia parecer que os selos, as trombetas e as taças não representam séries sucessivas de julgamentos, mas deveríam ser interpretados em termos de repetição e revisão. Erdman resume a estrutura do livro desta forma:

Na verdade, contraste e repetição e clímax são traços evidentes na estrutura literária do livro. No entanto, o aspecto mais distinto é o da simetria. Cada uma das cartas às sete igrejas segue o mesmo esquema literário exato. Todas as sete igrejas formam uma seção descritiva da Igreja em sua imperfeição e perigo atual. Com esses capítulos o livro abre, e, com equilíbrio poético, fecha com a figura da Nova Jerusalém, nos dois capítulos contendo a visão da Igreja, perfeita e gloriosa.

Nas cinco seções centrais há a mesma ordem harmoniosa e artística. Duas seções, dos selos e das trombetas, descrevem revolução e catástrofe, das quais naturalmente emergem os grandes antagonistas cujo conflito forma o ponto central da ação dramática, enquanto as duas seções das taças e julgamentos retratam vivida-mente a destruição dos inimigos de Cristo e preparam para a imagem final da sua Igreja aperfeiçoada no esplendor da "nova terra".[30]

F. Interpretação

Há três escolas principais de interpretação do Apocalipse que são importantes hoje. A primeira, chamada de interpretação *preterista,* considera que todo o Apocalipse se refere ao contexto histórico do período do Império Romano. A perseguição imperial dos cristãos seria seguida pela derrota final do poder imperial. A segunda, conhecida como interpretação *historicista,* vê o livro como uma sucessão de eventos significativos ao longo da história da Igreja. Isso é mais corretamente rotulado como o método de interpretação "histórico contínuo". Aterceira, a interpretação *futurista,* considera que tudo a partir do capítulo 4 ainda está para ser cumprido. Em vários pontos na exposição notaremos a aplicação dessas três interpretações na explicação de passagens específicas. Pelo que sabemos, esse é o primeiro comentário publicado que faz isso.

Com freqüência, os proponentes dessas várias escolas de pensamento têm sido intolerantes uns com os outros. O fato simples que nenhuma pessoa cuidadosa negaria é que as três interpretações são defendidas por pessoas devotas, cheias do Espírito e leais à Palavra de Deus. Precisa-se ter uma compreensão mútua solidária no Espírito de Cristo.

Niles tem sabiamente chamado a atenção ao fato de que "a mensagem essencial que João busca passar é tal que mesmo grandes diferenças de interpretação não chegam a afetá-la".[36] Essa mensagem é que a verdade vai triunfar no final, apesar de todas as forças do mal.

A atitude correta para cada leitor de Apocalipse é bem definida por Richardson: "Deveriamos abordar o livro com a humildade de espírito que se dispõe a dizer em certos momentos: 'Não sei' *"V* Ele também diz: Deveriamos estar preocupados com a mensagem e o valor do livro para a nossa geração. Deveriamos deixar que essa palavra de Deus para o primeiro século se torne para nós a palavra de Deus para o século vinte".[38]

Nessa era atômica, quando eventos se movem rapidamente ao longo do palco da história, numa velocidade orbital em que uma crise segue a outra, o livro de Apocalipse alcança uma nova relevância. Somos lembrados de palavras escritas há muitos anos acerca desse livro, mas iluminadas agora por duas guerras mundiais: "O livro deve ser lido com o clarão sombrio de cidades em chamas — Jerusalém e Roma — e, podemos acrescentar, pela luz das fogueiras dos mártires".[39] Hoje, com a difusão da intolerância religiosa, os cristãos enfrentam a ameaça de perseguições mais seriamente do que em qualquer outra época histórica.

Qual é a lição que o Apocalipse tem a nos ensinar? Richardson expressa isso da seguinte forma:

A Vinda do Senhor é a nota predominante do livro. "Certamente, cedo venho" é a palavra de Cristo aos seus santos sofredores. Essa vinda é uma vinda progressiva e repetida. Muitas vezes e de muitas maneiras Cristo vem. Ele vem quando em fé nos voltamos a Ele; Ele vem na crise da vida quando clamamos a Ele; Ele vem na hora da morte para nos receber [...] No final, na plenitude dos tempos, Ele virá visivelmente na glória para concluir as cenas da nossa história terrena e para prenunciar o julgamento final.[40]

Esboço

I. 0 Passado, 1.1-20

A. O Sobrescrito, 1.1-3

B. A Saudação, 1.4-8

C. O Filho do Homem, 1.9-20

II. O Presente, 2.1—3.22

A. Carta à Igreja de Éfeso, 2.1-7

B. Carta à Igreja de Esmirna, 2.8-11

C. Carta à Igreja de Pérgamo, 2.12-17

D. Carta à Igreja de Tiatira, 2.18-29

E. Carta à Igreja de Sardes, 3.1-6

F. Carta à Igreja de Filadélfia, 3.7-13

G. Carta à Igreja de Laodicéia, 3.14-22

III. O Futuro, 4.1—22.21

A. O Trono e o Cordeiro, 4.1—5.14

B. Os Sete Selos, 6.1—8.1

C. As Sete Trombetas, 8.2—11.19

D. A Sétupla Visão, 12.1—14.20

E. As Sete Taças, 15.1—16.21

F. As Últimas Sete Cenas, 17.1—20.15

G. A Nova Jerusalém, 21.1—22.21

Seção **I**

0 PASSADO

Apocalipse 1.1-20

O primeiro capítulo de Apocalipse forma uma introdução do livro. Ele é composto por um

breve parágrafo em que é apresentado o título e propósito da sua composição (w. 1-3), seguido por uma saudação (w. 4-8) e a visão de Cristo (w. 9-20).

A. O SOBRESCRITO, 1.1-3

1. *A Fonte da Revelação* (1.1)

As três primeiras palavras do livro de Apocalipse são: *Apocalypsis lesou Christou.* Este é obviamente o título do livro. E por isso que não encontramos nenhum artigo definido. Assim, traduzimos o título: **Revelação de Jesus Cristo.**

Na língua portuguesa, esse livro é predominantemente denominado de "Apocalipse". Isso ocorre porque a palavra grega para **revelação** é *apocalypsis.* Vem do verbo *apocalypto,* "descobrir" ou "revelar". Na Septuaginta e no Novo Testamento, ele é usado no sentido especial de uma revelação divina. Um bom exemplo do Antigo Testamento grego é Amos 3.7: "Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas". No Novo Testamento, Paulo usa o substantivo 13 vezes. Por exemplo, ele fala da "revelação do mistério" (Rm 16.25). Ele recebeu seu evangelho "pela revelação de Jesus Cristo" (G11.12). O termo também é usado para a Segunda Vinda em 1 Coríntios 1.7 ("manifestação"; "vinda" na KJV) e 2 Tessalonicenses 1.7, bem como em 1 Pedro 1.7,13; 4.13. Vincent escreve: *"A Revelação* aqui é o *revelar dos mistérios divinos".*[1]

Mas, qual é o significado do complemento **de Jesus Cristo?** Alguns estudiosos entendem que esse é um genitivo objetivo; isto é, Jesus Cristo está sendo revelado. Um certo apoio para esse ponto de vista é encontrado no fato de que temos uma visão de Cristo nesse primeiro capítulo. Mas isso não descreve apropriadamente os conteúdos do livro como um todo.

Em segundo lugar, ele pode ser tratado como um genitivo de posse; isto é, a revelação pertence a Jesus Cristo. Isso é apoiado pela frase **a qual Deus lhe deu.** Mas isso era para o propósito da sua transmissão a João.

Um terceiro ponto de vista é que esse é um genitivo subjetivo; isto é, Jesus Cristo dá a revelação. Isso parece fazer mais sentido. Lenski diz: "O genitivo é subjetivo: Jesus Cristo fez essa Revelação".[7] Phillips realça o ponto ao traduzir assim a sentença: "Essa é a Revelação de Jesus Cristo". No entanto, é melhor deixar de fora o verbo da expressão, como ocorre no grego, e transformá-la no título do livro.

A fonte da revelação foi Deus — **a qual Deus lhe deu.** Swete comenta: **"O** Pai é o supremo Revelador [...] o filho é o agente por meio de quem a revelação passa aos homens".[8] Isso está em conformidade com o ensinamento do Evangelho de João (3.35; 5.2026; 7.16; 8.28 etc.).

O propósito de Deus ao dar essa revelação a Jesus era que ele pudesse **mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer.** A palavra para **servos** é *doulois,*

que significa “escravos”. Mas Simcox emite uma nota de advertência para aqueles que interpretam esse termo no sentido moderno ocidental. Ele diz: “No Oriente (Lc 15.17) os servos que foram comprados por um preço estavam acima dos assalariados”.[9] Em Atos e nas epístolas, o termo é freqüentemente aplicado aos cristãos.

A palavra **devem** *(dei)* é extremamente significativa. Charles escreve: **“O** *dei* denota não a consumação rápida das coisas, mas o cumprimento absolutamente certo do propósito divino”.[10]

Um outro termo importante é **brevemente** *(en tachei).* Charles comenta: “Que esse cumprimento ocorreria ‘logo’ [...] sempre foi a expectativa de toda profecia viva e apocalíptica”.[11] A. T. Robertson observa: “E um termo relativo a ser julgado à luz de 2 Pedro 3.8, de acordo com o relógio de Deus, não o nosso”.[12] A mesma frase ocorre em Lucas 18.8. Simcox diz: “Essas últimas passagens sugerem que o objetivo dessas palavras é assegurar-nos da prontidão prática de Deus para cumprir suas promessas, em vez de definir qualquer limite de tempo para o seu cumprimento real”.[13] No calendário de Deus, esses eventos são marcados de maneira definida, mas não nos cabe interpretar esse calendário (cf. At 1.7). No entanto, tudo será cumprido brevemente — “logo”, ou “em breve”. Moffatt comenta: “Esse é o ponto crítico do livro [...] Anota-chave de Apocalipse é a certeza alegre de que da parte de Deus não há relutância ou atraso; seu povo não precisa esperar ansiosamente agora”.[14] Newell faz a seguinte sugestão útil: “‘Brevemente’ não só significa iminência, mas também *rapidez na execução,* depois da ação iniciada”.[15]

A sentença seguinte também é importante: **pelo seu anjo as enviou e as notificou a João, seu servo. O** verbo **notificou** é *semaino.* Ele vem de *sema (semeion*), “um sinal”. Assim, esse verbo significa “dar um sinal, representar, indicar”,[16] ou “fazer conhecido, relatar, comunicar”.[17] Lange diz o seguinte: “*Esemanen* é uma modificação de *deixai* [mostrou], indicativo dos sinais empregados, a representação simbólica”.[18] Bengel observa: “a LXX usa *semainein* para expressar um grande sinal de uma grande coisa: Ezequiel 33.3”.[7] [8] [9] [10] [11] [12] [13] [14] [15] [16] [17] [18] [19] O verbo é encontrado somente aqui em Apocalipse. Vincent escreve: “A palavra é apropriada para o caráter simbólico da revelação, como em João 12.33, em que Cristo prediz o modo da sua morte por meio de uma figura”.[20]

É com base nessa derivação etimológica que muitos mestres da Bíblia têm escolhido dar a **notificou** o significado de “sinalizou”; isto é, o material desse livro é apresentado em sinais e símbolos. Alguns comentaristas mais recentes têm contestado essa explicação. J. B. Smith, por exemplo, diz: “O uso da palavra em outros textos (Jo 12.33; 18.32; 21.19; At 11.28; 25.27) não permite esse significado. Em cada caso, o sentido deve ser indicado pela palavra e não pelo símbolo”.[21] Parece, no entanto, que a idéia tem algum mérito, embora não deva ser superenfatizada. No léxico de Liddell-Scott-Jones, o primeiro significado dado é: “mostrar por um sinal, indicar, apontar”.[22] Também é mencionado que quando o verbo é usado “absolutamente” (i.e., sem um objeto) ele significa “dar sinais”. E dessa forma que o

termo é usado aqui. Depois de descrever o significado original da palavra, McDowell observa: "O autor infere que a mensagem que ele recebeu é dada aos seus leitores por meio de sinais e símbolos. A atenção a esse fato deveria poupar-nos de um literalismo crasso ao interpretar a mensagem do livro".[23]

A revelação foi notificada **pelo seu anjo.** Provavelmente, a melhor coisa é pegar essa forma singular de maneira *genérica.* Ela se aplicaria, portanto, "a todos os anjos individuais que nas diferentes visões têm o ofício de fazer declarações significativas".[24] Esses anjos (ou anjo) são mencionados em 17.1, 7,15; 19.9; 21.9; 22.1, 6. O significado literal de **anjo** *(angelos)* é "mensageiro". Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento encontramos Deus usando anjos como mensageiros para comunicar sua revelação aos homens.

Nesse caso, a revelação foi enviada **a João, seu servo.** Duesterdieck comenta: **"O** vidente se autodenomina servo de Jesus Cristo quanto ao seu serviço profético. O acréscimo do seu próprio nome contém, de acordo com o costume profético antigo, uma atesta-ção da profecia".[20]

Da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus são definidos por Charles como significando "a revelação dada por Deus e testificada por Cristo (genitivo subjetivo)".[22] Semelhantemente, Swete apresenta esta identificação: "A revelação concedida por Deus e atestada por Cristo".[23]

E **de tudo o que tem visto.** Não existe a conjunção **e** nos melhores textos gregos, assim, a maioria dos comentaristas toma essa frase como estando em aposição com a **palavra de Deus** e o **testemunho de Jesus.** Swete diz: "Essa palavra e testemunho alcançaram a João em uma visão".[24] Goodspeed traduz essa passagem da seguinte forma: "Que testifica de acordo com o que viu — a mensagem de Deus e o testemunho de Jesus Cristo".

3. *A Bênção dos Receptores* (1.3)

João pronuncia uma tríplice bênção a três grupos. A primeira é: **aquele que lê.** O contexto indica claramente que a referência é a alguém que lê o livro a outros — **os que ouvem.** Isso justifica a tradução da RSV, que traz: "aquele que lê em voz alta". "Não é a pessoa particular [...] mas [...] a pessoa que lê em voz alta na congregação".[25] Esse era inicialmente um leitor leigo, mas, mais tarde, um obreiro da igreja.

Ao chamar aquilo que ele estava escrevendo de **as palavras desta profecia,** João deliberadamente colocou o livro de Apocalipse no mesmo nível dos livros proféticos do Antigo Testamento. Ele repete isso em 22.7,10,18.

Mas, o ouvinte também deve ser um praticante — **e guardam as coisas que nela estão escritas. O** verbo grego *tereo* "é constantemente usado para 'guardar' a Lei, os Mandamentos [...] em todo o NT; mas é mais comum em *todos* os escritos de João".[26]

Essa é a primeira das sete bem-aventuranças no livro de Apocalipse (cf. 14.13; 16.15; 19.9;

20.6; 22.7,14). Um estudo dessas "bem-aventuranças" seria proveitoso tanto para os obreiros como para os leigos.

Uma frase final é: **porque o tempo está próximo.** A palavra para **tempo** não é *chronos* — tempo no sentido de duração. A palavra aqui é *kairos* — "tempo que produz seus diversos nascimentos".[27] Arndt e Gingrich definem a palavra assim: "o *tempo certo, apropriado, favorável* [...] *tempo definido e estabelecido* [...] um dos principais termos escatológicos, *ho kairos, o tempo de crise, os últimos tempos" f* ° Lange traduz esse termo aqui por: "o tempo de decisão". Weymouth traz: "Porque o tempo do seu cumprimento está agora próximo".

Mais uma vez, João ressalta a iminência daquilo que irá acontecer (cf. "brevemente", v. 1). Niles observa: "Uma qualidade do apocalipse bem como da profecia é a pré-condensação da visão que estabelece como iminente aquilo que com certeza vai acontecer".[29] De Cristo ele diz: "Ele está vindo e virá. Na verdade, é nessa fusão do presente contínuo com o futuro certo que se encontra a clareza da escatologia bíblica".[30]

R. H. Charles chamou a atenção para o fato de se encontrar nesses três primeiros versículos de Apocalipse três elementos, cada um consistindo em três partes. Com relação à 1) fonte da Revelação, ela era de Deus, por meio de Cristo, e comunicada por João aos seus ouvintes. 2) Os conteúdos da revelação são especificados como a palavra de Deus, a verdade atestada por Cristo, reunido naquilo que João viu. 3) A bênção era tríplice — ao leitor público, aos ouvintes e especialmente aos praticantes.[31]

0 Passado

B. A **Saudação,** 1.4-8

Os três primeiros versículos formam um sobrescrito para o livro, quase como um título ampliado como encontramos nos títulos de livros escritos há duzentos ou trezentos anos. Mas esse parágrafo constitui uma saudação, indicando o caráter epistolar do livro de Apocalipse. Charles diz: "Todo o livro, a partir de 1.4 até o seu final é, na verdade, uma epístola".[32]

1. *A Saudação* (1.4,5a)

Diferentemente do costume atual de colocar o nome do remetente somente no final de uma carta, todas as cartas daquele período seguiam o costume sensível de apresentar o nome do autor logo no início. Assim, o leitor sabería imediatamente quem estava escrevendo para ele.

Dessa forma, a parte principal do livro de Apocalipse começa com **João.** Esse provavelmente era João, filho de Zebedeu, o apóstolo que escreveu o quarto Evangelho e as três epístolas que levam o seu nome (veja Int., "Autoria"). Como respeitável patriarca

da Igreja ele não tinha necessidade de identificar-se mais detalhadamente.

O livro é dirigido **às sete igrejas que estão na Ásia.** No Novo Testamento o termo **Ásia** não significa o continente, mas a província romana da Ásia, situada no lado ocidental da Ásia Menor (veja mapa 1). Ela tinha sido formada em torno de 130 a.C., com a adição da Frigia em 116 a.C.

Por que sete igrejas? Havia igrejas cristãs em diversas outras cidades da Ásia, como Colossos e Hierápolis (Cl 1.2; 4.13), Trôade (At 20.5), Magnésia e Trales, às quais Inácio escreveu em torno de 115 d.C. Foi sugerido que Trôade foi omitida por causa da sua distância das sete igrejas. Por outro lado, as cidades de Hierápolis e Colossos ficavam muito próximas de Laodicéia, e Magnésia e Trales, de Efeso, por isso não foram mencionadas.

Mas uma explicação melhor é que sete era o número da perfeição. O autor de Apocalipse usa esse número como estrutura básica para o seu livro. Aqui esse número significa santidade e perfeição. Erdman escreve: "As sete igrejas endereçadas foram, portanto, representativas de toda a Igreja em todo o mundo e em todas as épocas. Assim, João está dirigindo o livro inteiro à Igreja Universal"[33] O Cânon Muratoriano (final do segundo século) já exprimia: "E João também no Apocalipse, embora escrevesse às sete igrejas, no entanto, fala a todos".[34]

Graça e paz seja convosco é a mesma fórmula encontrada no início das epístolas paulinas e nas duas de Pedro. (Em 1 e 2 Timóteo, bem como em 2 João, a palavra "misericórdia" é acrescentada. Essas palavras altamente significativas são discutidas nos comentários no início de diversas epístolas paulinas. Plummer observa que a combinação desses dois termos "une elementos gregos e hebraicos, e dá aos dois um profundo significado cristão".[35]

Graça e paz vêm primeiro **da parte daquele que é, e que era, e que há de vir.**

Isso refere-se primeiramente ao Pai, como o Eterno. Lenski comenta que "'Aquele que E' significa: 'Aquele que E de eternidade em eternidade' [...] 'e Aquele que Era' significa: 'Aquele que era antes do tempo e da origem do mundo' [...] 'e Aquele que está vindo' quando o tempo já não mais existir, quando Ele vier para o julgamento final".[36] Ele acrescenta: "'Aquele que está vindo' é altamente messiânico".[37]

Simcox segue Alford ao argumentar que toda a expressão aqui é "uma paráfrase do 'nome Inefável' revelado a Moisés" em Êxodo 3.14 (i.e., Jeová ou Yahweh) e talvez também "uma paráfrase da explicação do Nome dado a ele: 'EU SOU O QUE SOU"'.[38] O Targum palestino de Deuteronômio 27.39 traz: "Eis que sou Aquele que Sou, que Era e que Será". Essa identificação parece razoável, embora devêssemos considerar o ponto de vista de Lenski em relação ao Messias.

A terceira frase aqui não é **que há de vir,** mas, literalmente, "Aquele que está vindo". Swete sugere que essa última tradução era talvez a preferida "porque prenuncia já

no início o propósito do livro, que deve revelar as intervenções de Deus na história humana".[39]

Agramática grega aqui é irregular. Literalmente significa o seguinte: "da parte dele..." Moffatt chama isso de "violação gramatical estranha e deliberada [...] para proteger a imutabilidade e inteireza do nome divino da declinação".[40] Semelhantemente, Charles escreve: "Temos aqui um título de Deus expresso em termos de tempo. O Vidente violou deliberadamente as regras de gramática para preservar o nome divino inviolado de uma mudança que teria de sofrer se fosse declinado".[41]

Em segundo lugar, graça e paz vem **dos sete Espíritos que estão diante do seu trono.** Embora um certo número de comentaristas recentes interpretem essa frase como uma referência a seres angelicais, parece mais certo adotar o ponto de vista mais comum de que essa é uma designação simbólica para o Espírito Santo. Alford diz: "Os sete espíritos indicam a plenitude e a universalidade do agir do Espírito Santo de Deus, da mesma maneira que as sete igrejas tipificam e indicam a igreja em geral".[42] Swete concorda com essa posição.[43] Plummer acredita que a expressão significa: "O Espírito Santo, sétuplo em suas operações", e acrescenta: "O número sete mais uma vez simboliza universalidade, plenitude e perfeição — essa unidade no meio da diversidade que marca a obra do Espírito e a esfera da Igreja".[44] Essa interpretação é fortemente apoiada por 5.6, que se refere a Zacarias 4.10.

O sétuplo Espírito está **diante do seu trono.** Lenski conclui sua discussão desse versículo ao dizer: "Assim, devemos unir todas essas expressões; esses 'sete' pontos no que tange à comissão do Espírito de agir do trono e tornar Deus e o homem um".[45]

Em terceiro lugar, graça e paz vêm de **Jesus Cristo** (5). Ele é retratado por três figuras. Primeiramente, Ele é **a testemunha fiel.[46] Fiel** significa "digno de confiança". Duesterdieck não limita esse testemunho ao ministério terreno de Cristo. Em vez disso, Ele é "aquele por meio de quem cada revelação divina ocorre, que comunica predições não só para os profetas em geral, como no momento para o autor de Apocalipse, mas também testifica da verdade ao censurar, admoestar e confortar as igrejas".[47]

A palavra grega para **testemunha** mais tarde veio a significar "mártir". Dessa forma, nossa palavra mártir é derivada dela (gen., *martyros).* Moffatt comenta: "Jesus não [é] meramente a testemunha confiável de Deus, mas o mártir fiel: um aspecto da sua carreira que naturalmente se sobressaiu nos 'tempos da matança' "![8] (cf. **2.10).** Somente aqui e em **3.14** Jesus é chamado de **testemunha.**

Ele também é **o primogênito dos mortos.** O termo **primogênito** era um título messiânico.[49] Jesus é agora **o príncipe** (governante) **dos reis da terra.** Charles entende que a idéia predominante de **primogênito** aqui é a soberania. Ele traduz essas três cláusulas da seguinte forma: "a verdadeira testemunha de Deus, o *soberano* dos mortos, o governante dos vivos".[50] Swete diz: "A ressurreição trazia consigo um senhorio em potencial sobre toda a humanidade [...] O Senhor conquistou com a sua morte o que o

Tentador havia lhe oferecido como a recompensa pelo pecado [...] Ele ressuscitou e ascendeu aos céus para receber o império universal".[51] Ele também observa que o título triplo — **testemunha, primogênito,** governante — "responde ao propósito triplo de Apocalipse, que é ao mesmo tempo um testemunho divino, uma revelação do Senhor ressurreto e uma profecia dos assuntos da história".[52]

Esses três versículos retratam a Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo. "O aspecto da Trindade aparece em todo o livro de Apocalipse".[53]

2. *A Doxologia* (1.56-6)

A contemplação de João em relação a Cristo como o Senhor Ressurreto que reina sobre tudo o faz irromper em uma explosão espontânea de louvor. Isso também é uma característica comum nas epístolas de Paulo. Almas devotas sempre responderam com louvor à bondade e grandeza do nosso Senhor.

Àquele que nos ama (5) deveria iniciar um novo versículo. O verbo também está no particípio presente.

Em vez de **lavou,** os melhores e mais antigos manuscritos gregos trazem "libertou". As duas formas são similares na soletração e praticamente iguais em pronúncia *(lousanti* [...] *lusanti*) e dessa forma era muito fácil serem confundidas, especialmente se o escriba estivesse copiando por meio do ditado. A tradução correta dessas duas frases é: "Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados" (ARA). A primeira frase ressalta o amor duradouro do Redentor; a segunda, sua obra de redenção concluída. Seu sangue era o preço que Ele pagou para nos libertar da escravidão do pecado. Esse é o ensino uniforme do Novo Testamento.

Qual é o resultado dessa redenção? Ele **nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai** (6). O grego traz: "E Ele nos fez um reino, sacerdotes ao seu Deus e Pai". **Sacerdotes** está em aposição a *reino.* Isso evidentemente reflete Êxodo 19.6: "E vós me sereis reino sacerdotal". Isso também se assemelha com a frase encontrada em 1 Pedro 2.9: "o sacerdócio real". Charles comenta: "Nosso texto então significa que Cristo nos fez um reino, em que cada membro é um sacerdote para Deus".[54] Isso não só é um grande privilégio, mas também envolve uma imensa responsabilidade. Erdman escreve: "Uma vez que somos sacerdotes deveriamos estar oferecendo continuamente sacrifícios de louvor, de abnegação e de um ministério amoroso, derramando nossas vidas em intercessão e em serviço compassivo ao nosso proximo .

A doxologia termina numa forma quase tipicamente paulina: **a ele, glória e poder para todo o sempre. Amém.** Essa é a primeira de três doxologias a Cristo no Apocalipse (cf. 5.13; 7.10). Uma doxologia semelhante ocorre em 2 Pedro 3.18. As doxologias nas epístolas paulinas referem-se quase sempre a Deus, o Pai. Moffatt observa: A adoração de Cristo, que ressoa nessa doxologia [...] é um dos aspectos mais impressionantes do livro".[56] Plummer chama a nossa atenção para um fato interessante. Ele diz: "As doxologias de São João aumentam em volume à medida que ele progride — dupla aqui, tripla em 4.11,

quádrupla em 5.13 e sétupla em 7.12".[57]

Tem sido sugerido que 1 Crônicas 29.11 — "Tua é, SENHOR, a magnificência, e o poder, e a honra, e a vitória, e a majestade" — seja a fonte da maioria das doxologias posteriores. Uma vez que Jesus é chamado de "Senhor" no Novo Testamento, Ele se torna, com o Pai, o objeto dessa adoração.

A expressão **para todo sempre** é literalmente "pelos séculos dos séculos"; isto é, "eternamente" (Phillips). Essa expressão ocorre mais 12 vezes em Apocalipse.[58]

Evidentemente, o hábito de colocar **Amém** no fim da oração ou louvor começou muito cedo. Swete diz: "A palavra *Amém* ocorre no final de quase todas as doxologias do NT"[69] Essa palavra significa "Assim seja!" ou "Verdadeiramente!"

3. *AProfecia* (1.7)

Esse versículo é "uma reminiscência e adaptação" de Daniel **7.13** e Zacarias **12.1014.[60] Eis que vem com as nuvens** é da passagem de Daniel: "e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do Homem". Essa vinda nas nuvens é mencionada mais seis vezes no Novo Testamento (Mt **24.30; 26.64;** Mc **13.26; 14.62;** Lc **21.27;** Ap **14.14).** A linguagem aqui reflete Marcos **14.62:** "e vereis o Filho do Homem [...] vindo sobre as nuvens do céu".

O restante desse versículo é tirado em grande parte de Zacarias 12.10. Quando Cristo vier em julgamento, **todo olho o verá.** Estarão incluídos **os mesmos que o traspas-saram.** Aqui se refere claramente ao traspassar do "lado de Jesus" na cruz (Jo 19.34). Essa mesma passagem de Zacarias é citada nessa conexão (Jo 19.37). O fato do traspassar ser mencionado somente no Evangelho de João, e que a ordem de palavras aqui e em João 19.37 concordem de maneira impressionante[61] fornece um apoio considerável para a autoria em comum do quarto Evangelho e de Apocalipse.

Mas essa predição de julgamento não deveria ficar restrita à nação judaica. Plummer escreve: "A referência aqui é a todos aqueles que 'crucificam o Filho de Deus novamente', não meramente aos judeus".[62] João acrescenta: **e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele.** Essa é "uma livre adaptação do hebraico em Zacarias 12.12".[63]

A combinação dessas passagens de Daniel e Zacarias já tinha sido feita no discurso do monte das Oliveiras (Mt 24.30). Simcox declara: "Esse versículo, como também se pode dizer de todo o livro, é fundamentado principalmente na própria profecia do Senhor registrada em Mateus 24, e em segundo lugar, nas profecias do Antigo Testamento às quais Ele ali se refere e que resume".[64]

Simcox acrescenta essa observação útil na relação com a passagem do AT: "Mas enquanto as *palavras* aqui são tiradas de Zacarias, o *pensamento* é mais propriamente de Mateus 24.64: 'aqueles que o traspassaram' são vistos não como olhando para Ele com fé e pranteando por Ele em penitência, mas em vê-lo como Alguém em quem não creram e, por

isso, estão pranteando em desespero".[66]

No grego, **Sim! Amém** é *nai, amen.* Charles observa: "Temos aqui formas gregas e hebraicas de confirmação lado a lado".[66] A mesma associação é encontrada em 2 Coríntios 1.20. Em 3.14, Jesus é nomeado de "o Amém". Charles comenta: "Aqui Cristo é representado como o Amém divino personalizado, o avalista em pessoa acerca da verdade declarada por Ele".[67]

4. A *Proclamação* (1.8)

Esse versículo parece ser independente, não estando relacionado com o que o precede ou o segue. João tem falado, mas agora uma nova personagem faz uma declaração divina.

Mas quem é essa nova personagem que fala? Swete escreve: "A abertura solene do livro alcança seu clímax aqui com palavras atribuídas ao Pai Eterno e Todo-poderoso".[68] Muitos comentaristas recentes concordam com isso.

Mas Plummer discorda. Ele diz o seguinte acerca das frases usadas aqui: "Atribuí-las ao Pai rouba as palavras da sua adequação especial nesse contexto, em que formam o prelúdio para 'a Revelação de Jesus Cristo' como Deus e como o 'Governante dos reis da terra'".[69] Ele sente que João está aqui ressaltando a divindade de Jesus, e encontra uma progressão nisto: **Alfa e o Ômega (1.8),** "o Primeiro e o Ultimo" **(1.17; 2.8),** "Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim" **(21.6),** "Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Derradeiro" **(22.13).**

J. B. Smit.b chama a atenção para o fato de os pais da Igreja Primitiva aplicarem esse versículo a Cristo. Ele cita integralmente de Hipólito e Orígenes e documenta as citações.[70] Essa parece a melhor posição.

Alfa e o Ômega são a primeira e a última letra do alfabeto grego. Provavelmente, elas são usadas "como nos provérbios rabínicos a primeira e última letra do alfabeto hebraico, simbolizando 'o princípio e o fim'".[71] No entanto, as palavras explanatórias, **o Princípio e o Fim,** não são genuínas, embora o sejam em 22.13. Acerca de **Alfa e o Ômega,** Swete escreve: "A frase é entendida como não expressando somente eternidade, mas infinidade, a vida ilimitada que compreende tudo e transcende tudo".[72]

O Senhor é "o Senhor Deus" no melhor texto grego. **Todo-poderoso** (*pantokrator)* ocorre somente mais uma vez no Novo Testamento (1 Co 6.18), mas é encontrado nove vezes no Apocalipse.

Lenski diz o seguinte acerca do propósito de João ao escrever os versículos **7** e 8: "De forma dramática ele expressa *o resumo do tema* de todo o livro, de todas as revelações que teve (v. **7)** e no versículo 8 anexa *a própria assinatura de Cristo*".[73]

C. O Filho do Homem, 1.9-20

1. O *Cenário da Visão* (1.9-11)

Antes que João pudesse receber uma apresentação prévia do que ocorreria no futuro, ele precisa ver o próprio Cristo. O cenário da visão era o apóstolo na ilha de Patmos (veja mapa 1) **em espírito, no dia do Senhor** (10). O assunto da visão era o Filho do Homem, parado no meio da sua Igreja.

O autor apresenta-se como **Eu, João** (9). A. R. Fausset chama nossa atenção para os paralelos em Daniel 7.28; 9.2; 10.2 e comenta: "[Essa é] uma das muitas semelhanças entre os videntes apocalípticos do Antigo e do Novo Testamento. Nenhum outro autor das Escrituras usa essa frase".[74]

João se descreve como **vosso irmão,** ou companheiro cristão, **e companheiro na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo.** Isso é mais corretamente traduzido da seguinte forma: "companheiro participante [*synkoinonos*] na tribulação e reino e perseverança que estão em Jesus" (NASB). A palavra **paciência** é um termo passivo demais para o grego *hypomone,* que significa "persistência e constância".

Acerca da frase **na aflição,** Bengel faz a seguinte observação convincente: "Esse livro tem um grande apreço pelos fiéis na aflição".[76] O livro de Apocalipse foi escrito em uma época de grande tribulação para os cristãos, e ele se torna muito significativo em tempos como esses.

João estava na ilha de **Patmos.** Essa era uma pequena ilha com cerca de **16** quilômetros de comprimento de norte a sul e não mais do que 10 quilômetros de largura, situada a cerca de 60 quilômetros a sudoeste de Mileto (veja mapa 1). Ela é constituída de montes vulcânicos rochosos.

A apóstolo estava lá **por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo.** Isso não significa que ele tinha ido à ilha para pregar o evangelho. Uma paráfrase correta seria: "porque eu havia pregado a palavra de Deus e dei meu testemunho de Jesus" (NEB). As pequenas ilhas do mar Egeu eram usadas pelos romanos como lugares de reclusão, para os quais eram banidos os prisioneiros políticos. Uma comparação entre 6.9 e 10.4 mostra que no livro de Apocalipse **palavra de Deus** e **testemunho** são usados em conexão com a perseguição dos cristãos. Falando da opressão por Domiciano (95 d.C.), Eusébio escreve: "Nessa perseguição, de acordo com a tradição, o apóstolo e evangelista João, que ainda estava vivo, em conseqüência do seu testemunho da palavra divina, foi condenado a morar na ilha de Patmos".[76] Ele também diz: "Mas, depois que Domiciano tinha reinado quinze anos, e Nerva chegou ao governo, o senado romano decretou que [...] aqueles que tinham sido expulsos injustamente deveríam retornar aos seus lares e ter seus bens restaurados [...] Foi então que o apóstolo João retornou do exílio e voltou a morar em Efeso, de acordo com uma tradição antiga da igreja".[77]

Parece que tempos de tribulação freqüentemente preparam o terreno para a revelação de Deus ao homem. Plummer observa: "Foi no exílio que Jacó viu Deus em Betei; foi no exílio que Moisés viu Deus na sarça ardente; foi no exílio que Elias ouviu 'uma voz mansa e delicada'; foi no exílio que Ezequiel viu a glória do Senhor junto ao rio Quebar; foi no exílio

que Daniel viu o "ancião de dias".[78]

João declara que quando recebeu a visão, estava **em espírito** (10). O que isso significa? Os tradutores têm interpretado essa frase de diversas formas: "em transe" (NT 20th Century), "inspirado pelo Espírito" (Weymouth), "arrebatado no Espírito" (Moffatt), "possuído pelo Espírito" (Berk.), "no poder do Espírito" (C. B. Williams), "alcançado pelo Espírito" (NEB). Os comentaristas diferem muito na tradução. Lange explica a frase como significando o seguinte: "transportado para fora da consciência ordinária de cada dia e colocado na condição de êxtase profético".[79] Simcox traz: "Foi levado a um estado de arrebatamento espiritual".[80] Charles diz que *egenomen en pneumati* (lit.: "tornei-me no espírito") "não significa nada mais do que o vidente cair em transe".[81] Lenski escreve: "A frase significa 'em espírito', e não deveriamos escrevê-la com letra maiúscula como que se referindo ao Espírito Santo. Esse é o *pneuma* de João".[82] Ele acredita tratar-se de um êxtase milagroso, "um estado causado diretamente por Deus".[83] Nós preferimos a interpretação de Swete que entende que toda a frase "denota a exaltação de um profeta debaixo da inspiração"[84] (do Espírito).

Essa experiência imponente veio a João **no dia do Senhor.** Alguns entendem que isso significa "o dia do Senhor", uma frase profética comum no Antigo e Novo Testamento. Eles acreditam que o vidente foi transportado em espírito para o tempo da Segunda Vinda.

Mas o grego aqui descarta essa interpretação. **Do Senhor** é um adjetivo, não a expressão comum do genitivo "do Senhor". Essa expressão ocorre somente mais uma vez no Novo Testamento (1 Co 11.20 — "a Ceia do Senhor"). Ela significa "pertencer ao Senhor" ou "consagrado ao Senhor".

O adjetivo é encontrado diversas vezes nas inscrições e nos papiros do Egito e Ásia Menor, em que significa "imperial".[85] O exemplo mais antigo conhecido do uso dessa palavra está em uma inscrição de seis de julho de 68 d.C. Aqui são encontradas as expressões "as finanças imperiais" e "tesouro imperial". Deissmann também observa que desde 30 a.C. até o tempo de Trajano (98-117 d.C.) um certo dia de cada mês era observado como *hemera Sebaste,* em memória do nascimento de Augusto, e sugere que "o título distinto 'dia do Senhor' *[kyriake hemera*] pode ter estado conectado com sentimentos conscientes de protesto contra o culto ao imperador, ou seja, o 'dia de Augusto'".[86] Pode ser que os cristãos tenham adotado o nome **dia do Senhor** em comemoração à ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana. No grego moderno, o domingo é chamado de *kyriake.* Dessa passagem no Apocalipse, Charles diz: "Aqui 'dia do Senhor' tornou-se uma designação técnica do domingo".[87]

Não é difícil reconstruir o cenário. No exílio em Patmos, João foi impedido de se reunir com os santos no domingo. Olhando para o mar aberto, ele indubitavelmente pensava nos cristãos em Efeso reunidos para adorar. Ele bem pode ter estado meditando na ressurreição. Moffatt sugere: "Com a sua mente absorvida no pensamento do Jesus exaltado e abastecida com conceitos de Daniel e Ezequiel, o profeta teve o seguinte

êxtase no qual os pensamentos de Jesus e da igreja, já presentes na sua mente, são unidos em uma visão".[88]

T. F. Torrance une as afirmações dos versículos 9 e 10 — **Eu, João [...] estava na ilha chamada Patmos** e **fui arrebatado em espírito, no dia do Senhor.** Ele então faz esta observação: "Nessas duas sentenças autobiográficas vemos logo de início a situação dupla da qual esse livro nasceu. Por um lado, há o destino duro e cruel do tempo, mas, por outro, há o Espírito do Deus Todo-poderoso".[89]

Assim, preparado no coração e na mente para a revelação, João ouviu atrás de si uma grande voz (cf. Ez 3.12). O som veio tão alto e claro como o soar de uma trombeta.

Que dizia (11) equivale a aspas. Aquele que falava era evidentemente Jesus (cf. w. 12-13). As palavras "Eu sou o Alfa e o Omega, o Princípio e o Fim, e" não estão nos manuscritos mais antigos. O mesmo é verdade para **que estão na Ásia** (cf. v. 4). João recebe a ordem de escrever em um livro o que vê. A palavra grega é *biblion,* origem da nossa palavra "Bíblia". Ela se refere ao rolo de papiro, para ser distinguido de pergaminhos mais caros que eram feitos de peles de animais (cf. 2 Tm 4.13). O rolo de Apocalipse teria cerca de cinco metros de comprimento.[90]

O rolo escrito deveria ser enviado para as sete igrejas (cf. v. 4). Essas igrejas são agora designadas pelo nome. As distâncias entre essas cidades são calculadas por Charles: "Esmirna ficava a cerca de 65 quilômetros ao norte de Efeso, Pérgamo a 65 quilômetros ao norte de Esmirna, Tiatira a 72 quilômetros a sudeste de Pérgamo, Sardes a 48 quilômetros ao sul de Tiatira, Filadélfia a 48 quilômetros a sudeste de Sardes e Laodicéia a 65 quilômetros a sudeste da Filadélfia".[91] Bowman escreve: "Uma olhada no mapa da província romana da Ásia [veja mapa 1] mostra as *sete igrejas* organizadas na forma de um castiçal de sete braços do Templo de Herodes — números le7, 2e6, 3e5 formando pares de lados opostos com o número 4 no topo".[92]

Sir William Ramsay, uma das maiores autoridades da história primitiva da Ásia Menor, insiste de forma acertada que deve ter havido um motivo para a seleção dessas sete igrejas em particular. O primeiro motivo era o sistema de estradas. Ele nota que "todas as Sete Cidades ficam na grande estrada circular que unia a parte mais populosa, rica e influente da província, a região centro-ocidental".[93] Ele finalmente chega à seguinte conclusão: "A hipótese inevitavelmente sugere que os sete grupos de igrejas, em que a província havia sido dividida antes que o Apocalipse tinha sido composto, eram sete distritos postais, cada um tendo como centro ou ponto de origem uma das sete cidades".[94] Isso é apenas uma teoria, mas ela parece interessante.

2. *O Tema da Visão* (1.12-20)

João se virou "para identificar a voz de quem estava falando" (NEB) com ele. **E virei-me** (12) — melhor traduzido por "tendo me virado" — **vi sete castiçais de ouro** — ou "candelabros" ou "lustres". Isso é diferente do que o castiçal de sete braços com

sete lâmpadas de Zacarias 4.2. **No meio** dos castiçais de ouro havia **um semelhante ao Filho do Homem** (13). Visto que o grego não tem o artigo definido antes de **Filho,** muitos tradutores modernos trazem literalmente: "um filho do homem". Plummer concorda com essa tradução e comenta: "O Messias glorificado ainda apresenta essa forma humana, da maneira como o discípulo amado o havia conhecido antes da sua ascensão".[96] Swete observa: "O Cristo glorificado é humano, mas transfigurado".[96] Semelhantemente, Lange escreve que **semelhante** (*homoios*) "é também em parte indicativo da visão apostólica de que a personalidade *humana* de Cristo, em sua glorificação, é vestida com o esplendor de majestade *divina".*[97]

A forma mais satisfatória de tratar a frase **um semelhante ao Filho do Homem** parece aquela que Simcox apresenta. Ele diz: "A ausência do artigo aqui não prova que não se tenha em mente o nosso Senhor, mas que o título foi tirado diretamente do grego em Daniel 7.13, em que as duas palavras também estão sem o artigo [...] as palavras em si não significam mais do que 'eu vi uma figura humana', mas as suas associações deixariam claro a todos os leitores do livro de Daniel que foi um Ser sobre-humano em forma humana; e para um cristão dos dias de João, como para os do tempo atual, Quem esse Ser era.[98]

Os **sete castiçais** (candelabros) são mais tarde identificados como simbolizando "as sete igrejas" (v. 20). Assim, aqui a figura é de Cristo parado no meio de sua Igreja.

Esse é um pensamento tremendamente confortante. Mas, também encontramos um desafio nesse quadro. Se as igrejas são lâmpadas, elas deveriam iluminar as trevas desse mundo. Moffatt escreve: "A função das igrejas é personificar e expressar a luz da presença divina sobre a terra [...] seu dever é manter a luz queimando e brilhando, se não a razão da sua existência desaparece (2.5)".[99]

Agora vem a descrição detalhada do **Filho do Homem** glorificado. O primeiro item é: **vestido até aos pés de uma veste comprida.** Com a exceção de **vestido [...] de** (particípio passivo perfeito) toda a cláusula é uma palavra no grego, *podere.* Ela é, na verdade, um adjetivo, encontrado somente aqui e significando "alcançando até os pés". A palavra é usada em Êxodo (LXX) para vestimentas sacerdotais. Moffatt diz que esse termo, "uma veste que alcança até os pés, era um símbolo oriental expressando dignidade".[100] A próxima cláusula, **e cingido pelo peito com um cinto de ouro,** é mais bem traduzido por: "e com um cinturão de ouro ao redor do peito" (Weymouth). Esse era "mais um símbolo de uma posição elevada, geralmente reservada a sacerdotes judeus, embora os persas freqüentemente se dirigissem aos seus deuses como 'cingidos com cinturão elevado' "1[01] Ao unir essas duas sentenças, temos uma figura de dignidade sacerdotal e real. Para nenhum outro essa combinação é tão apropriada quanto para o nosso Senhor.

O terceiro item é: **sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve** (14). Swete observa: "Expositores antigos encontram no cabelo branco como neve um símbolo da preexistência eterna do Filho".[102] Plummer escreve: "Esse branco como

neve é parcialmente o brilho da glória celestial, parcialmente a majestade da cabeça branca".[103] Mas vários comentaristas chamam a atenção ao fato de que cabelo branco é um sinal de decadência quando associado com idade. Assim, Lenski conclui: "Achamos que essa passagem com o símbolo do cabelo que é branco como neve e lã tem a intenção de representar Jesus como sendo coroado com santidade".[104] Há um paralelo próximo em Daniel 7.9 (LXX).

O quarto ponto na descrição do Cristo glorificado é que **os olhos** eram **como chama de fogo** (*phlox pyros*). Essa é uma alusão evidente a Daniel 10.6 — "e os seus olhos, como tochas de fogo" — uma metáfora comum na literatura latina e grega. J. B. Smith sugere que esse aspecto simboliza "onisciência e escrutínio".[105] Swete acrescenta: "O brilho penetrante [...] que reluzia com inteligência vivaz, e quando necessário surgia com ira justa, foi percebido por aqueles que estavam com o nosso Senhor nos dias da sua carne [...] e encontra sua aposição, como o vidente agora percebe, na vida após a ressurreição e a ascensão".[106]

O quinto item é: **e os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivesse sido refinado numa fornalha** (15). Novamente encontramos um paralelo em Daniel 10.6 — "e os seus braços e os seus pés, como cor de bronze polido" (cf. Ez 1.4, 7, 27; 8.2). A palavra grega para **latão reluzente** ("bronze polido", ARA) é incerta quanto ao seu significado etimológico. Mas, o sentido parece esse apresentado nas nossas versões em português. O simbolismo sugerido por Swete é: "Pés de latão representam força e estabilidade".[107] **Refinado** também pode ser traduzido por "incandescente" ou "ardente". Nas Escrituras, **latão** parece tipificar julgamento.

Um sexto aspecto é: **e a sua voz, como a voz de muitas águas.** Em Daniel 10.6 lemos: "e a voz das suas palavras, como a voz de uma multidão". Mas os ouvidos de João estavam repletos com o bramido das ondas do mar Egeu batendo contra a ilha rochosa de Patmos. Assim, ele usa essa imagem para descrever a voz. Ao fazê-lo, no entanto, ele estava fazendo eco a Ezequiel 43.2 — "a sua voz era como a voz de muitas águas".

O Filho do Homem **tinha na sua destra sete estrelas** (16). O significado disso é dado no versículo **20. E da sua boca saía uma aguda espada de dois fios.** Essa era originariamente "uma espada grande, longa e pesada, quase da altura de um homem, que é manejada com as duas mãos, uma arma dos trácios".[108] Mas na Septuaginta ela é aparentemente usada de forma sinônima à palavra mais conhecida para uma espada comum. Lenski acrescenta: "Onde lemos 'dois fios' o grego traz 'duas bocas', os dois gumes mordendo, devorando como duas bocas. A palavra 'aguda' é acrescentada. Ela era afiada a tal ponto que pudesse cortar profundamente".[109]

A linguagem dessa sentença parece refletir Isaías 11.4: "e ferirá a terra com a vara de sua boca"; e Isaías 49.2: "E fez a minha boca como uma espada aguda". Charles comenta: "A espada que procede da boca do Filho de Deus é simplesmente um símbolo da sua autoridade judicial".[110] Retratos literais disso na arte religiosa e diagramas proféticos mostram-se ridículos e beiram o sacrilégio. Eles deveríam nos advertir contra

representações visuais de figuras simbólicas no Apocalipse.

O último item da descrição é o seguinte: **e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece.** Esse é um eco óbvio da transfiguração (Mt 17.2).

Depois de observar os diversos empréstimos do livro de Daniel, Kiddle faz este comentário: "Embora uma parte do quadro de João não seja original, ele transmite uma concepção do Messias que é única, porque Cristo é dotado de um esplendor e autoridade que até então somente tinham sido atribuídos a Deus".[111] Essa é uma das ênfases inequívocas do Novo Testamento.

O efeito da visão foi esmagador: **caí a seus pés como morto (17).** Daniel experimentou uma reação muito parecida em sua visão (Dn **10.8-9).** Palavras semelhantes são usadas em Josué **5.14** e Ezequiel **1.28; 3.23; 43.3.** Erdman comenta: "Cada visão da pureza, majestade e poder divino inspira admiração e reverência".[112]

No entanto, esse Cristo severo do julgamento também era o Cristo compassivo. Porque **ele pôs sobre** João **a sua destra** (cf. Dn 10.10; Mt 17.1) e disse: **Não temas** (cf. Dn 10.12). **Eu sou o Primeiro e o Último** é usado para referir-se a Deus em Isaías 44.6. Mas aqui essa frase se refere claramente a Cristo, e ressalta a sua divindade, como é o caso em 2.8 e 22.13.

E o que vive (18) ou "e Aquele que vive" *(kai ho zon)* — um título divino, aplicado a Deus tanto no Antigo como no Novo Testamento. Essa frase deveria ser conectada com o que precede ou com o que segue, [e] **fui morto** (*kai egenomen necros*)? Charles entende que se refere à segunda opção. Ele une os dois itens em uma linha poética: "E Aquele que vive e estava morto". Então diz: "Os comentaristas mais recentes conectam *kai ho zon* com as palavras precedentes. Mas em cada exemplo, quer em Isaías quer no Apocalipse, a frase 'eu sou o Primeiro e o Último' é completa em si mesma, e a frase *kai ho zon* simplesmente enfraquecería a plenitude da afirmação feita nessas palavras. Por outro lado, quando conectadas a *kai egenomen necros,* elas são cheias de significado no contraste entre a vida eterna que Ele possui e a condição da morte física à qual se submeteu por amor do homem".[113]

Aquele que estava morto agora pode dizer: **eis aqui estou vivo para todo o sempre.** Em outras palavras, Ele é o Eterno. A palavra **Amém** não é encontrada nos melhores manuscritos gregos e deveria ser omitida.

Há mais uma afirmação: **E tenho as chaves da morte e do inferno.** Talvez fosse melhor transliterar *hades,* em vez de traduzir por **inferno** (cf. NVI — "E tenho as chaves da morte e do Hades").

Uma vez que tem havido muita discussão acerca desse termo, seria proveitoso estudar um pouco melhor o seu significado. No pensamento grego, Hades era primeiramente o nome do deus do submundo. Mais tarde tornou-se sinônimo do submundo em si, como o lugar dos espíritos dos mortos. Na Septuaginta, Hades é a tradução da palavra hebraica *Sheol,* o

reino dos mortos.

Josefo, o historiador judeu do primeiro século, revela o pensamento confuso do judaísmo nos dias de Jesus acerca desse assunto. Ele declara que os fariseus entendiam que as almas dos justos e dos ímpios ficavam no Hades.[114] Mas, embora sendo ele próprio um fariseu, escreve que a alma do obediente "obtém um lugar santíssimo no céu [...] enquanto a alma daquele que agiu perversamente é recebida no lugar mais sombrio no Hades".[116]

Podería parecer que o termo Geena, nos ensinamentos de Jesus (cf. Mt 5.22), devesse ser identificado com o "lago de fogo" de Apocalipse 19.20; 20.10, 14-15. Mas a morte e o Hades são lançados no lago de fogo (20.14). Assim, obviamente o lugar do castigo eterno é Geena, não Hades. J. Jeremias escreve: "Em todo o NT, Hades serve somente como um propósito interino. O Hades recebe as almas após a morte e os entrega novamente na ressurreição (Ap 20.13)".[116] Charles diz o seguinte acerca desse termo em Apocalipse: "De acordo com nosso autor, Hades é a habitação intermediária somente dos ímpios ou injustos".[117]

As chaves significam autoridade. Jesus possui plena autoridade sobre o domínio da morte e do Hades.

R. H. Charles apresenta uma observação apropriada acerca do versículo 18: "Esse versículo descreve o triplo conceito de Cristo em João: a vida eterna permanente que Ele tinha independentemente do mundo; sua humilhação a ponto de morrer fisicamente e sua ressurreição para uma vida não somente eterna em si mas para uma autoridade universal sobre a vida e a morte".[118]

Charles Simeon nota que nos versículos 17-18, Jesus faz uma afirmação tríplice de ser: 1) o Deus eterno; 2) o Salvador vivo; 3) o Soberano universal.

João já havia recebido a ordem de escrever em um rolo "o que vês" (v. 11). Agora a ordem é repetida e feita de forma mais explícita: **Escreve[119] as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer** (19).

Erdman rejeita fortemente a "concepção popular" de que esse versículo nos fornece um esboço triplo do livro de Apocalipse.[120] Mas nós preferimos seguir Charles quando escreve: "Essas palavras resumem, grosso modo, o conteúdo do livro. *Ha eides* **[as coisas que tens visto]** é a visão do Filho de Deus que tinha acabado de ser mostrada ao vidente; *ha eisin* **[as que são]** refere-se diretamente à condição atual da Igreja, mostrada nos capítulos 2 e 3, e indiretamente ao mundo em geral; *he mellei ginesthai meta tauta* **[as que depois destas hão de acontecer]** diz respeito às visões a partir do capítulo 4, que, com a exceção de algumas seções que se referem ao passado e ao presente, tratam do futuro".[121] Esse é o esboço adotado neste comentário.

O primeiro capítulo termina com uma explanação do **mistério das sete estrelas [...] e dos sete castiçais.** Acerca dessa expressão significativa Erdman escreve: " 'Mistério' é no

uso do Novo Testamento, verdade ou realidade divinamente revelada".[122] Swete diz que mistério é "o significado interno de uma visão simbólica".[123]

João é informado de que **as sete estrelas** representam **os anjos das sete igrejas.** Uma vez que a palavra grega *angelos* significa "mensageiro" e é claramente usada para mensageiros humanos em Lucas 7.24; 9.52 e Tiago 2.25, muitos acreditam que a referência aqui seja aos mensageiros que seriam enviados com as cartas às sete igrejas — talvez delegados que vieram daqueles lugares para visitar João — ou mais simplesmente, os "pastores" das igrejas. Essa idéia é contestada, visto que nas mais de 60 vezes que a palavra *angelos* é usada nesse livro dissociada da conexão com as igrejas, ela sempre se refere a seres sobre-humanos. Swete conclui: "Há, portanto, uma forte conjectura de que os *angeloi ton ecclesion* são 'anjos' no sentido que a palavra tem em outras partes do livro".[124] Charles concorda plenamente.[12]' Swete também não concorda em identificá-los como "anjos guardiões" das igrejas. Ele finalmente chega a uma conclusão: "Conseqüen-temente, a única interpretação que sobra é a que entende que esses anjos são duplicatas ou contrapartes celestiais das sete Igrejas, que, assim, vêm a ser identificadas com as próprias Igrejas".[126] Provavelmente, mais aceitável é o ponto de vista de Erdman de que "anjo" é "o espírito predominante" na igreja, "uma personificação do caráter, temperamento e conduta da igreja".[127]

Parece que um ponto de vista melhor formulado é o de Alfred Plummer. Ele escreve: "A identificação do anjo de cada igreja com a própria Igreja é mostrada de uma maneira marcante pelo fato de, embora cada epístola ser dirigida ao anjo, ainda assim, a estrofe recorrente seja: "ouça o que o Espírito diz *às igrejas",* não "aos *anjos* das igrejas". O anjo e a Igreja são os mesmos sob diferentes aspectos: um no seu caráter espiritual personificado; o outro, na congregação dos crentes que coletivamente possuem esse caráter.[128]

Mas nos perguntamos se essa interpretação deixa espaço adequado para a distinção entre as estrelas e os castiçais. Este comentarista é relutante em desistir da visão popular de que os anjos são os pastores das igrejas — um pensamento grandemente confortador: eles são guardados nas próprias mãos de Cristo.

Seção II

1

Evidências Externas

2

Em sua monumental obra de três volumes, *New Testament Introduction* (Introdução

3

ao Novo Testamento), Guthrie mostra que o livro de Apocalipse foi citado amplamente

4

pelos Pais da igreja como tendo sido escrito pelo apóstolo João. Ele diz: “No segundo e

5

terceiro séculos, os seguintes autores claramente acreditavam na autoria apostólica: Justino,

6

Irineu, Clemente, Orígenes, Tertuliano e Hipólito”.[25] Guthrie afirma que “existem poucos

7

O Conteúdo da Revelação (1.2)

8

João **testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de**

9

tudo o que tem visto. As palavras gregas para **testificou** e **testemunho** vêm da

10

mesma raiz. O *The Twentieth Century New Testament [Novo Testamento do Século*

11

Vinte] preserva essa conexão ao traduzir o versículo da seguinte forma: “o qual testificou

12

da Mensagem de Deus, e do testemunho acerca de Jesus Cristo, não omitindo nada

13

daquilo que viu”.

14

A raiz grega comum é *martyr*. Rist observa que a combinação aqui “pode envolver

15

um jogo de palavras que não é reproduzível na tradução inglesa, porque a palavra

16

‘testemunho’ também pode significar ‘martírio’, enquanto ‘testificou’ vem de um verbo

17

que pode significar ‘tornar-se um mártir’. Há uma conexão próxima, porque aqueles

18

que testificavam e davam testemunho eram candidatos ao martírio nos dias de perse

19

guição”.[21] E por isso que a palavra grega *martyros,* “testemunha”, finalmente veio a

20

significar “mártir”.

21

Testificou está no aoristo. Esse é um bom exemplo de um aoristo epistolar. João

22

está testificando enquanto escreve, mas do ponto de vista dos seus leitores estaria no

23

tempo passado. Assim, o aoristo epistolar seria melhor traduzido como um presente con

24

tínuo no português.

25

livros no Novo Testamento com uma atestação primitiva mais forte do que o Apocalipse”.[8]

O PRESENTE

Apocalipse 2.1—3.22

No capítulo 1, encontramos "as coisas que tens visto" (1.19) — o passado. No capítulo 2 e 3, são registradas "as que são" — o presente. E melhor entender essa seção como que descrevendo condições prevalecentes nas sete igrejas da Ásia.

Muitos estudiosos encontraram aqui sete períodos sucessivos da história da igreja. J. B. Smith apresenta um bom resumo dessa interpretação. *Efeso* retrata "o declínio primitivo do cristianismo vital no término do primeiro século", a perda do seu primeiro amor. *Esmirna* descreve o período da perseguição, nos segundo e terceiro séculos. *Pérgamo* representa "a união de igreja e estado sob o império de Constantino" (quarto século) com sua conseqüente corrupção eclesiástica e moral. *Tiatira* descreve "o domínio da hierarquia romana", do quinto ao décimo quinto séculos. *Sardes* aponta para "os dias da Reforma", no décimo sexto século, em que "algumas pessoas [...] não contaminaram suas vestes" (3.4). *Filadélfia* fala de "um período de ortodoxia e evangelização por líderes tais como Wesley e Whitefield [século décimo oitavo], quando todas as nações do mundo estavam de 'portas abertas' para receber o Evangelho". *Laodicéia* mostra "a apostasia do final dos tempos numa linguagem muito parecida com a que foi apresentada por Jesus e os apóstolos Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas, acerca dos últimos dias".[1] Essa apostasia começou com a alta crítica germânica da Bíblia no décimo nono século e alcançou o estágio alarmante representado pela posição da "morte de Deus" reivindicada por teólogos em 1965.

Inquestionavelmente, há uma coincidência marcante entre as sete cartas e a seqüência dos períodos sugeridos. Mas provavelmente é mais correto afirmar que todas as cartas reunidas constituem um quadro geral das condições não só nas sete igrejas da Ásia no fim do primeiro século, mas também em toda a trajetória do cristianismo durante toda a era da Igreja. Com isso não estamos negando que certas características descritas nessas mensagens eram mais dominantes em um período do que em outro.

As cartas apresentam uma estrutura bastante equilibrada. Smith sugere uma divisão em sete partes para cada igreja: 1) Proclamação; 2) Apresentação; 3) Declaração; 4) Aprovação; 5) Censura; 6) Exortação; 7) Recompensa. Nós adotamos um esboço semelhante.

Duas das igrejas, Esmirna e Filadélfia, não recebem uma palavra de desaprovação a respeito delas. Do lado oposto está Laodicéia, com nenhuma palavra de aprovação. Kiddle observa: Duas igrejas, a primeira e a última, são ameaçadas com a extinção completa, uma vez que cada uma carece de qualidades essenciais para a confissão da fé cristã. Louvor inadequado é dado à segunda e sexta igrejas. As três igrejas centrais são elogiadas e castigadas em diferentes graus, porque em cada uma delas existe uma mistura de elementos bons e maus; os fiéis recebem a promessa de recompensas e os infiéis

são ameaçados com os mais severos castigos".[2] Assim, parece haver um plano propositado elaborado ao apresentar essas sete igrejas como representantes das condições existentes em todas as igrejas.

A. Carta à Igreja de Éfeso, 2.1-7

1. *Destino* (2.1a)

A primeira carta foi escrita ao **anjo** (veja comentários em 1.20) **da igreja que está em Éfeso.** Essa era a cidade principal da província da Ásia, do lado oeste da Ásia Menor (veja mapa 1). Na época em que João a escreveu, essa cidade era um grande porto, situado perto da boca do rio Caister. Caravanas nas estradas romanas do norte, leste e sul convergiam aqui, para deixar suas cargas em navios que velejavam para o oeste em direção a Corinto ou mesmo até a Itália. Éfeso era uma metrópole agitada. Essa cidade era a porta de entrada da Ásia. O procônsul precisava desembarcar aqui quando iniciava o seu ofício como governador da Ásia. Ao mesmo tempo, ela era a estrada principal para Roma. No início do segundo século, quando os cristãos estavam sendo enviados por navio para Roma para alimentar os leões, Inácio chamou Éfeso de a Rota dos Mártires.[3]

Politicamente, Éfeso era uma cidade livre. Isso significava que ela desfrutava de uma medida considerável de autonomia autônomo. Nessa cidade também ocorriam os famosos jogos anuais.

Na área da religião, Éfeso era o centro de adoração de Ártemis (veja comentários em Atos 10.24-27, CBB, vol. VII, pp. 482-3). Seu templo era uma das sete maravilhas do mundo antigo. Éfeso era chamada de "A Luz da Ásia". Contudo, ela era uma cidade pagã, repleta de trevas da superstição pagã. Swete escreve: "A cidade era um canteiro de rituais e superstições, um local de encontro do ocidente e do oriente, onde gregos, romanos e asiáticos se acotovelavam nas ruas".[4]

Por causa da sua importância estratégica, Paulo havia passado mais tempo aqui (perto de três anos, At 20.31) do que em qualquer outro lugar nas suas três viagens missionárias. Ele fez muitos convertidos, tanto judeus quanto gentios (At 19.10) e construiu uma igreja forte. Nos anos 60 d.C., Timóteo foi colocado lá (1 Tm 1.3). A tradição da Igreja Primitiva afirma que João passou os últimos anos da sua vida nesse terceiro grande centro do cristianismo (depois de Jerusalém e Antioquia).

Hoje essa metrópole poderosa do passado é um monte de ruínas. O rio Caister encheu o porto com lodo, de maneira que a cidade é somente um pântano de juncos. O mar fica a cerca de dez quilômetros de distância.

Há três razões lógicas para João escrever primeiro para a igreja de Efeso. *a)* Ela era a principal igreja na Ásia e estava situada na principal cidade da província, *b)* Ela era a cidade mais próxima de Patmos, a cerca de 100 quilômetros. Ela seria a primeira cidade a ser alcançada pelo mensageiro que levava essas cartas, c) Ela era a igreja-mãe de

João. Nesse domingo pela manhã, o idoso apóstolo estava indubitavelmente pensando acerca das necessidades e problemas dessa igreja, bem como das outras seis igrejas que podem ter estado sob a sua jurisdição.

2 .*Autor* (2.16)

O Autor divino dessas sete cartas é Jesus Cristo. No início de cada epístola, após a saudação, Ele é descrito de uma maneira singular e que se ajusta à mensagem dessa carta. Cada vez o Autor é apresentado com as palavras: **Isto diz.** Então segue a descrição do Senhor glorificado. Swete diz o seguinte a respeito dessa fórmula introdutória: "Ela é seguida em cada caso por uma descrição de um Locutor, em que Ele é caracterizado por um ou mais dos aspectos da visão do capítulo 1 [...] ou por um ou mais dos seus títulos [...] os aspectos ou títulos escolhidos parecem corresponder com as circunstâncias da igreja a que a carta está sendo dirigida".[5] Mas, ele também observa: "Para a Igreja de Efeso, a mãe das igrejas da Ásia, o Senhor escreve debaixo de títulos que expressam sua relação com as igrejas em geral".[6]

Nesse versículo, Ele é descrito da seguinte maneira: **aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro.** Isso nos leva de volta à descrição de Cristo em 1.12-20. Embora os **castiçais** (candelabros) sejam claramente identificados por Jesus como que simbolizando as igrejas, a interpretação das **estrelas** como "anjos" é explicada de maneira variada (veja comentários em 1.20). Devemos confessar que temos uma forte afinidade com o ponto de vista apresentado por Richardson. Depois de identificar os "anjos" como mensageiros e sete como que significando "totalidade", ele diz: "Todos os verdadeiros ministros de todas as igrejas estão nas mãos de Cristo [...] À medida que Cristo se move no meio das igrejas, Ele segura os ministros nas suas mãos".[7] Se essa interpretação pode ser aceita, ela fornece grande consolo ao pastor sobrecarregado.

3. *Aprovação* (2.2-3, 6)

Deus nunca está desatento ao que fazemos por Ele. Jesus diz à igreja de Efeso: Eu **sei** (2). Sempre é um conforto lembrar que nosso Senhor nos conhece corretamente.

A igreja de Efeso é primeiramente elogiada por suas **obras.** Encontramos isso novamente em 2.19; 3.1,8,15. **Trabalho** (*kopos*) é um termo forte. Barclay diz que ele descreve "trabalho até suar; trabalho até ficar exausto; o tipo de labuta que suga toda a energia e mente que um homem possui".[8]

Paciência dificilmente é uma tradução adequada para a palavra grega aqui, que significa "persistência imperturbável" (veja comentários em 1.9). Barclay comenta: *"Hupomom* não é a paciência inflexível que resignadamente aceita as coisas, e que curva sua cabeça quando preocupações aparecem. *Hupomone* é a bravura corajosa que aceita sofrimento, privação e perda e os transforma em graça e glória".[9]

Smith faz uma observação interessante acerca desses três termos usados aqui. Ele

escreve: “Fé, esperança e amor lamentavelmente estão faltando aqui. Contraste essa igreja com a de Tessalonicenses: Efeso tinha obras, mas não obras de fé; trabalho, mas não trabalho de amor; paciência, mas não paciência de amor” (1 Ts 1.3).[10] Ele então torna essa declaração significativa: “Não é demais dizer que uma igreja pode ter todas essas virtudes mencionadas e mesmo assim estar destituída de vida espiritual”.[11] Poderiamos acrescentar o seguinte: e o mesmo vale para cada indivíduo.

A igreja de Efeso não era apenas diligente, mas também cautelosa em termos de disciplina: ela não podia **sofrer** (“suportar”, ARA; “tolerar”, NVI) **os maus.** Diferentemente de Corinto, ela não tolerava o pecado dentro da igreja. Ela havia colocado **à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e** os havia achado **mentirosos.** A íntima conexão dessas cláusulas sugere que os maus devem ser identificados com os falsos apóstolos. Swete explica quem eram essas pessoas: “Os falsos mestres afirmavam ser *apostoloi* num sentido mais amplo, mestres itinerantes com uma missão que os colocava num nível mais elevado do que os anciãos locais” (cf. 1 Co 12.28; Ef 4.11).[12]

Esses **apóstolos** itinerantes se tomaram um verdadeiro problema na Igreja Primitiva. Evidentemente, era requerido que levassem “cartas de recomendação” de alguma igreja estabelecida (2 Co 3.1). Em sua primeira epístola, João adverte: “provai [testai] se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1 Jo 4.1). O *Didaquê,* escrita em meados do segundo século, relata como esses itinerantes deveriam ser testados: “E cada apóstolo que vem a vocês, que seja recebido como o Senhor; mas ele não deverá permanecer mais do que um dia; se, no entanto, for necessário, que fique mais um dia; mas se permanecer três dias, ele é falso profeta”.[13] Em outras palavras, ele não deve se aproveitar da hospitalidade da igreja.

No melhor manuscrito grego, **tens paciência** (3) vem antes de **sofreste,** que está conectado com **pelo meu nome;** ou seja: “Vocês têm pacientemente sofrido por causa do meu nome”. **E trabalhaste pelo meu nome e não te cansaste** no grego significa simplesmente: “e vocês não têm desfalecido”. Os cristãos de Efeso eram obreiros incansáveis.

Acerca da descrição da igreja em Efeso, Ramsay escreve: “O melhor comentário disso é encontrado na carta de Inácio aos Efésios [...] As características que ele elogia na Igreja de Efeso são as mesmas que São João menciona [...] ‘Devo ser treinado para a disputa convosco na fé, na admoestação, na perseverança e na longanimidade’ (v. 3): ‘porque todos vós viveis de acordo com a verdade e nenhuma heresia tem se alojado no meio de vós’ (v. 6)”.[14]

A igreja em Efeso é também aprovada porque aborrece **as obras dos nicolaítas (6).** Não se sabe ao certo quem eram essas pessoas (Eles são mencionados novamente no v. 15). Irineu (cerca de 180 d.C.) diz que eles foram estabelecidos por Nicolau de Antioquia, mencionado em Atos 6.5. Mas Clemente de Alexandria questiona isso. Depois de discutir as várias teorias, Swete conclui: “Como um todo parece melhor aceitar a suposição de que um partido levando esse nome existia na Ásia quando o Apocalipse foi

escrito, quer devesse sua origem a Nicolau de Antioquia, que não é improvável [...] ou a algum outro falso mestre com esse nome".[15]

Na expressão **as quais eu também aborreço,** Swete faz esta observação pertinente: "Aborrecer obras más [...] é uma verdadeira contrapartida do amor ao bem e ambos são divinos".[16]

4. *Censura* (2.4)

O grande Cabeça da Igreja viu apenas uma coisa errada na congregação em Efeso. Embora essa congregação fosse ortodoxa, perseverante e zelosa, ela carecia do amor. Sem isso, tudo o mais era em vão.

A tradução da KJV minimiza a seriedade da acusação ao inserir em itálico a palavra *somewhat* (depois substituída por *something,* que quer dizer "algo" ou "alguma coisa"). Isso distorce a afirmação do original. O grego diz: "Tenho, porém, contra ti *que* abandonaste o teu primeiro amor" (cf. ARA). Isso não era um insignificante "alguma coisa". O texto seguinte mostra que a situação era uma completa tragédia, requerendo um remédio drástico.

Muitas vezes é dito que a igreja de Efeso tinha "perdido" seu primeiro amor. Mas, não é isso que o texto diz. Lemos: **que deixaste** [o teu primeiro amor], O verbo é *aphiemi,* que significa "deixar ir, mandar embora, desistir, abandonar". Tudo isso sugere uma negligência voluntária. É por isso que se exigiu o arrependimento. Pecados de omissão podem ser tão fatais em suas conseqüências quanto que pecados de ação.

O que era essa **primeira caridade** que a igreja de Efeso havia deixado? Quase todos os comentaristas concordam que a palavra **primeira** precisa ser interpretada cronologicamente: esse era o amor da igreja primitiva em Efeso, especialmente durante os dias do ministério de Paulo ali (cf. At 19.20; 20.37). A tentativa de alguns de interpretá-la qualitativamente como que significando "amor de primeira classe" não parece encontrar apoio adequado na palavra grega usada aqui. E verdade que ela pode significar "principal" ou "superior". Mas a idéia é de prioridade e não de qualidade.

O termo **caridade** (ou "amor") é interpretado pela maioria como significando "amor fraternal". Os Pais gregos da Igreja Primitiva acreditavam que a referência era à falta de cuidado pelos irmãos pobres. Outros associam essa passagem a Jeremias 2.2, em que Deus acusa Israel de ter esquecido "do teu amor quando noiva". Isto é, os Efésios haviam deixado o seu amor por Cristo. A melhor proposta é a posição inclusiva de Charles R. Erdman: "Esse era o amor por Cristo e o amor pelos companheiros cristãos. Os dois aspectos são inseparáveis".[17]

Inevitavelmente aparece uma pergunta: Porventura, o zelo da igreja de Efeso na sua defesa pela ortodoxia contribuiu para a perda do amor? Isso é bem provável. Ao defender a verdade e disciplinar membros instáveis, é fácil desenvolver um espírito severo e crítico que acaba destruindo o amor. E, com freqüência, quando o calor do amor divino

desaparece, as pessoas tornam-se mais zelosas na luta por doutrinas e padrões ortodoxos. Esse é um perigo contra o qual todos devem vigiar.

5. *Exortação* (2.5)

O primeiro passo de volta para Deus é: **Lembra-te** (5). Lembra-te dos dias passados de bênção espiritual. Essa igreja tinha *caído,* não meramente tropeçado. Ela estava abatida. Esse era o caso do filho pródigo, de um modo geral. Mas ele lembrou-se (Lc 15.17) e voltou.

De que maneira essa igreja podería se levantar outra vez? Aresposta é: **arrepende-te.** Isso significa "mude sua mente" (veja comentários em Mt **3.2, BBC,** vol. VI, pp. **42-3).** Então **pratica as primeiras obras;** isto é, creia e obedeça. Hebreus **6.1** fala do "fundamento do arrependimento [...] e de fé em Deus". Essa é evidentemente a combinação aqui. Swete ressalta que **lembra-te, arrepende-te** e **pratica** "obedecem aos três estágios na história da conversão".[18]

Se a igreja de Efeso rejeitasse ou falhasse em se arrepender e praticar **as primeiras obras,** Jesus advertiu: **brevemente a ti virei e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres.** Isto é, a igreja de Efeso deixaria de existir como congregação cristã. Isso finalmente ocorreu em uma época posterior, mas a advertência foi evidentemente anunciada naquela época. Cerca de 20 anos mais tarde Inácio escreveu aos Efésios: "Dei as boas-vindas à sua igreja que se tornou tão estimada entre nós por causa da sua natureza honesta, marcada pela fé em Jesus Cristo, nosso Salvador, e pelo amor a Ele".[19]

A igreja teria uma oportunidade justificada de se arrepender. Swete observa que a palavra grega para **tirarei** pode ser entendida como indicando "ponderação e calma judicial; não havería um extermínio em um momento de raiva, mas um movimento que acabaria na perda do lugar que a Igreja tinha sido chamada a cumprir; a não ser que houvesse uma mudança para melhor, as primeiras sete lâmpadas da Ásia desapareceríam".[20]

6. *Convite* (2.7*a)*

A exortação **Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas** ocorre em cada uma das sete cartas. Nas três primeiras, a exortação precede a promessa ao vencedor. Nas últimas quatro, a exortação vem após a promessa. Veja também 13.9.

Esse é um eco das palavras de Jesus nos evangelhos, quando ele diz: "Quem tem ouvidos para ouvir ouça" (Mt 11.15; 13.9, 43; Mc 4.9, 23; Lc 8.8; 14.35).

7. *Recompensa* (2.7*b)*

Em cada carta há uma promessa para aquele que vence. O verbo ocorre freqüentemente no livro de Apocalipse, cujo tema principal é a Igreja, por meio de Cristo, vencendo todo

mal. Swete diz que o termo indica " 'o vencedor', o membro vitorioso da Igreja, como tal, à parte de todas as circunstâncias".[21]

A promessa aqui para o vencedor é que ele terá o direito de **comer da árvore da vida.** Adão falhou quando testado e perdeu esse direito. Agora esse direito é prometido àqueles que serão fiéis diante da tentação. Swete comenta: "Comer da árvore é desfrutar de tudo o que a vida futura tem a oferecer para a humanidade redimida".[22]

A palavra **paraíso** obviamente nos leva de volta ao Éden, onde a árvore da vida é mencionada primeiramente como estando "no meio do jardim" (Gn 2.9). Agora lemos que ela está **no meio do paraíso de Deus.** Acerca do significado desse termo Swete observa: "O 'Paraíso' do N.T. ou é o estado dos mortos abençoados (Lc 23.43) ou uma esfera supramundana identificada com o terceiro céu para o qual as pessoas chegam em um êxtase (2 Co 12.2ss); ou, como aqui, a alegria final dos santos na presença de Deus e de Cristo".[23]

Na mensagem para Éfeso vemos: 1) A insuficiência das obras (w. 2,3); 2) A necessidade do amor (v. 4); 3) A natureza do arrependimento (v. 5).

B. Carta à Igreja de Esmirna, 2.8-11

1. *Destino* (2.8*a)*

Esmirna concorria com Efeso pela honra de ser chamada "a principal cidade da Ásia" e a "metrópole". Assim, ela logicamente vem em segundo lugar na lista aqui. A cidade, chamada "a Beleza da Ásia", estava situada na ponta do bem protegido golfo, com um excelente porto (veja mapa 1). Ela se aproximava de Efeso no que tange ao volume do comércio de exportação. Ela continua sendo uma grande cidade, a única das sete que atualmente é próspera. Hoje, "os figos de Esmirna" são vendidos em todo o mundo.

A igreja lá foi aparentemente fundada quando Paulo estava pregando em Efeso (At 19.10). Ela continuou sendo um forte centro eclesiástico por vários séculos. A Izmir moderna tem uma população de cerca de trezentos mil habitantes.

2. *Autor* (2.8b)

Cristo é aqui identificado como **o Primeiro e o Ultimo.** Já encontramos essa expressão em 1.17. Ele então é descrito como Aquele **que foi morto e reviveu,** ou "que esteve morto e tornou a viver" (ARA). Isso também lembra 1.18: "fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre". A referência claramente é à crucificação e ressurreição de Cristo.

Mas essas palavras tinham uma relevância peculiar na carta à igreja de Esmirna. Porque essa cidade havia morrido e tornou a viver. Strabo diz que os lídios destruíram o lugar e por cerca quatrocentos anos não houve cidade ali, apenas algumas vilas espalhadas. Ramsay observa: "Todos os leitores de Esmirna certamente seriam sensibilizados

à impressionante analogia com a história primitiva de sua própria cidade".[24]

3. *Aprovação* (2.9)

Mais uma vez Cristo diz: **Eu sei.** Essas palavras descrevem tanto conforto quanto advertência.

A palavra **obras** não está no melhor manuscrito grego. Duas coisas são mencionadas: **tributação** e **pobreza.** Aparentemente, tribulação gerou pobreza (cf. v. **10).** Hebreus **10.34** diz: "Porque também vos compadecestes dos que estavam nas prisões e com gozo permitistes a espoliação dos vossos bens, sabendo que, em vós mesmos, tendes nos céus uma possessão melhor e permanente". Em uma situação semelhante em Esmirna, parece que bandos judeus e pagãos estavam saqueando a propriedade dos cristãos.

A palavra grega para **tribulação** (*thlipsis*) é forte, significando "pressionado" ou "espremido". Tribulação vem do latim *tribulum,* que significa uma debulhadora, usada para debulhar os grãos. Assim, temos duas figuras. A palavra grega sugere a figura de um lagar, no qual o suco das uvas era espremido. A palavra latina transmite a figura do grão sendo batido com uma vara, para tirar os grãos da casca. Juntos, eles sugerem a natureza da tribulação. E uma questão de pressão e golpes.

Embora exteriormente a igreja em Esmirna fosse caracterizada pela **pobreza,** ela era, na verdade, rica. Materialmente pobre, espiritualmente rica — essa combinação é observada mais de uma vez no Novo Testamento.

Jesus também conhecia **a blasfêmia dos que se dizem judeus e não o são.** Paulo escreveu aos Romanos: "Porque não é judeu o que o é exteriormente [...] Mas é judeu o que o é no interior" (Rm 2.28-29). Esses perseguidores em Esmirna eram judeus por raça e religião, mas não eram verdadeiros filhos de Abraão. Que os judeus perseguiram os cristãos é amplamente evidenciado no livro de Atos, bem como nos escritos do segundo século de Justino, o Mártir, e Tertuliano. Os judeus odiavam de uma maneira especial os convertidos do judaísmo ao cristianismo.[25] Ao se opor ao evangelho, eles com frequência recorriam à **blasfêmia** (cf. At 13.45). A palavra grega *blasphemia* significava "difamação" quando dirigida aos homens, mas **blasfêmia** quando dirigida a Deus. Aqui provavelmente significava as duas coisas.

A história do martírio de Policarpo em Esmirna é especialmente relevante. Os judeus chegaram a superar os pagãos em seu ódio e zelo. Eles acusaram Policarpo de hostilizar a religião do estado. Esses inimigos, "com uma ira incontrolável gritavam em alta voz: 'Esse é o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, o demolidor dos nossos deuses, que ensina a muitos que não se deve sacrificar nem adorar' ". Embora fosse num sábado, eles juntaram madeira para queimar Policarpo vivo.[26]

À luz dessa atitude hostil não é de surpreender que os judeus sejam chamados de **a sinagoga de Satanás.** Por causa da oposição dos judeus, os cristãos evitaram o uso da palavra *sinagogue* e preferiram *ecclesia* (gr., assembléia) para suas congregações. O

único texto no Novo Testamento em que *sinagogue* é usado para identificar uma assembléia cristã se encontra em Tiago 2.2. Isso pode ter sido escrito antes que a perseguição judaica aos cristãos se tornasse generalizada.

E uma coincidência interessante que a expressão **sinagoga de Satanás** ocorra somente aqui e na carta à igreja de Filadélfia. Essas são as duas únicas cartas sem uma palavra de censura. Assim, na mensagem a essa igreja passamos diretamente da aprovação para a exortação.

4. *Exortação* (2.10)

A igreja em Esmirna é admoestada: **Nada temas das coisas que hás de padecer.** Coisas piores aguardavam essa congregação: **Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados.** Isso mostra que os judeus se uniriam às autoridades pagãs na perseguição. Ambos seriam instigados pelo **diabo.** Era ele que, em última análise, lançava os cristãos na prisão. **Tentados** significa "testados". O verbo grego era usado para testar metais no fogo, para certificar-se de que não apresentavam impurezas. Da mesma maneira, as almas dos crentes seriam testadas na fornalha da aflição.

A **tribulação** (perseguição) duraria **dez dias.** Essa expressão indica um breve período (cf. Dn 1.12,14). Swete comenta: "O número dez provavelmente é escolhido porque, embora seja suficiente para sugerir a continuidade do sofrimento, ele aponta para um final que está se aproximando".[27] Deus cuidaria para que não sofressem acima do que poderiam suportar. Se fossem fiéis **até** à **morte** — provavelmente uma alusão ao martírio — receberíam **a coroa da vida.** A palavra grega para **coroa** não é *diadema,* significando coroa real, mas *stephanos,* a coroa do vitorioso. Apropriadamente, Estêvão (gr., *Stephanos),* o primeiro mártir cristão, tinha esse nome. Provavelmente, a frase **coroa da vida** significa que a coroa é vida eterna (genitivo epexegético).[28]

5. *Convite* (2.11a)

Aqui novamente encontramos a exortação-convite: **Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.** A mensagem de advertência era necessária não só para os crentes em Esmirna, mas para todos os cristãos em todos os lugares.

6. *Recompensa* (2.116)

A promessa para o vencedor aqui, como no caso de todas as sete cartas, é apropriada para a mensagem visando a uma igreja em particular. Mesmo se esses fiéis de Esmirna tivessem de sofrer morte física por causa de Cristo, eles nunca seriam feridos pela **segunda morte** — isto é, a morte espiritual. Essa expressão impressionante ocorre novamente em 20.6,14 e 21.8, onde ela *é* identificada como o lago de fogo, o lugar do castigo eterno. A frase também é encontrada nos Targuns judaicos (paráfrases aramaicas do Hebraico do AT). **Não receberá o dano** é negativo duplo no grego: "de modo nenhum".

Tem sido sugerido *(Pulpit Bible)* que essa carta transmite "Palavras de Regozijo de um

Salvador Reinante para uma Igreja Sofredora": 1) Um Salvador vivo acima de todos (v. 8); 2) Um Salvador vivo conhecendo tudo (v. 9a); 3) Um Salvador vivo avaliando a todos: **tu és rico;** 4) um Salvador vivo antevendo tudo (v. 10); 5) Um Salvador vivo limitando tudo: **dez dias;** 6) Um Salvador vivo encorajando a todos (v. 10a); 7) Um Salvador prometendo vida no fim de tudo (v. 106).

C. Carta à Igreja de Pérgamo, 2.12-17

1. *Destinatário* (2.12a)

Esmirna ficava a cerca de 55 quilômetros de distância de Efeso. A rota adiante é descrita por Swete: "Depois de deixar Esmirna, a estrada de Efeso seguia a costa por cerca de 65 quilômetros e então subia em direção ao nordeste para o vale de Caicus, por mais 25 quilômetros, onde ficava a cidade de Pérgamo [veja mapa l]".[29]

A localização física de **Pérgamo** era notória. Ramsay escreve: "Mais do que qualquer outro lugar na Ásia Menor, essa cidade dá ao viajante a impressão de uma cidade majestosa, o lar da autoridade; o monte rochoso no qual se localiza é enorme e domina a imensa planície do Caicus de maneira orgulhosa e ousada".[30] Charles diz: "A cidade mais antiga foi construída num monte, a 350 metros de altura, que se tornou o lugar da acrópole e de muitas das principais construções da cidade posterior".[31]

No início do século terceiro a.C., foi fundado o reino de Pérgamo. Em 133 a.C., o rei Atalus III deixou seu reino para os romanos. Eles o transformaram na província da Ásia. Ramsay diz: "Pérgamo era a capital oficial da província por dois séculos e meio: a tal ponto que a sua história como a base de autoridade suprema sobre um imenso país durou cerca de quatro séculos e não havia chegado ao fim quando as sete cartas foram escritas".[32]

2 .*Autor* (2.126)

Dessa vez Cristo é descrito como **aquele que tem a espada aguda de dois fios** (cf. 1.16). A razão dessa referência à espada é vista claramente em 1.16. Ela deve ser o instrumento de julgamento contra os hereges na igreja de Pérgamo.

Há também uma outra razão para essa identificação do autor. Ramsay observa: "Na avaliação romana a espada era o símbolo da ordem mais elevada de autoridade oficial com a qual o procônsul da Ásia era investido. O 'direito da espada' [...] podia ser equivalente ao que chamamos hoje de poder sobre a vida e a morte".[33]

3. *Aprovação* (2.13)

Mais uma vez (cf. v. 9) **tuas obras** não se encontra no melhor texto grego, que traz: "Eu sei onde habitas". Lá ficava **o trono de Satanás.** A palavra grega para **trono** é *thronos.*

Por que Pérgamo é chamado de lugar do **trono de Satanás?** A resposta é que era o centro de adoração ao imperador da Ásia. Ramsay escreve: "O primeiro (e por um tempo considerável o único) templo provincial do culto imperial na Ásia foi construído

em Pérgamo em honra a Roma e Augusto (provavelmente 29 a.C.). Um segundo templo foi construído ali em honra a Trajano e um terceiro em honra a Severo. Assim, Pérgamo, foi a primeira cidade a ter a honra de ser a guardiã do templo uma ou duas vezes na religião do Estado; e mesmo a terceira vez como guardiã do templo ocorreu alguns anos antes do que a vez de Efeso".[34] Assim, aqui Satanás representa "o poder e a autoridade oficial que está em oposição com a Igreja".[35]

R. H. Charles resume bem a situação. Ele diz: "Atrás da cidade no primeiro século d.C. ergueu-se um enorme monte cuniforme, com 350 metros de altura, coberto de templos e altares pagãos, que, em contraste com o "monte de Deus", de acordo com Isaías 14.13 e Ezequiel 28.14,16 e chamado de "o trono de Deus" em 1 Enoque 25.3, apareceu ao vidente como o trono de Satanás, uma vez que era o lugar de muitos cultos idólatras, mas acima de todo o culto imperial, que ameaçava com aniquilação a própria existência da Igreja. Recusar-se a participar desse culto constituía uma séria traição ao Estado".[36]

O segundo item na aprovação ou louvor da igreja em Pérgamo é: **e reténs o meu nome e não negaste a minha fé.** Quando as autoridades romanas exigiram que os cristãos proclamassem: "César é Senhor", eles respondiam: "Jesus é Senhor" (cf. 1 Co 12.3). Eles permaneceram firmes, **ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha** (*martys*, "meu fiel mártir", KJV). No segundo século, *martys* (genitivo, *martyros)* recebeu o significado técnico de "mártir". Há uma discussão em torno do significado dessa palavra nesse texto. Alguns entendem que *martys* deveria ser traduzido por mártir, ao passo que outros entendem que ela deveria significar testemunha. De qualquer forma, essa testemunha foi morta. Apesar das lendas, nada se sabe ao certo a respeito de Antipas além do que é informado nessa passagem.

O qual foi morto entre vós não indica necessariamente que Antipas era um membro da igreja de Pérgamo. Ramsay diz que "muitos mártires foram levados ajuizo e condenados ali que não eram de Pérgamo. Prisioneiros eram trazidos de todas as partes da província de Pérgamo para julgamento e condenação diante da autoridade que possuía o direito da espada [...] o poder da vida e da morte, a saber, o procônsul romano da Ásia".[37]

4. *Censura* (2.14,15)

O Cabeça da Igreja tem algumas coisas contra a congregação de Pérgamo. A primeira é: **tens lá os que seguem a doutrina de Balaão** (14). Como em todo o Novo Testamento, **doutrina** (*didache*) deveria ser traduzida por "ensinamento".

Balaão é descrito como aquele que **ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para que comessem dos sacrifícios da idolatria e se prostituíssem.** Essa declaração preenche um pequeno hiato no relato do Antigo Testamento. Lá lemos que Balaão foi chamado por Balaque, rei de Moabe, para amaldiçoar os israelitas, a quem temia (Nm 22.1—24.25). Quando Deus não permitiu que o profeta amaldiçoasse seu povo, evidentemente Balaão sugeriu uma maneira indireta de trazer a maldição divina sobre Israel. Isso é indicado em Números 21.16, em que Moisés disse às mulheres de Moabe: "Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, deram ocasião aos filhos de Israel de

prevaricar contra o SENHOR, no negócio de Peor, pelo que houve aquela praga entre a congregação do SENHOR". O "negócio de Peor" era uma combinação de idolatria e imoralidade (Nm 25.1-9), como podemos ler em Apocalipse. O que o relato deixa mais claro aqui é o fato de Balaão ter aconselhado Balaque a fazer com que suas mulheres seduzissem os homens israelitas nesses dois pecados. O esquema funcionou bem demais. Balaão também é mencionado em 2 Pedro 2.15 e Judas 11.

A palavra grega para **tropeços** (*scandalorv,* cf. escândalo) foi primeiramente usada para a isca de uma armadilha e, em seguida, para a própria armadilha. Isso se encaixa perfeitamente na figura aqui. Balaque preparou uma armadilha para os israelitas e eles foram apanhados nela. Swete comenta: "As mulheres de Moabe foram deliberadamente lançadas no caminho dos homens israelitas, que não suspeitavam de nada, na esperança de causar a ruína deles".[38] Lenski traduziu a expressão aqui: "lançar uma armadilha diante dos filhos de Israel".[39]

Pelo que tudo indica, havia alguns membros na igreja em Pérgamo que procuraram convencer os membros a aceitar os costumes pagãos para evitar perseguição. Eles defenderam a idéia de comer nos templos pagãos e participar na adoração aos ídolos, o que incluía prostituir-se com as "virgens" do templo. E possível que tenham dito que o que alguém faz com o corpo não afeta a sua alma. O fato de comer carne sacrificada aos ídolos já tinha se tornado um problema em Corinto, onde Paulo tratou disso (1 Co 8). Essa era uma questão vital no primeiro século.

Como em Éfeso,[40] havia em Pérgamo alguns **nicolaítas** (15). Em relação à sua **doutrina** (ensinamento) veja os comentários no versículo 6. Smith acredita que **nicolaítas** significa "aliciadores dos leigos" e que a descrição de Pérgamo prefigura o surgimento da hierarquia papal na igreja católica romana.[41]

5. *Exortação* (2.16)

Os cristãos de Pérgamo, como também os de Éfeso, são ordenados a arrepender-se (veja comentários acerca do versículo 5). O arrependimento era a única coisa que poderia evitar o julgamento severo — **quando não, em breve virei a ti e contra eles batalharei com a espada da minha boca.** Swete escreve: "O Cristo glorificado nesse livro é um Guerreiro, que batalha com a espada afiada da palavra" (cf. 1.16; 19.13-16).[42]

A situação em Pérgamo era pior do que em Éfeso. Jesus disse o seguinte à igreja de Éfeso: "que aborreces as obras dos nicolaítas" (v. 6). Para Pérgamo Ele escreveu: "tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas, o que eu aborreço". A mudança de "aborreces" para "tens" e de "obras" para "doutrinas" provavelmente é significativa. Agora os nicolaítas estavam dentro da igreja e seus ensinamentos destrutivos estavam sendo aceitos por alguns. Se a igreja não se arrepender imediatamente (aoristo), Cristo virá (lit.: "Eu estou vindo", presente profético) **em breve** para o julgamento. Não havia tempo para perder. **Batalharei** (futuro) literalmente significa: "promoverá guerra". Esses nicolaítas eram os inimigos de Cristo e do cristianismo. Tanto Lenski[43] quanto Charles[44] entendem

que os seguidores de Balaão e os nicolaítas constituíam o mesmo grupo.

6. *Convite* (2.17a)

Joseph Seiss apresenta um tratamento tríplice em relação ao texto: **Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.** 1) "Uma repreensão solene àqueles que se chamam de cristãos, mas raramente, ou nunca, abrem a sua Bíblia para estudá-la"; 2) "Tudo que diz respeito à salvação depende de profunda atenção à palavra divina e o uso diligente dos nossos privilégios, de ouvir, assinalar, aprender e digerir interiormente o que ela contém"; 3) "Todos têm a capacidade de prestar atenção e, assim, cabe a cada um usar essa capacidade".[45]

7. *Recompensa* (2.17*b)*

Alguns dos crentes professos de Pérgamo evidentemente estavam celebrando nos templos pagãos. Mas aos vencedores fiéis, Cristo promete que irão **comer do maná escondido.** A alusão parece referir-se ao vaso de ouro de maná na arca no antigo Tabernáculo (Ex 16.33; Hb 9.4). Havia uma tradição entre os judeus de que a arca foi escondida por Jeremias na caverna do monte Sinai, onde não seria descoberta "até que Deus reunisse novamente as pessoas e mostrasse a sua misericórdia" (2 Macabeus 2.7).[46]

Charles acredita que o texto aqui se refere ao maná celestial descrito pelos rabis como sendo moído para os justos. Ele diz: "De acordo com 2 Baruque 29.8, o tesouro do maná deveria descer do céu durante o Reino Messiânico, e os bem-aventurados deveríam comer dele".[47] Ele também escreve: "O 'maná escondido' provavelmente significa os dons espirituais diretos que a Igreja triunfante receberá em uma medida excelente da comunhão íntima com Cristo".[48] Mas, será que esse **maná escondido** não significa também "comunhão íntima com Cristo" no presente, alimentando nossas almas do Pão da Vida?

Ao vencedor também se promete **uma pedra branca.** O que essa expressão significa? Charles alista cinco interpretações que têm sido sugeridas: "1) A pedra branca usada pelos jurados, significando absolvição... 2) *kpsephos* que permitia àquele que a recebia um acolhimento livre [...] [nas] assembléias reais [...] Portanto, ela era considerada um bilhete de admissão para a festa celestial. 3) As pedras preciosas que, de acordo com a tradição rabínica, caíam junto com o maná... 4) As pedras preciosas no peitoral do sumo sacerdote levando os nomes das Doze Tribos. 5) A pedra branca era considerada um símbolo da felicidade".[49]

Charles não acha qualquer uma dessas explicações satisfatória: "Ou a *psephos* não é branca ou não tem nenhuma inscrição nela".[60] Ele busca analisar o pano de fundo das superstições populares daquela época.

Incluído no problema está o significado do **novo nome** inscrito na pedra. Swete faz a sugestão útil de que a referência pode ser às "pedras gravadas que eram empregadas para propósitos mágicos e traziam nomes místicos".[61] Atos 19.19 indica que a magia era comum

na cidade de Efeso. Swete acrescenta: “A mágica divina, que grava na vida e no caráter humano o Nome de Deus e de Cristo, é colocado em contraste com as imitações baratas que fascinavam a sociedade pagã”.[52] Em 3.12, Jesus diz para o vencedor da igreja de Filadélfia: “E escreverei sobre ele o nome do meu Deus”.

Ramsay acha que a **pedra** significa o aspecto imperecível do nome. Ele escreve: **“O** nome que foi escrito na pedra branca se tomava imediatamente o nome do cristão vitorioso e o nome de Deus [...] Pérgamo e Filadélfia são as duas igrejas elogiadas. Delas se diz respectivamente: 'reténs o meu nome’ e: ‘não negaste o meu nome’; e elas são recompensadas com o novo nome, que é ao mesmo tempo o nome de Deus e o seu próprio nome, uma possessão eterna, conhecida somente por aqueles que o possuíam [...] eles não serão meramente ‘cristãos’, o povo de Cristo; eles serão o povo da sua nova personalidade como Ele é revelado daqui por diante em glória, levando esse novo nome da sua gloriosa revelação”.[53]

A palavra grega para **novo** não é *neos,* que significa “recente” em origem, mas *kainos,* que significa “fresco” em qualidade. “O ‘nome’ cristão, i.e., o caráter da vida interior que o evangelho inspira, possui a propriedade da eterna juventude, nunca perdendo seu poder e sua alegria”.[54]

D. Carta à Igreja de Tiatira, 2.18-29

1. *Destinatário* (2.18a)

Cerca de 65 quilômetros a sudeste de Pérgamo ficava **Tiatira.** Era uma cidade da Lídia, perto da fronteira com a Mísia (veja mapa 1). Construída por Seleuco I, fundador da dinastia dos Selêucidas, ela foi povoada pelos veteranos das campanhas de Alexandre, o Grande, na Ásia. Em torno de 190 a.C., Tiatira foi tomada pelos romanos. Embora tivesse um centro comercial próspero, era muito inferior ao de Efeso, Esmirna, e Pérgamo. Charles observa: “A carta mais longa foi dirigida à cidade menos importante das Sete Cidades”.[55] Evidentemente, havia judeus ali, porque Atos 16.14 menciona “Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus”. Parece que na época ela era uma prosélita convertida ao judaísmo.

A igreja em Tiatira evidentemente era pequena. Fala-se que ela desapareceu no fim do segundo século.

2. Autor (2.18Ò)

O autor dessa carta se identifica como **o Filho de Deus,** uma frase encontrada somente aqui no livro de Apocalipse. Jesus reivindicou esse título durante o seu tempo aqui na terra (Mt 11.27; Lc 10.22) e aprovou Pedro por professá-lo (Mt 16.16,17). Foi por causa dessa afirmação que Jesus foi condenado pelo Sinédrio (Mt 26.63; Jo 19.7).

Cristo é descrito como Aquele **que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao latão reluzente.** Encontramos aqui um eco de 1.14,15. A adequação da

caracterização dupla é expressa da seguinte forma por Swete: "Essa menção dos olhos que flamejam com indignação justa e os pés que podem pisotear os inimigos da verdade prepara o leitor para o tom severo da declaração que se segue".[56] Erdman se expressa de forma ainda mais sucinta: "Assim, ele é capaz de penetrar nos segredos de todos os corações e ele tem poder para castigar e subjugar".[57] Esses olhos flamejantes penetram e descobrem todo engano da hipocrisia. Nas Escrituras, o latão freqüentemente é o símbolo do julgamento.

3. *Aprovação* (2.19)

As palavras desse versículo na KJV obviamente estão incorretas, porque apresentam uma lista começando e terminando com **tuas obras** — uma repetição sem significado. Além disso, o melhor texto grego traz **fé** antes de **serviço.** A RSV apresenta uma tradução correta: "Conheço as suas obras, o seu amor, a sua fé, o seu serviço e a sua perseverança, e que suas últimas obras excedem as primeiras".[68] A *New English Bible* traz: "Vocês agora estão fazendo ainda melhor do que no princípio".

Cristo tinha elogiado a igreja de Efeso pelas suas **obras.** Mas a igreja de Tiatira estava um passo à frente. Ela é cumprimentada pela sua **caridade.** A palavra grega é *ágape* e sempre deveria ser traduzida por "amor". **Caridade** representa os *cantas* da Vulgata latina, a Bíblia oficial da igreja católica romana. Hoje, **caridade** significa um espírito de tolerância ou dar aos necessitados. *Ágape* é um termo muito mais rico do que isso. As pessoas do mundo também podem ser filantrópicas ou tolerantes. Mas *ágape* é o amor divino implantado no coração humano e que flui em um serviço abnegado e sacrificial aos outros.

A palavra grega *pistis* pode significar ou **fé** ou "fidelidade" (NEB). Não se sabe exatamente qual das duas palavras se tem em mente aqui. Talvez a melhor saída é permitir os dois significados (cf. Phillips, "lealdade").

Serviço é *diakonia.* Beyer diz que essa palavra significa "qualquer 'realização de serviço' feito com amor genuíno".[69] Lenski define *diakonia* como "serviço voluntário para o benefício e a ajuda daqueles que precisam dele e realizado liberalmente".[60]

Paciência (*hypomone*) significa mais do que o suportar passivo de privações ou provações. Essa palavra significa, na verdade, uma constância ou persistência ("perseverança", NASB) positiva.

Devido à prolongada censura que se segue, é surpreendente que uma aprovação tão entusiástica é dada a essa igreja. Swete comenta: "É digno de observação que nessas cartas às igrejas o elogio é apresentado com mais liberalidade, se é que pode ser feito com justiça, quando segue a censura; diz-se mais acerca das boas obras das igrejas de Efeso e Tiatira, do que das igrejas de Esmirna e Filadélfia, em que não se encontra falta alguma".[61] Essa característica está de acordo com a psicologia sadia, que aconselha a dizer tudo que é positivo antes de se chamar a atenção das faltas da outra pessoa.

4. *Censura* (2.20-23)

A primeira parte do versículo 20 deveria ser traduzida da seguinte forma: "No entanto, contra você tenho isto: que você tolera a mulher Jezabel" (RSV, NASB).[62] A tolerância do mal era o pecado constante da igreja de Tiatira. **Jezabel** é provavelmente um nome simbólico — "Essa mulher, Jezabel".[63] A referência é obviamente à esposa de Acabe, que seduziu os israelitas a adorar Baal (1 Rs 16.31). Também são mencionados suas "prostituições" e "feitiçarias" (2 Rs 9.22). Uma vez que alguns manuscritos e versões antigas trazem "tua mulher Jezabel" (i.e., "tua esposa Jezabel"), Grotius (século dezessete) sugere que o autor fala da esposa do bispo de Tiatira. Mas essa noção é hoje quase universalmente rejeitada. Duesterdieck diz que se tem "uma mulher específica em mente; não a esposa de um bispo, nem uma mulher que é, de fato, chamada Jezabel, mas uma determinada mulher que diante da ambição de ser uma profetisa tinha aprovado as doutrinas dos nicolaítas e por esse motivo foi escolhida a nova Jezabel".[64] Isso provavelmente representa a opinião da maioria hoje.

Não era incomum ter uma **profetisa** na Igreja Primitiva (cf. At **21.9).** No Antigo Testamento, diversas mulheres recebem esse título (e.g., Miriã, Débora, Hulda). O único lugar no Novo Testamento em que *prophetis* (fem.) ocorre é Lucas **2.36** (Ana).

A falsa **profetisa** de Tiatira estava sendo tolerada para que **ensine e engane os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria.** Essas duas coisas são atribuídas aos seguidores de Balaão (e nicolaítas?) em Pérgamo (v. 14; veja comentários).

Tiatira era conhecida pelas suas inúmeras associações comerciais. Isso gerava um problema especial. Charles escreve: "Agora, visto que a participação de alguma dessas associações [...] não significava *essencialmente* nada além de participar de uma refeição em comum, que era dedicada indubitavelmente a algum deus pagão, mas que era exatamente por isso sem sentido para o cristão iluminado; beneficiar-se desse tipo de participação era considerado em certos círculos liberais algo bastante justificável.[66]

Por razões comerciais ou sociais, parecia quase imperativo pertencer a alguma associação. Mas, acredita-se que essas reuniões comerciais freqüentemente acabavam em orgias e bebedeiras. Por isso, a referência à **prostituição.** Essa profetisa estava defendendo uma atitude moral e religiosamente liberal.

Evidentemente, uma advertência peremptória foi dada a essa Jezabel, mas ela tinha se recusado a se arrepender (v. 21), i.e., mudar sua opinião e caminhos. Portanto, o Senhor deve lidar com ela severamente. Por causa da sua **prostituição** Ele a colocaria **numa cama** (22). Essa expressão é somente uma de muitas, que mostram a tendência de João, que, embora escrevesse em grego, pensava em formas hebraicas. (Cf. nota de rodapé 12 na Introdução). Referente a essa frase, Charles escreve: "Se a traduzirmos literalmente para o hebraico, descobriremos que temos aqui uma expressão idiomática hebraica [...] 'ficar preso à cama', 'ficar doente' (Ex 21.18): conseqüentemente, 'colocar numa cama'

significa 'colocar num leito de enfermidade".[66]

E sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, deve provavelmente ser entendido como um paralelismo hebraico. **Adulteraram** provavelmente significa adultério espiritual. Mas a porta da misericórdia continua aberta — **se não se arrependerem das suas obras.** Arrependimento genuíno sempre coloca o julgamento de lado.

Recusa contínua de se arrepender resulta em mais castigo severo: **E ferirei de morte a seus filhos** (23). Provavelmente, **seus filhos** significa: "sua descendência espiritual, como distintos daqueles que foram enganados por um tempo".[67] **Ferirei de morte** é um hebraísmo típico. Ele significa "matar" (ARA, NVI).

Essa seria uma advertência para **todas as igrejas.** Elas **saberão que eu sou aquele que sonda as mentes e os corações** (cf. Jr 11.20; 17.10). **Mentes** (palavra grega somente encontrada aqui no NT) literalmente significa "os rins"; isto é, "os movimentos da vontade e afeições".[68] **Corações** na psicologia hebraica referia-se especialmente aos pensamentos. O olhar do Onisciente penetra até o mais profundo do intelecto, emoções e vontade do homem.

O julgamento divino sempre é justo. **Cada um** receberá **segundo as** suas **obras** (cf. Rm 2.6).

5. *Exortação* (2.24,25)

Há uma palavra de conforto **aos restantes que estão em Tiatira** (24) — talvez a maior parte dos membros — e que não aceitaram a **doutrina** (ensinamento) de Jezabel, e **não conheceram [...] as profundezas de Satanás.** Para os gnósticos do segundo século, a expressão "as coisas profundas" era uma frase favorita. Eles reivindicavam um conhecimento esotérico que era desconhecido pelas pessoas não iniciadas.

Duas interpretações têm sido apresentadas acerca das **profundezas de Satanás.** Uma é que os nicolaítas escarneciam do restante dos cristãos como aqueles que não conheciam as coisas profundas de Deus; mas essas, na verdade, se referiam às coisas profundas de Satanás. A outra diz que os seguidores de Jezabel, na realidade, se vangloriavam em conhecer **as profundezas de Satanás.** "Esses falsos mestres entendiam que o homem espiritual deveria conhecer as coisas profundas de Satanás e que ele deveria tomar parte da vida pagã da comunidade. Duas das características mais salientes dessa vida pagã eram suas festas sacrificiais e suas práticas imorais."[69] Muitos gnósticos de épocas posteriores afirmavam que, visto que toda a matéria é má e somente o espírito é bom, não importa o que alguém faça com o seu corpo; sua alma continua pura. As duas interpretações acima podem ser aplicadas às doutrinas de mestres imorais de Tiatira.

Como dizem significa "como as chamam". Paulo falou dos mistérios profundos da verdade divina (cf. Rm 11.33; Ef 3.18). Esses falsos mestres estavam distorcendo essa idéia.

Para aqueles que permaneceram leais à fé, Cristo declarou: **outra carga vos não porei.** Provavelmente, isso esteja relacionado com o versículo 25: **Mas o que tendes, retende-o até que eu venha.** Charles interpreta isso assim: "Definitivamente, dominem (*kratesate*) com firmeza as tarefas incumbidas a vocês, e afastem-se completamente das festas sacrificiais dos pagãos e das perversidades morais que praticam".[70] Ele acha que **outra carga** se refere aos decretos apostólicos de Atos 15.28. Mas muitos comentaristas questionam isso. Parece duvidoso que esses decretos ainda seriam mencionados numa época bem posterior.

6. *Recompensa* (2.26-28)

A frase recorrente **ao que vencer** (26) é acrescentado aqui: **e guardar até ao fim as minhas obras.** Swete observa: "Em Tiatira, a batalha precisava ser vencida pela adesão resoluta às 'obras de Cristo', i.e., à pureza da vida cristã, em oposição às 'obras de Jezabel' "!°

A recompensa prometida é: **eu lhe darei poder** (*exousia*, autoridade) **sobre as nações. O** Cristo glorificado compartilhará a sua autoridade com seus seguidores fiéis. A linguagem dessa cláusula e o que segue no versículo seguinte são tirados de Salmos 2.8-9, que era interpretado como um salmo messiânico pelos judeus do século I a.C., de acordo com *Salmos de Salomão* (uma obra apócrifa).

A palavra **regerá** (27) literalmente significa "pastorear". Assim, a **vara de ferro** se refere ao cajado do pastor, com a ponta de ferro para torná-la uma arma adequada contra os inimigos ou animais selvagens. Os ímpios são comparados com **vasos de oleiro** que serão quebrados. Embora essas palavras possam ter alguma apbcação à influência da Igreja no mundo atual, é óbvio que o seu cumprimento final aguarda o retorno de Cristo. **Como também recebi de meu Pai** é um eco de Salmos 2.7 e Atos 2.33.

Na declaração **dar-lhe-ei a estrela da manhã** (28), há uma expectativa de 22.16: "Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente Estrela da manhã". A maior recompensa que qualquer cristão vitorioso pode receber é o próprio Cristo. Sua presença será o céu em sua glória mais elevada.

7. *Convite* (2.29)

Nas três últimas cartas, esse convite precedeu a promessa ao vencedor. Nessa e nas três cartas seguintes ela segue a promessa.

Alguém sugeriu *(Pulpit Commentary)* que essa carta revela "A Ira do Cordeiro": 1) Sua realidade (v. 18); 2) Sua severidade (w. 22-23); 3) Sua omissão (v. 21); 4) Sua justiça (v. 20); 5) Sua discriminação (w. 24-25).

E. Carta à Igreja de Sardes, 3.1-6

1. *Destinatário* (3.1a)'

Continuando rumo ao sudeste de Tiatira, o mensageiro teria de viajar cerca de 50 quilômetros até Sardes, a antiga capital da Lídia (veja mapa 1). Ela era famosa pela sua fabricação de lã e afirmava ter sido a primeira cidade a descobrir a arte de tingir lã.

Sardes havia alcançado seu ápice de prosperidade sob o rico rei Croesus (ca. 560 a.C.). Conquistada por Ciro, ela permaneceu desconhecida durante o governo persa. No período romano, houve uma certa medida de restauração. Mas Charles diz que mesmo então "nenhuma cidade na Ásia apresentou um contraste mais deplorável entre o esplendor passado e o declínio inquietantemente atual".[72] Por esse motivo Ramsay chama Sardes de "a cidade da morte". Ele escreve: "Assim, quando as Sete Cartas foram escritas, Sardes era uma cidade do passado, que não tinha futuro".[73] Hoje existe uma pequena vila, chamada Sart.

O principal culto em Sardes era a depravada adoração de Cibele (ou Ártemis). Charles diz: "Seus habitantes tinham se destacado pela luxúria e libertinagem".[74] Isso dificultou a manutenção dos padrões cristãos de pureza.

2. *Autor* (3.16)

Aqui Cristo é identificado como **o que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas** (cf. 2.1). Com **sete Espíritos de Deus** evidentemente se quer dizer o Espírito Santo e sua perfeição e sua obra por meio das sete igrejas, que representam a Igreja universal de Jesus Cristo (veja comentários em 1.4). **As sete estrelas** representam os mensageiros (pastores) das sete igrejas (cf. 1.20).

3. *Censura* (3.1c, 26)

A expressão Eu **sei** ocorre no início de cada uma das sete cartas (2.2, 9,13,19; 3.1, 8, 15). Nada está escondido aos olhos do Cristo onisciente. Uma vez que Ele conhece perfeitamente, Ele é capaz de julgar com justiça.

Seria difícil imaginar uma censura mais avassaladora: **tens nome de que vives e estás morto.** Essa cidade arrasada não estava apenas morta, mas a igreja também estava morta. Ela tinha perdido sua vida espiritual. Smith comenta: "Sardes evidentemente era conhecida como uma 'igreja viva' — em que havia muita atividade, mas Aquele que não olha para a aparência exterior, mas vê o coração declara: *Tu [...] estás morto*".[75]

Erdman leva esse pensamento um passo adiante: "Provavelmente, seus cultos eram bem freqüentados e conduzidos de maneira correta. Podem ter havido comitês e aniversários e reuniões. No seu rol de membros podem ter havido líderes sociais notáveis. No entanto, ela estava morta".[76]

A igreja tinha **obras,** mas essas **obras** não eram **perfeitas diante de Deus (2).** Erdman comenta: "Ela não conquistou nada no reino espiritual: almas não estão sendo salvas; santos não são fortalecidos; ajuda não está sendo oferecida aos necessitados; seus cultos são formais, sem vida e sem sentido: 'Não achei as tuas obras aperfeiçoadas diante do meu

Deus' "I[7]

A palavra para **perfeitas** literalmente significa "suficientes" ou "cheias". Swete faz a seguinte sábia observação: "'Obras' são 'cheias' somente quando são avivadas pelo Espírito de vida".[78] Precisamente, é isso que faz a diferença entre uma igreja morta e uma igreja viva. Uma sente a falta do Espírito Santo; a outra está cheia e capacitada pelo Espírito. Não será o número de atividades ou a organização eficiente que tirará o lugar da dinâmica poderosa do Espírito Santo.

4. *Exortação* (3.2*a,* 3)

Sê vigilante (2) é literalmente: "Esteja continuamente vigilante". **Vigilante** é o particípio presente do verbo *gregoreo,* que significa "esteja acordado" ou "vigie". Jesus usou essa palavra duas vezes no discurso do monte das Oliveiras (Mc 13.35, 37), requerendo vigilância constante na preparação para sua segunda vinda.

A igreja de Sardes foi advertida da seguinte maneira: **confirma o restante que estava para morrer.** No meio dessa igreja morta havia alguns elementos de vida. Mas mesmo esses estão prestes a **morrer** — literalmente: "estavam prestes [verbo no imperfeito] a morrer". Swete comenta: "O imperfeito olha para trás do ponto de vista do leitor da época quando a visão foi recebida e, ao mesmo tempo, com um otimismo sensível ele expressa a convicção do escritor de que o pior logo teria passado".[79] Isto é, os cristãos em Sardes podiam dizer: "Essas coisas estavam prestes a morrer; mas não vamos permitir que isso aconteça".

Ramsay destaca em pormenores o significado da ordem à igreja de Sardes de ser **vigilante. A** cidade tinha sido capturada duas vezes pelo inimigo por causa da falta de vigilância da parte do seu povo. **A** primeira vez foi quando o rico Croesus era rei. Ramsay descreve a situação da seguinte maneira:

O descuido e a falta de manter uma vigilância eficiente, decorrentes da confiança excessiva na evidente resistência da fortaleza foram as causas desse desastre, que arruinou a dinastia e causou o fim do império da Lídia e o domínio de Sardes.

Os muros e portões eram extremamente fortes. A colina na qual a cidade alta havia sido erguida era íngreme e imponente. O único acesso à cidade alta era cuidadosamente fortificado para não oferecer chance alguma a um invasor. Mas havia um ponto fraco: em um lugar era possível que um inimigo ágil subisse a parede perpendicular da montanha imponente, se os defensores fossem negligentes e permitissem que ele a escalasse de maneira desimpedida.[80]

Isso ocorreu em 549 a.C. Mas em 218 a.C. voltou a acontecer. Ramsay escreve:

Mais de três séculos depois, um outro caso semelhante ocorreu. Archaeus e Antíoco, o Grande, estavam lutando pelo domínio de Lídia e todo o império selêucida. Antíoco venceu seu rival em Sardes, e a cidade foi capturada novamente por uma surpresa do mesmo tipo: um mercenário de Creta mostrou o caminho, escalando a colina e entrando na fortaleza sem ser observado. A lição dos dias antigos não tinha sido aprendida; a experiência havia sido esquecida; os homens foram desatentos e negligentes; e quando veio o momento da necessidade, Sardes estava despreparada.[81]

O significado dessa lição para os cristãos é óbvio. Precisamos ter apenas um ponto fraco

em nosso caráter, um lugar desprotegido em nossa vida espiritual, para ser vítima da astuta estratégia de Satanás. Continua sendo verdade que a "vigilância eterna é o preço da segurança".

A admoestação à igreja de Sardes continua: **Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te** (3). Há uma mudança freqüente do tempo no grego que é difícil de reproduzir na tradução simples em português. Literalmente seria o seguinte: "Continue lembrando [presente], pois, como você [singular] tem recebido [e continua possuindo; perfeito] e ouviu [aoristo], e continue guardando [presente], e arrependa-se [agora mesmo; aoristo]". Lenski observa: "O arrependimento imediato e verdadeiro é o único remédio para a morte que se estabeleceu ou quase se estabeleceu".[82] Esse arrependimento sempre quando lembramos da Palavra de Deus que temos recebido e ouvido.

Swete mostra bem a força dos tempos nesse versículo: "O aoristo **[ouvido]** volta para o momento em que a fé veio pelo ouvir (Rm 10.17) [...]; o perfeito **[tens recebido]** chama a atenção à responsabilidade permanente da confiança então recebida [...] 'guarde aquilo que recebeu e imediatamente volte-se da sua negligência passada' "f

Os versículos 2,3 sugerem "Cinco Passos para um Avivamento": 1) Sê **vigilante;** 2) **Confirma o restante que estava para morrer;** 3) **Lembra-te;** 4) **Guarda-o;** 5) **Arrepende-te.**

Mais uma advertência é anunciada: **se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.** Esse é um claro eco de Mateus 24.42-44. Repetidas vezes somos advertidos de que Cristo virá num momento inesperado.

5. *Aprovação* (3.4)

Mesmo na igreja morta em Sardes havia um remanescente fiel — **algumas pessoas.** Deissmann diz que a palavra grega (*onoma*) aqui tem "o significado de *pessoa".*[84] Ela é usada dessa forma na Septuaginta em Números 1.2,20; 3.40,43, em que provavelmente traz o pensamento adicional de "pessoas reconhecidas pelo nome". Alguns estudiosos sentem que aqui a palavra significa "algumas pessoas cujos nomes estavam no rol de membros da igreja".[85]

Os fiéis **não contaminaram suas vestes.** Moffatt comenta: "A linguagem reflete registros de cumprimento de votos na Ásia Menor, onde roupas manchadas desqualificavam o adorador e desonravam o deus. A pureza moral nos qualifica para a comunhão espiritual".[86] Ir à presença de Deus com nossos pensamentos e sentimentos manchados com egoísmo é desonrá-lo. As **vestes** da nossa personalidade devem ser mantidas puras se desejamos ter comunhão com Deus.

Para aqueles que mantiveram sua pureza, a promessa é a seguinte: **comigo andarão de branco.** A última palavra está no plural no grego, indicando "roupas brancas".

Uma vez que mantiveram suas vestes limpas eles serão para sempre vestidos de **branco,** símbolo da santidade divina ou da justiça de Cristo. Aqueles que permaneceram brancos são dignos dessa honra.

6. *Recompensa* (3.5)

A promessa ao vencedor em Sardes se encaixa com o que acabou de ser dito: **O que vencer será vestido de vestes brancas.** No melhor texto grego aparece a palavra "assim". O texto deveria ser traduzido da seguinte forma: "O que vencer, será *assim* vestido de vestes brancas" (referindo-se ao versículo anterior). Charles diz: "Essas vestes são os corpos espirituais com as quais o fiel será vestido na ressurreição".[87] Ele encontra apoio para isso em 2 Coríntios 5.1,4 e na literatura intertestamentária. Swete dá a essa expressão uma conotação mais ampla: "Nas Escrituras, vestuário branco denota *a)* festividade... *b*) vitória... c) pureza... *d)* o estado celestial".[88] Ele acrescenta: "Todas essas associações convergem aqui: a promessa é de uma vida livre de contaminação, radiante de alegria celestial, coroada com vitória final".[89] Essa parece ser a explicação mais adequada.

Aquele que **vencer,** que permanece firme até o fim da vida, recebe a promessa: **de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida.** E isso que as palavras de Jesus querem dizer em Mateus 10.22: "aquele que perseverar até ao fim será salvo"; isto é, eternamente. Esse nome não só permanecerá seguro no registro celestial, mas Jesus promete: **confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.** Cristo não se envergonhará em reconhecer aqueles que Lhe pertencem. A linguagem aqui lembra Mateus 10.32: "Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus".

7. *Convite* (3.6)

Essa frase recorrente ressalta a responsabilidade do ouvir. Essas cartas eram lidas em voz alta nas **igrejas.**

F. Carta à Igreja de Filadélfia, 3.7-13

1. *Destinatário* (3.7o)

Essa cidade distava de Sardes pouco menos de 50 quilômetros a sudeste (veja mapa 1). Ela recebeu o nome do seu fundador, Atalus II (Philadelphus), que reinou de 159 a 138 a.C. Muitas vezes sacudida por terremotos, ela foi destruída em 17 d.C., junto com Sardes e dez outras cidades no vale de Lídia. O medo fez com que grande parte da população deixasse de mprar no interior dos seus muros. Aparentemente, tanto a cidade quanto a igreja eram pequenas nessa época.

A adoração principal era a Dionísio (mais tarde chamado de Baco). Mas a carta indica que a principal oposição veio dos judeus e não dos pagãos.

Quando os turcos conquistaram a Ásia Menor na Idade Média, **Filadélfia** suportou o ataque por muito mais tempo do que outras cidades. Ramsay diz: "Ela exibia todas as qualidades nobres de perseverança, verdade e constância que são atribuídas a ela na carta de João".[90] Hoje há uma cidade relativamente grande lá, com uma estação ferroviária.

2. Autor (3.7*b)*

Cristo se descreve como **o que é santo** — literalmente, "o Santo", um nome para a divindade. Ele também é **o que é verdadeiro,** "o Verdadeiro". A palavra grega para **verdadeiro** (*alethinos*) significa "*verdadeiro*, no sentido de real, ideal, genuíno".[91] Bultmann diz: "Em relação às coisas divinas ela tem o sentido daquilo que verdadeiramente é, ou daquilo que é eterno".[92] Comentando a respeito desse título duplo de Jesus, Swete escreve: "0 Cabeça da Igreja é descrito ao mesmo tempo como santidade absoluta [...] e como verdade absoluta; Ele é tudo aquilo que afirma ser, cumprindo os ideais que prega e as esperanças que inspira".[93] Charles entende que, no Apocalipse, não temos o sentido clássico do grego *alethinos* ("genuíno") como acontece no Evangelho de João. Em vez disso, é a ênfase hebraica na fidelidade de Deus. Ele diz: "Por isso, *alethinos* sugere que Deus ou Cristo, como verdadeiro, cumprirá a sua palavra".[94]

Jesus então se descreve como **o que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém fecha, e fecha, e ninguém abre.** Essas palavras são citadas de Isaías 22.22. Ali o Senhor fala de Eliaquim, servo fiel de Ezequias: "E porei a chave da casa de Davi sobre o seu ombro, e abrirá, e ninguém fechará, e fechará, e ninguém abrirá". A **chave** é o símbolo de autoridade. Charles observa que a expressão **a chave de Davi** "evidentemente tem um significado messiânico [...] As palavras ensinam que a Cristo pertence completa autoridade com respeito à admissão ou exclusão da cidade de Davi, a nova Jerusalém".[95] Mas já em 1.18, Jesus tinha declarado que Ele tinha as chaves da morte e do Hades. Assim, Ele exercita autoridade no céu, na terra, e mesmo no reino dos mortos.

3. *Aprovação* (3.8-10)

À igreja de Filadélfia, Cristo disse: **eis que diante de ti pus uma porta aberta** (8) — literalmente: "uma porta que foi aberta e permanece aberta". A figura de uma porta aberta era familiar para os cristãos do primeiro século. Os missionários pioneiros, Paulo e Barnabé, relataram em Antioquia que Deus "abrira aos gentios a porta da fé" (At 14.27). Em relação à sua obra em Efeso, Paulo escreveu: "porque uma porta grande e eficaz se me abriu" (1 Co 16.9). Pouco mais tarde, ele diz: "quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo [...] abrindo-se-me uma porta no Senhor" (2 Co 2.12). Ele pediu aos colossenses a orarem "para que Deus nos abra a porta da palavra" em Roma (Cl 4.3). Essas passagens das epístolas de Paulo parecem indicar o que significa uma **porta aberta.** Ela significa uma boa oportunidade para a obra missionária.

Ramsay denomina Filadélfia "a igreja missionária". Ele diz o seguinte dessa cidade:

A intenção dos seus fundadores era torná-la um centro da civilização greco-asiática e um meio de espalhar a língua grega e seus costumes na parte oriental da Lídia e da Frigia. Ela era uma cidade missionária desde o seu princípio [...] O seu ensinamento foi bem-sucedido. Antes de 19 d.C., a língua nativa tinha deixado de ser falada na Lídia e a língua grega era a única falada nesse país.[96]

Mas agora a igreja de Filadélfia foi chamada para um tipo de obra missionária muito mais importante, que é a de espalhar o evangelho de Jesus Cristo. Para essa tarefa, ela estava num lugar apropriado. A estrada do esplêndido porto de Esmirna passava por Filadélfia. Além do mais, "a estrada imperial do correio de Roma até as províncias mais ao leste" passava por Trôade, Pérgamo, Tiatira, Sardes e Filadélfia. "Ao longo dessa grande rota a nova influência estava constantemente se movendo para o leste da Filadélfia, na forte corrente de comunicação que saía de Roma, passava pela Frigia e ia em direção ao Oriente distante [...] Filadélfia, portanto, era a guardiã do portão para o planalto; mas a porta tinha agora sido permanentemente aberta diante da Igreja, e a obra de Filadélfia era passar por ela e levar o evangelho para as cidades da Frigia".[97]

A igreja em Filadélfia se torna um símbolo da grande iniciativa de missões mundiais, a próxima etapa na história do cristianismo depois da Reforma Protestante. Nos primeiros 150 anos depois do início de missões modernas protagonizado por William Carey em 1792, provavelmente mais obras missionárias foram desenvolvidas do que nos 1500 anos anteriores.

Acerca dessa porta aberta Jesus disse: **ninguém a pode fechar.** A "chave de Davi" (v. 7) tinha destrancado a porta, e nenhum humano ou força demoníaca poderia fechá-la. Nunca antes, em 1900 anos de história cristã, o desafio da **porta aberta** de missões mundiais foi maior do que agora.

Parece surpreendente ler: **tendo pouca força.** Evidentemente, a igreja de Filadélfia era pequena e talvez seus membros fossem na maioria da classe mais pobre. A declaração **guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome** deveria ser traduzida da seguinte forma: "E mesmo assim guardaste a Minha palavra e não negaste o meu nome". Evidentemente, a congregação tinha passado por um tempo de provação, mas permaneceu firme.

A frase **a sinagoga de Satanás (9)** já tinha aparecido em **2.9,** na carta a Esmirna. Nessas duas cidades a oposição à igreja veio principalmente dos judeus. Mas eles não são verdadeiros judeus, porque não seguem os passos do Pai Abraão, nem guardam o espírito da lei de Moisés (veja comentários em **2.9).**

Desses falsos judeus o Senhor diz: **eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés,**[98] **e saibam que eu te amo.** Isso parece indicar que alguns judeus seriam convertidos ao cristianismo. Essa interpretação é fortalecida pela primeira frase do versículo: **eu farei aos da sinagoga de Satanás. O** grego traz: "eu darei da sinagoga de Satanás [não **eu farei]".** Alguns seriam salvos.

Confirmação indireta disso é encontrada na carta de Inácio aos cristãos em Filadélfia *(ca.* 120 d.C.), na qual ele os adverte para não darem ouvidos aos judaizantes. Evidentemente,

os judeus se tornaram influentes na congregação de Filadélfia.

Cristo elogiou a igreja porque ela tinha guardado **a palavra da minha paciência** (10), ou "resistência". Erdman diz que essa frase dá a impressão de significar: "A pregação dessa imutável resistência com a qual no meio de privações Cristo deve ser servido".[99] Mas é **minha paciência.** Trench está certo quando comenta: "Muito melhor, no entanto, é entender todo o evangelho como *'a palavra da paciência de Cristo',* ensinando em toda parte, como está ocorrendo, a necessidade de uma espera paciente por Cristo, até que Ele, o esperado por tanto tempo, finalmente apareça".[100] Lenski vai mais longe e sugere que a frase deveria ser traduzida da seguinte forma: "a Palavra que trata da resistência do Senhor".[101] Talvez esses dois pensamentos deveriam ser combinados: é a resistência paciente de Cristo como um exemplo para permanecermos constantes.

Uma vez que a igreja em Filadélfia tinha guardado essa palavra de Cristo, Ele, por sua vez, a guardará da **hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo** (terra habitada), **para tentar os que habitam na terra.** 0 substantivo grego para **tentação** é *peirasmos,* e o verbo grego para **tentar** é *peirazo.* A conexão óbvia no grego também aparece na versão em português (o mesmo não ocorre na KJV). O verbo significa "testar, colocar à prova". Uma tradução correta seria "provação [...] prova" (NVI) ou "teste [...] testa" (NASB).

O alcance mundial dessa prova mostra que a referência principal é ao período da chamada Grande Tributação no tempo da Segunda Vinda. Mas há talvez uma aplicação secundária às perseguições romanas ao cristianismo, que se estendiam pela terra então conhecida — o Império Romano.

Tem havido uma discussão considerável se **te guardarei da hora da tentação** significa isenção do tempo da provação ou ser guardado nesse tempo. **A** palavra **da** no grego não é *apo,* "para longe de", mas *ek,* que significa "fora de". A luz disso, Carpenter escreve: **"A** promessa não significa ficar guardado longe da tribulação, mas ser guardado no meio dela" — da mesma forma que a cabeça de alguém é "mantida acima da água".[102] Swete escreve: "Para a igreja de Filadélfia a promessa era uma garantia de proteção em qualquer prova que lhe pudesse sobrevir".[103] Também é uma promessa para nós de que o nosso Senhor nos manterá em segurança em qualquer época de teste.

4. *Exortação* (3.11)

Na carta para Filadélfia, como na carta para Esmirna, não há palavra de censura. Assim, passamos imediatamente para a exortação.

Ela começa com uma promessa misturada com advertência: **Eis que venho sem demora.**[104] O significado principal de **sem demora** (cf. 22.20) é que o Senhor *não atrasará* a sua vinda além do tempo fixado. Mas, uma vez que não sabemos quando isso acontecerá, devemos estar constantemente preparados. Além disso, para o Senhor mil anos são como um dia (2 Pe 3.8). Assim, dois mil anos ainda seriam **sem demora.**

A conexão próxima desse versículo com o anterior sugere que a vinda de Cristo vai livrar os seus da hora da tribulação. Alguns têm sugerido que, da mesma forma que os israelitas tiveram de tomar parte das três primeiras pragas (sangue, sapos, piolhos) com os egípcios (Ex 8.22), assim a Igreja poderá passar pela primeira parte da Grande Tribulação antes de ser levada por Cristo.

A igreja de Filadélfia é admoestada: **guarda o que tens.** Swete sabiamente observa: "A promessa de proteção (v. 10) traz consigo a responsabilidade de um esforço contínuo".[106] **Coroa** significa a "coroa da vitória" (veja comentários em 2.10). A advertência é contra fracassar na corrida da vida e, conseqüentemente, perder o direito à coroa da vida. Ou seja: "toma cuidado **para que ninguém tome a tua coroa".** Esse objetivo é alcançado ao correr com sucesso até o fim.

5. *Recompensa* (3.12)

Para o vitorioso será erguida uma **coluna no templo do meu Deus.** Swete comenta: "Há uma dupla propriedade nessa metáfora: enquanto a coluna dá estabilidade à construção que se apóia sobre ela, ela mesma está firme e permanentemente estabelecida; e esse lado do conceito freqüentemente vem à tona [...] e é preeminente aqui".[106]

Uma vez que ele esteja estabelecido, **dele** [do templo] **nunca sairá.** Quando o período da provação chegar ao fim e o vencedor tiver se tornado uma **coluna** no templo eterno de Deus, não haverá mais possibilidades de cair. O caráter dos santos glorificados será firmado para sempre.

A respeito do vencedor, Cristo disse que escreveria três nomes: **o nome do meu Deus [...] o nome da cidade do meu Deus[...] e também o meu novo nome. O** nome de Deus, significando sua posse, era colocado sobre os israelitas; porque logo após a bela bênção sumo sacerdotal (Nm 6.24-26), é acrescentada: "Assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei" (Nm 6.27). A **nova Jerusalém** é descrita em mais detalhes nos capítulos 21—22. Aqui há apenas uma referência de passagem acerca dela.

O que significa **o meu novo nome?** Trench diz que é esse "nome misterioso e, na necessidade das coisas, não comunicado e, para o tempo presente, incomunicável, que, nessa mesma visão mais sublime, é mencionado como: 'e tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão ele mesmo' (19.12) [...] Mas o mistério desse novo nome, que nenhum homem é capaz de descobrir, que nessa condição presente ele não é capaz de receber, será dado aos santos e cidadãos da nova Jerusalém. Eles conhecerão como são conhecidos (1 Co 13.12)".[107] Swete sugere que o **novo nome** de Cristo é "um símbolo para a glória mais completa de sua Pessoa e Caráter que aguardam revelação na sua Vinda".[108]

Três pensamentos se destacam nessa "Promessa ao Vencedor": 1) Consagração completa a Deus — **o nome do meu Deus;** 2) Cidadania intransferível na cidade celestial **— o nome da cidade do meu Deus;** 3) Conhecimento mais completo de Cristo na Segunda Vinda —

meu novo nome.[109]

6. *Convite* (3.13)

Ouça significa "preste atenção". E o que queremos comunicar quando dizemos: "Agora, *escute*-me".

G. **Carta à Igreja de Laodicéia,** 3.14-22

1. *Destinatário* (3.14a)

A KJV traduz aqui: "à igreja dos Laodicenses". Essa tradução tem provocado uma série de comentários e interpretações. Mas ela praticamente não tem apoio dos manuscritos gregos. A tradução correta é: "à igreja que está em Laodicéia". Ela é similar em forma com os destinatários das outras igrejas.

Laodicéia distava cerca de 60 quilômetros a sudeste de Filadélfia. Ela se localizava junto ao rio Licos, 10 quilômetros ao sul de Hierápofis e 16 quilômetros a oeste de Colossos (veja mapa 1). Fundada por Antíoco II (267-246 a.C.j, essa cidade foi chamada de Laodicéia em homenagem à sua esposa, Laodice. Visto que estava localizada na junção de três estradas importantes, tornou-se uma grande cidade comercial e administrativa. O fato de ser um centro financeiro, a tornou tão próspera que foi capaz de reconstruir-se depois do grande terremoto em 60 d.C. sem o subsídio imperial. Ela também era conhecida pela fabricação de roupas e tapetes de uma lã preta, brilhante e macia. Laodicéia também era famosa por causa da sua renomada escola de medicina.

A igreja de Laodicéia já existia quando Paulo estava preso em Roma. Ele escreveu uma carta a ela (cf. Cl 4.16) que evidentemente se perdeu.

A cidade foi conquistada pelos turcos. No lugar existe hoje uma série de ruínas, ainda não escavadas.

2 .*Autor* (3.14 6)

Jesus aqui se identifica como **o Amém.** Isso pode ser um eco de Isaías **65.16,** em que encontramos no hebraico: "o Deus do Amém" (ou "o Deus da verdade"). A palavra foi traduzida do hebraico para o grego e, tempos depois, para o inglês e outras línguas modernas. Hoje, entre os cristãos de todos os países e línguas ouvimos o mesmo "Amém!".

Provavelmente há uma conexão próxima entre o uso freqüente desse termo por Jesus como está relatado nos Evangelhos. Essa palavra aparece 51 vezes nos Sinóticos e 50 vezes no Evangelho de João. Ela é traduzida como "na verdade" (sempre duplo em João) na frase: "Na verdade vos digo".

O autor mais adiante se descreve como **a testemunha fiel e verdadeira** (veja comentários em **1.5; 3.7).** Isso provavelmente é sinônimo de **o Amém,** que é colocado aqui "porque essa é a última das sete epístolas, para que possa confirmar o todo".[110]

O terceiro item na descrição é: **o princípio da criação de Deus.** Mestres heréticos têm se aproveitado dessa frase como prova de que Cristo não era eterno. Mas em Colossenses, em que Ele é designado "o primogênito de toda a criação" (1.15), é mencionado logo em seguida: "porque nele foram criadas todas as coisas [...] E ele é antes de todas as coisas" (1.16-17). Além disso, em seu Evangelho, João diz acerca do Logos: "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). A frase aqui deve ser interpretada à luz dessas outras passagens. Ela significa "a origem (ou 'fonte original') da criação de Deus".[111]

3 .*Aprovação* (3.15-17)

No caso da igreja de Laodicéia não há palavras de aprovação ou recomendação. E um fato impressionante que não se diga nada aqui acerca dos nicolaítas ou qualquer outro grupo herético. Pelo que tudo indica, a igreja era ortodoxa. Mas era uma ortodoxia morta. O que estava errado com a igreja de Laodicéia não era um problema da cabeça, mas um problema do *coração.* Isso era muito mais sério.

A essa igreja o Senhor disse: **Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente. Tomara que foras frio ou quente** (15). A palavra grega para **frio** (*psychros*) é usada somente nos versículos 15-16 e em Mateus 10.42 — "um copo de água fria". **Quente** é *zestos* (somente nos w. 15-16 no NT). Essa palavra significa "quente a ponto de ferver", assim **frio** aqui provavelmente significa "frio a ponto de congelar".[112] A igreja não era nem friamente indiferente nem fervorosa no espírito (cf. Rm 12.11).

A reação do Cabeça da Igreja é expressa com palavras fortes: **Assim, porque és momo e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca** (16). Alguns alimentos são gostosos somente quando estão frios, outros somente quando estão quentes. Alguns alimentos são gostosos tanto frios quanto quentes. A maioria das pessoas gosta de suco gelado e café ou chá quente; mas quem gosta de uma bebida morna? As palavras gregas para **morno** e **vomitar** (esta é *emeo,* no grego) são encontradas somente aqui no Novo Testamento.

A pior coisa a respeito da condição dessa igreja era sua autocomplacência: **Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta** (17). A igreja evidentemente refletia o comportamento da comunidade (veja comentários no v. 14). **Enriquecido** significa literalmente: "acumulei riquezas" (mesma raiz de **rico** na frase anterior); em outras palavras: "Obtive minha riqueza com meu próprio esforço". A primeira frase expressa auto-satisfação; a segunda, orgulho.

Não existe um exemplo mais triste de orgulho insensível do que o que é exibido na declaração: **de nada tenho falta.** Que contraste com a humildade realista expressa nas palavras do hino "Preciso de Ti a toda hora". Esse é o verdadeiro espírito cristão de dependência.

A avaliação de Cristo acerca dessa igreja era bem diferente da avaliação que essa igreja fez dela mesma. Ele disse: **e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu.** O grego é consideravelmente mais vivido: "e não sabes que *thou* (enfático no gr. — tu que tens te vangloriado) és o desgraçado, e desprezível, e pobre, e cego e nu". **Desgraçado** é encontrado somente aqui e em Romanos 7.24 (no texto grego): "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?". **Miserável** ocorre somente aqui e em 1 Coríntios 15.19: "Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens".

Swete resume o restante do versículo da seguinte forma: "Os três adjetivos seguintes relatam os motivos para a comiseração; um pedinte cego [...] escassamente vestido (cf. Jo 21.7) não era mais merecedor de compaixão do que essa igreja rica e presunçosa".[113] **Pobre [...] cego [...] nu** devem ser entendidos metaforicamente, descrevendo a.condição espiritual da igreja. No entanto, pode haver uma alusão indireta aos recursos ostentosos da cidade onde estavam localizados. A igreja era **pobre** em um centro financeiro opulento, **cego** em uma comunidade que tinha uma excelente escola de medicina, e **nu** em um lugar famoso pela fabricação de roupas feitas de uma lã de alta qualidade. E possível que a Igreja dos nossos dias prospere exteriormente no meio de prosperidade material, e mesmo assim seja pobre, cega e espiritualmente nu.

4. *Exortação* (3.18-20)

A essa igreja opulenta, que "não tinha falta de nada", Jesus disse: **aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças** (18). O termo **compres** é um eco de Isaías 55.1: "vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite". Essa é a única maneira de comprarmos de Deus. **De mim** é enfático. Essas coisas necessárias podem ser adquiridas somente de Cristo.

Provado no fogo ou "refinado no fogo", isto é, purificado pelo fogo. A mesma forma verbal ocorre na Septuaginta em Salmos 18.30 — "a palavra do Senhor é provada". Em Provérbios 30.5, lemos "pura" — "Toda palavra de Deus é pura". Assim, aqui significa que esse ouro é puro e genuíno.

Além disso, a igreja precisava de **vestes brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez.** A roupa branca e pura estava em contraste com a lã preta, pela qual Laodicéia era famosa.

Em terceiro lugar, Jesus aconselhou a igreja para **que unjas os olhos com colírio, para que vejas.** Acerca desse remédio, Charles diz: "Em nosso texto refere-se ao famoso pó da Frigia usado pela escola de medicina de Laodicéia".[114]

Não se deve deixar de notar que as três partes do versículo 18 correspondem aos últimos três adjetivos do versículo 17: "pobre", "nu", "cego". A igreja de Laodicéia achava que não precisava de nada. Na verdade, ela sentia falta das necessidades mais básicas da vida espiritual.

Nesse versículo, vemos "O que é o Evangelho": 1) Riqueza divina para nossa pobreza espiritual; 2) Veste branca de justiça para nossa pecaminosidade; 3) Visão espiritual para nossa cegueira.

A exortação continua: **Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê, pois, zeloso e arrepende-te** (19). O castigo é um sinal do cuidado amoroso de Deus como nosso Pai celestial (cf. Hb 12.5-11). E interessante que o verbo **amo** aqui não é o costumeiro *agapao,* mas *phileo,* que introduz um toque meigo e sentimental — para a igreja que menos o merecia! **Repreendo** é "declarar culpado". **Castigo** é literalmente "educar uma criança". Tudo isso mostra a compaixão de Cristo em lidar com essa igreja como uma criança geniosa que precisava do amor e disciplina do Pai. Swete observa: "Talvez a condição deplorável da igreja de Laodicéia era devida à falta de correção; não há nenhuma palavra de quaisquer provas até aqui sofridas por essa igreja".[115]

Essa igreja tinha falta de "tempero" (veja comentários acerca de "quente", v. 15). Ela carecia de zelo. Assim, o Senhor disse: **sê, pois, zeloso** (imperativo presente, sê constantemente zeloso). **Arrepende-te** está no aoristo, requerendo uma ação imediata em uma decisão crucial.

Pode parecer estranho que **sê [...] zeloso** preceda **arrepende-te.** Plumptre observa: "A raiz da maldade da igreja de Laodicéia e seus representantes era sua indiferença e mornidão, a ausência de qualquer zelo, de qualquer seriedade. E o primeiro passo, portanto, para coisas mais elevadas era passar para um estado em que esses elementos de vida não mais seriam manifestos pela sua ausência".[116]

A esse chamado para arrependimento "Cristo acrescenta a mensagem mais terna encontrada nessas cartas":[117] **Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo (20).** Esse é um dos mais importantes textos do evangelho no Novo Testamento e deveria ser citado frequentemente na evangelização pública e na abordagem pessoal. Por esse motivo, esse versículo deveria ser memorizado por todo cristão e ganhador de almas.

A simplicidade do evangelho é expressa de maneira singular nessa passagem. Cristo está parado à porta do coração de cada pecador, batendo e esperando para entrar. Ele não vai demolir a porta e forçar a entrada, porque nos criou com vontade própria e não violará esse aspecto. Mas se o pecador abrir a porta, o que só ele pode fazer, o Salvador promete entrar. A grande tela de Holman Hunt, "A Luz do Mundo", é a evangelização tornada visual.

A idéia de "cear" é de comunhão, e mais especificamente de uma comunhão sem pressa ao redor da mesa do jantar, quando a agitação do dia passou. O pensamento é expresso belamente pela NEB: "e sentar para jantar com ele". Esse aspecto também antevê o banquete eterno com Cristo.

A comunhão é dupla. G. Campbell Morgan a descreve da seguinte forma: "Primeiro, serei seu Convidado, 'Eu cearei com ele'. Ele será o meu convidado, 'e ele comigo'. Sentarei à

mesa que o seu amor provê e satisfarei o meu coração. Ele sentará à mesa que o meu amor proverá e satisfará o seu coração".[118]

5. *Recompensa* (3.21)

A promessa final é: **Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.**

Esse é um eco e extensão da promessa que Jesus fez aos seus doze apóstolos em Mateus 19.28 e Lucas 22.29,30. Jesus venceu todas as tentações e provações na sua vida na terra e recebeu sua recompensa. Para aqueles que o seguem plena e fielmente até o fim, uma recompensa igual o estará aguardando. Essa promessa obviamente antecipa a vida futura.

6. *Convite* (3.22)

Mais uma vez os ouvintes dessas cartas são admoestados a ouvir **o que o Espírito diz às igrejas.** Todas as sete mensagens estão repletas de advertências e exortações salutares para os cristãos de hoje. Faríamos bem se prestássemos atenção a elas.

Seção III

O FUTURO

Apocalipse 4.1—22.21

Nesse ponto ocorre no livro de Apocalipse uma mudança drástica de cena e assunto. R. H. Charles escreve: "O contraste dramático não podia ser maior. Até aqui a cena das visões do Vidente tinha sido a terra; agora é o céu [...] Nos capítulos 2 e 3 tivemos uma descrição vivida das igrejas cristãs da Ásia Menor [...] Mas no momento que deixamos a inquietação, as aflições, as imperfeições e apreensões que permeiam os capítulos 2 e 3, passamos no capítulo 4 para uma atmosfera de segurança e paz perfeita [...] Prevalece uma harmonia infinita de justiça e poder".[1]

A cena muda da terra para o céu. O assunto muda do cuidado de Cristo como Cabeça pelas condições predominantes na igreja para a autoridade soberana sobre seu universo.

Já observamos que 1.19 sugere uma divisão tríplice do livro de Apocalipse: 1) O Passado — "as coisas que tens visto", cap. 1; 2) O Presente — "as coisas que são", caps. 2—3; 3) O Futuro — "as coisas que hão de vir", caps. 4—22.

Quanto à interpretação das duas primeiras divisões há uma pequena diferença de opinião. João teve uma visão de Jesus glorificado parado no meio da sua Igreja (cap. 1). Isto está claro. Nos capítulos 2—3, encontramos as cartas às sete igrejas da Ásia. A maioria dos comentaristas concorda que essas cartas descrevem condições reais em igrejas reais no primeiro século — embora elas também possam dar uma visão geral das condições gerais a serem encontradas na cristandade até os nossos dias.

Mas quando chegamos à terceira seção de Apocalipse, a situação é bastante diferente. Desconsiderando os "aspectos lunáticos" de incontáveis aberrações, descobrimos três principais escolas de interpretação. A primeira, chamada a *preterista,* encontra o cumprimento dos capítulos 4—22 nos eventos do período imperial. O grande inimigo da Igreja, a besta, é o Império Romano. A segunda, chamada *historicista,* busca o cumprimento nos acontecimentos sucessivos de toda a era da Igreja e nos eventos culminantes que se seguem. Aqui geralmente se afirma que a besta é a igreja católica romana ou, mais especificamente, o papado. A terceira, chamada *futurista,* entende que o livro de Apocalipse, a partir de 4.1, ainda precisa ser cumprido no fim dessa era. Ela continua sendo futura do ponto de vista do leitor de hoje. A besta é identificada como o Anticristo. Veremos todas as três interpretações em conexão com passagens-chave.

Essa terceira seção do Apocalipse parece compor-se de sete visões: 1) O Trono e o Cordeiro (4.1—5.14); 2) Os Sete Selos (6.1—8.1); 3)As Sete Trombetas (8.2—11.19); 4) A Sétupla Visão (12.1—14.20); 5) As Sete Taças (15.1—16.21); 6) As Sete Últimas Cenas (17.1—20.15); 7) A Nova Jerusalém (21.1—22.21).

A. O **Trono e o Cordeiro,** 4.1—5.14

1. A Adoração *a Deus como Criador* (4.1-11)

A primeira visão é dupla. Ela mostra a adoração a Deus como Criador (cap. 4) e a adoração a Cristo como Redentor (cap. 5). Essa adoração, João vê acontecer no céu.

a) *O trono de Deus* (4.1-6a). João viu **uma porta aberta no céu** (1). O grego claramente afirma que João viu uma porta que tinha sido aberta e permanecia aberta (parti-cípio passivo perfeito). Como Simcox diz: "Ele viu a porta aberta; ele não a viu sendo aberta".[2] Era uma porta da revelação que permitiu uma visão do céu.

Barclay observa que nesses primeiros capítulos do livro encontramos "Três Portas Importantes na Vida": 1) A porta da oportunidade (3.8); 2) A porta do coração humano (3.20); 3) Aporta da revelação (4.1).

A primeira voz, que [...] ouvira falar comigo é evidentemente a voz de Cristo, mencionada em 1.10. Lá, como aqui, ela é descrita como o som de **trombeta,** poderosa e penetrante. Essa voz disse: **Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.** João teria uma prévia do futuro.

Logo o vidente foi **arrebatado em espírito** (2). Para o significado dessa frase veja os comentários em 1.10. Aqui evidentemente significa que João foi levado espiritualmente (não fisicamente) para o céu.

Lá ele viu **um trono** e Alguém sentado nele. Aquele sentado no trono **era na aparência, semelhante à pedra de jaspe e de sardônica,** com um arco **semelhante à esmeralda** (3). Swete faz essa observação útil: "A descrição rigorosamente evita detalhes antropomórficos, O olho do vidente fica detido pelo luzir das cores como de

pedras preciosas, mas ele não vê nenhuma forma".[3]

A identificação dessas três pedras é debatida. Não se sabe ao certo se a pedra de **jaspe** era vermelha ou verde. A pedra **sardônica** era vermelha. O **arco** (gr., íris[4]) **era semelhante à esmeralda,** que é verde. Phillips traduz essa passagem da seguinte maneira: "Sua aparência resplandecia como diamante e topázio, e ao redor do trono brilhava um arco semelhante a um arco-íris de esmeraldas".

Nos vinte e quatro assentos ao redor do trono havia **vinte e quatro anciãos** assentados (4). Por que vinte e quatro? Alguns sugerem que eles representavam os vinte e quatro turnos dos sacerdotes (1 Cr 24). Vitorinus, o comentarista latino mais antigo de Apocalipse, diz que os anciãos representavam os doze patriarcas e os doze apóstolos. Com base nisso, Swete encontra "na representação dupla a sugestão dos dois elementos que coexistiam no novo Israel, os crentes judeus e os crentes gentios que eram um em Cristo. Assim, os 24 anciãos formavam a Igreja em sua totalidade".[5] Melhor ainda, eles podem ser considerados os representantes de todo o povo de Deus, tanto dos santos do Antigo Testamento quanto dos cristãos.

Esses anciãos estavam **vestidos de vestes brancas; e tinham sobre a cabeça coroas de ouro.** Eles estavam *limpos* e *coroados*. A palavra para **coroas** significa as coroas dos vencedores (cf. 2.10).

Do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes (5). Esses três elementos são mencionados em conexão com a concessão da lei (Ex 19.16). Barclay comenta: "Aqui João está usando a imagem que é regularmente conectada com a presença de Deus".[6]

Diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo que eram identificadas como **os sete Espíritos de Deus.** Areferência é evidentemente ao Espírito Santo (veja comentários de 1.4).

Havia diante do trono um como mar de vidro (6). Isto é, ele parecia como um mar de vidro. Para ressaltar sua transparência, é acrescentado: **semelhante ao cristal.** Quanto ao significado do mar semelhante ao vidro, Swete diz: "Ele sugere a vasta distância que, mesmo no caso de alguém que estava parado na porta do céu, existia entre ele mesmo e o Trono de Deus".[7]

b) As *quatro criaturas viventes* (4.6Ò-8). Elas estão **no meio do trono e ao redor do trono** (6). Essa estranha combinação é explicada da seguinte maneira por Moffatt: "e no meio (de cada lado) do trono e (conseqüentemente) ao redor do trono".[8]

Animais *(zoa)* deveria ser traduzido por "criaturas viventes". A tradução aqui é particularmente infeliz visto que "animais" ou "bestas" é a tradução correta de *theria* nos capítulos 11—13. Trench escreve o seguinte acerca dessas duas palavras gregas: "Ambas desempenham um importante papel nesse livro; ambas têm um simbolismo muito elevado; mas ambas se movem em esferas tão distantes uma da outra quanto dista o céu do inferno. As *zoa* ou 'criaturas viventes', que estão diante do trono e em quem habitam

a plenitude de toda criatura [...] constitui uma parte do simbolismo *celestial,* as *theria,* a primeira besta e a segunda [...] essas formam parte do simbolismo *diabólico".*[9]

Os quatro animais ("criaturas viventes") são descritos como **cheios de olhos por diante e por detrás.** Isso sugere que eles sabiam tudo que estava acontecendo; isto é, eles mantinham uma vigilância ininterrupta.

Tem havido muita discussão em relação ao significado dessas quatro criaturas viventes. Lenski escreve: "As *zoa* têm sido chamadas de esfinge do Apocalipse. Um autor oferece vinte e uma interpretações".[10] Mas isso é tornar a situação desnecessariamente difícil. Swete sugere esta simples explicação: "As *zoa* representam criação e a imanência divina na natureza".[11] Um pouco mais adequada é a interpretação de Donald Richardson: "Quatro é o número cósmico: e as quatro criaturas viventes dos versículos 6-8 são o símbolo de toda a criação redimida, transformada, aperfeiçoada e trazida para debaixo da obediência à vontade de Deus e manifestando a sua glória".[12] Alguns entendem que os vinte e quatro anciãos representam os santos redimidos de todos os tempos e as quatro criaturas viventes representam os seres angelicais.

As quatro criaturas viventes são descritas como: **semelhante a um leão [...] semelhante a um bezerro [...] o rosto como de homem [...] semelhante a uma águia voando** (7). Essas são as mesmas faces das "quatro criaturas viventes" **[animais]** de Ezequiel 1.5-10 e similares às faces dos "querubins" de Ezequiel 10.14. Ao entender que as criaturas viventes representam toda criação, Swete escreve: "As quatro formas sugerem [respectivamente] o que é mais nobre, mais forte, mais sábio e mais veloz na natureza animada".[13] Alguns dizem que Mateus tipifica Cristo como um **leão** (Rei), Marcos como um **bezerro,** ou boi (Servo), Lucas como um **homem** (Filho do Homem) e João como uma **águia voando** (Filho de Deus). Os paralelos, embora interessantes, não devem ser exagerados.

Cada uma das quatro criaturas viventes tem **respectivamente, seis asas e, ao redor e por dentro, estavam cheios de olhos** (8). Uma tradução melhor seria: "E as quatro criaturas viventes, cada uma delas tendo seis asas, estão cheias de olhos ao redor e por dentro" (NASB). Donald Richardson sugere que as asas "simbolizam a perfeição do seu equipamento para o serviço de Deus".[14] Quanto ao significado dos **olhos** veja os comentários do versículo 6.

Acerca das quatro criaturas viventes lemos: **e não descansam nem de dia nem de noite.** Swete escreve: "Essa atividade ininterrupta, da natureza debaixo da mão de Deus é um tributo ininterrupto de louvor".[15] Elas clamam: **Santo, Santo, Santo.** Esse é um eco do clamor dos serafins em Isaías 6.3. **Senhor Deus, o Todo-poderoso** substitui o "Senhor dos Exércitos" em Isaías. Acerca do significado de **que era, e que é, e que há de vir,** veja os comentários em 1.8.

No versículo 8, encontramos "Um Cântico de Louvor a Deus": 1) Pela sua santidade; 2) Pela sua onipotência; 3) Pela sua eternidade (Barclay).

c) *O louvor universal* (4.9-11). As quatro criaturas viventes dão **glória, e honra, e ações de graças** a Deus (9). Swete diz: "Enquanto *time* (honra) e *doxa* (glória) dizem respeito às perfeições divinas, *eucharistia* (ações de graça) se refere aos dons na criação e redenção".[16] **Que vive para todo o sempre** é encontrado novamente em 4.10; 10.6; 15.7. Deus é supremamente o "Deus vivo".

Na sua adoração ininterrupta, as quatro criaturas viventes recebem a companhia dos vinte e quatro **anciãos,** que se prostram **diante do que estava assentado sobre o trono** (10). Eles estavam assentados na sua presença (v. 4). Mas agora são impelidos a prostrar-se em adoração diante do Eterno, lançando suas **coroas** de vitória aos seus pés. Isso era "equivalente a um reconhecimento de que sua vitória e sua glória eram de Deus, e isso somente por meio da graça dele".[17]

Ao adorá-lo, eles o aclamavam como **Digno [...] de receber glória, e honra, e poder (11).** Eles o reconheciam como o grande Criador de **todas as coisas.** Para a sua **vontade** (*thelema*) **são e foram criadas. O** grego diz: "elas eram, e foram criadas". Novamente Swete apresenta a melhor explicação: "A Vontade divina tinha feito do universo um fato no projeto das coisas antes que o Poder divino desse expressão material ao fato".[18]

2. A Adoração de Cristo como Redentor (5.1-14)

No capítulo 4, vimos Deus sentado no seu trono eterno, recebendo louvor perpétuo. No capítulo 5, encontramos Cristo, o Cordeiro, revelado como Redentor divino.

a) *O livro selado* (5.1-5). O Eterno, sentado no seu trono, tinha em sua mão direita **um livro** (1). A palavra grega é *biblion* — lit.: "feito de papiro" — de onde vem a "Bíblia". Ela significa um "rolo" ou "pergaminho" (veja comentários em 1.11). Esse rolo foi **escrito por dentro e por fora.** Geralmente, a escrita aparecia somente por dentro, onde as tiras de papiro corriam horizontalmente. Mas, ocasionalmente, também se escrevia do lado de fora, onde seria difícil escrever nas tiras perpendiculares. Folhas de papiro (de onde vêm o "papel") eram elaboradas ao se colarem tiras de papiro horizontais sobre tiras verticais. Esse é o material no qual a maior parte do Novo Testamento, se não todo ele, foi originariamente escrito. Nossos manuscritos gregos mais antigos, do terceiro século, são de papiro.

Esse rolo foi **selado com sete selos. Selado** é o particípio passivo perfeito de um verbo composto, sugerindo que ele foi "completamente selado", ou "selado firmemente". Esse aspecto é reforçado com a menção dos **sete selos,** o número da perfeição ou inteireza.

Alguns acreditam que os **sete selos** se referem a um costume legal daquela época. Charles os descreve como: "Uma resolução, de acordo com o Testamento Pretoriano, na lei romana trazia os sete selos das sete testemunhas nos fios que seguravam as tabuinhas ou o pergaminho [...] Esse Testamento não podia ser executado até que todos os sete selos tivessem sido quebrados".[19]

Qual **livro** João tinha visto? Muitas respostas têm sido apresentadas a essa pergunta.

Simcox resume algumas delas. Ele escreve: "O ponto de vista tradicional, se de fato existe um, desse livro selado é que ele representa o Antigo Testamento, ou de forma mais geral, as profecias das Escrituras, que só se tornam compreensíveis com o seu cumprimento em Cristo".[20] Rejeitando isso, ele continua: "Muitos comentaristas pós-Reforma, tanto romanos quanto protestantes, têm considerado o livro como o próprio Apocalipse".[21] Ele acrescenta: "A maioria dos comentaristas modernos generaliza e entende que este é o Livro dos conselhos de Deus".[22] Simcox prefere interpretá-lo como o Livro da Vida (20.12; 21.27).

O ponto de vista mais comumente aceito relaciona esse livro com as "coisas que depois destas devem acontecer" (4.1); isto é: Apocalipse 4—22. Charles escreve: "O rolo contém os decretos divinos e os destinos do mundo [...] Em outras palavras, o livro é uma profecia das coisas que ocorrem antes do fim".[23] Ele acrescenta: "Que esse livro é selado com sete selos mostra que os conselhos e julgamentos divinos que ele contêm são um segredo profundo [...] que somente pode ser revelado pela mediação do Cordeiro".[24] Swete o chama simplesmente de "Livro do Destino".[25] Erdman diz: "Ele contém todos os decretos de Deus, um esboço de todos os eventos até o fim dos tempos. Os capítulos seguintes revelarão esses conteúdos".[26]

E vi (2) torna-se uma frase recorrente (cf. 5.1; 6.1; 7.1; 8.2; 9.1; 10.1), introduzindo novos aspectos. **Com grande voz,** alcançando todo o universo, **um anjo forte** (cf. 10; 18.21) proclamou: **Quem** é **digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?** A quebra dos selos necessariamente precederia a abertura do livro, mas a abertura é colocada primeiro porque é o principal objeto procurado.

Num primeiro momento, a proclamação em alta voz não foi respondida: **E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele** (3). **Ninguém** (*oudeis*) claramente inclui seres angélicos e humanos.

Essa situação desagradável incomodava João grandemente. Ele diz: **E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno** (apto) **de abrir o livro** (4).

Mas o problema agonizante foi logo resolvido. Um dos anciãos disse a João para parar de chorar. Havia boas-novas: **o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi [...] venceu para abrir o livro** (5). O primeiro desses títulos para Cristo nos leva de volta ao tempo em que Jacó abençoou seus doze filhos. Ele descreveu Judá como um "leãozinho" ou filhote (Gn 49.9). Mas Jesus foi o supremo **Leão** dessa tribo. Ele também foi **a Raiz de Davi** (cf. 22.16). Essa expressão é um eco de Isaías 11.1,10; também citado em parte em Romanos 15.12. E um termo messiânico. No período intertestamentário parecia que a casa de Davi tinha morrido. Em Cristo reapareceu.

Venceu (*enikesen*) vem de *nike,* "vitória" (cf. Phillips — "obteve a vitória"). Charles comenta: "*Enikesen* deve ser entendido aqui, como sempre na LXX e no NT, de forma absoluta. Esse termo expressa que de uma vez por todas Cristo venceu [...] e o propósito dessa vitória era capacitá-lo a abrir o livro do destino e levar a história do

mundo até os seus estágios finais [...] A vitória tinha sido obtida por meio da sua morte e ressurreição .

b) *O Cordeiro morto* **(5.6-7).** Um Leão tinha sido anunciado, mas **um Cordeiro (6)** apareceu. Esse é um dos paradoxos de Cristo. Os judeus esperavam que seu Messias fosse "o Leão da tribo de Judá". O que eles não perceberam foi que Ele precisa ser primeiro "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29).

Por causa da menção do **Cordeiro** [...] **morto,** alguns interpretam o "livro" desse capítulo como que se referindo à redenção. Straus declara: "O *assunto* do rolo selado é a redenção".[28]

A palavra grega para **Cordeiro** (*arnion*) é usada para Cristo vinte e sete vezes no Apocalipse. Literalmente, ela significa "cordeirinho".[29] No entanto, Jeremias observa que nos tempos do Novo Testamento ela não tem mais a força de um diminuitivo.[30]

Embora um cordeiro geralmente traga consigo a idéia de desamparo e fraqueza, esse **Cordeiro** tinha **sete pontas,** significando poder perfeito, **e sete olhos,** indicando conhecimento perfeito. Ele é onipotente e onisciente. Os **sete olhos** são então identificados como sendo **os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra.**[31] Isso significa o Espírito Santo (veja comentários em 1.4).

O versículo 7 é traduzido literalmente da seguinte forma: "E veio e tomou da mão direita do que estava sentado no trono". Assim João descreve com bastante realismo a ação enquanto ela ocorre. Mas, obviamente **o livro** precisa ser suprido como objeto e algum copiador posterior o inseriu.

c*)* *Acompanhia que canta* **(5.8-14).** Quando o Cordeiro pegou o rolo, as quatro criaturas viventes e os vinte e quatro anciãos (veja comentários em **4.4, 6) prostraram-se diante** dele **(8). Todos eles** — talvez apenas os anciãos[32] — tinham **harpas. O** melhor texto grego está no singular: "Cada um tendo uma citara" (ou lira). Eles também tinham **salvas de ouro cheias de incenso. O** incenso simboliza **as orações dos santos.** Swete nota que o uso de incenso em algumas igrejas nos tempos modernos, talvez com base nessa passagem, não tem apoio dos Pais da igreja dos três primeiros séculos.

Eles **cantavam um novo cântico** (9). Christina Rossetti habilmente disse: "O céu é revelado à terra como a pátria da música".[33] A expressão **um novo cântico** ocorre uma série de vezes nos Salmos (33.3; 40.3; 96.1; 98.1; 144.9; 149.1). Ela também é encontrada em Isaías 42.10.

O hino que se segue é um hino de adoração a Cristo, o Redentor. Ele era **digno** (cf. v. 2) **de tomar o livro e de abrir os seus selos.** Por quê? **Porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus.** A idéia de que somos comprados da escravidão do pecado com o sangue de Cristo é de grande importância no Novo Testamento. Essa é a redenção, o tema central da Bíblia. Somos comprados **para Deus;** portanto, pertencemos a Ele. Não está escrito *de quem* fomos comprados; a ênfase estápor quem e *para* quem.

Essa redenção se estende a toda a humanidade, às pessoas **de toda tribo, e língua, e povo, e nação** — "representantes de cada nacionalidade, sem distinção de raça ou posição geográfica ou política".[34]

Pela sua redenção graciosa, Cristo os fez **reis e sacerdotes** para **o nosso Deus** (10). Essa combinação das funções real e sacerdotal do crente é encontrada diversas vezes no Novo Testamento. Ela já ocorreu em 1.6 e voltará a ocorrer em 20.6. Pedro usa a expressão "o sacerdócio real" (1 Pe 2.9). Que privilégio sublime!

Eles reinarão sobre a terra parece apontar para o reino do milênio. A KJV traz: "Nós reinaremos sobre a terra". Mas muitos estudiosos (incluindo Swete e Charles) entendem que a tradução aqui deve ser: **Eles reinarão.** Mesmo isso poderia ser tomado como um presente profético. Há um sentido no qual os santos reinam com Cristo agora. Mas o cumprimento mais amplo olha para o futuro.

Swete ressalta o significado dos versículos 9-10: "O 'novo cântico' reclama para Jesus Cristo o lugar singular que Ele tomou na história do mundo. Por meio de um ato supremo de abnegação Ele comprou homens de todas as raças e nacionalidades para o serviço de Deus, fundou um vasto império espiritual e transformou a vida humana em um serviço sacerdotal e uma dignidade real".[35]

Os versículos 9,10 mostram "A Morte de Jesus Cristo" como: 1) Uma morte sacrificial — **com o teu sangue;** 2) Uma morte libertadora — nos **compraste;** 3) Uma morte universalmente expiatória — **de toda tribo;** 4) Uma morte eficaz — **os** (nos) **fizeste.**

E **olhei** (11) é o mesmo no grego que "e vi" nos versículos 1 e 2. Dessa vez o vidente também ouviu **a voz de muitos anjos ao redor do trono.** O número deles era de **milhões de milhões** (gr., *myriadas myriadon,* "dez milhares de dez milhares") **e milhares de milhares** *(chiliades chiliadon).* As mesmas duas expressões, só que na ordem inversa, são encontradas em Daniel 7.10. E uma típica linguagem apocalíptica, ressaltando a grandeza e majestade de Deus.

A **grande voz** (12) sugere um grito em vez de um cântico. As miríades de anjos clamavam: **Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças.** Essa expressão é quase duplicada em 7.12. Uma sétupla descrição semelhante de honra é encontrada em 1 Crônicas 29.11-12. Alista de *sete* itens sugere perfeição de poder e glória.

Toda criatura (13) participou nessa adoração a Deus e ao Cordeiro. Quatro habitações são mencionadas — **que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e [...] no mar.** 0 último item é acrescentado ao "universo de três andares" costumeiro (cf. v. 3). Toda criação estava engajada em louvar o Pai e o Filho. Charles comenta: "Assim, o universo de coisas criadas, os habitantes do céu, da terra, do mar e do Hades, se unem na parte final do louvor diante do trono de Deus".[36]

Quatro itens de louvor são mencionados aqui, em comparação com os sete mencionados no versículo 12. Mas no grego, o artigo é repetido com cada um dos quatro itens, dessa forma ressaltando os diversos itens para a ênfase individual. **Ações de** *graça é eulogia.* Quando aplicada a Deus, como aqui, essa palavra significa "louvor". **Honra** *{time)* sugere primazia. **Glória** (*doxa*) fala do "esplendor" de Deus, um brilho que irradia da sua presença. **Poder** não é *dynamis,* mas *kratos,* que significa "força" ou "vigor" ("might" em inglês).

As quatro criaturas viventes disseram: **Amém (14),** confirmando a doxologia anterior. Os vinte e quatro anciãos tomaram parte da adoração ao Eterno no trono.

Charles sugere que há quatro maneiras de o **Amém** ser usado no livro de Apocalipse: 1) "O amém inicial no qual as palavras do falante anterior são referidas e aceitas como se fossem as suas próprias palavras", como em 5.14; 7.12; 19.4; 22.20; 2) "o amém separado", como aqui; 3) "o amém final sem mudança de orador", como em 1.6,7; 4) "o Amém", como um nome aplicado a Deus em 3.14.

B. **Os Sete Selos,** 6.1—8.1

Chegamos agora a três séries de julgamentos: os Sete Selos (caps. 6—7), as Sete Trombetas (caps. 8—11) e as Sete Taças (caps. 15—16). A escola de interpretação histórico-contínua (*historicista*, veja Int., "Interpretação") encontra nisso um retrato de sucessivos ciclos de julgamentos durante essa época. Provavelmente, uma melhor perspectiva seria entendê-los como ciclos concêntricos de julgamento, descrevendo basicamente a mesma coisa, mas com figuras simbólicas diferentes. Como sempre, o número sete indica inteireza. E importante observar que o sétimo selo desemboca nas sete trombetas e a sétima trombeta desemboca nas sete taças. Assim, as três séries estão intimamente ligadas umas às outras.

Os sete selos têm sido chamados de "Cenário da História de Sofrimento". Arrepiamo-nos ao pensar nos julgamentos que sobrevirão a este mundo farto de pecado.

1. O *Primeiro Selo: Conquista* (6.1,2)

Quando o Cordeiro abriu o primeiro selo do rolo, João ouviu **como em voz de trovão** (1). Essa era a voz alta de **um dos quatro animais** ("criaturas viventes"; veja comentários em 4.6).

Os primeiros quatro rolos formam uma série. Cada um é introduzido por um chamado em alta voz de uma das quatro criaturas viventes, seguido do aparecimento de um cavalo e um cavaleiro. Uma sugestão definida então é dada quanto ao que ele simboliza.

Vem e vê deveria ser apenas "Vem!". As palavras **E vê** não estão no melhor texto grego, aqui ou nos versículos 3, 5 e 7. Alguns escribas evidentemente entenderam isso como um chamado a João para vir e ver o que iria acontecer. Fausset comenta: "É mais provável que seja o clamor dos redimidos ao seu Redentor: Vem' liberta a criatura em agonia da

escravidão da corrupção".[37] O sentido correto provavelmente é o que Simcox apresenta: "O sentido completo da frase é que cada uma das criaturas viventes, alternadamente, convoca um dos quatro cavaleiros".[38]

A abertura do primeiro selo revela **um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso e para vencer (2).**

Num primeiro momento, o significado disso parece óbvio: o cavaleiro do cavalo branco é Cristo (cf. 19.11-16). Esse é o ponto de vista de Lange. Ele escreve: "O triunfo isolado de Cristo, como apresentado aqui, tem se prolongado através do Triunfo da Igreja; ele aparece como uma formação de hostes vitoriosas em cavalos brancos".[39] Fausset concorda com isso. O mesmo ocorre com Lenski, que identifica o cavaleiro como a Palavra de Deus e acrescenta: "O portador, o cavalo, é branco, que é a cor de santidade e do céu".[40]

Mas o contexto parece não permitir essa interpretação. Swete diz: "Uma visão do Cristo vitorioso seria inapropriada na abertura de uma série que simboliza derramamento de sangue, fome e pestilência. Em vez disso, temos aqui a figura de um militarismo triunfante".[41] Semelhantemente, Love diz: "Por isso, uma vez que guerra, fome e morte são resultados de uma conquista, o 'branco' aqui deve ser a vitória, não de pureza, mas de uma conquista egoísta e luxuriosa".[42] Erdman apresenta um ponto de vista um pouco diferente: "O primeiro representa os períodos de paz concedidos, na providência de Deus, sob o Império Romano, e a ser repetido diversas vezes na história do mundo".[43] Foi a conquista romana que trouxe paz.

2. O *Segundo Selo: Guerra* (6.3,4)

Dessa vez o cavalo é **vermelho** (4). O significado disso é claramente indicado pelo que segue. O cavaleiro do cavalo vermelho recebeu poder para **que tirasse a paz da terra e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada —**

simbolizando uma grande destruição. Claramente, o **vermelho** representa um imenso derramamento de sangue.

3. O *Terceiro Selo: Fome* (6.5,6)

O terceiro cavalo era **preto** (5). O cavaleiro tinha em suas mãos **uma balança.** O simbolismo disso é imediatamente explicado: **Uma medida de trigo por um dinheiro; e três medidas de cevada por um dinheiro** (6). A **medida** era pouco mais de um litro, que era "a média diária de consumo de um trabalhador".[44] Um **dinheiro** era um *denarius,* que, pelo que tudo indica, representava o salário de um dia (Mt 20.2). Isso significava que o preço da fome era tão alto que levaria tudo que um homem ganhasse só para alimentar a si próprio, se comesse trigo. Por outro lado, ele poderia comprar três quartos de cevada — a comida das pessoas pobres — e ter o suficiente para uma família pequena.

A proclamação de preço é acrescentada uma admoestação: **e não danifiques o azeite e o vinho.** Esse seria o azeite de oliva e suco de uva fermentado. Swete observa: "Trigo e

cevada, óleo e vinho, formavam a dieta básica da Palestina e da Ásia Menor".[45]

O significado provável dessa advertência é explicado por Charles. Ele escreve: "Devido à falta de cereais e à superabundância de vinho, Domiciano emitiu um édito [...] que nenhuma vinha nova deveria ser plantada na Itália, e que a metade das vinhas nas províncias deveria ser destruída".[46] Mas Suetônio registra o fato que o decreto imperial causou um alvoroço tão grande nas cidades asiáticas que ele precisou ser revogado. Em vez disso, foi imposto um castigo para aqueles que deixassem de cultivar as suas vinhas! Charles acha que João está aqui registrando um protesto contra essa atitude egoísta: "Consequentemente, ele prediz uma época difícil, em que os homens terão azeite e vinho em abundância, mas sofrerão da falta de pão".[47] E possível que o decreto de Domiciano tenha sido o motivo das palavras aqui.

4. O *Quarto Selo: Morte* (6.7,8)

Agora aparece um cavalo **amarelo** (8). A palavra grega é *chloros,* que significa um "verde descorado". Swete comenta: "encontramos essa palavra na *Ilíada* de Homero (vii. 464) para "pálido de medo". Swete comenta: "O cavalo 'descorado' ou 'pálido' é um símbolo de Terror, e seu cavaleiro uma personificação da Morte [...] com quem segue — quer no mesmo ou num outro cavalo ou a pé, o autor não pára de dizer ou mesmo de pensar — em seu companheiro inseparável, o Hades".[48] Acerca do significado de **inferno** veja os comentários em 1.18.

Mas havia um limite para o estrago do ceifeiro severo, a Morte, e o celeiro avarento, O Hades. Eles têm poder para destruir **a quarta parte da terra.** O tempo do julgamento final ainda não havia chegado.

Os dois algozes matam usando quatro métodos: **espada [...] fome [...] peste** [...] (a palavra grega evidentemente significa "peste" ou "pestilência" aqui e com frequência na LXX) [...] **feras da terra.** Há uma referência óbvia a Ezequiel 14.21: "Porque assim diz o Senhor JEOVÁ: Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos, a espada, e a fome, e as nocivas alimárias, e a peste". Os termos gregos são os mesmos nas duas passagens, em que apenas a ordem dos dois últimos é invertida. Feras selvagens multiplicam-se e tornam-se mais ferozes em tempos de fome e pestilência.

A visão dos quatro cavaleiros em abrir os primeiros quatro selos encontra um paralelo impressionante em Zacarias 6.1-3. Ah o profeta vê quatro carros puxados por cavalos que eram respectivamente vermelhos, pretos, brancos e grisalhos e fortes. Aqui um dos cavalos é branco, os outros vermelho, preto e verde pálido, respectivamente. Como Swete observa: "O Apocalipse toma emprestado somente o símbolo dos cavalos e suas cores e em vez de colocar os cavalos em cangas diante dos carros ele coloca um cavaleiro em cada um deles em quem o interesse da visão é centrado".[49]

Qual é a aplicação desses primeiros quatro selos? Representando a interpretação *preterista* (veja Int., "Interpretação"), Swete encontra aqui o militarismo e a obsessão pela conquista que era característica do Império Romano daquela época, repetida com frequência na

história desde então.

Típico daqueles que defendem a interpretação *historicista,* Barnes entra em mais detalhes. O primeiro selo representa um período de prosperidade e conquista com uma duração de cerca de 90 anos depois que o Apocalipse foi escrito (i.e, até 180 d.C.). Baseando-se em grande parte no livro *Decline and Fali ofthe Roman Empire* (Declínio e Queda do Império Romano) de E. Gibbon, Barnes descreve esse período com grandes detalhes.[50] O segundo selo representa os 92 anos após o assassinato de Commodus em 193 d.C., quando não menos de 32 imperadores e 27 pretendentes mantiveram o império em um estado de guerra civil constante. O terceiro selo simboliza um período de impostos opres-

sivos e restrições severas à liberdade do povo. Barnes aplica o quarto selo ao período que vai de 248 até 268 d.C., quando a espada, a fome e as pestes, de acordo com Gibbon, causaram a morte da metade da população do império.[51]

A interpretação *futurista* entende que esses selos se referem a julgamentos terríveis sobre a humanidade no fim dessa era. Por exemplo, Kuyper diz que "o que está sendo apresentado aqui precede o final imediato de todas as coisas, a vinda do Anticristo e o retorno do Senhor".[52]

5. *O Quinto Selo: Martírio* (6.9-11)

A abertura do **quinto selo** revelou **debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram (9).** Não há aqui criaturas viventes nem uma voz clamando: "Vem". O significado dessa mudança é observado por Swete: "Com o quinto selo, a Igreja vem à luz, em relação à sua perseguição e sofrimento [...] A quebra do quinto selo interpreta a época da perseguição e mostra sua relação com o plano divino na história".[63] Não precisa de muita imaginação para constatar que isso podería se aplicar igualmente à perseguição romana aos cristãos (preterista), às várias perseguições de verdadeiros crentes ao longo da era da Igreja, especialmente pela igreja católica romana (historicista), e também aos mártires da Grande Tríbulação no final desta era (futurista). Concordar com uma dessas teorias não excluiría sua verdade em relação às outras. A posição sensata aparentemente é aceitar todas as interpretações dessa passagem como válidas e significativas.

Debaixo do altar é talvez uma referência ao fato de que o sangue da oferta pelo pecado deveria ser derramado "à base do altar do holocausto" (Lv 4.7). "O altar em estudo aqui é o correlativo do Altar do Holocausto, e as vítimas que foram oferecidas sobre ele são os membros mortos como mártires da Igreja, que seguiram seu Cabeça no exemplo da sua morte sacrificiaF.[54]

A linguagem da última parte desse versículo é semelhante à linguagem em 1.9 (veja comentários lá), que encontra eco novamente em 12.11, 17; 19.10; 20.4. A repetição de **por** *{dia,* por causa de) sugere duas causas do martírio. Essas testemunhas fiéis eram mortas por causa da sua confissão no único e verdadeiro Deus, em contraste com

o politeísmo e adoração ao imperador daqueles dias, e do seu testemunho de Jesus como o único Senhor e Salvador. O *Martírio de Policarpo* relata que pouco antes desse venerável bispo ser morto em 156 d.C., ele foi impelido pelo procônsul romano a salvar a sua vida ao fazer duas coisas: 1) "Jure pelo nome de César [...] e diga: 'Fora com aqueles que negam os deuses"; 2) Desonre a Cristo". A resposta de Policarpo tem sido citada com freqüência: "Oitenta e seis anos o servi e Ele nunca me tratou injustamente. Como posso agora blasfemar contra meu Rei que me salvou?".[66]

Há muitas advertências na Palavra de Deus de que o martírio pela fé vai novamente se tornar comum no fim dos tempos. Precisamos orar pelo mesmo espírito de coragem que foi mostrado pelos antigos mártires da Igreja.

As almas debaixo do altar **clamavam** (aoristo, somente uma vez) **com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra** (10). **Dominador** não é o termo comum *kyrios,* mas *despotes* (cf. déspota). Esse é um título para Deus na Septuaginta e duas vezes no Novo Testamento (Lc 2.10; At 4.24). Ele também é usado para Cristo duas vezes (2 Pe 2.1; Jd 4). Aqui não está claro se o termo é empregado para Deus ou para Cristo. As palavras **verdadeiro e santo** são usadas para Cristo em 3.7.

O clamor por vingança tem causado uma certa consternação nos cristãos atuais. Mas Swete nota que "a santidade e verdade do Supremo Mestre requer o castigo de um mundo responsável pelas suas mortes. As palavras somente afirmam o princípio da retribuição divina, que proíbe o exercício da vingança pessoal".[56]

Para cada mártir foi **dada** uma **veste branca** (*stole*, sing.) simbolizando pureza e vitória. Essa palavra grega é encontrada outra vez em 7.9, 13-14. O termo representa uma roupa longa que era um tipo de um símbolo de *status.* Essas vítimas do martírio eram, na verdade, vencedores. **Foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos que haviam de ser mortos como eles foram.** Sua espera será um repouso e será por um período curto. Quando os propósitos de Deus estiverem completos, virá o fim.

6. *O Sexto Selo: O Fim dos Tempos* (6.12-17)

O primeiro sinal do fim que pode ser observado é **um grande tremor de terra** (12). Esse aspecto provavelmente é um eco de Ageu 2.6-7 (LXX): "Porque assim diz o SENHOR dos Exércitos: Ainda uma vez, daqui a pouco, e farei tremer os céus, e a terra, e o mar, e a terra seca; e farei tremer todas as nações". A última frase sugere que a referência não é somente a um terremoto físico, mas também a revoluções raciais, políticas e sociais. E interessante observar que terremoto é *seismos* e "farei tremer" é seiso.

Outros terrores são indicados: **e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue.** Essa citação é semelhante à de Joel 2.31: "O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR".

Outros fenômenos são observados: E **as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte** (13). A linguagem é a de Isaías 34.4: "E todo o exército dos céus se gastará [...] e todo o seu exército cairá como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira".

A sentença que omitimos dessa citação de Isaías: "e os céus se enrolarão como um livro" é similar à próxima frase de Apocalipse: E **o céu retirou-se como um livro que se enrola** (14). O autor acrescenta a seguinte predição: **e todos os montes e ilhas foram removidos do seu lugar.** Sempre haverá uma discussão se essa linguagem deve ser entendida literal ou figuradamente. Mas por que não as duas formas? Como no caso de 2 Pedro 3.10-12, a idade atômica abriu os nossos olhos para o fato de que uma linguagem tão severa, há muito tempo taxada como uma expressão poética de uma imaginação fértil, pode se cumprir com uma exatidão horrível.

Nessa visão terrível dos últimos dias, João viu homens de todas as camadas da sociedade (são mencionadas sete classes), de reis a escravos, se esconderem **nas cavernas e nas rochas das montanhas** (15). Eles diziam **aos montes e aos rochedos** para que caíssem sobre eles (cf. Os 10.8) e os escondessem **do rosto daquele que está assentado sobre o trono e da ira do Cordeiro** (16). Que paradoxo impressionante: **a ira do Cordeiro!** Alguém disse que a ira de Deus é o amor de Deus represado pela desobediência do homem, até que seja emanado no julgamento justo.

O motivo de procurar se esconder é claro: **porque é vindo o grande Dia da sua ira; e quem poderá subsistir?** (17). Já ocorreram muitos dias do julgamento de Deus sobre o pecado e homens pecaminosos. Mas **o grande Dia da sua ira** — uma combinação de "o dia do Senhor" (J1 2.11, 31. Zc 1.14) e o "dia da ira do Senhor" (Sf 1.15,18; 2.3) — ainda está por vir. Excederá em muito qualquer coisa de que se tem notícia.

Interlúdio: Os Servos de Deus São Selados (7.1-17)

O capítulo 7 forma um tipo de interlúdio entre o sexto e o sétimo selos. A abertura do sétimo selo (8.1) revela as sete trombetas. Assim, essas duas séries de sete estão interligadas.

Este capítulo divide-se naturalmente em duas partes, como é indicado pela frase E, **depois destas coisas, vi** nos versículos 1 e 9.[67] O que João viu foi a Igreja Militante na terra (w. 1-8) e a Igreja Triunfante no céu (w. 9-17).

a) *Os cento e quarenta e quatro mil são selados* (7.1-8). João viu **quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma** (1). Os julgamentos de Deus precisavam ser retidos por um período. Cada um dos **quatro anjos** estava parado em um dos **quatro cantos da terra —** significando as quatro direções da bússola — **retendo** (segurando firme, mantendo sob controle) **os quatro ventos da terra,** simbolizando os julgamentos que estavam prestes a ocorrer. Nenhum furacão deveria varrer a **terra** ou o **mar,** nem derrubar **árvore alguma.**

João então viu **outro anjo subir da banda do sol nascente** (2) — literalmente "que subia do nascente do sol" (ARA). Ele tinha **o selo do Deus vivo.** O **selo** "é aqui o anel de sinete [...] que o monarca Oriental usa para dar validade a documentos oficiais ou para marcar sua propriedade".[58] Paulo usa essa figura diversas vezes (2 Co 1.22; Ef 1.13; 4.30). Talvez o paralelo mais próximo no Novo Testamento seja 2 Timóteo 2.19: "Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus". O simbolismo aqui em Apocalipse está provavelmente relacionado com o texto de Ezequiel 9.3-4, em que um homem vestido de linho e levando um tinteiro de escrivão recebe a ordem de marcar um sinal na testa de todos os justos em Jerusalém. Aqueles que não tinham essa marca deveriam ser mortos.

Os quatro anjos foram advertidos: **Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado na testa os servos do nosso Deus (3).** O uso de **nosso Deus** sublinha o fato de que tanto santos quanto anjos servem o mesmo Senhor.

O número selado era cento e quarenta e quatro mil **de todas as tribos dos filhos de Israel** (4). Mas o que representam exatamente os cento e quarenta e quatro mil? Essa é uma pergunta que tem recebido inúmeras respostas. Alguns entendem que o número indica o remanescente eleito de Israel (cf. Rm 11.5). Outros acham que se trata dos cristãos judeus. Afigura cento e quarenta e quatro mil não deve ser tomada literalmente, mas simbolicamente. Ela representa aqueles que "foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro" (14.4). O número (12 x 12 x 1.000) significa uma multidão grande e completa. Provavelmente, o melhor ponto de vista seja aquele que diz que os cento e quarenta e quatro mil representam "todos os fiéis".[59] Esse parece ser o caso pela descrição dos cento e quarenta e quatro mil em 14.1-5.

Na lista das doze tribos (w. 5-8) aparece um problema: Por que Dã é omitida? Em diversas listas do Antigo Testamento (Nm 1.5-15,20-43; 13.4-15) o nome de Levi é deixado fora — "Mas os levitas, segundo a tribo de seus pais, não foram contados entre eles" (Nm 1.47). Isso ocorria porque eles eram separados para um serviço sagrado especial. Para que o número continuasse sendo doze, a tribo de José era dividida em duas tribos, Efraim e Manassés. Eles são mencionados separadamente aqui, em que **José** (8) está no lugar de Efraim. **Levi** (7) é incluído.

Isso continua deixando em aberto a questão da omissão de Dã. Essa tribo está faltando nas listas genealógicas de 1 Crônicas 2.3—8.40. O mesmo ocorre com Zebulom, por alguma razão desconhecida.

Foi sugerido que Dã é deixado fora porque essa era a primeira tribo a enveredar pelo caminho da idolatria (Jz 18). Os antigos escritos rabínicos ressaltam a apostasia de Dã. *O Testamento dos Doze Patriarcas* (uma obra pseudepigráfica) sugere uma aliança entre Dã e Belial.

Duesterdieck diz: "O simples motivo de a tribo de Dã não ser citada está no fato de que ela já tinha sido extinta muito antes do tempo de João".[60] Mas, evidentemente, o mesmo ocorreu com as outras dez tribos do norte.

A explicação mais antiga, endossada amplamente pelos antigos Pais da igreja, foi primeiro oferecida por Irineu (segundo século). Ele entendia que Dã foi omitida porque o Anticristo deveria emergir dessa tribo (cf. Jr 8.16). Charles insiste que "essa tradição da origem do Anticristo é pré-cristã e judaica".[61]

A ordem das tribos conforme relacionadas aqui, tem evocado considerável discussão. Depois de mencionar Judá e Manassés, Charles afirma: "As tribos restantes são relacionadas em ordem completamente ininteligível".[62] Swete apresenta uma explicação mais lógica: "A ordem apocalíptica começa com a tribo da qual Cristo veio [...] e então continua para a tribo do filho primogênito de Jacó, que encabeça a maioria das listas do AT. Em seguida vêm as tribos localizadas no Norte, interrompidas pela menção de Simeão e Levi, que em outras listas geralmente seguem Rúben ou Judá; enquanto as tribos de José e Benjamim são mencionadas por último".[63] Ele acrescenta: "Essa organização parece ter sido sugerida em parte pela ordem de nascimento dos patriarcas e em parte pela situação geográfica das tribos".[64] J. B. Smith traz uma apresentação lógica ao colocar os nomes em pares, em vez de em triplas como são encontradas na versificação das nossas Bíblias.

b) *A multidão dos redimidos* (7.9-17). João viu **uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas** (9) parada diante do **trono** no céu. Às vezes, somos tentados a sentir que somente algumas pessoas estão servindo o Senhor. Mas o total de redimidos de todos os tempos e todas as nações é uma multidão incontável.

Eles trajam **vestes brancas** — símbolo de pureza e vitória — e levam **palmas nas suas mãos,** como fez a multidão alegre na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Jo 12.13). Swete habilmente observa: "Acena de Apocalipse 7.9ss. antecipa a condição final da humanidade redimida. Semelhantemente à Transfiguração antes da Paixão, ela prepara o vidente a enfrentar o mal que está por vir".[66]

A multidão dos redimidos clama: **Salvação ao nosso Deus, que está assentado**

no trono, e ao Cordeiro (10). Aqui, como ocorre com freqüência no Novo Testamento, Cristo é adorado junto com o Pai. **Todos os anjos,** os vinte e quatro **anciãos,** e as **quatro** criaturas viventes se unem na adoração (v. **11). O** relato do louvor (v. **12)** é sétuplo, como em **5.12** (veja os comentários ali). Cada um dos sete itens leva o artigo definido no texto grego, enfatizando-os individualmente.

Um dos anciãos (13) ofereceu-se para explicar a visão a João (cf. 5.5). Ele primeiro fez uma pergunta dupla acerca daqueles que estavam trajando vestes brancas: **quem são e de onde vieram?** João respondeu: **Senhor, tu sabes** (14) — literalmente: "tu tens conhecimento" (tempo perfeito). Então vem a explicação: **Estes são os que vieram de grande tribulação** — literalmente: "Estes são os que estão vindo de grande tribula-ção". Essa frase tem levado ao nome "A Grande Tribulação", por um breve período (três anos e meio ou sete an'os), no fim dos tempos. Muitas vezes fala-se que a referência aqui é aos

chamados "santos da tribulação" que são salvos durante a Grande Tribulação. Em certo sentido, todos os cristãos precisam passar "por muitas tribulações" (At 14.22). Mas, no fim dos tempos haverá um período de muita aflição que bem podería ser entendido como a Grande Tribulação (cf. Dn 12.1). Essa continua sendo uma pergunta aberta, se, de fato, a referência aqui deveria ser restrita aos santos desse breve período.

Os redimidos são descritos como aqueles que **lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro.** A idéia das vestes serem literalmente lavadas para se tornarem brancas no sangue é paradoxal. Mas essa não é uma linguagem literal. Toda a história da salvação é um paradoxo, em que muitos intelectuais sofisticados têm tropeçado. O fato continua o mesmo: a única forma de salvação é aceitar humildemente a expiação provida pelo Filho de Deus, que derramou o seu sangue para todos os pecadores.

Somente os lavados pelo sangue podem ficar **diante do trono de Deus** (15) e desfrutar da sua presença para sempre. Eles **o servem de dia e de noite no seu templo.**

O céu é um lugar de descanso, mas não de preguiça ou inatividade. **Templo** não é *hieron,* usado para o tempo em Jerusalém, mas *naos,* "santuário". No antigo Tabernáculo e no Templo posterior somente os sacerdotes e levitas podiam entrar no santuário. Mas agora todos os crentes são sacerdotes e podem servir no santuário. Swete observa: "O 'templo' é aqui a Presença divina, compreendida e desfrutada".[67] Ele faz essa aplicação prática para o presente: "Mas a visão de adoração incessante é compreendida somente quando a vida em si é entendida como um serviço. A consagração de toda vida para o serviço de Deus é um alvo para o qual nossa adoração presente aponta".[68] Na última frase do versículo 15 ele comenta: "O serviço perpétuo encontrará seu estímulo e sua recompensa na visão perpétua daquele que é servido".[60]

O Eterno, que está assentado sobre o trono, **os cobrirá com a sua sombra.** O verbo é *skenosei* — literalmente, "estenderá a tenda ou tabernáculo". Somente João usa essa palavra. Apocalipse 21.3 é semelhante à declaração empregada aqui. Em João 1.14 o termo é usado para a Encarnação: "E o verbo se fez carne e habitou entre nós". A vinda de Cristo para a terra preparou o caminho para todos que aceitassem a sua salvação e desfrutassem da presença de Deus para sempre no céu. Assim, essa parte da frase pode ser traduzida da seguinte forma: "E aquele que está assentado no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo" (NVI).

A bem-aventurança dos redimidos é descrita mais adiante da seguinte maneira: **Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles** (16). A linguagem desse versículo e uma boa parte do próximo versículo são tomadas por empréstimo de Isaías 49.10: "Nunca terão fome nem sede, nem a calma nem o sol os afligirão, porque o que se compadece deles os guiará e os levará mansamente aos mananciais das águas". E, assim, nós lemos: **porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida** (17). Há uma reflexão aqui não só de Isaías 40.11 e Ezequiel 34.23, mas também do amado Salmo 23. Somente Cristo é a Agua da Vida (cf. Jo 4.14).

O capítulo termina com a bela promessa: **e Deus limpará de seus olhos toda lágrima.** Isso é repetido em 21.4. Swete observa: "Na verdade, todo o episódio de 7.9-17 tem eco nos últimos dois capítulos do livro, onde o clímax aqui introduzido é descrito de forma mais completa".[70]

Os capítulos 6 e 7 apresentam contrastes marcantes. Richardson observa: "O sexto capítulo conclui com uma pergunta: 'quem poderá subsistir?' O capítulo sete dá a resposta".[71] São os salvos e selados pelo sangue de Cristo. Da combinação encontrada no capítulo 7 ele diz: "Vitória e alegria por meio de luta e tribulação é a mensagem desse livro".[72]

7. O *Sétimo Selo: Silêncio* (8.1)

Quando o **sétimo selo** foi aberto, **fez-se silêncio no céu quase por meia hora;**

isto é, por um breve período. Aparentemente, esse era o silêncio da apreensão, a calma súbita antes da tempestade. McDowell sugere: "As multidões do céu são paralisadas e ficam mudas enquanto olham extasiadas para o Cordeiro enquanto ele move a sua mão para quebrar o último selo do rolo que ele havia tomado da destra de Deus".[73] Richardson chama esse momento de "um silêncio de 'suspense e tremor', uma pausa dramática; um silêncio de reverência, expectativa e oração".[74] Charles é um pouco mais específico: "Os louvores das ordens mais elevadas dos anjos no céu são silenciados para que as orações de *todos* os santos sofredores na terra possam ser ouvidas diante do trono. Suas necessidades são de maior importância para Deus do que toda a salmodia do céu".[75]

C. As Sete Trombetas, 8.2—11.19

A abertura do sétimo selo revela **sete anjos** com **sete trombetas (2).** Assim o sétimo selo torna-se as sete trombetas; a segunda série emerge da primeira. A proeminência do número sete no livro de Apocalipse é ressaltada aqui, como em outros textos.

Os anjos são descritos como **os sete anjos que estavam diante de Deus.** Há um paralelo marcante dessa descrição com um livro apócrifo do segundo século a.C. Ibbias 12.15 traz: "Sou Rafael, um dos sete anjos santos que apresentam as orações dos santos e entram na presença da glória do Santo" (RSV). *O Livro dos Jubileus* (também do segundo século a.C.), que ressalta a importância do número sete na história, repetidas vezes refere-se aos "Anjos da Presença".

Trombetas são mencionadas cerca de cem vezes no Antigo Testamento em conexão com a entrega da lei no Sinai (Êx 19.16), o apelo à congregação de Israel (Lv 25.9), a conquista de Canaã (treze vezes em Josué 6) e o ressoar da advertência pelos profetas (e.g., Is 58.1; Jr 4.5; Ez 33.3; Os 8.1; J1 2.1,15; Am 3.6; Sf 1.16. Zc 9.14). Esse uso profético provê o cenário mais exato do emprego de trombetas aqui para anunciar as pragas de julgamento. Isso também se encaixa com o seu uso como um aviso para a guerra.

E veio outro anjo e pôs-se junto ao altar (3). O que se segue parece mostrar que esse

não era o altar para o holocausto (como em 6.9), mas o altar de incenso.[76] Deveria ser observado também, de acordo com Charles, que há somente um altar no céu, o altar de incenso.[77]

Esse anjo tinha **um incensário de ouro.**[78] Ele recebeu **muito incenso, para** oferecer **com as orações de todos os santos** (veja citação de Tobias nos comentários do v. 2) **sobre o altar de ouro que está diante do trono** — assim como o antigo altar de incenso de ouro estava diante do Santo dos Santos no Tabernáculo. A figura é semelhante à do sumo sacerdote ministrando no Dia da Expiação de acordo com a descrição em Levítico 16.12-13: "Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do SENHOR, e os seus punhos cheios de incenso aromático moldo e o meterá dentro do véu. E porá o incenso sobre o fogo, perante o SENHOR, e a nuvem do incenso cobrirá o propiciatório, que está sobre o Testemunho".

Assim é declarado aqui que **a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus** (4); isto é, do incensário que segurava na sua mão. A nuvem de incenso representava as orações diante de Deus. Essa idéia é encontrada em Salmos 141.2: "Suba a minha oração perante a tua face como incenso".

Inicialmente, o incensário foi usado para intercessão (w. 3-4). Agora deve ser usado para julgamento. O anjo **o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra** (5). Swete observa: "Agora nenhum incenso é acrescentado, e nenhuma nuvem do incenso sobe; o conteúdo do incensário é derramado sobre a terra; as orações dos santos retornam para a terra em ira".[79] Isso pode sugerir que a oração não será mais ouvida (cf. Jr 7.16). O período de provação terminou. A sentença contra os pecadores não arrependidos deve agora ser executada. O julgamento substituirá a misericórdia.

Houve uma reação imediata ao lançamento do fogo sobre a terra: **e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos.** O silêncio do versículo 1 foi quebrado. Essa cena é agora preparada para o ressoar do julgamento das sete trombetas. **E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las (6).**

1. *A Primeira Trombeta: Saraiva e Fogo* (8.7)

Quando **o primeiro anjo tocou a trombeta [...] houve saraiva e fogo misturado com sangue** que **foram lançados na terra.** Os primeiros quatro julgamentos anunciados com as trombetas consistem em pragas na natureza e lembram as dez pragas no Egito. Essa praga é um eco da sétima praga, descrita em Êxodo 9.24: "E havia saraiva e fogo misturado entre a saraiva".

O resultado desse julgamento foi que **queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada.** Assim a destruição foi apenas parcial; esse não foi o julgamento final. Com **árvores** tinha-se em mente "especialmente as árvores frutíferas, as oliveiras, figueiras e as vinhas, das quais os habitantes da Palestina e Ásia Menor dependiam grandemente".[80]

2. *A Segunda Trombeta: Um Monte em Chamas* (8.8,9)

Quando o **segundo anjo** tocou sua trombeta, **foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte**

do mar (8). Isso reflete a primeira praga no Egito, quando a água foi transformada em sangue, causando a morte dos peixes (Ex 7.20-21). Assim, uma **terça parte** da vida marinha **morreu** (9), e **perdeu-se a terça parte das naus.**

3. *A Terceira Trombeta: Uma Estrela Ardente* (8.10,11)

Com o tocar da terceira trombeta, **caiu do céu uma grande estrela ardendo como uma tocha** (10). O resultado foi que **a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram** (11). No Antigo Testamento **absinto** é um símbolo de sofrimento e castigo divino (Jr 9.15). O absinto era às vezes misturado com água, para torná-lo amargo e difícil para ser tomado. Mas aqui a água **tomou-se em absinto** e dessa forma causou morte. D. W. Richardson observa de maneira sábia: "As águas do mundo se tornam a verdadeira essência da amargura dos seus devotos". Ele então relata de um caricaturista que cometeu suicídio, deixando uma grande fortuna. Mas ele também deixou uma carta na qual dizia que tinha ido de esposa em esposa e de país em país tentando escapar de si mesmo. Acabou com a sua vida porque estava cansado de tentar descobrir maneiras de passar as vinte e quatro horas do dia.

4. A *Quarta Trombeta: As Trevas* (8.12,13)

Quando **o quarto anjo tocou [...] foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas, para que a terça parte deles se escurecesse** (12). Esse é um lembrete da nona praga no Egito: as trevas (Êx 10.21-23).

Então João viu e ouviu **um anjo** (13) — mas o melhor texto grego diz: "uma águia". Swete comenta: **"A** águia é escolhida não só pela força das suas asas (7.14), mas como um símbolo do julgamento vindouro (Mt 24.28)".[82] Essa águia solitária estava voando **pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! Ai! Ai dos que habitam sobre a terra, por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar! A** linguagem desse versículo sugere que em um sentido muito real o pior ainda está por vir. Os três julgamentos anunciados pelas trombetas remanescentes serão muito mais severos do que os quatro precedentes. Por isso, lemos: **Ai! Ai! Ai!**

No caso dos sete selos, os primeiros quatro formavam um grupo distinto. Eram visões sucessivas de quatro cavalos (6.1-8). Isso é similar às trombetas. As primeiras quatro revelam catástrofes na natureza, enquanto as outras três descrevem um tipo diferente de julgamentos. Nos dois casos, o quinto e o sexto são independentes, e há um interlúdio antes do sétimo.

5. *A Quinta Trombeta: Gafanhotos* (9.1-12)

A descrição dos quatro primeiros julgamentos anunciados pelas trombetas é breve. Mas o quinto e o sexto recebem uma descrição mais pormenorizada. Isso provavelmente ocorre porque seres humanos estão envolvidos, não a natureza.

João viu **uma estrela que do céu caiu na terra** (1) — literalmente, "uma estrela que havia caído do céu sobre a terra" (NVI). Essa estrela evidentemente era uma pessoa, porque diz: **e foi-lhe dada a chave do poço do abismo** (*abyssos*). Esse pode ter sido Satanás, como foi sugerido possivelmente pelas palavras de Jesus em Lucas 10.18: "Eu via Satanás, como raio, cair [gr., caindo] do céu". **Foi-lhe dada** (por Deus) **a chave do poço do abismo;** isto é, o poder de abrir ou fechar sua entrada.

Usando essa autoridade, ele **abriu o poço do abismo** (2). De lá **subiu fumaça do poço como a fumaça de uma grande fornalha,** escurecendo o céu.

Ocorre então uma coisa marcante. **Da fumaça vieram gafanhotos** (3). **E foi-lhes dado poder (***exousia*, liberdade ou poder de agir) **como o poder (***exousia***) que têm os escorpiões da terra.** Uma praga de gafanhotos sempre tem sido uma das catástrofes mais temidas no mundo mediterrâneo. Os primeiros dois capítulos de Joel apresentam um retrato gráfico da sua obra de destruição.

Esses não são gafanhotos literais, porque receberam a ordem para que **não fizessem dano à erva, verdura** ou **árvore** (4). Essas são precisamente as coisas que sempre são destruídas por nuvens de gafanhotos. Esses gafanhotos, no entanto, deveriam causar dano **somente aos homens que não têm na testa o sinal de Deus** (cf. 7.3). Da mesma maneira que os israelitas foram poupados das sete últimas pragas que vieram sobre os egípcios (Ex 8.22), assim os santos selados serão livrados dessas últimas aflições severas. Porventura, há aqui uma alusão de que a Igreja compartilhará dos sofrimentos no início da Grande Tribulação?

Esses "gafanhotos" não matariam, mas os homens seriam atormentados **por cinco meses** (5). Esse tempo provavelmente é sugerido pelo fato de os gafanhotos geralmente nascerem na primavera e morrerem no fim do verão. Assim, o tempo de vida do gafanhoto natural é de cerca de cinco meses, de novembro a março (de acordo com as nossas estações do ano).

A natureza do sofrimento infligido é definida mais adiante dessa maneira: **e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião quando fere o homem.**

Barclay apresenta a seguinte descrição vivida dessa criatura:

> O escorpião era um dos flagelos da Palestina. Ele se assemelha a um pequeno gafanhoto. Tem garras como um gafanhoto, com as quais agarra sua vítima. Tem um rabo comprido, que se curva para cima sobre suas costas e sobre sua cabeça; no fim do rabo há um ferrão curvado; é com esse ferrão que o escorpião ataca, e esse ferrão expele veneno quando penetra na pele da vítima. O escorpião chega a medir 15 centímetros de comprimento.[83]

Como resultado da ferroada do escorpião os homens **desejarão morrer, e a morte fugirá deles** (6). Cornelius Gallus, um autor latino, disse: "Pior do que qualquer ferida é desejar morrer, mas não conseguir". Barclay acrescenta: "Esse será o estado dos homens em que

até a morte seria um alívio".[84] Mas não escapamos ao morrer.

João diz que o aspecto dos gafanhotos **era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra** (7). O mesmo pensamento é expresso em Joel 2.4,5, e viajantes com freqüência comentavam acerca dessa semelhança em aparência. Mas, diferentemente dos gafanhotos literais, esses tinham **sobre a sua cabeça [...] coroas semelhantes ao ouro,** o sinal do conquistador. Além disso, **o seu rosto era como rosto de homem,** sugerindo inteligência.

Ademais, eles **tinham cabelos como cabelos de mulher** (8). Um provérbio árabe diz que a antena dos gafanhotos é parecida com o cabelo de uma donzela. Além disso, **os seus dentes eram como de leão.** Essa é uma citação de Joel 1.6. Gafanhotos não só comem o capim verde e as folhas, mas chegam a devorar toda a casca das árvores. Seus dentes têm um poder cortante devastador. A menção de **couraças de ferro** (9) é, sem dúvida, uma referência aos flancos escamosos e tórax duros do gafanhoto.

Um enxame de gafanhotos faz um barulho estrondoso, como muitos autores têm testificado. Assim, João relata aqui: **e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate.** Isso se assemelha à descrição em Joel 2.5: "Como o estrondo de carros sobre os cumes dos montes, irão eles saltando".

O versículo 10 novamente faz referência aos escorpiões: "tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses" (ARA). Essa, em grande parte, é uma repetição do versículo 5.

As hostes demoníacas são descritas como tendo **um** rei, que é **o anjo do abismo** (11). **Em hebreu** seu **nome** é **Abadom,** em **grego, Apoliom.** As duas palavras significam "Destruidor". Em relação à sua identidade, Swete escreve: "E desnecessário investigar se com a palavra Abadom, o Destruidor, o vidente refere-se à Morte ou a Satanás".[85]

A seriedade dos últimos três julgamentos, anunciados pelas trombetas, volta a ser ressaltada: **Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois ais (12). O** sino parece anunciar o toque da morte na terra.

6. *A Sexta Trombeta: Anjos Destruidores* (9.13-21)

Quando **tocou o sexto anjo a trombeta,** João ouviu **uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus** (13). Isso parece uma referência às orações dos santos (cf. 6.10; 8.3-5).

O anjo da sexta trombeta recebe a seguinte ordem: **Solta os quatro anjos que estão presos junto ao grande rio Eufrates** (14). Esses não parecem os mesmos quatro anjos mencionados em 7.1, uma vez que os anjos daquele texto estavam detendo os ventos de julgamento, enquanto estes **estão presos.**

O Eufrates marcava o limite oriental ideal da Terra Prometida (Gn 15.18). Além do rio ficavam os grandes impérios da Assíria e Babilônia. A Assíria venceu o Reino do Norte, Israel, e a Babilônia venceu o Reino do Sul, Judá. Nos tempos antigos, esses eram os inimigos mais temidos dos israelitas. "Assim, a idéia apresentada pelos anjos da vingança presos à margem do rio Eufrates é que o dia da vingança estava sendo refreado até que o tempo de Deus tivesse se cumprido. Quando finalmente fossem soltos, a inundação rebentaria os seus limites e a ruína seguiría".[1] O Eufrates é mencionado novamente em conexão com a sexta taça (16.12). No tempo de Domiciano, os partos, ao leste do Eufrates, eram os inimigos mais temidos de Roma.

Em resposta à ordem, **foram soltos os quatro anjos que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano** (15). Literalmente temos: "para aquela hora, dia, mês e ano" (cf. NVI). Isso se refere a um período de tempo. O propósito em soltar os anjos era para que matassem **a terça parte dos homens.** Aqui é morte, não simplesmente tormento como nos julgamentos anteriores anunciados pelas trombetas. No entanto, esse julgamento não é final e completo: somente uma terça parte dos homens deve ser morta.

E o número dos exércitos dos cavaleiros invasores (16) é apresentado como sendo **de duzentos milhões.** O **fogo, e fumaça, e enxofre** (17) é um lembrete da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19.24,28). Essas três pragas mataram uma **terça parte dos homens** (18). **Porque o poder dos cavalos está na sua boca** (19) já foi explicado nos versículos 17-18 como fogo, fumaça e enxofre saindo das bocas dos cavalos. A **cauda** dos cavalos se parece com **serpentes** com **cabeça,** com a qual **danificam** (ferem). E possível que esteja se referindo ao costume dos partos de amarrar os rabos dos cavalos para que se parecessem com cobras.

Certamente imaginaríamos que tudo isso seria uma advertência suficiente para aqueles que permaneceram vivos. Mas esse não foi o caso. E **os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos** (20). McDowell chama esãa seção de: "A Tragédia da Humanidade Não Arrependida".[87] O sofrimento nem sempre aproxima os homens de Deus; às vezes os afasta ainda mais dEle. Esse fato triste foi ilustrado amplamente na Segunda Guerra Mundial. A guerra resultou em mais apostasia em vez de avivamento.

Essas pessoas não arrependidas continuaram a adorar **os demônios e os ídolos.** Os ídolos eram feitos de diversos materiais, mas todos eram imagens insensíveis e impotentes. Os homens também não quiseram arrepender-se **dos seus homicídios [...] feitiçarias [...] prostituição [...] ladroíces** (21). Idolatria e imoralidade, esses pecados muito parecidos do mundo pagão, não diminuíram, apesar do julgamento divino. Os homens têm vontade própria, e Deus não pode obrigá-los a se arrepender.

Os intérpretes *preteristas* (veja Int., "Interpretação") atribuem essas trombetas aos tempos turbulentos do Império Romano. Os *futuristas* as identificam com os julgamentos da Grande Tribulação no fim dos tempos. Barnes, representante da interpretação *historicista,* entra em muito mais detalhes. Ele entende que a primeira trombeta se refere a Alarico, rei dos godos (410 d.C.); a segunda trombeta a Atila, rei dos

hunos (447); a terceira a Genserico, rei dos vândalos (455) e a quarta, a Odoacer, rei dos visigodos, que se tornou rei da Itália, derrotando o Império Romano no Ocidente em 476. Ele então encontra em 8.13 uma mudança do Ocidente para o Oriente. Os gafanhotos (quinta trombeta) representam os conquistadores muçulmanos, que assolaram o norte da África e Ásia ocidental. Barnes entende que a sexta trombeta se refere à ascensão do poder turco, culminando na captura de Constantinopla em 1453 e o fim do Império Romano no Leste. Esse é um exemplo típico da interpretação historicista.

Entre o sexto e o sétimo selos houve um interlúdio prolongado, cobrindo todo o capítulo 7. Agora encontramos entre a sexta e a sétima trombetas um intervalo ainda mais prolongado (10.1—11.14). Em ambos os casos, o sétimo (selo ou trombeta) abre em uma nova série de revelações.

Interlúdio: Duas Visões Preparatórias (10.1—11.14)

Como o interlúdio entre o sexto e sétimo selos (cap. 7) consistia de duas visões, o mesmo ocorre com esse interlúdio entre a sexta e sétima trombetas. Claramente, duas coisas precisavam ser feitas em preparação para o soar da última trombeta.

a) *O anjo com o livrinho* **(10.1-11).** João viu **outro anjo forte, que descia** (lit.: descendo) **do céu (1).** Ele estava **vestido de uma nuvem** — o veículo, descrito na

Bíblia, usado por seres celestiais para descer à terra e subir novamente (cf. SI 104.3; Dn 7.13; At 1.9; 1 Ts 4.17). O anjo tinha **por cima da sua cabeça** um **arco celeste, e o rosto era como o sol.** Isso parece a descrição do Cristo glorificado em 1.16; mas geralmente acredita-se que **outro anjo forte** não se refere ao Filho de Deus. **Os pés** (a palavra grega é melhor traduzida aqui por "pernas") eram **como colunas de fogo.** Ele resplandecia em beleza e força.

O anjo **tinha na mão um livrinho aberto** (2) — um pequeno rolo de papiro. Isso está em contraste com o livro firmemente selado em 5.1. Swete escreve o seguinte a respeito desse livrinho: "O pequeno rolo aberto continha uma pequena parcela do grande propósito que estava na Mão de Deus, um fragmento pronto para ser revelado".[88]

O **anjo forte** — evidentemente forte em tamanho e força — **pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra.** Esses dois elementos provavelmente representavam o mundo. Assim, ele dramatiza a autoridade do céu sobre toda a terra.

Nessa posição, o anjo **clamou com grande voz,** como o bramar de um **leão** (3). Essa atitude condiz com o seu tamanho colossal. Após o seu clamor, **sete trovões fizeram soar as suas vozes.** Essa é uma repetição da sétupla "voz do Senhor" em Salmos 29.

João estava pronto para escrever, quando uma voz do céu disse a ele: **Sela o que os sete trovões falaram e não o escrevas.** Paulo teve uma experiência semelhante (2 Co 12.4). Tem havido muita especulação em torno daquilo que os sete trovões disseram. Mas Swete apresenta uma resposta convincente em relação a essa situação: "Na verdade, está se

perdendo tempo ao especular a respeito do que foi falado e porque não deveria ser revelado".[89]

O anjo forte então **levantou a mão ao céu** (5) e jurou pelo Criador eterno de todas as coisas de **que não haveria mais demora** (6). Isso é citado erroneamente como: "Não haverá mais tempo", e é aplicado ao início da eternidade. Mas isso é obviamente incorreto. No livro de Apocalipse muitos outros eventos ocorrem antes da eternidade ser introduzida através do novo céu e a nova terra (caps. 21—22). O significado correto dessa declaração é: "Não haverá mais demora!" (NVI). Os julgamentos de Deus em relação à humanidade não arrependida não podem ser mais adiados. Eles logo ocorrerão, quando o **sétimo anjo [...] tocar a sua trombeta** (7). Então se cumprirá **o segredo de Deus.** Essa frase é usada por Paulo em Colossenses 2.2, em que ele se refere a Cristo como o Salvador de toda a humanidade, tanto judeus quanto gentios — isto é, todos que aceitarão a sua salvação. A redenção será cumprida (completada) na segunda vinda de Cristo.

Então João foi instruído a tomar **o livrinho aberto** (8) do **anjo** que o segurava. Quando pediu pelo livrinho, o anjo respondeu: **Toma-o e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel** (9). A última parte do versículo reflete a verdade expressa mais de uma vez nos Salmos: "os juízos do SENHOR são [...] mais doces do que o mel e o licor dos favos" (SI 19.9-10); "Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais doces do que o mel à minha boca" (SI 119.103).

Quando João comeu o livro, ele descobriu que a predição do anjo foi cumprida: **na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo** (10). Notamos que a ordem aqui é o inverso do versículo anterior. Charles dá uma boa explicação: "No versículo 9, é ressaltada a importância dos resultados que seguiram o comer o livro e por causa disso vem primeiro; nesse versículo, os eventos são apresentados na ordem da experiência do vidente".[90]

O incidente registrado aqui rememora uma ocasião similar na vida de Ezequiel. Ele recebeu a ordem comer um "rolo" que lhe foi apresentado. Ele diz que o comeu "e era na minha boca doce como o mel" (Ez 3.3). Não lemos nada em relação ao ficar amargo no seu estômago. No entanto, o texto nos diz que no rolo se achavam escritas "lamentações, e suspiros, e ais" (Ez 2.10). Certamente a digestão dessas idéias deve ter sido desagradável.

Jeremias também disse: "Achando-se as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim gozo e alegria do meu coração". No entanto, ele declara no versículo seguinte: "me assentei solitário, pois me encheste de indignação" (Jr 15.16,17).

Acerca dessa mistura estranha, Swete faz uma observação útil: "Cada revelação dos propósitos de Deus, embora uma pequena parte, um *biblaridion* [pequeno rolo], é 'doce-amargo', desvendando julgamento e misericórdia ao mesmo tempo. Se o vidente deseja conhecer parte do segredo de Deus, precisa ser preparado para impressões bem mescladas; a alegria inicial de um conhecimento mais completo é seguida por tristezas mais profundas e mais amargas do que aquelas experimentadas por homens comuns".[91] O mesmo é verdade em relação ao cristão consagrado nos nossos dias. Estar próximo de Cristo significa experimentar a rara doçura da sua presença. Mas também há um preço a pagar, ou seja, o de compartilhar das suas tristezas por causa do pecado que destrói as pessoas por quem Ele morreu.

Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis

(11) é uma comissão que nos lembra de ordens semelhantes dadas a Jeremias (1.9,10). João, o revelador, estava na sucessão real de profetas que receberam revelações divinas e ordens para transmiti-las aos homens.

João precisava comer o rolo antes de profetizar. McDowell comenta: "O simbolismo de comer do rolo indica a necessidade de assimilar sua mensagem, de tornar a mensagem parte dele mesmo, como um pré-requisito para a sua transmissão".[92] E isso que cada pregador deve fazer com a Palavra de Deus.

b) As *duas testemunhas* (11.1-4). João recebeu **uma cana semelhante a uma vara** (1). A **cana** era uma planta de junco que crescia ao longo do rio Jordão (cf. Mt 11.7), chegando muitas vezes a medir cinco metros de altura. Essa cana era **semelhante a uma vara** em força e no seu alinhamento, porém mais comprida. Ezequiel viu um homem medindo o novo templo com uma cana de cerca de três metros de comprimento (Ex 40.5). Zacarias

também menciona um homem medindo Jerusalém, mas com um cordel (Zc 2.1,2). Em 21.15, João verá um anjo medindo a nova Jerusalém com uma cana de ouro.

O vidente então ouve: **Levanta-te e mede o templo** (*naos*) *de* **Deus, e o altar, e os que nele adoram.** O **templo** aqui evidentemente significa a Igreja de Jesus Cristo, como nas epístolas de Paulo (1 Co 3.16; 2 Co 6.16; Ef 2.21). Swete escreve: "A medida do Santuário proporciona a sua preservação da destruição geral e assim corresponde ao selar dos cento e quarenta e quatro mil, que precedeu a abertura do sétimo selo, da mesma forma que a medição precede o soar da sétima trombeta".[93] O fato de a medição corresponder ao selar é sugerido pelo fato de João precisar medir **os que nele adoram.**

No entanto, uma restrição foi feita: **...deixa o átrio que está fora do templo e não o meças; porque foi dado às nações** (2). Esse era o átrio dos gentios no Templo dos dias de Jesus. Somente os judeus podiam ir além dele para o átrio interior. João deveria deixar **de parte** (lit., "excluir") o átrio exterior. Ele seria profanado junto com o restante da cidade. Swete comenta: "Se o *naos* [templo, santuário] representa a Igreja, o átrio exterior represente talvez a sinagoga rejeitada; como em 2.9, 3.9, a mesa é virada, e enquanto a Igreja enche o átrio dos israelitas e adora no altar da Cruz (Hb 13.10), o Israel carnal é lançado fora (Mt 8.12) [...] e entregue nas mãos dos pagãos".[94]

Acerca dos gentios é dito o seguinte: **pisarão a Cidade Santa** (cf. Is 63.18; Dn 8.13; Zc 12.3; e especialmente Lc 22.22) **por quarenta e dois meses;** isto é, três anos e meio. Isso é equivalente a **mil duzentos e sessenta dias** (3).

A que se refere isso? Alguns *preteristas* (veja Int., "Interpretação") encontram sua resposta nos três anos e meio da revolta judaica, culminando na destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. Isso colocou um fim no sacrifício de animais no Templo, que nunca mais foi reconstruído desde aquela época. Outros intérpretes preteristas, como McDowell, acham que os 42 meses simplesmente representam "períodos de tempo breves e incompletos".[95] Ele diz, no entanto: "A explicação mais provável para o simbolismo difícil dessa seção é que ele deve ser entendido tendo como fundo a destruição de Jerusalém e do Templo".[96] Kepler diz que três anos e meio é "o período convencional em que forças malignas reinam, desde quando Antíoco VI profanou o Templo em que Zeus do Olimpo foi adorado por três anos e meio, 168-165 a.C.".[97] Essa foi a pior crise pela qual os judeus passaram entre o cativeiro babilônico e a queda de Jerusalém em 70 d.C.

Os historicistas afirmam que o capítulo 10 descreve a Reforma Protestante (século 16). Utilizando o assim chamado "princípio de um dia para cada ano" — em que cada dia no Apocalipse equivale a um ano — eles encontram nos 1260 dias um paralelo com os 1260 anos da supremacia papal, finalizando em 1517.

Os *futuristas* entendem que o elemento tempo se refere aos três anos e meio do reinado do Anticristo, que é conhecido como a Grande Tribulação no final dessa era. A interpretação está baseada em Daniel 7.25: "E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo [...] e eles serão entregues nas suas mãos por um tempo, e tempos, e

metade de um tempo"; isto é, três anos e meio. Isso geralmente está conectado à septuagésima semana de Daniel (uma semana significa sete anos), descrita em Daniel 9.27: "E ele firmará um concerto com muitos por uma semana; e, na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador". Isto é, a segunda parte da septuagésima "semana" será a Grande Tribulação. Devemos observar que essa interpretação insere toda a era da Igreja (que se inicia em 30 d.C.) entre a sexagésima nona e a septuagésima semana de Daniel. De acordo com a visão *futurista,* os dois primeiros versículos do capítulo 11 "retratam a segurança espiritual da Igreja durante a era do controle do Anticristo".[98]

Quem são as **duas testemunhas (3)** que profetizarão por três anos e meio, **vestidas de pano de saco** (um sinal de penitência e lamentação)? Elas têm sido identificadas como Moisés e Elias, Elias e Eliseu ou Enoque e Ebas. O motivo ao sugerir a última dupla é que eles são os únicos dois indivíduos no Antigo Testamento de quem se relata que não morreram. O raciocínio é que eles devem voltar para a terra durante a Grande Tribulação e morrer (cf. v. 7), visto que todos os homens devem morrer algum dia. Mas não há nada na passagem aqui que faça alusão a Enoque e Elias, embora Tertuliano defendesse esse ponto de vista no segundo século. Swete descarta todas as identificações pessoais. Ele escreve: "Na verdade, as testemunhas representam a Igreja em sua função de testemunha".[99]

As duas testemunhas são descritas simbolicamente como **as duas oliveiras e os dois castiçais** (candelabros) **que estão diante do Deus da terra** (4). A linguagem é claramente derivada de Zacarias 4.2-3, em que "duas oliveiras" são mencionadas, embora haja "sete lâmpadas". Imagina-se evidentemente que as oliveiras suprirão o óleo para as lâmpadas (Zc 4.12). Assim, aqui as duas testemunhas brilham gloriosamente pelo seu Senhor. Em Zacarias 4.14 os "dois ungidos [...] estão diante do Senhor de toda a terra", como aqui.

A referência em destruir **seus inimigos** pelo **fogo** (5) parece apontar para Elias (2 Rs 1.10-12), como também a menção de **poder para fechar o céu, para que não chova nos dias da sua profecia** (6; cf. 1 Rs 17.1). Por outro lado, **têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue e para ferir a terra com toda sorte de pragas** é uma alusão ainda mais impressionante a Moisés no Egito. Foi Moisés e Elias que estiveram com Jesus no monte da Transfiguração (Mt 17.3), representando a lei e os profetas. Se essas duas testemunhas precisam ser identificadas com indivíduos, Moisés e Elias parecem ter a preferência. Phillips interpreta a última parte do versículo 5 assim: "Na verdade, se alguém tentar causar-lhes dano, essa será a forma que ele certamente morrerá".

No final do ministério de três anos e meio das testemunhas, **a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e as vencerá, e as matará** (7). A **besta** é identificada pelos *preteristas* (veja Int., "Interpretação") como sendo o poder imperial de Roma. Por exemplo, Swete escreve: "O vidente antecipa uma luta entre a Igreja e todo o poder do

Império Romano; ele prevê que os problemas que começaram com Nero e Domiciano terminarão em um conflito tal como foi levantado por Décio e na última perseguição sob Diocleciano"; ele acrescenta: "Mas suas palavras cobrem, na realidade, todos os martírios e massacres da história na qual forças cruéis parecem ter triunfado sobre a verdade e a justiça".[100]

Representando os *historicistas,* Barnes identifica as duas testemunhas com as seitas perseguidas da Idade Média e a besta com o papado. Os *futuristas* entendem que a besta é o Anticristo, embora difiram em relação às duas testemunhas.

Os corpos mortos (v. 8) dos dois profetas jazerão **na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado.** A última parte do versículo parece sugerir que a cidade referida era Jerusalém. Os governantes e o povo de Judá são chamados "vós príncipes de Sodoma" e "vós, ó povo de Gomorra" (Is 1.10). Foi em Jerusalém que morreram os primeiros mártires cristãos. Também pode haver uma referência a Roma como o centro posterior de perseguição.

Os corpos mortos ficaram expostos em céu aberto, sem serem sepultados — uma indignidade trágica aos olhos dos judeus — **por três dias e meio** (9). Isso foi "tantos dias quantos os anos da profecia das testemunhas — um breve triunfo na realidade, mas tempo suficiente para que parecesse completo e final".[101]

Ao interpretar os três anos e meio, Barnes mostra sua diligência pelos detalhes que geralmente marcam os intérpretes historicistas. De acordo com seu princípio dia-ano, os três dias e meio representam três anos e meio. Ele entende que esse tempo ocorreu entre 5 de maio de 1514, quando o Concilio de Latrão fez a proclamação de que toda a oposição do papado havia cessado e 31 de outubro de 1517, quando Lutero afixou as 95 teses.[102] Mas isso parece um pouco fantasioso.

Depois de muita celebração pelo povo da cidade — porque **os dois profetas tinham atormentado** (10) as consciências dos seus ouvintes — **o espírito de vida, vindo de Deus** (11) entrou nas duas testemunhas e **puseram-se sobre os pés.** Eles ouviram **uma grande voz do céu** [...] E **subiram ao céu em uma nuvem** (12) diante do olhar dos seus inimigos. **Naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade** (13). **Sete mil homens** foram mortos no terremoto, deixando os sobreviventes amedrontados e deram **glória ao Deus do céu.** Os primeiros leitores do Apocalipse de João, na Ásia Menor, estavam familiarizados com terremotos destrutivos. Essa imagem despertaria terror em seus corações. **Terremoto** literalmente significa "tremor". Houve muitos abalos e convulsões na história da humanidade, mas o pior ainda está por vir no fim dos tempos.

No versículo 14, temos uma outra pausa: E **passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá.** Isso se assemelha com 9.12. Esses três últimos julgamentos anunciados pelas trombetas foram muito mais severos do que os primeiros quatro. Agora, depois de um longo interlúdio (10.1—11.14), o palco está preparado para o soar da sétima trombeta.

7. *A Sétima Trombeta: Consumação* (11.15-19)

Quando **tocou o sétimo anjo a trombeta [...] houve no céu grandes vozes** (15). Isto contrasta grandemente com a abertura do sétimo selo, quando "fez-se silêncio no céu" (8.1). Essas **vozes** podem ter sido as vozes das quatro criaturas viventes (cf. 6.1, 3, 5, 7), embora não tenham sido mencionados aqui.

João ouviu a proclamação mais maravilhosa já feita: **Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.** Nesse momento o milênio é anunciado, embora não chegue, de fato, até o capítulo 20.

Em seguida, João viu os vinte e quatro anciãos se prostrarem **sobre o seu rosto e adorarem a Deus** (16). Deles veio um hino de gratidão ao **Senhor, Deus Todo-poderoso** (17). Mais uma vez, Ele é descrito como o Eterno: **que és, e que eras, e que hás de vir** (cf. 1.4, 8; 4.8). Os **anciãos,** representando os redimidos de todos os tempos (veja comentários em 4.4), se regozijam porque **tomaste o teu grande poder e reinaste.** A força ilimitada de Deus está prestes a ser manifestada quando vencer todos os inimigos e estabelecer o seu Reino.

Iraram-se as nações (18) aponta para o Salmo 2, que é citado em Atos 4.25-26 em conexão com a crucificação de Cristo. Aqui ele recebe uma aplicação mais ampla. A hostilidade mundial em relação ao governo de Deus chega a um ponto de convergência final.

O resultado é que **veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados.** Mas também é um tempo de dar **galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes.** O crente mais insignificante, se for fiel, receberá seu galardão. Mas Deus destruirá **os que destroem a terra.** Todos os inimigos da humanidade finalmente serão eliminados. Os horrores da guerra acabarão para sempre.

A visão da sétima trombeta encerra com uma observação surpreendente: E **abriu-se no céu o templo** (santuário) **de Deus, e a arca do seu concerto foi vista no seu templo** (19). A arca, que estava no Santo dos Santos do antigo Tabemáculo e do Templo, desapareceu em 586 a.C., quando o Templo foi destruído. Provavelmente, ela desapareceu naquela época. Uma lenda posterior dizia que Jeremias escondera a arca em uma caverna (cf. 2 Macabeus 2.5). Em relação à arca mencionada aqui, Swete escreve: "Em Cristo, Deus fez um novo concerto com os homens [...] e o aparecimento da arca pelas portas abertas do templo celestial, no momento em que os fiéis receberem a sua recompensa, indica a restauração do acesso perfeito a Deus por meio da Ascensão do Cristo Encarnado".[103]

A manifestação da presença divina foi acompanhada por **relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos, e grande saraiva.** Apropriadamente, Alford chama essas catástrofes de "o aplauso solene da artilharia dos céus, com a qual cada série de visões é concluída".[104]

João nos conduziu até o tempo do julgamento e vitória final. No entanto, mais uma vez ele volta e descreve outras cenas de tribulação.

D. A Sétupla Visão, 12.1—14.20

Era de esperar que as sete taças (caps. 15—16) seguissem imediatamente após os sete selos (caps. 6—7) e as sete trombetas (caps. 8—11). Em vez disso, deparamos com esse interlúdio extenso que revela a natureza real do conflito entre Deus e Satanás. Em certo sentido, esse é o âmago do livro de Apocalipse, porque parece resumir todo o período messiânico, do nascimento de Cristo até o pleno estabelecimento do seu Reino.

1. *A Mulher e o Dragão* (12.1-6)

João viu **um grande sinal[105] no céu** (1). Era **uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça.** As estrelas representam as doze tribos de Israel ou os doze apóstolos da Igreja Primitiva. Essa mulher estava prestes a dar à luz e já sofria as dores de parto. Embora vestida de glória, ela **gritava** de dor.

O que é representado por essa **mulher?** Muitas respostas têm sido apresentadas. Os antigos pais da Igreja entendiam que a mulher era a Igreja ou, como alguns diziam, Maria, a mãe de Jesus. As dores de parto da mulher simbolizavam a labuta espiritual da Igreja. R. H. Charles escreve: "No seu contexto *presente,* essa mulher representa o verdadeiro Israel ou a comunidade dos crentes. Essa comunidade abrange judeus e cristãos gentios, todos qüe deverão passar pela última grande tribulação". Ele acrescenta: Mas, uma vez que a mulher é representada como a mãe do Messias, a comunidade que ela simboliza deve incluir o verdadeiro Israel do AT".[106]

Seiss geralmente é reconhecido como o expositor-padrão do ponto de vista do pré-milenarismo. Ele entende que a mulher não pode representar os judeus ou a Igreja cristã exclusivamente, mas ambos. Ele então diz: "Há apenas uma Igreja na terra, que existiu em todas as épocas e debaixo de todas as organizações. E assim temos aqui, como símbolo disso, uma mulher gloriosa, em quem todas as mais elevadas honrarias e características principais estão resumidas desde o início até a grande consumação".[107] Essa provavelmente é a melhor interpretação.

João viu **outro sinal no céu.** Era **um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres e, sobre as cabeças, sete diademas.** Não temos dúvidas em relação à identidade do dragão, porque é dito especificamente tratar-se de Satanás (v. 9).

Vermelho é literalmente "vermelho ardente", simbolizando a obra mortífera do dragão. As **sete cabeças** e **sete coroas** falam da plenitude de poder e autoridade. **Chifres** também são um símbolo de poder ou força. A respeito das **sete cabeças** Seiss escreve: "Vemos nessas cabeças o símbolo de todo governo imperial deste mundo desde o início até o fim, o domínio secular universal da terra em todos os períodos".[108] Em relação

aos **dez chifres,** ele diz: "O número deles é *dez,* o número da perfeição secular, especialmente em relação ao mal secular. Todas as tiranias, opressões e sofrimentos que torturaram a humanidade, desde o princípio até o fim, são atribuídos a Satanás",[109]

Pode ser significativo o fato de o dragão vir a ser usado, junto com a águia, como um distintivo romano, a partir do final do segundo século.[110] O Império Romano acreditava ter as características de um dragão.

Lê-se em seguida acerca do dragão que **a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra** (4). A linguagem aqui é um lembrete de Daniel 8.10: "E se engrandeceu até ao exército dos céus; e a alguns do exército e das estrelas deitou por terra e os pisou".

Intérpretes mais antigos entendiam que essa passagem de Apocalipse se referia à queda de Satanás, que levou com ele um terço dos anjos do céu (cf. a *Paraíso perdido* de John Milton). Isso parece ter apoio na declaração: "os seus anjos foram lançados com ele" (v. 9). A maioria dos comentaristas modernos entende que versículo 4 apenas ressalta o grande poder de Satanás.

Um período deveria ser inserido no meio do versículo 4. A nova frase diz: **e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho.** A referência à tentativa de Herodes de matar o bebê Jesus (Mt 2.16-18) é óbvia demais para passar despercebida. Mas provavelmente as experiências de Cristo na tentação (Mt 4.1-11) e no Getsêmani (Lc 22.39-46) também deveriam ser incluídas.

O relato continua: E **deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro** (5). A referência é claramente à passagem messiânica em Salmo 2.9: "Tu os [os povos] esmigalharás com uma vara de ferro". **Um filho, um varão** é Cristo. **Ele foi arrebatado para Deus e para o seu trono.** Isso se refere à Ascensão (Lc 24.51).

Mais adiante temos o relato de que **a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias** (6). Pode haver uma referência secundária aqui à fuga de Maria e José ao Egito, levando consigo o filho Jesus para escapar da ira de Herodes (Mt 2.13-15). Uma aplicação mais significativa seria à fuga dos cristãos de Jerusalém para Pella, quando foram ameaçados pelo exército romano (veja comentários em Mt 24.16, CBB, vol. VI). Mas essa também pode ter sido uma referência mais geral à proteção da Igreja da perseguição ao longo da sua história e particularmente na Grande Tribulação no fim dos tempos. Aúltima interpretação parece provável por causa da repetida menção dos mil duzentos e sessenta dias.

2. *A Derrota do Dragão* (12.7-17)

A guerra agora se trava no céu entre **Miguel e os seus anjos** e **o dragão e os seus anjos** (7). Alguns comentaristas encontram aqui uma referência à antiga revolta de Lúcifer, que se tornou Satanás. Outros entenderam que esse texto se refere ao aparente

conflito interminável entres as forças do bem e do mal.

Miguel é descrito em Daniel como "um dos primeiros príncipes" (10.13) e "vosso príncipe" (10.21). E relata-se a Daniel: "E, naquele tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro" (12.1). Isso parece uma clara referência à Grande Tribulação no fim dos tempos. Assim, a guerra entre Miguel e o dragão não só tipifica a luta perene entre Deus e Satanás, mas também tem uma aplicação especial aos conflitos finais no fim da era presente.

Mas o dragão e seus anjos **não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus (8). E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele (9).**

A menção da **serpente** nos leva de volta ao jardim do Éden, onde Satanás em forma de uma serpente tentou de maneira bem-sucedida a Eva para que desobedecesse à ordem de Deus (Gn 3). **O diabo (***ho diabolos,* o caluniador ou falso acusador) é o termo usado na Septuaginta para **Satanás** (hb.), que é aqui transliterado para o grego e o português. Satanás significa "o Adversário". Mas o uso de *diabolos* (gr.) na Septuaginta como tradução para *Satanás* (hb.) mostra que os dois termos eram considerados sinônimos. Eles são usados de maneira permutável nos Evangelhos ("Satanás", 17 vezes; "diabo", 15 vezes).

Em que ocasião Satanás e seus anjos foram lançados para fora do céu? John Milton, em seu livro *Paraíso perdido* (Livro I), entende que esse episódio ocorreu no passado sombrio da história pré-humana (cf. Jd 6). Mas em Jó 1.6, Satanás é retratado como alguém que ainda tem acesso à presença de Deus. Jesus declarou que Ele viu Satanás "como raio, cair do céu" (Lc 10.18). Isso evidentemente se refere à missão cristã de derrubar o inimigo do seu trono como "o príncipe deste mundo" (Jo 12.31). Mas a referência específica nessa passagem em Apocalipse parece ser a expulsão de Satanás do poder no fim dos tempos.

Então João ouviu **uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força** (*dynamis*, poder), **e o reino do nosso Deus, e o poder** (*exousia*, autoridade) **do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite** (10) — isto é, sem interrupção. Swete comenta: "A queda de Satanás manifesta novamente [...] o poder salvador e soberano de Deus e seu exercício ativo por meio do Cristo exaltado".[111]

Então vem uma declaração citada com freqüência: **E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro** — a morte de Cristo — **e pela palavra do seu testemunho** (11). Nossa vitória depende da vitória dele no Getsêmani e Gólgota, mas ela também depende da nossa "palavra do testemunho" fiel para Cristo.

Acerca dos cristãos daquele dia, lemos: **e não amaram a sua vida** (*psyche*, alma) **até à**

morte. Essa é a repetição de uma ênfase encontrada diversas vezes nos ensinamentos de Jesus (cf. Mt 10.39; 16.25; Mc 8.35,36; Lc 9.24; 17.33; Jo 12.25). Paulo expressou um sentimento semelhante (At 20.24). Essa atitude deve caracterizar cada cristão consagrado.

Os habitantes do céu são convidados a se alegrar (v. **12).** Em contrapartida lemos: **Ai dos que habitam na terra e no mar! Porque o diabo desceu a vós e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo** (cf. v. **14).** Satanás estava furioso, sabendo que estava sendo condenado e estava determinado a fazer o seu pior no breve tempo que lhe restava. Assim, ele **perseguiu a mulher que dera à luz o varão (13;** cf. w. **1-5).** Acerca da identificação dessa **mulher** veja comentários no versículo **2.**

E **foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo** (14) — isto é, por três anos e meio. Essa é uma repetição da declaração feita no versículo 6 (veja comentários ali). Alguns entendem que aqui há uma referência à preservação da nação de Israel durante os três anos e meio da Grande Tribulação. Outros aplicam esse texto à proteção da Igreja. A idéia das **asas** de águias é um eco de Êxodo 19.4 e Deuteronômio 32.11.

A **serpente** estava tão enfurecida que **lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatar** (15). A figura da enchente como um meio de perseguição ou distúrbio é comum nas Escrituras (cf. SI 18.4; 32.6; 124.4,5; Is 43.2; 59.19). A passagem aqui em Apocalipse é aplicável às perseguições romanas infligidas aos primeiros cristãos, bem como ao ataque violento final de Satanás no fim dos tempos.

Mas a mulher foi salva: E **a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca** (16). Swete faz a seguinte aplicação geral desse texto: "A ajuda viria de lugares inesperados; a morte do imperador perseguidor, seguido de uma mudança de política da parte do seu sucessor, mudanças repentinas de sentimento público, ou uma reviravolta de eventos desviando a atenção pública da Igreja, de tempos em tempos deteria ou frustraria os planos de Satanás".[112] Ninguém sabe até que ponto essa passagem pode se cumprir literalmente na Grande Tribulação.

Despojado da sua vítima, o dragão **foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo** (17). Provavelmente é um exagero fazer essas duas últimas sentenças referir-se respectivamente a crentes judeus e gentios.[113] E bem possível que todos os cristãos estejam incluídos aqui.

3. *A Besta Subiu do Mar* (13.1-10)

João[114] viu **subir do mar uma besta** (1). Swete escreve: "O mar é um símbolo apropriado da superfície agitada da humanidade não regenerada (cf. Is 57.20), e especialmente do caldeirão fervente da vida nacional e social, da qual surgiram os grandes

movimentos históricos do mundo".[115]

A conexão desse capítulo com o anterior (veja nota de rodapé 114) é descrita por Charles da seguinte maneira: "O dragão frustrado em sua tentativa de destruir o Messias e sua Comunidade, segue para a beira do mar e de lá convoca a besta (i.e., o Império Romano) para armá-lo com seu próprio poder".[116]

A besta tinha **sete cabeças e dez chifres.** A mesma descrição é dada à "besta de cor escarlate" em 17.3. O significado desses itens é explicado em 17.9-12 (veja comentários lá). Sobre os chifres havia **dez diademas** (*diadema*, coroa real).

O vidente percebeu **sobre as cabeças, um nome de blasfêmia.** A primeira aplicação disso, a interpretação *preterista* (veja Int., "Interpretação"), seria para os títulos blasfemos assumidos pelos imperadores romanos dos dois primeiros séculos. Uma documentação abundante para isso foi achada nas cartas imperiais encontradas entre as inscrições em Éfeso. Diversas vezes, "filho de Deus" aparece com um nome de um imperador, enquanto se chamavam simplesmente de "Deus". Nas suas moedas, Nero se chamava de "O Salvador do Mundo". Podemos imaginar o choque que isso foi para os cristãos antigos, que admitiam esses títulos somente para Cristo. Diz-se que Domiciano, que era o imperador quando João escreveu o livro de Apocalipse, insistiu em ser chamado de "nosso Senhor e Deus".[117] Para os cristãos essa era uma blasfêmia dupla.

Barnes, representando a interpretação *historicista,* cita afirmações blasfemas feitas pelos papas.[118] Os *futuristas* entendem que o Anticristo vai conferir para si mesmo autoridade divina.

A besta que João viu **era semelhante ao leopardo, e os seus pés, como os de urso, e a sua boca, como a de leão** (2). Aimagem é tirada de Daniel 7.3-7. Na visão de Daniel, quatro animais grandes subiam do mar. O primeiro era como um leão, o segundo era semelhante a um urso, o terceiro era semelhante a um leopardo, e o quarto era "terrível e espantoso e muito forte".

A besta de Apocalipse une os traços dos três primeiros animais de Daniel em ordem inversa. Semelhantemente ao quarto animal, ela tem "dez pontas". Os quatro animais de Daniel representam respectivamente O Império Babilônico, Medo-Persa, Grego e Romano. Parece que a besta de Apocalipse representa em primeiro lugar o Império Romano, que tinha as características dos três impérios anteriores, mas era mais "terrível e espantoso". Não pode haver dúvida que para os primeiros leitores de João essa era a interpretação dada a essa passagem. Os imperadores perseguidores eram motivados por Satanás: **e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono** (*thronon*), **e grande poderio.**

O cenário histórico do primeiro século dessa passagem aparece de maneira mais impressionante no próximo versículo: **E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta** (3). Essa parece uma clara alusão ao chamado Nero *redivivus* (ressuscitado). Essa história é relatada por Swete:

Em junho de 68, Nero, perseguido pelos emissários do Senado, infligiu sobre si uma ferida, que foi a causa da sua morte. Seus restos mortais receberam um funeral público e foram mais tarde colocados no mausoléu de Augusto. Todavia, crescia nas províncias orientais do Império um rumor de que ele continuava vivo e estava escondido em algum lugar. Embusteiros, que afirmavam ser Nero, surgiram em 69 e 79 e mesmo em 88 ou 89 [...] A lenda da sobrevivência ou ressurreição de Nero formou-se na imaginação popular, e Dion Chrysostom [...] no fim do século escarnece disso como uma das loucuras da época. Entrementes, a idéia do retorno de Nero começou a tomar forma na imaginação de judeus e cristãos [...] A lenda foi usada por São João para representar o renascimento da política de perseguição de Nero por Domiciano.[119]

Isso, é claro, não descarta uma aplicação ao Anticristo no fim dos tempos. Mas, a primeira regra em interpretar qualquer profecia é observar o fundo histórico da sua época.

Todo o mundo adorava **o dragão que deu à besta o seu poder** (gr., "autoridade"; v. 4). Usando uma linguagem própria em relação a Deus (cf. Ex 15.11), o povo clamou: **Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?** Swete observa: "Não era a grandeza moral, mas a força bruta que ditava o respeito das províncias".[120]

A besta continuou proferindo **grandes coisas e blasfêmias** (5). Em relação aos imperadores romanos, Swete diz: "A presunção de colocar nomes divinos em documentos públicos e inscrições era uma blasfêmia crescente e estabelecida".[121]

A afirmação de que a besta continuava no poder por **quarenta e dois meses —** equivalente a três anos e meio ou a mil duzentos e sessenta dias — é difícil de encaixar no período do Império Romano. Barnes, usando o princípio dia-ano, aplica isso aos mil duzentos e sessenta anos da supremacia papal (veja comentário em 11.2-3). Mas o cumprimento final da predição ocorrerá nos três anos e meio da Grande Tribulação.

A linguagem dos próximos dois versículos parece ir além do passado e presente, envolvendo também o futuro. No sentido mais completo, somente o Anticristo abrirá a boca **em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabemáculo, e dos que habitam no céu** (6). Ele particularmente terá **poder** (autoridade) **sobre toda tribo, e língua, e nação** (7). Somente dele podia se dizer: **E adora-ram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo (8).**

Se alguém tem ouvidos, ouça (9) é uma repetição de 2.7,11,17 (veja comentários ali). E uma exortação para tomar cuidado com a advertência que segue.

O versículo 10 contém uma afirmação epigramática obscura: **Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá** ("Se alguém há de ir para o cativeiro, para o cativeiro irá", NVI); **se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto.** Swete sugere: "Encontramos aqui uma advertência contra qualquer tentativa por parte da Igreja de resistir aos seus perseguidores. Se um cristão é condenado ao exílio, como fora o caso de João, ele deve considerar o exílio como sua porção devida, e deve ir prontamente; se for sentenciado à morte, ele não deve erguer sua mão contra o tirano; ao fazê-lo será o mesmo que merecer o seu castigo".[122] Dessa forma, os cristãos, mesmo debaixo de perseguição, podiam mostrar **a paciência e a fé dos santos.** Cf. Weymouth: "Aqui há

uma oportunidade para os santos exercerem perseverança e exercitarem fé".

4. *A Besta na Terra* (13.11-18)

João nos relata que viu **subir da terra outra besta (11).** Essa **tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro.** Assim, ela era menos assustadora em aparência do que a primeira besta. Carpenter faz esta aplicação geral: "Todos os que usam seu conhecimento, sua cultura, sua sabedoria, para ensinar as pessoas de que não há nada digno de adoração, salvo o que podem ver, tocar e provar, estão agindo de acordo com a segunda besta".[123]

Mas embora se parecesse com um cordeiro, ela rugia como **o dragão.** Simcox diz: "Sem dúvida, a visão óbvia está certa. Essa besta se parece com Cristo, mas age como Satanás".[124] Essa segunda besta parece que pode claramente ser identificada com o falso profeta (16.13; 19.20; 20.10).

E exerce todo o poder (autoridade) **da primeira besta na sua presença e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta** (12). Ela **faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens (13),** como foi o caso de Elias **(1** Rs **18.38). E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta (14).** Os israelitas foram advertidos a não aceitarem os falsos profetas que procurariam enganá-los ao realizar milagres (Dt **13.1-3).** Ela instruiu os habitantes da terra **que fizessem uma imagem à besta.** Além do mais, **foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta (15).** Somos lembrados da antiga ordem de adorar a imagem de ouro de Nabucodonosor (Dn **3.1-6).**

Pessoas de todas as classes são obrigadas a receber **um sinal na mão direita ou na testa** (16). Isso é popularmente conhecido como "a marca da besta". Toda tentativa de identificar isso com símbolos ou nomes atuais não passa de mera especulação que desonra a Palavra de Deus.

Com referência à palavra **sinal** (*charagma*), Simcox escreve que é "a marca de fogo colocada nos escravos para identificá-los; devotos pagãos às vezes recebiam esse tipo de sinal, marcando-os como a propriedade do seu deus".[125] Rist diz que esse sinal era "o termo técnico para o carimbo imperial em documentos oficiais".[126]

Essa "marca da besta" é o oposto do que lemos em 7.1. Ali "os servos do nosso Deus" são selados em suas testas, protegendo-os dos julgamentos divinos prestes a ser derramados sobre a terra.

Em 3 Macabeus 2.29, lemos que Ptolomeu Filopater (217 a.C.) ordenou que os judeus de Alexandria fossem marcados com a insígnia da folha da hera do deus Dionísio. Isso forma um paralelo impressionante.

Ninguém podia **comprar ou vender,** a não ser que tivesse **o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome** (17). Provavelmente, Swete está certo ao dizer que as duas últimas frases estão em aposição com **o sinal.** Da relação enigmática de **nome** e **número,** ele escreve: "Onde o provinciano pagão via somente o nome do imperador reinante, o cristão detectava um número místico com suas associações de maldade e crueldade".[127] Deve ser lembrado que no hebraico, grego e latim, cada letra do alfabeto tem um equivalente numérico. Assim, todos os nomes nessas três línguas representam números exatos.

Então vem um dizer enigmático: **Aqui há sabedoria (18).** Esta e a expressão seguinte: **Aquele que tem entendimento** (lit.: "tendo uma mente") são bastante parecidas com **17.9:** "Aqui há sentido, que tem sabedoria". Talvez essas expressões façam eco do que lemos em Daniel **12.10:** "e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão". Um outro paralelo está em Efésios **1.17:** "o espírito de sabedoria e de revelação". Aqueles que tinham esse Espírito entenderiam o que João estava dizendo.

O número da besta [...] é número de homem — isto é: um número humano, ou um que "é calculado simplesmente por um método humano comum",[128] designando valores numéricos às letras do nome.

O número 666[129] tem recebido incontáveis explicações. Desconsiderando as fantasiosas, podemos dizer que provavelmente a referência originária foi a Nero. Na forma latina, as letras de *Nerom* totalizam 666. Sem a última letra, o número seria 616, que pode ser o motivo de alguns manuscritos apresentarem esse número menor (veja nota de rodapé 129). Uma terceira maneira de calcular a equivalência numérica de Nero é escrever Nero César com letras hebraicas — o hebraico tem apenas consoantes, não vogais. O valor total das letras hebraicas é 666.

Irineu (século II) achava que esse número significava "Teitan" e, dessa forma, representava um poder titânico. Ele também chamou atenção para o fato de o número se igualar a *Lateinos* nas letras gregas e dessa forma poderia representar o Império Romano ("Eles sendo latinos que agora reinam").

Nos tempos modernos, o número tem sido calculado de forma variável para representar Maomé, Lutero, o papa Benedito IX, Napoleão, o imperador Guilherme (na Primeira Guerra Mundial), Hitler (na Segunda Guerra Mundial) e Mussolini (entre as duas guerras). Estudiosos mais sensatos da Bíblia o referem ao Anticristo, sem tentar identificar o arquiinimigo de Cristo com qualquer pessoa.

Queremos resumir as principais interpretações acerca das duas bestas desse capítulo. Os*preteristas* (veja Int., "Interpretação") dizem que elas representam respectivamente o poder civil romano (o império) e o poder religioso romano (o sacerdócio pagão apoiando a adoração ao imperador, particularmente na província da Ásia). Os *historicistas* entendem tratar-se do Império Romano e a igreja católica romana (ou o papado), em que a igreja católica procura exercer toda a autoridade do império (cf. v. 12). Os *futuristas* identificam a primeira besta como o Anticristo, e a segunda como o falso profeta. Todas essas

interpretações são importantes. Parece sábio não insistir que apenas uma interpretação seja válida, e que as outras estão erradas. Em certo sentido, todo o Apocalipse (exceto os capítulos 19—22) se aplica ao passado, presente e futuro.

Muitas vezes tem-se falado que o número 6 representa o homem como imperfeito, incompleto, em contraste com Cristo, que é representado pelo número 7, significando inteireza ou perfeição. O número 666 simplesmente multiplica triplamente essa idéia de que o homem é imperfeito.

À luz disso, a adoração à besta, cujo número é 666, adquire um significado adicional. Esta era terminará com a adoração ao homem, em vez da adoração a Deus.

Essa corrente já está recebendo um grande apoio. No início do século 20, a teologia humanista, que nega a divindade de Jesus e elimina o sobrenatural da Bíblia, infestou a Alemanha e a Grã-Bretanha, chegando até os Estados Unidos. Duas Guerras Mundiais, que apresentaram todas as evidências de serem um julgamento apocalíptico, encontraram uma reação na forma da neo-ortodoxia. Mas ela tem sido amplamente substituída pelo neoliberalismo. O fruto final de tudo isso é o movimento chamado "Deus está morto", que emergiu em 1965. Tendo rejeitado Deus do seu universo, o homem está agora adorando a si mesmo. O cenário está preparado para a adoração da besta.

5. *Os 144.000* (14.1-5)

Esses são identificados por Charles como "os mesmos que os 144.000 em 7.5-8, i.e, o Israel espiritual, toda a comunidade cristã, os judeus e gentios, que foram selados para protegê-los das aflições demoníacas, que devem vir em seguida e rapidamente".[130] Veja também os comentários em 7.4. Por que eles são novamente mencionados? Swete diz: "A visão das duas bestas e seus seguidores é adequadamente seguida por uma figura tranqüilizadora do Cordeiro no meio da sua Igreja".[131] Antes que as sete últimas pragas sejam derramadas na terra, lemos mais uma vez que os que pertencem a Cristo estão seguramente selados. Em contraste com aqueles que tinham recebido a marca da besta em suas testas, esses têm **escrito o nome [...] de seu Pai** em **sua testa** (1).

Muitos comentaristas entendem que **sobre o monte Sião** significa que Cristo voltou para a terra e estava parado em Jerusalém. Mas o significado aqui é provavelmente mais bem expresso pela referência a Hebreus 12.22: "Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial". Os seguidores do Cordeiro estão seguros com Ele no Reino eterno.

Novamente, veio **uma voz do céu** (2). Ela era **como a voz de muitas águas,** ressaltando o volume do som; **como a voz de um grande trovão,** sugerindo seu ruído; **e uma voz de harpistas, que tocavam com a sua harpa,** indicando "que era articulada e doce".[132]

E **cantavam** (gr., cantam) **um como[133]cântico novo diante do trono e diante dos quatro animais** ("criaturas viventes"; veja comentários em 4.6) **e dos anciãos** (veja

comentários em 4.4); **e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra** (3). A figura parece de um coro celestial cantando um novo cântico de louvor para aqueles que foram redimidos pelo Cordeiro. Somente aqueles que tiveram uma experiência espiritual de salvação podem cantá-lo.

Os redimidos são então descritos como aqueles que **não estão contaminados com mulheres, porque são virgens** (4). A palavra **virgens** (*parthenoi*) é masculina em forma. Alguns entendem isso de forma literal, favorecendo um clero celibatário. Mas, de acordo com a linguagem simbólica de Apocalipse, parece mais sensato entender virgens como descrevendo pureza espiritual, o estado de ser imaculado. Talvez também haja uma alusão à pureza moral. Swete diz: "A escolha da castidade como a primeira virtude evidente da irmandade cristã não parecerá estranha para aqueles que acreditam que a vida pagã era contaminada com imoralidade do pior tipo".[134]

Esses cristãos redimidos **seguem o Cordeiro para onde quer que vai.** O **Cordeiro** é aqui o Pastor de ovelhas. Os Evangelhos relatam como Jesus chamou os homens para segui-lo. Mas, nesse caso, isso significa mais do que um termo geográfico. Seguir a Cristo significa *imitá-lo,* viver como Ele viveu. Seguir a Jesus é um privilégio glorioso e um desafio solene e sério.

O termo **primícias** tem ocasionado uma discussão considerável. De que maneira isso pode ser aplicado aos santos da Tribulação? Os *preteristas,* como Swete, encontram uma referência lógica aos cristãos do primeiro século. Essa palavra podia inclusive encaixar-se na idéia dos 144.000 representando os redimidos de todos os tempos (veja comentários em 7.4). Mas usá-la para os crentes no fim desta era parece estranho. No entanto, Charles resolve essa dificuldade ao ressaltar que, na Septuaginta, a palavra grega (*aparche*), na maioria das vezes, significa "oferta", sacrifício" ou "dom".[135] Todos os redimidos são uma oferta **para Deus e para o Cordeiro.**

Por último, lemos o seguinte acerca dos seguidores do Cordeiro: **E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus (5).** Acerca da primeira parte dessa oração, Swete comenta: "Depois da pureza, a autenticidade era talvez a marca mais clara dos seguidores de Cristo, quando contrastados com seus vizinhos pagãos; cf. Ef **4.20-25".**[136]

A palavra **irrepreensíveis** (*amomos*) é usada freqüentemente na Septuaginta para a exigência de que os animais a serem sacrificados ao Senhor devem ser sem defeito. Por causa da referência à "oferta" no versículo anterior, parece que *amomos* deveria ser entendido aqui como "sem manchas" ou "imaculados" (RSV).

6. *Os Três Anjos* (14.6-13)

Três anjos apareceram sucessivamente, cada um fazendo uma proclamação importante. O cenário está sendo montado para as sete últimas pragas.

a) *O anjo com o evangelho* (14.6,7). O primeiro anjo estava voando **pelo meio do céu** (6) — lit.: "no meridiano" (veja comentários em 8.13). Dessa maneira, ele podia ser visto e ouvido. Ele **tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra.** Alguns têm buscado distinguir três evangelhos diferentes no Novo Testamento: "o evangelho do Reino (Mt 4.23), que era para os judeus; "o evangelho de Jesus Cristo" (Mc 1.1), que era para todos; e "o evangelho duradouro", a ser proclamado no fim dos tempos. Mas essa é uma tricotomia falsa. Há somente um evangelho, as boas-novas de salvação por meio de Jesus Cristo.

A mensagem do primeiro anjo era: **Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas** (7). A última frase é encontrada no Antigo Testamento (cf. 1 Rs 18.5; 2 Rs 3.19). Ela se refere às fontes de água em nascentes ou poços.

O dia do julgamento de Deus, seu ajuste de contas com o homem, chegou. Portanto, as pessoas devem se arrepender e adorá-lo.

b) *O anjo da condenação* (14.8). O segundo anjo clamou: **Caiu! Caiu Babilônia, aquela grande cidade** (lit., Caiu! Caiu! Babilônia, a Grande) **que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição.** Os pais primitivos interpretam a **Babilônia** em Apocalipse como sendo um nome simbólico para Roma. Essa interpretação parece correta.

A linguagem desse versículo é semelhante à de Jeremias 51.7,8: "A Babilônia era um copo de ouro na mão do SENHOR, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações; por isso, as nações enlouqueceram. Num momento, caiu a Babilônia e ficou arruinada". Há uma combinação de duas idéias: "A Babilônia faz as nações beber do copo da sua fornicação; e ela, bem como as outras nações, [...] há de beber do copo da ira de Deus: v. 10; 16.19. Em 18.6, como em Jeremias 51.7, de onde a imagem é tirada, há, como provavelmente é o caso aqui, uma combinação das duas".[137]

c) O *anjo do julgamento* (14.9-13). O anúncio do **terceiro anjo** foi o seguinte: **Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber o sinal na testa ou na mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira** (9-10). Já tinha sido mencionado que se alguém não adorasse a imagem da besta, seria morto (13.15). Agora vem a advertência do céu de que se alguém adorar a imagem, sofrerá um destino pior do que a morte. Ele **beberá do vinho da ira** (thymos, raiva ardente), **de Deus, que se deitou, não misturado** (lit.: foi misturado sem mistura) **no cálice da sua ira** *iorge).* **Não misturado** significa "não diluído" (Phillips), ou "concentrado".

O destino do adorador de imagens é descrito graficamente: Ele **será atormentado com fogo e enxofre** ("em chamas sulfurosas", NEB) **diante dos santos anjos e diante do Cordeiro.** Que coisa horrível é sofrer pela desobediência na presença do Cordeiro, que de maneira obediente sofreu para nos salvar! A linguagem dessa passagem rememora Isaías 30.33 e Ezequiel 38.22. Mas a comparação mais impressionante é a destruição de Sodoma

e Gomorra (Gn 19.24).

Ainda fazendo eco desse relato (Gn **19.38),** mas falando agora em termos eternos, o relato traz: **E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre (11).** Adorar César ou o Anticristo significa renunciar a Cristo, e dessa forma, ser culpado de apostasia. O castigo para isso é o tormento eterno. Não há **repouso** (cessação) para aqueles que rejeitam o chamado daquele que disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei".

Novamente (cf. 13.10, 18) temos uma declaração enigmática: **Aqui está a paciência dos santos** (12). A palavra grega para **paciência** significa "persistência" ou "constância". Swete comenta: "O culto a César oferecia aos santos um teste de lealdade que fortalecia e amadurecia aqueles que eram dignos do nome".[138] Esses são aqueles **que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus;** isto é, sua fé em Jesus.

Então João ouviu **uma voz do céu** (13) expressando palavras que geralmente são citadas em cultos fúnebres: **Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam.** Os **trabalhos** do cristão terminam com a morte, mas as suas boas **obras** o seguem na próxima vida.

7. *O Tempo da Ceifa* (14.14-20)

Duas cenas de ceifa são retratadas aqui. A primeira é a ceifa de trigo, com o Filho do Homem como Segador. A segunda é de uvas, recolhidas pelo anjo.

a) *A ceifa do trigo* (14.14-16). João viu **uma nuvem branca** (14) e sentado nela estava **um semelhante ao Filho do Homem.** Isso reflete a linguagem de Daniel 7.13: "Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem". Visto que o título **Filho do Homem** é usado por Jesus para si mesmo 81 vezes nos Evangelhos, parece justificável aceitar que João aqui se refira a Jesus.[139]

Ele **tinha sobre a cabeça uma coroa** (*stephanos*, coroa do vitorioso) **de ouro e, na mão, uma foice aguda.** Pelo que tudo indica, era a época de realizar a colheita.

Agora **outro anjo** (9) **saiu do templo** (santuário), **clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e sega! E já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura** (15) — lit.: "estava seca"; isto é, "completamente madura" (RSV), ou possivelmente "madura demais" (ERV, NEB). **Lança** é literalmente "envia" (*pempson*). Essa é uma repetição de Joel 3.13: "Lançai [LXX, 'enviai'] a foice, porque já está madura a seara". Jesus disse: "E, quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa" (Mc 4.29).

Aquele **que estava assentado sobre a nuvem meteu** (*ebalen*, "lançou" ou "colocou") **a sua foice à terra, e a terra foi segada (16).** Barnes interpreta essa colheita como a vinda de Cristo "para reunir o seu povo". Ele comenta o seguinte acerca da última parte

do versículo: “Para os justos, o fim tinha chegado; a Igreja estava redimida; a obra contemplada estava cumprida e os resultados da obra do Salvador eram como uma colheita gloriosa”.[140]

b) *A colheita de uvas* **(14.17-20).** Da mesma forma que a vindima naturalmente segue a colheita de trigo (cf. Dt **16.9, 13),** assim foi na visão profética aqui. **E saiu do templo, [...] outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda (17).** Ainda **saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo (18).** Em relação a essa estranha alusão, Simcox comenta: “Pode [...] ser que ‘o Anjo de Fogo’ seja ordenado a invocar o julgamento sobre os maus que serão executados pelo fogo. Mas é mais fácil entender que esse é o Anjo ‘que tinha poder sobre o fogo no Altar’ — talvez, por isso, seja o Anjo de quem já tínhamos ouvido falar em **8.3-5”.**[141]

Esse anjo clamou ao anjo com a foice: **Lança** (envia) **a tua foice aguda e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras!** — lit.: “estão no seu auge”. Assim **o anjo meteu** (19) — lit.: “lançou” (cf. v. 16) — **a sua foice à terra, e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus.**

E **o lagar foi pisado** (20) lembra a linguagem de Isaías 63.2-6. O terrível julgamento ocorreu **fora da cidade,** evidentemente Jerusalém. Joel profetizou: “Congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá” (J13.2). Esse vale fica ao sul de Jerusalém.

Saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios (gr., *stadia).* Isso representa cerca de 300 quilômetros. Essa figura tem causado muita discussão. Alguns entendem que o autor está se referindo aproximadamente à extensão da Palestina (na verdade com cerca de 225 quilômetros. Outros entendem tratar-se de uma figura simbólica de perfeição (1.600 = **4** x **4** x 100). Assim, significaria destruição por toda parte (exceto na cidade). Parece evidente que a linguagem deveria ser tomada figuradamente, não literalmente.

Qual é a relação entre as duas colheitas descritas nessa seção? Parece que a explicação de Swete é razoável: “Nos Profetas, a colheita, quer do trigo quer da vindima, representa a derrota dos inimigos de Israel, que estão maduros para a queda [...] o Apocalipse [...] como os Evangelhos identificam o trigo com os verdadeiros ‘filhos do Reino’ (cf. Mt 13.30, 38) [...] a vindima, da sua associação com o ‘vinho da ira’ [...] representa o mal”. Ele acrescenta: “Assim, pelo novo modo de tratar a antiga metáfora da ceifa divina das pessoas, o autor de Apocalipse expressa o claro ensino do Senhor em relação à grande separação entre os homens que está reservada para a*parousia”,*[1*2] a Segunda Vinda. Na primeira ceifa, os justos serão reunidos; na segunda, os perversos.

E. As Sete Taças, 15.1—16.21

Introdução (15.1-8)

O capítulo 15 apresenta o cenário para o derramar das pragas contidas nas sete taças. Ele consiste de três visões: 1) os anjos que esperam; 2) os santos vitoriosos; :3) os anjos

emergentes. O Capítulo 16 apresenta uma descrição de cada uma das sete pragas.

a) *Os anjos que esperam* (15.1). Esse versículo realmente forma um cabeçalho para o conteúdo dos capítulos 15-16. João viu **outro grande e admirável sinal no eéu: sete anjos que tinham as sete últimas pragas, porque nelas é consumada** a **ira de Deus.** Há um caráter final acerca disso. A linguagem mostra que essas pragas chegarão ao seu clímax. **Consumada** literalmente significa "completa" ou "terminada". **Ira** é *thymos,* "raiva ardente". **O** pecado, que afligiu a humanidade por tanto tempo, precisa ser erradicado.

b) *Os santos vitoriosos* (15.2-4). João viu **um como mar de vidro misturado com**

fogo (2). Provavelmente, esse é o mesmo mar de vidro relatado em 4.6. Lá ele é descrito como "semelhante ao cristal" em sua transparência. Aqui ele tinha uma incandescência rosada, como se estivesse **misturado com fogo.** Swete sugere: "A incandescência vermelha do mar representava o fogo pelo qual os mártires passaram, e mais claramente, a ira prestes a cair sobre o mundo, que os havia condenado".[143]

Sobre esse mar vítreo, como se fosse um chão sólido, estavam parados **os que saíram vitoriosos da besta** — literalmente, "os que vinham vitoriosos da besta selvagem". Lenski comenta: "Os conquistadores chegaram como vitoriosos 'saindo da' batalha com a besta selvagem, com sua imagem, e o número do seu nome".[114] Esse número, é claro, é 666 (13.18). Esses vitoriosos têm **as harpas de Deus;** isto é, harpas que Deus tinha dado a eles, ou que pertenciam ao serviço de Deus. As harpas já foram mencionadas em 5.9 e 14.2.

Esses harpistas cantam e tocam. Eles cantam o **cântico de Moisés, servo de Deus** (3). O contexto mostra que a referência não é ao cântico final de Moisés em Deuteronômio 32. Em vez disso, trata-se do hino de louvor cantado no mar Vermelho quando Deus libertou os israelitas dos egípcios perseguidores (Ex 15). Esse hino também era um cântico de livramento da besta ameaçadora.

Mas eles também cantaram **o cântico do Cordeiro.** Eles são vitoriosos com Cristo sobre todo o poder do inimigo. Para as pessoas da época de João, isso significava o imperador perseguidor. Para os cristãos de várias épocas, têm ocorrido muitas aplicações. No fim dessa era, será a vitória sobre o Anticristo.

O hino de adoração encontrado no restante do versículo 3 e no versículo 4 é composto quase que inteiramente de palavras e frases do Antigo Testamento (e.g., SI 86.8-10; 111.2; 139.14; Am 4.13). Deus é louvado pelas suas obras maravilhosas. A frase **Rei dos santos** não recebe muito apoio dos melhores manuscritos. A escolha fica entre "Rei das nações" (Phillips) e "Rei das eras" (RSV).[145] O contexto pode favorecer levemente a frase "Rei das nações", que é o que a besta afirmava ser. No fim, **todas as nações virão e se prostrarão diante de ti** (4). Porque os **juízos** (*dikaiomata*, atos justos) **são manifestos** ("se tornaram manifestos", NVI).

c) *Os anjos emergentes* (15.5-8). João escreve: E, **depois disto** (gr., dessas coisas), **olhei** ("vi", mesmo verbo que no v. 1), **e eis que o templo** (santuário) **do tabernáculo do testemunho se abriu no céu** (5). Aqui o autor de Apocalipse prefere a referência ao Tabernáculo — chamado de "tenda do Testemunho" (Nm 9.15) — em vez referir-se ao Templo posterior. O autor da epístola aos Hebreus faz a mesma coisa. Isso provavelmente ocorre porque seu plano foi dado por revelação divina.

Os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do templo. Eles estavam **vestidos de linho puro e resplandecente,** com **cintos de ouro,** como os sacerdotes no Templo.

Um dos quatro animais ("criaturas viventes"; veja comentários em 4.6) **deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus** (7). A palavra grega para **salvas,** *phiale,* é encontrada somente em Apocalipse (5.8; 15.7; 16.1-17; 17.1; 21.9). Ela significa "uma *taça* rasa, usada para derramar libações, etc".[146] Outros significados atuais de **salva** podem induzir ao erro. Diversas traduções trazem "sete taças de ouro".

Esse **Deus,** cuja **ira** será derramada sobre os rebeldes, é o **que vive para todo o sempre.** O autor de Hebreus adverte que "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31).

Nesse momento **o templo encheu-se com a fumaça da glória de Deus e do seu poder** (8). Swete observa: "Fumaça é um símbolo da Presença Divina no AT quando a majestade impressionante de Deus se manifesta".[147] **Ninguém podia entrar** no santuário **até que se consumassem** (ou "completassem") **as sete pragas** (cf. Êx 40.35; 1 Rs 8.10).

1. A *Primeira Taça: Chaga* (16.1,2)

João ouviu **uma grande voz,** vinda **do templo** (santuário). Uma vez que acabamos de ler (15.8) que ninguém podia entrar no santuário até que as pragas se consumassem, presumivelmente essa era a voz de Deus. Essa voz ordenou **aos sete anjos** que derramassem suas **taças da ira** divina **sobre a terra** (1). Quando o primeiro anjo esvaziou sua taça, **fez-se** (gr., sobreveio) **uma chaga má e maligna** (gr., *kakon kai poneron)* **nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem** (2). Essa é semelhante à sexta praga no Egito (Êx 9.10). **Má** significa "nociva" ou "prejudicial". A palavra grega para **chaga** significa "abscesso" ou "úlcera". Uma boa tradução da frase inteira seria: "úlceras repugnantes e malignas" (Phillips).

2. A *Segunda Taça: Morte no Mar* (16.3)

O segundo anjo derramou a sua taça no mar, que se tornou em sangue como de um morto — como de um homem morto deitado em seu próprio sangue. O resultado foi que **toda alma vivente** (criatura) morreu **no mar.** Isso foi como a primeira praga no Egito (Êx 7.20) e a segunda trombeta (8.8,9). Mas, enquanto no Egito somente os rios e tanques foram afetados, aqui foi o mar. E enquanto somente um terço da vida no mar foi destruído pelo julgamento da segunda trombeta, agora toda alma vivente do mar morre.

Tudo isso sugere que essas sete pragas derramadas das taças são finais e completas.

3. A *Terceira Taça: Sangue* (16.4-7)

E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue (4). Esse é um quadro ainda mais parecido com a primeira praga no Egito e é semelhante à terceira trombeta (8.11). Mas, enquanto o julgamento anunciado pela trombeta afetou somente uma terça parte do suprimento de água doce, aqui tudo é transformado em sangue.

A justiça divina nesse julgamento é vindicada pelo **anjo das águas** (5). Ele reconhece que Deus tinha o direito de usar as águas para o castigo dos pecadores. O melhor texto grego traz em lugar de **ó Senhor,** "o Santo". A tradução correta então é a seguinte: "Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas" (ARA).

O motivo para essa justiça é que **como derramaram o sangue dos santos e dos profetas** (líderes cristãos), **também tu lhes deste sangue a beber** (6). A última frase: **porque disto são merecedores** (*axioi*) forma um contraste terrível com a mesma expressão em 3.4. A palavra *axios* literalmente significa "adequado". 0 castigo é adequado ao crime.

João ouviu **outro do altar, que dizia** (7) — literalmente: "Ouvi o altar dizer". Alford comenta: "Certamente, a compreensão mais simples dessas palavras é que elas envolvem uma personificação do altar. No altar estão as orações dos santos, oferecidas diante de Deus; debaixo do altar estão as almas dos mártires clamando por vingança: portanto, quando o altar fala, tem-se em mente o testemunho deles".[148] O que o altar disse era um eco do cântico de Moisés e do Cordeiro (15.3-4).

4. *A Quarta Taça: Calor Abrasador* (16.8,9)

E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo (8). No caso da quarta trombeta uma terça parte do sol foi escurecida. Aqui parece que seu calor foi multiplicado, a ponto de as pessoas serem abrasadas por ele.

Nem sempre o julgamento divino produz arrependimento. Em agonia e dor, esses homens **blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória** (9). E uma coisa terrível considerar as pessoas na sua revolta completa e final contra Deus. No entanto, há muitas correntes em nossos dias que apontam para essa direção. Ou o sofrimento "amolece" as pessoas para o arrependimento ou as "endurece" para a rebeldia.

5. *A Quinta Taça: Trevas* (16.10,11)

E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e os homens mordiam ("remordiam", ARA) **a língua de dor** (10). Dessa

vez, o julgamento acertou bem o coração do poder anticristão — o trono da besta. Novamente é declarado que as pessoas **blasfemaram do Deus do céu** (cf. Dn 2.44) por causa **das suas dores e por causa das suas chagas** — provindas das pragas anteriores — **e não se arrependeram das suas obras** (11).

6. *A Sexta Taça: Invasão* (16.12-16)

Antes, quando a sexta trombeta soou (9.13), quatro anjos foram soltos do rio Eufrates e milhões de cavaleiros foram soltos por eles para a destruição. Encontramos um paralelo impressionante aqui. **O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente** (12). Nos dias de João isso significava uma invasão ameaçadora do Império Romano pelos partos. Para o fim desta era isso aparentemente significa um ataque maciço à Palestina de exércitos do Oriente.

João viu **três espíritos imundos, semelhantes a rãs** (13). Provavelmente há uma referência aqui à segunda praga no Egito (Ex 8.6). **Rãs** também foram incluídas entre os animais impuros na lei mosaica (Lv 11.10).

Esses espíritos saíram **da boca do dragão [...] da besta [...] do falso profeta.** A

palavra grega para "espírito" é *pneuma,* cujo significado principal é "fôlego". Esses

demônios são exalados da boca de Satanás e de seus colegas, da mesma forma que Jesus "assoprou" o Espírito Santo sobre os seus discípulos (Jo 20.22).

O dragão já foi identificado como "o diabo e Satanás" **(12.9). A besta** é claramente aquela que subiu do mar **(13.1),** mais tarde chamada de a "primeira besta" **(13.12). A** partir daí, ela é simplesmente chamada de "a besta" **(13.14-18; 14.9,11; 15.2; 16.2,10). O falso profeta** é inquestionavelmente a segunda besta, que subiu da terra **(13.11).** Ela está ligada à primeira besta em **19.20** (cf. **13.14)** e **20.10.** Esses três compõem o que às vezes é chamado de "a trindade do mal", em contraste com a Santa Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo.

Os espíritos impuros são **espíritos de demônios** (*daimonion*), **que fazem prodígios** (14) — literalmente, "realizando sinais". Nos tempos do Antigo Testamento os falsos profetas realizavam sinais como suposta prova do seu chamado divino (Dt 13.1-3). Cristo advertiu seus discípulos que esse tipo de homens surgiríam na Igreja (Mc 13.22). Um paralelo impressionante dessa passagem é encontrado em 2 Tessalonicenses 2.8-9: "e, então, será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca [...] cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira". Atos 13.6 menciona um "falso profeta" chamado Baijesus.

Os três demônios **vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha, naquele grande Dia do Deus Todo-poderoso.** Que essas forças satânicas são responsáveis por muitas guerras é inquestionável. Swete observa: "Houve

épocas em que nações foram dominadas por uma paixão por guerras, fato que os historiadores têm dificuldade em explicar. O vidente está antevendo esse tipo de situação, mas será uma época diferente de todas as outras, porque o mundo inteiro estará envolvido na guerra".[150]

Essas palavras de Swete foram escritas no início do século XX, antes das duas Guerras Mundiais do século mais sangrento na história humana. Meios modernos de comunicação e transporte tornaram possível à Terra toda se envolver na mesma guerra; na verdade, eles tornaram quase impossível isso *não* acontecer. Não é necessário muito discernimento profético para perceber que o cenário está sendo montado para o grande conflito global no fim desta era.

Lemos em 2 Pedro 3.10: "Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite". E assim lemos aqui: **Eis que venho como ladrão** (15). Não há duvida de que é Cristo que está falando aqui (cf. 3.3). Durante seu ministério terreno Ele havia anunciado essa advertência (Mt 24.42-44). Paulo repetiu a advertência (1 Ts 5.2). Agora ela aparece outra vez, seguida da seguinte expressão: **Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas.** Diferentemente dos gregos, os judeus consideravam uma desgraça trágica ser apanhado **nu;** isto é, não devidamente vestido. A aplicação espiritual é óbvia. Devemos colocar a veste da justiça de Cristo se queremos estar preparados para a sua vinda (cf. Mt 22.11).

Parece que esse versículo é um parêntese nessa passagem (cf. ASV). Jesus insere uma nota especial de advertência aos que lhe pertencem.

Agora a narrativa recomeça. **E** ("eles",[151] os três demônios impuros) **os congregaram** (os exércitos das nações) **no lugar que em hebreu se chama Armagedom** (16; Har-Magedon, ASV).

Esse nome próprio tem causado um ilimitado número de comentários. Charles escreve: "Nenhuma interpretação convincente tem sido dada a essa frase *[Har-Magedon],*

que provavelmente deveria ser traduzida por 'as montanhas do Megido'".[152] A forma Armagedom (aspiração fraca no gr.) significa "a cidade de Megido". Megido — a colina ainda pode ser vista hoje — se localizava na entrada de uma passagem famosa, dominando a planície de Esdraelom. Foi nessa planície que Débora e Baraque derrotaram os exércitos de Jabim, rei de Canaã (Jz 5.19,20). Faraó Neco matou Josias no "vale de Megido" (2 Cr 35.22; cf. Zc 12.11). Swete sugere: "Assim, Megido simboliza adequadamente a angústia mundial das nações na derrota dos seus reis na guerra final".[153]

1. A Sétima Taça: Destruição (16.17-21)

O sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito (17) — literalmente: "Está terminado". Essa era a manifestação final da ira divina em castigar a rebelião humana.

O conteúdo da sétima taça produziu imensos distúrbios na natureza: **houve vozes, e trovões, e relâmpagos** (18). A ordem do melhor texto grego é: "clarões de relâmpagos e sons e ressoar de trovões" (NASB). Mas o fenômeno principal foi **um grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terremoto. O** primeiro século ficou conhecido pelos diversos terremotos violentos, mas esse será o pior de todos.

O resultado do terremoto foi que **a grande cidade fendeu-se em três partes, e as**

cidades das nações caíram (19). Simcox acha que este texto se refere à grande cidade de Jerusalém, citando Zacarias 14.4,5 como um paralelo.[154] Parece que Jerusalém è chamada de "grande cidade" em 11.8. Outros comentaristas (e.g., Swete, Charles, Lenski) entendem tratar-se da **grande Babilônia** que deve tomar **o cálice do vinho da indignação da sua ira** e cuja queda é descrita nos próximos dois capítulos. Parece impossível decidir dogmaticamente entre esses dois pontos de vista.

O terremoto foi tão violento que **toda ilha fugiu; e os montes não se acharam** (20). Algo semelhante ocorre em conexão com o sexto selo (6.14). E impossível dizer até que ponto essa linguagem deve ser tomada literalmente e até onde é figurada.

A última manifestação ocorreu na forma de uma **grande saraiva** (21). Essa é uma lembrança da sétima praga no Egito (Êx 9.24). Cada pedra de gelo pesava cerca de **um talento** — provavelmente "cerca de 35 quilos" (NVI). Mas os homens continuaram blasfemando de Deus, em vez de se arrependerem.

O*preterista* (veja Int., "Interpretação") entende que essas sete pragas seriam derramadas sobre o Império Romano. O *futurista* faz a aplicação ao Anticristo (a besta) e seus seguidores no fim dos tempos.

Barnes, representando o ponto de vista *historicista,* considera esse capítulo uma descrição dos "sucessivos golpes que derrubarão o papado [a besta]".[155] Ele interpreta a primeira taça como que referindo-se à Revolução Francesa; a segunda, a "uma série de desastres navais que derrotaram a frota da França e que demoliram por completo o poder naval mais temível que já foi preparado por uma nação debaixo do domínio papal";[156] a terceira, à invasão da Itália por Napoleão; a quarta, às guerras na Europa após a Revolução Francesa; a quinta, ao ataque direto ao poder papal pelos franceses; a sexta, ao declínio do poder turco (o rio Eufrates secou). Ele acha, no entanto, que **Armagedom** (16) aponta para o futuro, de modo que o restante do livro ainda está por ser cumprido.[157]

F. As Últimas Sete Cenas, **17.1—20.15**

1. *A Mulher de Escarlate* (17.1-18)

A Babilônia já foi mencionada duas vezes e a sua condenação foi predita (14.8; 16.19). Finalmente nos é apresentado um ensaio geral desse evento apavorante. A descrição cobre dois capítulos (17—18).

O assunto do capítulo 17 se divide naturalmente em duas partes. Primeiro encontramos a visão (w. 1-6) e então a interpretação (w. 7-18).

a) A *visão* (17.1-6). **E veio um dos sete anjos** (1) que tinha sete taças e convidou João a vir e ver **a condenação da grande prostituta.** Esse termo insultuoso é aplicado à Babilônia quatros vezes nesse capítulo (w. 1, 5,15,16), bem como em 19.2. **Muitas águas** significa muitas pessoas ou nações (cf. v. 15).

A grande prostituta é então descrita como alguém **com a qual se prostituíram os reis da terra** (2). As últimas três palavras estão na forma aoristo do verbo *porneuo,* derivado de*porne* **(prostituta).** As pessoas da terra **se embebedaram com o vinho da sua prostituição** (*porneia*). Os **reis** eram provavelmente reis vassalos do império. Swete diz: "A*porneia* da qual esses reis eram culpados consistia em comprar o favor de Roma ao aceitar sua suserania e, com ela, seus vícios e idolatrias".[158]

João foi então levado em espírito **a um deserto** (3) — talvez um lugar limpo e quieto de onde pudesse ver essa cena. Ele viu **uma mulher assentada sobre uma besta de cor escarlate, que estava cheia de nomes de blasfêmia** (veja notas em 13.1, 5). Swete observa: "O Império emitia um cheiro fétido com a adoração blasfema dos imperadores".[159] **A** besta **tinha sete cabeças e dez chifres.** Isso parece identificá-la com a besta que subiu do mar (13.1). O significado desses itens é explicado em 17.9-17.

A mulher estava esplendidamente **vestida de púrpura e de escarlata** (4). Tertuliano e Cipriano, do norte da África (em torno de 200 d.C.), usaram essa passagem para advertir os cristãos contra uma tendência excessiva para roupas suntuosas. Mais tarde, os autores protestantes encontraram aqui uma referência aos luxuosos mantos vermelhos dos cardeais da igreja católica.

A mulher também foi **adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas.** Esses eram os acessórios típicos usados pelas prostitutas ao exercer seu ofício, conforme a descrição de autores romanos daquela época. Ela **tinha na mão um cálice de ouro cheio das abominações** — "os cultos e vícios da vida romana"[160] — **e da imundícia da sua prostituição** com as nações do mundo.

Como era o costume das prostitutas romanas, ela tinha um nome **na sua testa.** Esse nome era o seguinte: **MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA** (5). **O** termo **mistério** deixa claro que se tem em mente um simbolismo aqui. Swete comenta: *"A* mulher montada na besta representa a (é o símbolo da) Babilônia, a Grande, enquanto a própria Babilônia é um nome místico para a cidade que é agora mestra do mundo. Sua personalidade ataviada e adornada com jóias e sua taça de abominações a tornam a prostituta-mãe da terra".[161] Não há dúvidas de que a identificação principal da Babilônia é com Roma. Entre os cristãos daquele tempo, a **Babilônia** foi usada como um nome místico para Roma, para evitar dificuldades.

João viu **que a mulher estava embriagada do sangue dos santos e do sangue das**

testemunhas de Jesus (6). A idéia de estar embriagada com sangue era familiar aos autores romanos. Os espetáculos de gladiadores tinham acostumado as pessoas a ter prazer no derramamento de sangue.

O vidente tinha sido convidado a observar o julgamento da grande prostituta. Em vez disso, ele a observou em seu imenso orgulho e poder. Assim, ele maravilhou-se **com grande admiração.** Obviamente, essa última palavra não se encaixa. O grego diz: "maravilhou-se com grande maravilha" ou "maravilhou-se muito".

b) *A interpretação* (17.7-18). Observando a admiração na face de João, o anjo perguntou: **Por que te admiras?** (7) Então o anjo passa a explicar **o mistério.**

Ele disse: **A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo** (lit., está para emergir do abismo), **e irá à perdição** (8). **A** primeira referência foi a Nero, que **foi e já não é.** Evidentemente, João pensou no Anticristo com sendo um tipo de Nero novo, que surgirá do abismo (veja comentário em 20.1). Mas ele finalmente **irá à perdição.** Os habitantes do mundo serão envolvidos de **admiração,** aqueles **cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo** (cf. 13.8), **vendo a besta que era e já não é, mas que virá** (cf. 13.3).

Antes de dar uma explicação definitiva dos detalhes, o anjo disse: **Aqui há sentido, que tem sabedoria** (9; cf. 13.18). **As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.** Essa é uma clara referência a Roma, que era celebrada igualmente por poetas e oradores como a cidade edificada sobre sete montes.

Mas essas sete cabeças também representam **sete reis: cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo (10). E a besta, que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição (11).**

Inicialmente parece que a identificação desses reis seria uma questão simples. Mas, na verdade, tem ocorrido um debate considerável acerca desse assunto.

Alford entende os **cinco** que **já caíram** como sendo cinco impérios que foram inimigos de Israel: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia. Aquele que **existe** ele identifica como Roma. **O outro** que **ainda não é vindo** é o Império Bizantino de Constantinopla. **O oitavo** é "o poder do anticristo derradeiro, prefigurado pelo pequeno chifre em Daniel e claramente anunciado por Paulo em 2 Tessalonicenses 2.3ss".[162]

Mas a maioria dos *preteristas* (veja Int., "Interpretação") interpreta essa passagem como uma referência aos sucessivos imperadores romanos, embora nem sempre concordem nas identificações. Há, no entanto, uma concordância geral em relação aos **cinco** que **caíram.** Eles são Augusto (27a.C.—14d.C.); Tibério (14-37); Calígula (37-41); Cláudio (4154); Nero (54-68). Três imperadores menores, que reinaram pouquíssimo tempo, são omitidos. Isso nos leva ao sexto, o que **é,** Vespasiano (69-79). E aquele que **ainda não é vindo,** Tito (79-81), que durou somente **pouco de tempo.** O **oitavo** é então Domiciano (81-96).

O problema com essa interpretação é que parece colocar o autor de Apocalipse no tempo de Vespasiano. Na Introdução mencionamos que a época provável da composição do livro de Apocalipse foi o reinado de Domiciano. Para resolver essa situação, alguns estudiosos, de maneira arbitrária, consideraram Domiciano aquele que **é,** e Trajano **(98117),** aquele que **ainda não é vindo.** Para isso precisamos deixar de fora os dois imperadores flavianos, Vespasiano e Tito. Mas Domiciano também era flaviano. Felizmente, há uma concordância considerável em que o **oitavo** rei é o Anticristo. Muitos, no entanto, identificam **o oitavo** como Nero, porque ele é chamado de **a besta.**

Uma nova solução muito útil é oferecida por Rist. Ele sugere que os **cinco** são aqueles que foram divinizados oficialmente pelo Senado Romano. Esses seriam César, Augusto, Cláudio, Vespasiano e Tito. Domiciano seria então aquele que **é,** o imperador reinante. Aquele que **ainda não é vindo** seria "o Anticristo Nero".[163]

Barnes, como *historicista,* entende que **reis** se refere a sucessivas formas do governo romano: reis, cônsules, ditadores, decênviros, tribunos militares e imperadores. Ele diz: "Desses, cinco tinham falecido na época em que João escreveu o Apocalipse; o sexto, o imperial, estava então no poder, e era do tempo de César Augusto".[164] **O oitavo** é "o poder papal".[165]

E muito difícil apresentar uma interpretação *futurista* desses detalhes. Tudo que podemos dizer é que eles se referem a organizações e pessoas no fim desta era.

Os dez chifres são identificados como **dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis por uma hora, juntamente com a besta**

(12). Afigura é tirada de Daniel 7.24. Swete apresenta uma boa interpretação*preterista*: "Os 'dez reis' pertencem a um período que nos tempos de João ainda era remoto; eles pertencem, como a sequência vai mostrar, aos últimos dias do Império Romano, e representam as forças, que, surgindo do próprio Império, como chifres da cabeça de uma besta, e perpetrando muitas das piores tradições do Império, usariam sua força contra Roma e promoveríam a sua derrocada".[166]

A aplicação *historicista* dada por Barnes é à vida curta dos governos que surgiram na Europa durante e depois das invasões germânicas da Itália.[161] Os *futuristas* enxergam uma confederação de dez reis no fim desta era, todos favoráveis ao Anticristo.

Essa última sugestão se baseia na declaração seguinte: **Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta (13).** Isso podería, no entanto, referir-se aos reis vassalos do Império Romano. Barnes, o *historicista,* resolve esse problema mais difícil ao fazer a **besta** representar o papado, a quem todos dão apoio.

Essas marionetes da besta **combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá** (14). A figura do Cordeiro como Conquistador poderoso é um dos paradoxos impressionantes do livro de Apocalipse.

O Cordeiro é **o Senhor dos senhores e o Rei dos reis.** O primeiro líder de Israel, Moisés, declarou: "Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores" (Dt 10.17). Esse texto é repetido em Salmos 136.2-3. Em Daniel 2.47, Ele é chamado de "Deus dos deuses" e "Senhor dos reis". Paulo fala do Pai como "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1 Tm 6.15). Mas o fato impressionante é que em Apocalipse esses títulos são aplicados ao Filho de Deus. A expressão aqui ocorre novamente em 19.16. Esses títulos tinham sido reivindicados pelos reis babilônicos. Mas o significado especial aqui é que Domiciano, o imperador reinante, era chamado de "Senhor e nosso Deus". Para os cristãos, isso era pura blasfêmia. Somente o Cordeiro, o Senhor deles, era o Senhor de todos.

Os seguidores do Cordeiro são **chamados, eleitos e fiéis.** Isso oferece um excelente esboço para a pergunta: "O que é um Cristão?". Ele é 1) chamado por Deus para a salvação; 2) escolhido por Deus, ao aceitar a salvação oferecida em Cristo; 3) fiel em obediência ao seu chamado e escolha.

O anjo agora apresenta mais uma explicação. **As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas** (15). "As águas sobre as quais a prostituta estava assentada (v. 1) representavam as inúmeras populações do Império".[168] A relação desse versículo com o seguinte é explicada da seguinte forma por Swete: "A cidade-prostituta estava assentada à margem da inundação agitada [...1 as raças poliglotas do Império, o apoio e força dela no presente, mas se elas se insurgissem, como em alguma época futura pode ocorrer, seriam um instrumento certo e rápido de destruição".[169]

E assim lemos que os dèz chifres da besta **aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo** (16).
Com freqüência, observamos um amor apaixonado se transformar subitamente em um ódio impetuoso. Isso não ocorre apenas com indivíduos (cf. 2 Sm 13.15), mas também com nações. Em nossos tempos tivemos a demonstração de Hitler voltando-se violentamente contra o seu aliado, a Rússia. Assim, os aliados de Roma se voltarão subitamente contra ela e a destruirão. A obra densa de E. Gibbon, *The Decline and Fali ofthe Roman Empire* (O Declínio e Queda do Império Romano), fornece uma documentação rica para a linguagem desse versículo.

Por que isso aconteceu? **Porque Deus tem posto em seu coração que cumpram o seu intento [...] até que se cumpram as palavras de Deus** (17). A palavra para **intento** é *gnome,* que normalmente significa "um meio de conhecer". Mas aqui é usado no sentido de "propósito régio" ou "decreto". A soberania divina cuidará para que o amor divino seja levado a cabo para o bem final da humanidade.

Finalmente, **a mulher** é identificada como **a grande cidade que reina sobre os reis da terra** (18). A referência a Roma por João não pode ser questionada.

2. *A Queda da Babilônia* (18.1-24)

Os capítulos 17 e 18 de Apocalipse estão estreitamente unidos. Ambos se referem à "grande Babilônia" (17.5; 18.2). No capítulo 17, a Babilônia é retratada como uma prostituta, vestida de maneira luxuosa, que se prostitui com os reis da terra (17.2). Essa mesma figura persiste nesse capítulo (18.3). Ao longo do capítulo, a Babilônia é tratada como "ela". Seu nome bem pode significar "Madame Perversidade".

a*) A condenação da Babilônia* (18.1-8). João viu **outro anjo** (1), talvez diferente de qualquer outro mencionado anteriormente, **descer do (***ek)* **céu** (gr., descendo do céu), **que tinha grande poder (***exousia*, autoridade), **e a terra foi iluminada com a sua glória.** Esse anjo possuía autoridade para executar a sentença que tinha pronunciado na Babilônia. E vindo do mundo glorioso, ele espalhava uma luz celestial radiante.

O anjo **clamou fortemente com grande voz[1™] [...] dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia** (2). Exatamente, a mesma expressão é encontrada em 14.8 (veja comentário ali), repetindo Isaías 21.9. A cidade **se tornou morada de demônios, e abrigo** (prisão) **de todo espírito imundo, e refúgio** — "prisão", a mesma palavra traduzida por **abrigo — de toda ave imunda e aborrecível** (detestável).

Uma condenação semelhante foi pronunciada à antiga Babilônia (Is 13.21-22) e foi literalmente cumprida. A Babilônia no Eufrates ainda está em ruínas, com animais selvagens e aves como seus habitantes. No entanto, Roma é uma das grandes capitais mundiais da atualidade. Pelo que tudo indica, a referência é à queda e desolação do Império Romano em vez de à cidade. Também pode haver uma alusão ao fato de que os templos pagãos de Roma foram finalmente abandonados pela conquista do cristianismo.

Essa é a visão *preterista* (veja Int., "Interpretação"). A interpretação *historicista é* dada por Bames: "A idéia é de completa desolação; e o significado aqui é que a Babilônia espiritual — Roma papal (cap. 14.8) — será reduzida a um estado de completa desolação, assemelhando-se à desolação da Babilônia real".[171]

Joseph Seiss apresenta uma interpretação *futurista.* Ele dedica dois longos discursos (pp. **107-58)** buscando provar que a **Babilônia** de Apocalipse **17—18** é uma Babilônia literal que será reconstruída no antigo lugar às margens do rio Eufrates. Ele então apresenta dois discursos para descrever a queda dessa Babilônia restaurada na Mesopotâmia.[172]

William Newell é um intérprete popular da visão *futurista.* Sua obra, *The Book of Revelation* (O livro de Apocalipse), foi publicada inicialmente em 1935 e estava na sua sexta edição em 1946. Sob o título: "O Que é a Babilônia", ele escreve: 1) "A Babilônia é *uma cidade literal junto ao rio Eufrates* [...] *antagônica ao povo de Deus, Israel*2) "Em seguida, a Babilônia é o *mesmo sistema* em outra cidade — Roma, e *opondo o mesmo sistema idólatra aos santos de Deus da era da Igreja*(3) *"A. forma final da Babilônia é a cidade literal no Eufrates, reconstruída* como a capital dos últimos dias do Anticristo, *opondo-se a Israel como o povo terreno de Deus,* que será novamente reunido na sua terra (com a Igreja, é claro, tendo sido arrebatada)".[173]

Há duas, ou possivelmente três, interpretações razoáveis da **Babilônia** no livro de Apocalipse. Para os primeiros leitores de João, o termo significava inquestionavelmente a cidade de Roma. Não parece haver dúvidas de que os *preteristas* estão certos nesse aspecto. Os *historicistas* também podem estar certos em aplicar o termo ao papado, que ao longo do período da Igreja tem exigido uma sujeição mundial à sua autoridade.

E o que dizer acerca da visão *futurista*? Para nós a idéia de a Babilônia no Eufrates ser literalmente reconstruída no fim dessa era e se tornar o centro mundial do comércio parece forçada. De um ponto de vista meramente físico é quase inimaginável para uma cidade do interior ocupar uma posição como essa nos dias de hoje, embora admitidamente isso tivesse ocorrido com Roma nos tempos antigos.

Um ponto de vista mais razoável coloca a **Babilônia** como que representando uma confederação de poderes mundiais debaixo de um ditador no fim desta era. A forma dessa confederação ou aliança é um segredo conhecido somente por Deus. Especular a esse respeito é inútil.

As primeiras duas partes do versículo 3 são um eco de 14.8 e 17.2. Acrescenta-se aqui que **os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias.** Uma boa parte desse capítulo busca descrever o imenso comércio com Roma realizado pelos mercadores daqueles dias. A palavra grega para "mercador" é *emporos.* Ela inicialmente significava "um passageiro a bordo de um navio, alguém numa viagem", e, mais tarde, "mercador".[174] À parte de Mateus 13.45, ela é usada somente nesse capítulo. "Empório", um lugar de comércio, vem de *emporion* (somente em Jo 2.16). **Abundância** é literalmente "poder" (*dynamis*). **Delícias** é uma palavra forte no grego (somente aqui no NT), significando "luxúria insolente". A última parte desse versículo pode ser traduzida da seguinte maneira: "por meio da força da sua luxúria atrevida" (cf. Phillips — "da extravagância da sua dissipação"). Há evidências de sobra a respeito do viver licencioso e luxuoso dos romanos prósperos no primeiro século.

Uma **outra voz do céu** (4) ordenou: **Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas.** Há um

eco aqui de advertências semelhantes nos profetas (cf. Is 48.20; Jr 50.8; 51.6). Há um sentido em que cada cristão é chamado da Babilônia (o espírito desse mundo) para seguir a Cristo. Na verdade, a palavra grega para "igreja", *ecclesia,* significa uma assembléia de chamados para fora.

Esse versículo fala sobre o "Chamado para Sair": 1) Quem deve sair — **povo meu;** 2) Como devemos sair — **não sejas participante dos seus pecados;** 3) Por que devemos sair — **para que não incorras nas suas pragas** (castigo).

Os **pecados** da Babilônia **se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniqüidades dela** (5). O verbo **alcançou** literalmente significa "grudou". A figura é de pecados acumulados até que fossem empilhados e alcançassem o céu. Acerca da palavra **lembrou** veja 16.19.

Os anjos do julgamento recebem a seguinte ordem: **Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado** (6). Há uma justiça básica no universo, fluindo do caráter santo de Deus, que exige que a justiça seja administrada a todos. **Retribuí-lhe em dobro** é um princípio escrito na lei de Moisés (Ex 22.4, 7,9). Seu propósito era de agir como um meio de intimidação para o crime. Se um homem soubesse que só precisaria devolver o que tinha roubado, ele poderia arriscar; não havia nada a perder. Mas, se soubesse que teria de devolver o dobro, ele pensaria duas vezes. **O** termo **dobro** também é encontrado em Isaías 40.2 e Jeremias 16.18.

Em delícias esteve (7, 'Viveu em luxúria") é um verbo (somente aqui e no v. 9) derivado do substantivo "delícias" ou "iguarias" (v. 3). Essa frase é mais bem traduzida por "viveu luxuosamente" ou "viveu sensualmente" (NASB). A primeira parte desse versículo pode ser traduzida assim: "Quanto mais ela se entregou ao orgulho e luxúria, tanto mais você deve dar a ela tortura e aflição" (Goodspeed). Esse princípio encontra uma aplicação vivida na história do homem rico e Lázaro (Lc 16.19-31).

A destruição da Babilônia virá subitamente: **num dia** (8). Ela incluirá a **morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo.**

b) *O lamento da terra* (18.9-19). Essa passagem apresenta muitas semelhanças com o pranto de Ezequiel sobre Tiro (Ez 27), uma cidade que era famosa pela sua marinha mercantil. Aqui é a Babilônia (Roma) que é o centro do mundo comercial.

Esta seção consiste em três hinos fúnebres entoados sobre a cidade destruída: 1) os reis (w. 9-10); 2) os mercadores (w. 11-16); 3) os proprietários de navios (w. 17-19).

1) *Os reis* (18.9,10). Lemos que esses **reis da terra [...] chorarão e sobre ela prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio** (9). A segunda parte do versículo 9 recebeu a seguinte tradução: "que se depravaram e se perderam com ela" (Phillips). A palavra grega para **chorarão** sugere qualquer "expressão em voz alta de dor e tristeza, especialmente pelos mortos".[176] **Prantearão** é literalmente "bater no peito de tristeza". A palavra para **fumaça** é usada somente em Apocalipse (dez vezes), exceto em uma citação em Atos 2.19. Ela se encaixa bem nessas cenas dos julgamentos apocalípticos.

Como medo de serem apanhados no tormento da cidade, os reis ficarão **de longe**

(10) . Eles clamarão: **Ai! Ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! Pois numa hora veio o seu juízo.** A palavra grega para **julgamento** é *crisis.* Essa era a hora da Babilônia, e ela significava desastre. Literalmente, *crisis* significa separação, seleção e, dessa forma, uma decisão.

2) *Os mercadores* (18.11-16). A reação dos **mercadores** é parecida. Eles **choram**

(11) — mesmo verbo que "chorarão" (v. 9; veja comentário ali) — **è lamentam.** Mas o motivo é egoísta: **porque ninguém mais compra as suas mercadorias.** Roma era

o mercado principal de produtos daquela época. Seu povo vivia de maneira luxuosa e exigia a melhor comida e roupa da Ásia e da África.

Uma longa lista de **mercadorias (12)** é apresentada. Ela consistia de metais e pedras preciosas, tecidos caros, madeira de lei, cosméticos de grande valor e uma variedade de animais domésticos.

A **seda** é mencionada somente aqui no Novo Testamento. Os conquistadores macedônios a tinham trazido do Oriente. Josefo diz que em um desfile triunfal de Tito em Roma, ele e Yespasiano estavam vestidos em mantos de seda e sentavam em cadeiras de **marfim.**[176] **A madeira odorífera** era importada do norte da África e muito valorizada pelas suas nervuras e variedade de cores. Pessoas ricas tinham uma mesa de jantar feita dessa madeira, com pernas de marfim. Um autor romano disse que os ricos voluptuosos não podiam desfrutar do seu jantar a não ser que sua mesa estivesse apoiada sobre um leopardo esculpido em mármore.

Acredita-se que o **cinamomo** (13) veio do sul da China. Ele era um cosmético caro usado em banquetes formais. A **flor de farinha** era importada para ser usada pelos ricos. O **trigo** vinha em grande parte de Alexandria, Egito (veja comentários em Atos 27.6, CBB, vol. VII).

Corpos (*somaton*) na Septuaginta quer dizer escravos. Deissmann diz: "Os tradutores gregos do AT encontraram o uso dessa palavra no Egito: os papiros do período dos ptolomeus apresentou um grande número de exemplos".[177] E um comentário terrível acerca da falta de respeito pela personalidade humana chamar os escravos de "corpos". **Almas** significa pessoas, como em Ezequiel 27.13 *("persons ofmen"* na KJV — "pessoas de homens"; nas versões em português essa palavra é traduzida por "escravos"), em que ocorre a mesma frase grega (LXX). O mercado de escravos era o pior tipo de comércio daquela época. Uma grande porcentagem da população do Império Romano era composta de escravos. Acredita-se que no primeiro século havia três vezes mais escravos do que homens livres. Isso significaria que em meados daquele século deveria ter mais de vinte milhões de escravos na Itália.[178] Essa foi uma das causas do declínio e queda do Império Romano.

Uma tradução literal do versículo 14 seria: "Foram-se as frutas maduras do desejo da tua alma. Todas as coisas ricas e esplendorosas se desvaneceram de ti". A palavra para **fruto** significa frutas do outono, prontas para ser colhidas. **Gostosas** provavelmente se refere à comida, **excelentes** a roupas vistosas e móveis caros. Tudo isso não seria mais desfrutado. O tempo dos Césares se foi para sempre.

Os mercadores estão **chorando** e **lamentando** (15) — os mesmos dois verbos do versículo 11. Esses mercadores ficaram ricos em Roma, mas agora o seu comércio lucrativo havia acabado. Eles clamam Ai! (16) pela cidade que chegou a exibir mais luxo do que qualquer outra metrópole, o que se evidencia pelas suas roupas caras e jóias. **Porque numa hora** (cf. v. **10) foram assoladas tantas riquezas (16).**[179]

3) *Os proprietários de navios* **(18.17-19). E todo piloto, e todo o que navega em naus** — lit.: "e todo aquele que veleja para um determinado lugar", — **e todo marinheiro** (somente aqui e em At **28.27, 30), e todos os que negociam no mar** (lit.: "trabalham no mar"; isto é, ganham sua vida dessa forma) **se puseram de longe (17).** Como aconteceu com os reis (cf. v. 10), evidentemente eles estavam com medo de se aproximar. Eles clamavam: **Que cidade** é **semelhante a esta grande cidade? (18).** Roma parecia suprema, invencível. Mas ela foi devastada mais de uma vez no quinto século, quando o império chegou ao fim. Os pilotos tristes chegaram a ponto de lançar **pó sobre a cabeça (19),** como símbolo de grande tristeza. Semelhantemente aos reis **(v. 10)** e mercadores (v. **17a),** eles lamentaram pela súbita destruição da Babilônia — **numa hora.**

c) *Regozijo no céu* (18.20). Em contraste com o choro e lamento dos reis, mercadores e pilotos na terra, o **céu** se regozija com a queda da Babilônia. **Santos apóstolos e profetas** aparece da seguinte forma no melhor texto grego: "os santos e os apóstolos e os profetas" — isto **é,** toda a Igreja. Finalmente, **Deus julgou a vossa causa quanto a ela.**

d) *A queda da Babilônia* (18.21-24). **Um forte anjo** (21) **levantou** o que parecia **uma grande mó e lançou-a no mar.** Ao fazê-lo, ele proclamou: **Com igual ímpeto** (i.e., como uma pedra que se move pelo ar) **será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada.** Swete observa: "A ação simboliza submersão, o desaparecimento final da Roma imperial pagã".[180]

A sociedade romana tinha se entregado à música, com muitos tipos de instrumentos tocados para o entretenimento dos ricos enquanto jantavam e bebiam. Mas tudo isso **não se ouvirá mais** (22). A metrópole tinha sido um lugar de muito trabalho, mas agora **nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti.** Geralmente, de manhã podiam-se ouvir as mulheres moer os grãos em cada casa com um pequeno moinho manual. Mas agora o **ruído de mó em ti se não ouvirá mais.** Nunca mais a **luz da candeia** (23) brilhará nessa metrópole, nem se ouvirá a **voz de esposo e de esposa.** Toda vida normal da cidade deixará de existir.

A relação das duas últimas frases desse versículo não está clara. As duas começam com **porque** *(hoti),* que pode significar tanto "de modo que" ou "porque". A sugestão de Swete é provavelmente a melhor: "Nesse caso parece melhor entender o primeiro *hoti* como que regendo toda a frase, e o segundo, explicando o primeiro".[181] (A sentença deveria começar com o primeiro **porque).** O sentido, então, seria o seguinte: "Mercadores que podiam fazer de Roma o seu mercado, faziam parte da primeira classe, tornando-se regentes de mercado (w. 3, 15), enquanto Roma de sua parte obteve uma influência de âmbito mundial que ela usou para o mal; por meio do seu tráfego com ela, todas as nações aprenderam a adotar seus falsos padrões de vida e adoração".[182]

A condenação da Babilônia foi justificada, porque **nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra (24). E** bem possível que essa frase deveria estar unida às duas frases do versículo **23,** formando uma só oração. Aqui temos mais uma razão para a queda da Babilônia. Nero tinha derramado o sangue de

muitos cristãos depois do incêndio de Roma (64 d.C.). Domiciano tinha intensificado essa perseguição. Em certo sentido, Roma era culpada por todos os mártires cristãos do império (cf. o caso de Jerusalém, Mt 23.35).

3. *O Cântico do Triunfo* (19.1-10)

Essa seção está em forte contraste com o que foi descrito no capítulo anterior. O capítulo 18 termina com um hino fúnebre sobre a Babilônia e o anúncio de que já não se ouviría mais música nela. O capítulo 19 abre com um irromper de louvor.

a) *Os quatro aleluias* (19.1-6). Um aleluia não era suficiente. Como se fosse de uma série de corais antifônicos, quatro deles ressoavam nos espaços celestiais.

1) *O primeiro aleluia* (19.1,2). João ouviu **uma grande voz de uma grande multidão** (1). Eles estavam clamando: **Aleluia.** No Novo Testamento, essa palavra somente é encontrada nesse capítulo (w. 1,3,4,6). E a transliteração grega do hebraico *hallelujah,* que significa "Louvai ao Senhor!". E melhor usar a forma hebraica mais familiar. O final "jah" é a abreviação de Javé. A palavra é encontrada no início ou no final de quinze Salmos. Os últimos cinco salmos iniciam e terminam com essa palavra. Na adoração cristã primitiva, ela era cantada pela congregação".[183]

Deus era louvado por sua **salvação** (cf. 7-10), **e glória[184] [...] e poder.** A razão para o louvor é declarada imediatamente: **porque verdadeiros e justos são os seus juízos** (2). Ao fazer justiça com a grande prostituta, Babilônia, Deus tinha trazido **salvação** à sua Igreja perseguida e **glória** a Ele mesmo, e ao mesmo tempo demonstrando o seu **poder.**

2) O *segundo aleluia* (19.3). Novamente a multidão celestial clamou: "Aleluia!". Eles se regozijavam porque o grande inimigo do cristianismo tinha sido destruído: **E a fumaça dela sobe para todo o sempre.**

3) O *terceiro aleluia* (19.4,5). Dessa vez eram os **vinte e quatro anciãos** (4) e os **quatro animais** (criaturas viventes; veja comentários em 4.6), descritos em 4.4-11, que **adoraram a Deus. Amém** e **Aleluia** são duas palavras com pronúncia semelhante em todas as línguas. Podemos adorar com cristãos de uma dezena de línguas diferentes e sempre sentir o calor que vem ao ouvir essas duas palavras pronunciadas.

Uma voz gritou **do trono** (5): **Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes** (cf. SI 135.1, 20). Swete observa que **servos** "parece aqui abranger os cristãos de todas as faculdades intelectuais e posições sociais, e de todas as etapas de progresso na vida de Cristo [...] todos estão incluídos na convocação à ação de graças e estão aptos a participar dela".[186]

4) *O quarto aleluia* (19.6). Novamente João ouviu **como que a voz de uma grande multidão.** Essa frase é quase igual no grego à primeira parte do versículo 1 (cf. RSV). Mas no versículo 6 o autor acrescenta a seguinte nota: **e como que a voz** (som) **de muitas águas** — rebentação do mar, grandes quedas d'água — **e como que a voz**

(som) **de grandes trovões.** Tudo isso realça a tremenda intensidade de som.

O clamor dessa vez era o seguinte: **Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-podero-so, reina.** Essa é a confiança que mantém todo cristão firme na política caótica e confusa da terra. O primeiro coral louvou a Deus por destruir o poder mundial falso. Esse grupo se regozija no fato de que o Reino do Céu está agora estabelecido.

b) As *bodas do casamento do Cordeiro* (19.7-10). Embora fazendo parte do cântico, uma nova nota é entoada aqui: **porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa** (noiva) **se aprontou** (7). Sua prontidão é definida mais adiante como vestida **de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças** (plural, "atos justos"; veja comentários em 15.4) **dos santos** (8). As pessoas normalmente falam que a "veste nupcial" (Mt 22.11-12) representa a justiça de Cristo. Mas **o linho fino** é a manifestação (vestes) dessa justiça entretecida que é desenvolvida diariamente no viver cristão. Swete diz que a expressão aqui ("os atos justos dos santos", NASB) "é a soma dos atos santos dos membros de Cristo, produzidos neles pelo Espírito Santo, que compõem a vestimenta do seu Corpo místico".[186]

João foi instruído pelo anjo (cf. 17.1) a escrever: **Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das hodas do Cordeiro** (9). **O** Antigo Testamento retrata Israel como a noiva do Senhor (Is 54.6; Os 2.19). O Salmo 45, que muitos estudiosos judeus interpretam como sendo messiânico, celebra o casamento do Rei.

Jesus assumiu todo esse simbolismo e aplicou-o a si mesmo. Em Marcos 2.19, Ele claramente indica que Ele é o noivo (esposo). João identifica Jesus como o noivo, enquanto ele (João) era apenas um amigo (Jo 3.29). Paulo deu grande ênfase à Igreja como noiva de Cristo (2 Co 11.2; Ef 5.25-27). Agora João, o Revelador, ouve o anúncio de que finalmente as festividades do casamento deverão acontecer. A importância desse anúncio e a certeza do seu cumprimento são sublinhadas pela declaração seguinte do anjo: **Estas são as verdadeiras palavras de Deus.**

João queria **adorar** (10) esse ser celestial. Mas o anjo rapidamente o advertiu para não fazê-lo. **O** anjo disse: **sou teu conservo e de teus irmãos que têm o testemunho de Jesus;** isto é, sou o conservo de todos os santos, porque todos servimos o mesmo Deus. Ele o admoestou: **adora a Deus.** Houve uma tendência à adoração de anjos nas igrejas da Ásia Menor em épocas posteriores. João já pode ter sentido esse perigo e assim relatou esse incidente como advertência contra essa heresia.

A última frase desse versículo é impressionante: **porque o testemunho de Jesus** — isto é, o testemunho acerca de Jesus — **é o espírito de profecia.** Isso parece significar que o teste de um verdadeiro espírito de profecia é que o profeta testemunhe de Jesus. Em outro texto, João adverte seus leitores a provar (testar) "se os espíritos são de Deus" (1 Jo 4.1).

4. *O Cristo Vitorioso* (19.11-21)

O coral celestial tinha proclamado acerca do Reino de Deus (v. 6). Agora o Filho de Deus é

visto cavalgando em triunfo.

a) *A Palavra de Deus* (19.11-16). João viu **o céu aberto** e **um cavalo branco.** O cavaleiro foi chamado de **Fiel e Verdadeiro** (11). Esses termos são aplicados a Cristo em capítulos anteriores (cf. 1.5; **3.7,** 14). **E julga e peleja com justiça.** Havia muita injustiça nos tribunais, como os cristãos perseguidos puderam perceber. Além disso, a maioria das guerras ocorreu por motivos egoístas, como muitas vezes ocorre em nossa época. Mas tudo que Cristo faz é feito **com justiça.**

Os seus olhos eram como chama de fogo (12; cf. 1.14; 2.18). Cristo é o Conquistador poderoso, diante de quem nenhum inimigo pode subsistir. **Sobre a sua cabeça havia muitos diademas.** A palavra grega é *diadema,* significando uma coroa real. Os **muitos diademas** simbolizavam sua autoridade poderosa e autoridade mundial como Rei dos reis. Ele também **tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão ele mesmo.** Swete faz este precioso comentário: "Apesar da ajuda dogmática que a Igreja oferece, a mente é falha em entender o significado mais profundo da Pessoa de Cristo, que escapa de todo esforço para ser explicada em termos do conhecimento humano. Somente o Filho de Deus pode entender o mistério do seu próprio ser".[187]

O Conquistador **estava vestido de uma veste** (manto) **salpicada de sangue** (13). A referência é claramente a Isaías 63.1-3, a que os judeus mais tarde deram um significado messiânico. No entanto, esse não é o seu próprio sangue, mas sim dos seus inimigos, como a passagem de Isaías claramente mostra.

O Cavaleiro do cavalo branco é chamado de **a Palavra de Deus.** É um fato impressionante que João é o único que aplica o importante termo grego *logos* **(Palavra)** ao Filho de Deus. Ele faz isso nos seus três principais escritos (cf. Jo 1.1; 1 Jo 1.1). Esse é um dos muitos pontos que unem esses três em uma autoria comum. Jesus é a Palavra de Deus ao homem, a perfeita Expressão do seu caráter e vontade. (O termo *logos* significa um pensamento e então a expressão desse pensamento em uma palavra). O Cristo encarnado foi a Palavra final de Deus ao homem (Hb 1.1-2), a única Revelação perfeita do Pai.

O Conquistador foi **seguido** por um exército celestial **em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro** (14). Essa é a marca da pureza (cf. v. 8). Aqui o autor parece estar se referindo a um exército angelical.

Da sua boca saía uma aguda espada (cf. 1.16), **para ferir com ela as nações** (15). A **espada** é a sua Palavra (cf. Ef 6.17), que sai da sua boca. Ele **regerá** as nações **com vara de ferro. O** governo de Cristo deve ser absoluto. Assim deve ser em nosso coração, e um dia isso ocorrerá sobre toda a terra.

Esse Conquistador **pisa o lagar do vinho** (cf. 14.19) **do furor e da ira** — lit.: o furor (*thymos)* ardente da ira *(orge)* — **do Deus Todo-poderoso** (cf. 14.8, 10; 16.19). Essas são palavras solenes de advertência.

O nome que Jesus tem escrito **na veste** (manto) e **coxa** — a parte mais exposta do corpo — é **REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES** (16). Esses títulos já foram usados para o Cordeiro (17.14; veja comentários ali).

b) *A grande ceia de Deus* (19.17-21). João viu **um anjo que estava no sol** (17), de onde ele podia convocar do alto do céu todos os animais de rapina. Ele os convidou para a **ceia do grande Deus** — mais propriamente, como o grego claramente diz: "a grande ceia de Deus".

Aimagem do versículo 18 é tirada de Ezequiel 39.17-20. As vítimas da destruição vão desde **reis** e **tribunos** até **servos** (escravos) e homens **pequenos.** Swete observa: "A grande guerra entre Cristo e o Anticristo, que agora está prestes a entrar no seu estágio final, convoca seus recrutas de todas as classes, e na guerra não há acepção de pessoas".[188]

Então João viu **a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército** (19). Esse conflito é geralmente identificado como a batalha de Armagedom, quando o Anticristo e seus exércitos lutarão contra Cristo e seus exércitos e o Anticristo será derrotado. Essa batalha é colocada no final da Grande Tribulação.

Em relação a esse conflito, Swete faz a seguinte declaração: "Aqueles que prestam atenção às tendências da civilização não acharão impossível reconhecer que chegará um tempo quando em toda a cristandade o espírito do Anticristo vai realizar, com o apoio do Estado, um ataque final contra o cristianismo que é leal à Pessoa e ensino de Cristo".[189]

Essas palavras foram escritas no início do século XX. Mas elas são muito mais significativas hoje. Nunca antes na história das nações ocidentais houve um espírito tão amplo de revolta contra todos os padrões de decência e honestidade. Nunca antes líderes religiosos defenderam com tanta veemência não só uma "nova teologia" mas também uma "nova moralidade" que desfaz da lei de Deus e a percepção da sociedade do que é direito. O cenário está sendo rapidamente preparado para o fim dos tempos.

A besta e **o falso profeta** (20) são claramente identificados aqui como sendo as duas bestas do capítulo 13. A carreira deles chega agora a um fim repentino. Depois de serem capturados, **estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre.** Esse lago é identificado mais adiante em 20.14 (veja comentários ah).

Os seguidores do Anticristo **foram mortos** pelo Cristo conquistador, **e todas as aves se fartaram das suas carnes (21).** Que fim terrível para os homens orgulhosos e poderosos que se revoltaram contra Deus!

5. *O Reino do Milênio* (20.1-6)

João viu **descer** (lit.: descendo) **do céu um anjo que tinha a chave do abismo**

(aqui significando lugar de castigo) **e uma grande cadeia na sua mão (1).** Acerca do "abismo" já foi comentado anteriormente (9.1-2, 11; 11.7; 17.8). A palavra ocorre novamente no versículo 3. Afora essa passagem no Apocalipse, essa palavra é encontrada (no NT) somente em Lucas 8.31 e em Romanos 10.7. Nesse último texto, "abismo" parece significar "o reino dos mortos", mas nas ocorrências restantes, o "lugar de aprisionamen-to dos espíritos desobedientes".[190] O anjo tinha **uma grande cadeia,** porque iria amarrar um grande inimigo, isto é, o próprio Satanás.

Satanás é aqui chamado de **o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás** (2). Exatamente os mesmos quatro nomes são usados para ele em 12.9 (veja comentários ali).

O arquiinimigo de Deus e dos homens é amarrado **por mil anos.** Essa expressão significativa é usada seis vezes em seis versículos (w. 2-7).

A palavra grega para **mil** é *chilia.* Assim, aqueles que crêem em um reino literal de Cristo e seus santos na terra por mil anos são muitas vezes chamados de *"quiliastas".*

A palavra latina para **mil anos** é *millennium.*[191] Em relação ao significado desse termo há três interpretações principais. Os *pré-milenaristas*[m] entendem que Cristo voltará *antes* do milênio e vai ele mesmo iniciar o seu reino de mil anos sobre a terra. Os *pós-milenaristas* acreditam que Cristo retornará *depois* que um milênio tenha ocorrido na Igreja. Os *amilenaristas* rejeitam a idéia de qualquer reino literal de Cristo na terra por mil anos.

Um exemplo típico dessa última interpretação é encontrado em Swete: "Mil anos, i.e., um longo período de tempo, uma longa época na história humana".[193] Lenski define esse período de maneira mais precisa: "Esses mil anos se estendem desde a encarnação e a entronização do Filho (12.5) até a queda final de Satanás no inferno (20.10), que representa todo o período do Novo Testamento".[194] Proponentes desse

ponto de vista ressaltam a idéia de que *todos* os números em Apocalipse deveriam ser entendidos de forma simbólica e não literal.

Satanás é retratado como sendo preso e selado como prisioneiro no abismo durante mil anos, **para que mais não engane as nações** (3). Mas, **depois importa que seja solto por um pouco de tempo;** ou seja, por um breve período. Lemos mais acerca disso nos versículos 7-10.

Agora vem uma descrição do reino do milênio. João viu **tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles** [...] (4). Afigura aqui é tirada de Daniel 7.9, em que lemos: "foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou". **Aqueles** aqui evidentemente se refere a Cristo e seus santos. **A quem foi dado o poder de julgar** é uma repetição de Daniel 7.22: "Até que veio o ancião de dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino". **Julgar** evidentemente significa "o direito de julgar" (cf. 1 Co 6.2-3).[195]

Então apareceram as almas dos santos martirizados (cf. 6.9). **Degolados** é "lit., 'golpeado com machado', o antigo modo romano de execução, após a condenação pelo magistrado supremo".[196] Swete observa: "O vidente ainda tem em mente os mártires da sua época, as vítimas de Nero e Domiciano".[197]

E que *(kai hoitiness)* **não adoraram a besta.** Swete escreve: *"Kai hoitiness* introduz uma segunda classe de pessoas, os 'confessores', e outros que foram fiéis no período da perseguição, com uma referência especial àqueles que nos dias de João se negaram a adorar a César".[198] Esses não foram necessariamente **degolados.** Eles haviam se recusado a adorar a besta ou receber seu **sinal** (cf. 13.15-18; 14.9-11; 16.2; 19.20).

Todas essas pessoas **viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.** Esse período geralmente é conhecido como o reino do milênio. **Cristo** (gr., *christos*) significa "o Ungido". Isso espelha Salmos 2.2.

A respeito da última parte desse versículo, João Wesley comenta: "E eles viveram — suas almas e corpos unidos novamente. *E reinaram com Cristo* — não na terra, mas no céu. O 'reinar na terra', mencionado em Apocalipse 11.15, é completamente diferente disso".[199] Wesley também apresenta uma interpretação um tanto curiosa, a saber: "dois milênios distintos são mencionados ao longo dessa passagem [...] o milênio no qual Satanás é amarrado (w. 2, 3, 7); o milênio no qual os santos reinarão (w. 4-6)".[200] O primeiro precede o segundo cronologicamente. Wesley acrescenta: "Durante o primeiro milênio, as promessas concernentes ao estado próspero da Igreja (Ap 10.7) serão cumpridas; no segundo milênio, enquanto os santos reinam com Cristo no céu, as pessoas da terra estarão despreocupadas e seguras".[201]

O relato continua dizendo que **os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição** (5) Geralmente, entende-se desse versículo que a ressurreição dos justos ocorrerá antes do milênio, enquanto a ressurreição dos ímpios ocorrerá depois do milênio (cf. vv. 7, 13). Essa interpretação tem sido, e continua sendo, fortemente combatida por muitos comentaristas devotos e estudiosos. Desde a época de Agostinho, que foi influenciado contra o milenarismo por Jerênimo, os teólogos da igreja católica romana têm geralmente defendido a idéia de que a primeira ressurreição significa uma ressurreição dos mortos do pecado para uma vida de justiça. Simcox opõe-se a essa interpretação espiritualizada. Ele entende que, uma vez que uma ressurreição literal é reconhecidamente indicada no versículo 12, assim aqui "qualquer interpretação que não seja a literal parece exposta a insuperáveis dificuldades exegéticas".[202]

Aquele que tomar parte na primeira ressurreição é **bem-aventurado e santo** (6). Wesley traduz essa frase por "feliz e santo" (veja comentários acerca de **bem-aventurado** em CBB, vol. **VI).** Esse texto pode sugerir: "A Felicidade dos Santos": 1) **sobre estes não tem poder a segunda morte;** 2) Eles **serão sacerdotes de Deus e de Cristo;** 3) Eles **reinarão com ele mil anos.**

Acerca do significado da **segunda morte** veja os comentários no versículo **14** (abaixo). A combinação **de Deus e de Cristo** implica fortemente a divindade co-igual do Pai e do Filho. A idéia de que os crentes são **sacerdotes** já ocorreu em Apocalipse (cf. "reis e sacerdotes", **1.6; 5.10).** Aqui os sacerdotes também **reinarão.** Sacerdócio e realeza — que privilégio para aqueles que seguem a Cristo!

6. A *Batalha de Gogue e Magogue* **(20.7-10)**

Esse evento geralmente é distinguido da batalha do Armagedom, que ocorre antes do milênio **(19.19-21).** Lá o líder do exército inimigo é o Anticristo; aqui é Satanás. Lemos: **E acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão** (cf. vv. **1-3) e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha (7-8).**

Os termos **Gogue** e **Magogue** vêm de Ezequiel 38—39.[203] O profeta recebe a ordem de dirigir o rosto "contra Gogue, terra de Magogue", declarando em nome do Senhor: "Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe e chefe de Meseque e de Tubal" (Ez 38.2-3). Isso sugere que **Gogue** é o governante e **Magogue,** o território. Josefo entende que Magogue em Ezequiel são os citas,[204] que surgiram na Ásia em 630 a.C., pouco antes de Ezequiel escrever a sua profecia. Antes da época de Cristo, no entanto, **Gogue e Magogue** representavam diferentes nações. Charles diz: "No segundo século a.C., essa invasão da Palestina pelos dois povos, Gogue e Magogue, era claramente esperada".[205] Os escritos rabínicos fazem referências freqiientes a **Gogue e Magogue** como nações que marcharão contra o Messias. Com referência ao uso desses nomes no livro de Apocalipse, Charles escreve: "Os termos 'Gogue e Magogue' incluem todos os incrédulos da terra".[206]

A expressão **Gogue e Magogue** tem sido aplicada algumas vezes à Rússia de hoje. E verdade que o antigo povo de Magogue provavelmente esteve localizado, pelo menos em certo momento, a sudeste do mar Negro. Mas a identificação com a Rússia moderna não tem um fundamento seguro. Alguns têm identificado *rosh,* a palavra hebraica para "chefe" em Ezequiel 38.3, com a Rússia, e Meseque com Moscou. Mas essa é uma exegese extremamente fantasiosa, sem fundamento etimológico.

Um fato simples mas significativo é, com freqiiência, negligenciado. No versículo 8, **Gogue e Magogue** estão em aposição com **as nações que estão sobre os quatro cantos da terra.** As duas expressões referem-se aos exércitos inimigos reunidos de todos os lugares para a batalha. Portanto, dizer que Gogue e Magogue representam a Rússia é negar a clara instrução das Escrituras.

Esses exércitos inumeráveis (cf. v. 8) **subiram sobre a largura da terra** (9). A mesma palavra grega *ige)* significa **terra** e "país". Nesse caso refere-se provavelmente à terra de Israel, coberta pelos exércitos invasores. Isso é sugerido pela afirmação seguinte de que **cercaram o arraial dos santos e a cidade amada** (Jerusalém). **Mas desceu fogo do céu e os devorou** (cf. Ez 39.6). No tempo oportuno, Deus pode sem muito esforço destruir os inimigos do bem.

O clímax foi que **o diabo, que os enganava** (cf. v. 8), **foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta** (cf. 19.20); **e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre** (10). A última frase também pode,ser traduzida como: "pelos séculos dos séculos", que é "a expressão mais forte possível para a perpetui-dade absoluta que a linguagem bíblica fornece".[207]

7. *O Grande Trono Branco* **(20.11-15)**

O trono de julgamento era **branco (11),** simbolizando a absoluta pureza do Juiz. **O que estava assentado sobre ele** se refere ao Pai ou ao Filho? Paulo declara que "todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo" **(2** Co **5.10),** e "todos havemos de comparecer ante o tribunal de Deus" (Rm **14.10,** melhor texto grego). Foi o próprio João que registrou as palavras de Jesus: "E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo" (Jo **5.22).** Mas ele também registrou o seguinte: "Eu e o Pai somos um" (Jo **10.30).** Nesse caso, pensa-se que o Juiz é Deus (cf. v. **12).**

De cuja presença fugiu a terra e o céu. Swete comenta: "A não-eternidade do estado ou natureza exterior é ensinada no AT [...] e o NT confirma essa doutrina".[208] No entanto, ele acrescenta: "Somente o estado exterior do mundo deve ser mudado e não a sua substância ou material".[109] Da **terra** e do **céu** (físico) é dito o seguinte: **e não se achou lugar para eles** (cf 12.8; Dn 2.35).

Então João escreve: E **vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros** (cf. Dn **7.10)** — o arquivo da vida dos homens é manifesto — E **abriu-se outro livro, que é o da vida** (cf. **3.5; 13.8)** — "a lista dos cidadãos vivos da Nova Jerusalém".[210] **O** julgamento era baseado nas **coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras** (cf. Mt **16.27;** Rm **2.6).**

O que geralmente se entende como "a ressurreição geral" é descrito com estas palavras: E **deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno** (*Hades*, a sepultura) **deram os mortos que neles havia** (13). Os gregos e romanos, bem como os judeus, colocavam grande ênfase no enterro do próprio corpo. Era, portanto, considerado uma grande desgraça estar perdido ou ser enterrado no mar. Hades era o nome para o lugar de espíritos de pessoas mortas (veja comentários em 1.18; 6.8). Swete observa: "A morte e o Hades formam um par inseparável [...] representando os dois aspectos da morte, o fato físico e sua conseqüência espiritual".[211]

Não tem como escapar do julgamento. Lemos que **cada um** foi julgado de acordo com as suas obras. Hebreus 9.27 afirma: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo". Nesta vida não há nada mais certo do que a morte. Cada pessoa deve morrer em dado momento. Mas, tão certo quanto a morte é o julgamento.

Finalmente, **a morte** (cf 1 Co 15.26) **e o inferno** (Hades) **foram lançados no lago**

de fogo (14). Essa declaração mostra claramente que é errado traduzir a palavra grega *hades* por **inferno.** Porque "inferno" é o termo geralmente usado para o tormento eterno.

Mas aqui **lago de fogo** é o lugar de tormento (cf. v. 10), e o *hades* é lançado nele. **O lago de fogo** é então definido como **a segunda morte** (cf 2.11; 20.6; 21.8). Isso é morte eterna — não aniquilação, mas separação para sempre de Deus e de todo bem.

A declaração final no registro do tempo de João é esta: E **aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo (15). O** significado dessa advertência séria dificilmente pode passar despercebido. O visto de entrada para o céu é indicado claramente: ter o nosso nome escrito no livro da vida. Isso significa aceitar a Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Manter o nome nesse livro exige que sejamos vencedores **(3.5).** Em última análise, essa é a única coisa que realmente importa.

G. ANova Jerusalém, 21.1—22.21

1. *Um Novo Céu e uma Nova Terra* (21.1-8)

Uma mudança surpreendente de tópico ocorre nesse momento. Começando com a abertura dos sete selos (cap. 6), vimos quase que exclusivamente apenas desordem e tribulação, julgamento e morte. Agora, um novo e eterno estado é apresentado; o velho passou para sempre.

a) *As coisas antigas já passaram* (21.1-4). João viu **um novo céu e uma nova terra** (1). Já lemos que "fugiu a terra e o céu, e não se achou lugar para eles" (20.11). Isso é reiterado aqui: **Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram. Céu** aqui não significa o lugar eterno de Deus, mas o espaço astronômico que o homem está agora preocupado em explorar com telescópios e naves espaciais.

O conceito de **um novo céu e uma nova terra** é encontrado no Antigo Testamento. Isaías profetizou em nome do Senhor: "Porque eis que eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão" (Is 65.17). Pedro também faz referência a isso (2 Pe 3.13).

A palavra para **novo** não é *neos,* que descreve algo "que veio a existir recentemente", mas *kainos,* que ressalta "qualidade, o novo, como contrastando com o que é desfigurado pelo tempo".[212] Tudo precisava ser completamente novo.

Pode parecer estranho o acréscimo da seguinte frase: **e o mar** já **não existe.** Mas para os antigos, sem bússolas ou outros instrumentos modernos de navegação, o oceano causava grande terror. Para muitos, o mar era um lugar de morte (cf. 20.13). Especialmente para João ele significava separação de casa e dos seus companheiros cristãos da Ásia Menor. Na nova ordem, não haverá nem morte nem separação.

O relato continua: E **eu, João, vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido** (2). **Anova Jerusalém** toma o lugar da antiga "Babilônia" (caps. 17—18) como a grande metrópole. Jerusalém já tinha sido mencionada como uma cidade "que desce do céu, do meu Deus" (3.12).

Para o povo antigo do Oriente, não havia nada mais bonito do que **uma esposa ataviada para o seu marido.** Anteriormente, João tinha escrito que a esposa do Cordeiro havia se aprontado (19.7). Agora, ele vai vê-la em toda a sua glória. A descrição das suas vestes ornamentais já começa em 19.8. Uma das características do livro de Apocalipse é a menção por antecipação daquilo que mais tarde é descrito em detalhes.

João ouviu um anúncio importante: **Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus** (3). Esse é um claro paralelo com Levítico 26.11,12; Jeremias 31.33; Ezequiel 37.27; Zacarias 8.8. Há, no entanto, uma mudança significativa. Na Septuaginta, em cada uma dessas passagens do Antigo Testamento encontramos a palavra *laos,* "povo". Mas aqui em Apocalipse, o povo é chamado de *laoi* (plural). O povo de Deus não era formado apenas por Israel, mas pelos povos redimidos de todas as nações.

Tabernáculo é *skene.* **Habitará** é *skenosei* — literalmente, "habitará no tabernáculo". No deserto, o Tabernáculo sempre era montado no centro do acampamento de Israel. A *Shekinah* no Santo dos Santos do Tabernáculo era o símbolo da presença de Deus no meio do seu povo. Agora Cristo é o "verdadeiro tabernáculo" (Hb 8.2), ou o "maior e mais perfeito tabernáculo" (Hb 9.11). Ele é Emanuel, "Deus conosco" (Mt 1.23). A figura que João vê aqui é a obra completa da redenção comprada por Cristo por um preço tão elevado. O propósito final disso tudo era que homens redimidos pudessem viver para sempre na presença do seu Criador.

Ele é "o Deus de toda consolação" (2 Co 1.3). Assim é dito nessa passagem: **E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas** (4). Muitas vezes tem sido ressaltado que muitas coisas que têm o seu início nos três primeiros capítulos de Gênesis têm o seu fim nos últimos dois capítulos de Apocalipse. Um exercício muito produtivo é fazer uma lista de todas as coisas que **não haverá mais,** e então ver quantas dessas coisas podem ser encontradas em Gênesis 1—3.

b) *Todas as coisas novas* **(21.5-8).** A declaração veio daquele que estava assentado sobre o trono: **Eis que faço novas todas as coisas (5).** Swete observa: **"O** Narrador é agora, provavelmente pela primeira vez em Apocalipse, o próprio Deus".[213] Ele já tinha dito por intermédio de Isaías: "Eis que farei uma coisa nova" (Is **43.19).** Mas isso se aplicava somente à nação, agora inclui todo o universo.

João recebe a ordem para escrever: **porqíie estas palavras são verdadeiras e fiéis.** Isso é repetido em 22.6. Essa frase é parecida com o que João escreve no seu Evangelho: "Na verdade, na verdade".

Está cumprido (6) é literalmente: "Elas se cumpriram". A mesma expressão ocorre em 16.17, mas lá o verbo está no singular, "Está cumprido". Pelo que tudo indica, aqui o sujeito é "todas as coisas" feitas novas. Nos dois casos, a ênfase está nas profecias cumpridas. **O Alfa e o Omega** é repetição de 1.8 (veja comentários lá). O significado disso é expresso como: **o Princípio e o Fim** (*telos*, alvo). Deus é o Criador e o Alvo da vida.

Paulo expressou a mesma idéia em Romanos 11.36: "Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas".

Uma promessa maravilhosa é oferecida: **A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida.** Swete observa: "A Fonte e o Fim de toda vida é o generoso Doador da vida em sua mais completa perfeição".[214] Quando Deus dá — e Ele está sempre dando — Ele o faz generosa e gratuitamente.

Quem vencer (7) nos lembra da promessa feita ao vencedor em cada uma das cartas às sete igrejas (2.7, 11, 17, 26; 3.5, 12, 21). Aqui a promessa inclui todas as outras: **herdará todas as coisas.** O melhor texto grego traz: "essas coisas"; isto é, as coisas da nova criação que João tem considerado. Todas as bênçãos do novo céu e da nova terra pertencem ao que vence. A salvação inicial não é suficiente. Aquele que perseverar até o fim será salvo e desfrutará das bênçãos eternas que a salvação traz (Mt 10.22).

O verbo **herdará** ocorre somente aqui em Apocalipse. Dalman insiste que uma tradução melhor é "tomará posse de", e observa que "possuir o próprio eu da era futura" era uma expressão judaica popular.[215] Mas a ênfase de Paulo de que o cristão, como filho, é um "herdeiro de Deus" (Rm 8.17; G14.7), favorece a tradução costumeira aqui. Porque a voz continua: **e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.**

Segue então uma lista considerável daqueles que terão **a sua parte [...] no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte** (8; cf. 20.14). Devemos destacar que a lista é encabeçada pelos **tímidos.** A palavra grega (*deiloi*) significa (covardes). Swete diz que eles são "membros da Igreja que, como soldados que voltam as suas costas para o inimigo, fracassam diante da prova [...] os covardes [...] no exército de Cristo".[216] O segundo da lista são os **incrédulos,** que também podem ser interpretados como os "infiéis". Esses dois estão arrolados com os mais vis pecadores — uma advertência muito séria.

2. *A Nova Jerusalém* (21.9—22.5)

A descrição da nova Jerusalém estende-se pelo restante desse capítulo até o início do seguinte. Ela é um quadro pintado com cores vivas e tem despertado a imaginação de muitos.

a) A *noiva gloriosa* (21.9-14). **E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias [...] e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei** (9). Tudo isso é repetição textual (no grego) de 17.1. Lá era a grande prostituta que o anjo mostrou a João; aqui é a noiva pura do Cordeiro. A semelhança da fórmula introdutória somente serve para ressaltar o contraste impressionante entre as duas visões.

João foi levado **em espírito** (cf. 1.10; 4.2; 17.3), — não no corpo — **a um grande e alto monte** (10); isto é: ele foi elevado em espírito para que pudesse observar em detalhes essa visão maravilhosa. Lá ele viu **a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu** (cf. v. 2). O fato de essa Jerusalém ser identificada como **a esposa** (noiva),

a mulher do Cordeiro (9), não nos deixa interpretá-la literalmente. O que segue é uma representação simbólica da beleza e glória da noiva de Cristo refletida na imagem do seu lar — a cidade eterna de Deus.

A esposa (noiva) é descrita como tendo **a glória de Deus (11).** Isso nos lembra as palavras de Paulo em Efésios **5.27:** "para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa". Assim será a noiva de Cristo nas bodas do Cordeiro (cf. **19.7,9). A glória de Deus** é sua presença *Shekinah* no meio do seu povo. Toda verdadeira glória que temos é derivada dele.

Agora é feita uma tentativa de descrever, em termos materiais, algo da beleza espiritual da noiva. João diz que a **sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente.** A combinação das duas últimas frases tem causado alguma dificuldade aos comentaristas porque a **pedra de jaspe** moderna não é transparente. Simcox escreve: "Embora a pedra de jaspe seja a mesma palavra no hebraico, grego, latim e outras línguas modernas, parece que ela mudou sua aparência. A mais preciosa pedra de jaspe era uma calcedônia verde escura bastante transparente. Nossa pedra de jaspe fosca, a vermelha pura, a verde e negra pura, eram todas usadas na gravação".[217] Tudo que podemos dizer é que essa pedra de jaspe era de grande valor e brilhante.

A cidade tinha **um grande e alto muro com doze portas** (12), guardadas por **doze anjos, e nomes escritos sobre elas** (i.e., nas portas), **que são os nomes das doze tribos de Israel.** Havia **três portas** (13) em cada um dos quatro lados da cidade. Grande parte dessa descrição é bastante parecida com o que lemos em Ezequiel acerca da nova Jerusalém (Ez 48.31-34). Em relação às **doze tribos,** Swete diz: "O objetivo do vidente em relação às tribos é simplesmente defender a continuidade entre a Igreja cristã e a Igreja do AT".[218]

O muro da cidade tinha doze fundamentos e, neles, os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro (14). Jesus disse aos seus apóstolos: "também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel" (Mt 19.28). Paulo escreveu que a Igreja é edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20). O simbolismo **das doze tribos de Israel** (12) e dos **doze apóstolos do Cordeiro** (14) aponta para a nova Jerusalém.

b) *As dimensões da cidade* (21.15-21). O homem que falou com João **tinha uma cana** (vara) **de ouro para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro** (15). **A cidade estava situada em quadrado;** na verdade, **o seu comprimento, largura e altura eram iguais** (16). Essa cidade estava no formato de um cubo perfeito, como era o Santo dos Santos no antigo Tabernáculo. Isso talvez sugira a perfeição e santidade da Igreja. A medida era de **doze mil estádios** (*stadia*), que equivale a aproximadamente 2.260 km. Alguns acreditam que esse número representa a circunferência da cidade. Mas a maneira mais natural seria aplicar esse número a cada medição.

O muro media **cento e quarenta e quatro côvados, conforme a medida de homem, que é a de um anjo (17;** "segundo a medida humana que o anjo estava usando", NVI).

Um **côvado** representava meio braço, cerca de 45 centímetros. Assim, essa medida seria de cerca de 65 metros. Uma vez que a altura da cidade já foi apresentada, é possível que essa medida se refira à espessura do muro. De acordo com o historiador grego Heródoto (i. **178),** a antiga cidade da Babilônia tinha muros de **90** metros de altura e 23 metros de espessura.

E **a fábrica do seu muro era de jaspe** (18). O grego para **fábrica** é uma palavra rara, *endomesis,* encontrada somente aqui (no NT). Uma vez que o verbo *endomeo* significa "construir para dentro", parece que o sentido aqui é que o muro tinha jaspe "embutida" nele. Lenski traduz essa frase da seguinte forma: "A introdução do jaspe tomou o muro mais brilhante como uma pulseira adornada com diamantes".[219]

Também lemos que **a cidade** era **de ouro puro, semelhante a vidro puro —** "i.e., ouro que resplandecia com um brilho semelhante a um vidro altamente polido".[220] João pode ter pensado na abóbada de ouro do Templo, como a havia visto brilhando à luz do sol. Josefo escreveu: "A parte exterior na fachada do templo [...] era toda coberta com lâminas de ouro de grande valor, e, ao nascer do sol, refletia um brilho impressionante".[221]

Em seguida, temos uma descrição dos **fundamentos do muro da cidade** (19). Eles **estavam adornados** (*cosmeo*, de onde vem a palavra "cosmético") **de toda pedra preciosa.** Segue então uma lista das doze pedras que descreviam os doze fundamentos (w. 19-20). Oito dessas pedras constavam entre as doze pedras do peitoral do sumo sacerdote que ministrava no Tabernáculo (Ex 28.17-20).

R. H. Charles ressalta o fato de essas doze pedras no livro de Apocalipse serem exatamente as mesmas que eram encontradas nos monumentos egípcios e árabes e que estão conectadas aos doze sinais do zodíaco — mas em ordem reversa.[222] Ele sugere que João entende que "a Cidade Santa que ele descreve não tem nada que ver com as especulações pagãs da sua época e de épocas passadas referentes à cidade dos deuses".[223] Isto é, a nova Jerusalém é a verdadeira Cidade de Deus.

Um outro aspecto impressionante da cidade era que suas **doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérola (21).** Assim, o escritor busca descrever, em linguagem humana, a beleza magnífica da Igreja glorificada. A **praça** (lit.: caminho largo) **da cidade** também era **de ouro puro, como vidro transparente.** João está estendendo a capacidade da linguagem finita para descrever o indescritível. Mas ele não se delonga com esse pensamento; ele então descreve a maravilha da contínua presença de Deus na cidade. Demorar-se demais na idéia de caminhar em ruas de ouro na vida futura é malograr a verdadeira glória de viver na presença de Deus. Essa atitude mostra uma mente materialista, não espiritual.

c) *A luz da cidade* (21.22-27). João não viu um **templo** (22) na nova Jerusalém. Ela não precisa, **porque o seu templo é o Senhor, Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro.** O Templo era um lugar de encontro entre Deus e o homem. Mas na nova Jerusalém, Deus sempre está presente para aqueles que estão lá, e assim nenhum templo é necessário. Sua

presença eterna torna toda a cidade um santuário.

Além disso, **a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada** (23). Exceto a última frase, esse versículo é um reflexo de Isaías 60.19: "Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o SENHOR será a tua luz perpétua, e o teu Deus, a tua glória". No Novo Testamento, não temos apenas a afirmação "Deus é luz" (1 Jo 1.5), mas também as próprias palavras de Jesus: "Eu sou a luz do mundo".

Essa luz brilhante irradia por toda parte. Lemos: **E as nações[224] andarão à sua luz** (24). Isso se cumpriu parcialmente ao longo da era cristã, tal como a Igreja tem sido uma luz para as nações. Infelizmente, na história da Igreja na terra houve algumas épocas sombrias. O mesmo não se pode dizer da Igreja glorificada, a nova Jerusalém. Lá tudo é luz. **E os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra.** O versículo 26 é praticamente uma repetição do versículo 24ò. Essa predição foi parcialmente cumprida na era da Igreja.

As **portas** dessa cidade **não se fecharão de dia** (25; cf. Is 60.11). Uma vez que **ali não haverá noite,** isso significa que as portas da nova Jerusalém sempre estarão abertas. Da mesma forma, as portas do Reino estão totalmente abertas hoje para aqueles que querem entrar por elas.

Mas, embora as portas estejam sempre abertas, **não entrará nela coisa alguma que contamine e cometa abominação e mentira, mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro** (27). Na Septuaginta, as palavras gregas para **abominação** e **mentira** são usadas para ídolos. Não haverá idolatria, material ou imaterial, no céu. Somente Deus será amado e adorado. Somente aqueles cujos nomes estão no livro da vida podem entrar na nova Jerusalém.

d) *O rio da vida* (22.1-5). João viu o **rio puro[225] da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro** (1). A figura é tirada de Ezequiel 47.1-12. Ali as águas corriam do Templo. Aqui elas vêm do trono.

De uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida (2). Na visão de Ezequiel, "à margem do ribeiro havia uma grande abundância de árvores, de uma e de outra banda" (Ez 47.7). Mas aqui é a **árvore da vida.** Essa frase nos leva de volta ao jardim do Éden (Gn 2.9). Ali o ser humano pecou e foi expulso do paraíso, para que não tivesse mais acesso à árvore da vida (Gn 3.24). Mas na nova Jerusalém, os redimidos a encontram crescendo em abundância.

Essa árvore produzia **doze frutos, dando seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações.** Ezequiel escreveu acerca de toda sorte de árvore à beira do rio que "nos seus meses produzirá novos frutos [...] e a sua folha, de remédio" (Ez 47.12).

Na nova Jerusalém **nunca mais haverá maldição** (3). A palavra grega não é a habitual *anathema,* encontrada diversas vezes no Novo Testamento, mas *katathema,* que ocorre somente aqui. Behm diz que essa é "provavelmente uma forma mais severa de *anathema*".[226] Ela significa uma "coisa amaldiçoada". Glasson diz: "Esse aspecto talvez lembre Gênesis 3.17-18. Depois da Queda [...] uma maldição foi imposta; espinhos e cardos começaram a crescer [...] Agora a maldição é afastada. Assim, os últimos capítulos da Bíblia equilibram os primeiros, e o Paraíso Perdido dá lugar ao Paraíso Recuperado".[227]

Nenhuma coisa má pode entrar na nova Jerusalém, porque o **trono de Deus e do Cordeiro** está ali. E **os seus servos o servirão** (ou adorarão) sugere que a vida futura não será um tempo de ócio ou inatividade (cf. 7.15).

Além do mais, eles **verão o seu rosto** em perfeita comunhão; **e na sua testa estará o seu nome** (4). Esse é um sinal de completa consagração a Deus e absoluto domínio da sua parte.

Novamente (cf. 21.25) lemos que **ali não haverá mais noite** (5). Conseqüentemen-te, **não necessitarão de lâmpada,** nem mesmo da **luz do sol** (cf. 21.23); **porque o Senhor Deus os alumia** — toda luz que temos vem dele — **e reinarão para todo o sempre.** Isso não é apenas para os mil anos do Reino do milênio (20.5). Ao passarmos para o capítulo 21, mudamos do tempo finito para a eternidade. Aqui todas as coisas duram para sempre.

3. *Epílogo* (22.6-21)

Essa seção final nos traz as últimas palavras do anjo (w. 6-11), de Jesus (w. 12-16), do Espírito e da noiva (v. 17) e de João (w. 18,19); a última promessa e oração (v. 20) e a última bênção (v. 21).

a) *As últimas palavras do anjo* (22.6-11). Antes de sair de cena, o anjo dá o seu endosso acerca do que tinha mostrado e contado a João: **Estas palavras são fiéis e verdadeiras** (6). Isso repete o que lemos em 21.5. **Estas palavras** provavelmente referem-se a todo livro de Apocalipse. Elas são **fiéis e verdadeiras** porque **o Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.** A última parte dessa afirmação é tomada literalmente (no grego) de 1.1. O epílogo rememora o prólogo.

Eis que presto venho (7) é a palavra de Cristo por intermédio do anjo. Uma bênção especial é pronunciada sobre **aquele que guarda as palavras da profecia deste livro** (cf. **1.3).** Swete entende que **deste livro** "aponta para o rolo quase concluído no joelho do vidente; ao longo do livro de Apocalipse ele se apresentou como aquele que escreve as suas impressões na época (cf. **10.4)** [...] e a sua tarefa agora quase chegou ao fim".[228]

João não só viu, mas ouviu **estas coisas** (8). Ele estava tão dominado pela visão da nova Jerusalém que novamente caiu aos pés do anjo **para o adorar,** talvez pensando que fosse

Cristo (cf. 19.10). Mas, como antes, ele foi admoestado a não fazê-lo (v. 9).

Então o anjo ordenou-lhe: **Não seles** (não ocultes ou detenhas) **as palavras da profecia deste livro, porque próximo está o tempo** (10). Uma ordem exatamente oposta foi dada a Daniel. Foi-lhe dito: "tu, porém, cerra a visão, porque só daqui a muitos dias se cumprirá" (Dn 8.26). Mas aqui o caso é diferente: **porque próximo está o tempo.** Uma exegese honesta parece requerer uma interpretação que permita uma aplicação ao período da Igreja Primitiva. E por isso que este comentário entende que a predi-ção em Apocalipse 4—20 teve um cumprimento *parcial* no tempo do Império Romano, que tem tido um cumprimento *contínuo* ao longo da era da Igreja e que terá um cumprimento completo no futuro. Esse é o único ponto de vista que parece fazer justiça a todos os fatores envolvidos.

O período da provação acabou. Assim a voz diz: **Quem é injusto** (lit., aquele que erra) **faça injustiça ainda; e quem está sujo suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda (11).** Notamos que essas frases são equilibradas, o **justo** contra o **injusto** e o **santo** e o **sujo.** Cada um dos quatro verbos que começa com **quem** está no imperativo aoristo. Isso indica um caráter permanente (estabelecido), em vez de um processo contínuo. Swete apresenta uma boa interpretação desse versículo. Ele diz: "Não é apenas verdade que as dificuldades nos últimos dias tenderão a estabelecer o caráter de cada indivíduo de acordo com os hábitos que ele já formou, mas haverá um tempo quando será impossível mudar — quando não haverá mais oportunidade para arrependimento por um lado ou para apostasia do outro".[229]

b) *As últimas palavras de Jesus* (22.12-16). E **eis que cedo venho** (12; cf. v. 7). A essa promessa da sua vinda, Cristo acrescenta: **e o meu galardão** (*misthos*, recompensa ou salário) **está comigo para dar a cada um segundo a sua obra.** Cada pessoa receberá uma recompensa de acordo com o que fez.

O versículo 13 é uma combinação das palavras encontradas em 21.6 e 1.17; também 2.8. A mesma honra que é conferida a Deus é reivindicada por Cristo (veja os comentários em 1.17).

Em várias versões bíblicas, os versículos 14 e 15 não estão entre aspas indicando ser palavras de Jesus. Mas elas são incluídas por Phillips. Por conveniência, nós as colocamos dessa maneira em nosso esboço. Essas palavras declaram uma bênção para aqueles que *cumprem os seus mandamentos* (v. 14, de acordo com a KJV) — o melhor texto grego diz: **que lavam as suas vestiduras** — porque dessa forma terão **direito à árvore da vida** e poderão **entrar na cidade pelas portas.**

Do lado de fora ficarão **os cães** (15). Esse é um termo usado para pessoas impuras, tanto no Antigo (SI 22.16) quanto no Novo Testamento (Mt 7.6; Mc 7.27). Swete diz que

Aroaursií 22.15-1!)

O Futuro

nesse caso, **cães** significam "aqueles que foram pervertidos por vícios repugnantes que corrompiam a sociedade pagã".[230] O século XX tem visto uma recorrência alarmante do tipo de viver pagão que caracterizava o primeiro século, de tal forma que essas palavras recebem novo sentido.

Junto com **os feiticeiros, e os que se prostituem** (gr., fomicadores), **e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira** — que é melhor traduzido por "pratica a mentira" (NASB, cf. NVI). Isso mostra a seriedade do engano aos olhos de Deus. Obviamente é Cristo que fala agora, ao dizer: **Eu, Jesus, enviei o meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas** (16). Ao longo do livro, desde o capítulo 3, são os anjos que pronunciaram quase todas as falas. Agora Jesus coloca seu endosso pessoal nas palavras que eles pronunciaram. Foi Ele que os enviou com as mensagens e visões para as **igrejas** — primeiro, para as sete igrejas da Ásia, e agora para todas as igrejas em toda parte.

Jesus declara em seguida: **Eu sou a Raiz** (cf. 5.5) **e a Geração de Davi** — a Raiz e o Rebento (Renovo) da família de Davi —**, a resplandecente Estrela da manhã.**

Essa é uma figura bonita e um aspecto familiar para aqueles que levantam antes do amanhecer e observam esse anunciador impressionante de um novo dia. Cristo é a Estrela do Alvorecer, o que James Stewart chamou em uma assembléia em Edimburgo de "a Estrela Escatológica". Para cada cristão, Cristo é a Promessa de um novo dia. Swete escreve: "A Estrela da manhã da Igreja brilha hoje com a mesma intensidade que nos dias de João; Ela não cai ou se põe".[231]

c) *As últimas palavras do Espírito e da esposa* (22.17). **E o Espírito e a esposa dizem: Vem.** A maioria dos comentaristas toma isso como o Espírito profético na Igreja reagindo à promessa (v. 12) com um clamor: **Vem.** Todos os que ouvem devem se unir a esse chamado para a sua vinda. Fausset escreve: "'Vem' é a oração do Espírito na Igreja e nos crentes, em resposta ao chamado de Cristo: 'Eis que cedo venho', clamando: Mesmo assim, 'Vem' (w. 7, 12); o versículo 20 confirma isso".[232] Por causa da referência no versículo anterior à "estrela da manhã", provavelmente essa é a interpretação que deveria ser adotada.

Isso requer uma transição abrupta no meio do versículo. Porque o convite: **E quem tem sede venha,** é claramente um convite evangelístico para vir a Cristo. Isso fica ainda mais evidente na frase seguinte: **e quem quiser tome de graça da água da vida.** Somente ao fazermos isso estamos prontos para a vinda de Cristo.

d) As *últimas palavras de João* (22.18-19). Swete diz o seguinte acerca desses dois versículos: "Certamente é Jesus quem continua falando, e não João, como muitos comentaristas têm presumido".[233] Mas Plummer escreve: "Aqui está o apêndice solene ou o selo da veracidade do livro, semelhante às palavras introdutórias em 1.1-3. Esse é o cumprimento do dever designado a São João em 1.1, não um anúncio do próprio Senhor (cf. as palavras em 1.3)".[234] Pelo que tudo indica, a última idéia é a preferível.

De qualquer forma, uma advertência séria é anunciada aqui contra todo aquele que ousar adulterar o ensinamento desse livro. Ninguém deve acrescentar ou tirar quaisquer palavras dele, sob pena de sofrer castigo muito sério. Essas palavras, é claro, se aplicam ao escrito original como divinamente inspirado. Essa regra de procedimento não limita o trabalho paciente de estudiosos da Bíblia na composição dos manuscritos existentes e no estudo de palavra por palavra, para chegar ao texto mais correto possível. Essa ordem proíbe uma atitude que despreza a autoridade da Palavra de Deus e acrescenta ou tira quaisquer palavras do seu ensinamento.

e) *A última promessa e oração* (22.20). **Aquele que testifica estas coisas** é Jesus (cf. v. **16).** Ele diz: **Certamente, cedo venho** — a última promessa da Bíblia. A última oração é: **Amém.[235] Vem, Senhor Jesus.** Em nossos dias, essa deveria ser cada vez mais a nossa oração.

í) *A última bênção* **(22.21).** Ela é breve, mas adequada: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós.[236]** Isso é suficiente para toda alma confiante.

Notas

INTRODUÇÃO

1 Charles M. Laymon, ***The Book ofRevelation*** (Nova York: Abingdon Press, 1960), p. 7.

2 John Wick Bowman, ***The Drama of the Book ofRevelation*** (Filadélfia: Westminster Press, 1955), p. 7.

3 ***The Revelation ofjohn*** (2ed.; "The Daily Study Bible"; Filadélfia: Westminster Press, 1960), vol. I, p. 9.

4 ***The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ.*** (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.), vol. II, pp. 965-6.

5 ***Explanatory Notes upon the New Testament*** (Londres: Epworth Press, 1941 [reed.]), p. 932.

6 ***Commenting and Commentaries*** (edição revisada; Grand Rapids: Kregel Publications, 1954), p. 198.

7 ***New Testament Introduction: Hebreus to Revelation*** (Chicago: Inter-Varsity Press, 1962), pp. 254-5.

6 Ibid., p. 253.

9 ***Saint Justin Martyr,*** trad. Thomas B. Falis, "The Fathers of the Church", ed. L. Schopp (Nova York: Christian Heritage, 1948), p. 278.

10 Eusébio, ***Ecclesiastical History,*** trad. J. F. Cruse (Grand Rapids: Baker Book House, 1955 (reed.), p. 301.

11 ***Ibid.,*** p. 298.

[a]*New Testament Introduction,* trad. J. Cunningham (Nova York: Herder & Herder, 1958), p. 551.

13 ***Op. cit.,*** p. 260.

[14] ***The Gospel According to St. John*** (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 [reed.]), p. lxxxvi.

[15] ***Introduction to the New Testament,*** trad. da 3ª edição alemã. (Grand Rapids: Kregal Publications, 1953 [reed.]), vol. III, p. 432.

[16] E. g., D. S. Russel, ***The Method and Message ofJewish Apocalyptic: 220 a.C.—100 d.C.*** (Lon dres: SCM Press, 1964).

[17] "The Revelation of John", ***Interpretation,*** vol. IX, (Out., 1955), p. 438.

[18] ***Op. cit.,*** p. 262.

[19] ***Ibid.,*** p. 259.

[20] ***Ibid.***

[21] ***Op. cit.,*** p. 84.

[22] ***Ibid.,*** pp. 84-5.

[23] ***New Testament Theology,*** trad. do alemão por John Marsh (Londres: SCM Press, 1955), p. 41.

[24] ***The Gospel According to Saint John*** ("Torch Bible Commentaries"; Londres: SCM Press, 1959), p. 14.

[26] Ibid., p. 12.

[26] *The Apocalypse ofSt. John* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951 [reed.]), p. xcix.

[27] ***Ecclesiastical History,*** p. 102 (III. 18).

[28] Martin Kiddle, *The Revelation ofSt. John* ("Moffatt New Testament Commentary"; Nova York: Harper Brothers, s. d.), p. 39.

[29] *Op. cit.,* p. 272.

[30] *Op. cit.,* p. 84.

[31] *The Meaning and Message ofthe Book of Revelation* (Nashville: Broadman Press, 1951), p. 4.

[32] *Drama,* pp. 7,11.

[33] *Op. cit.,* pp. 19-22.

[34] *The Book of Revelation* (Nova York: Oxford University Press, 1957), p. 35.

[35] *The Revelation of John* (Filadélfia: Westminster Press, 1936), p. 27.

[36] As *Seeing the Invisible* (Nova York: Harper & Brothers, 1961), p. 10.

[37] *The Revelation of Jesus Christ* (Richmond, Va.: John Knox Press, 1964), p. 12.

[3S]*Ibid.*

[39] George B. Stevens, *The Theology ofthe New Testament* (Nova York: Charles Schribner's Sons,

1889), p. 525.

[40] *Op. cit.,* p. 28.

SEÇAO I

[1] ***Word Studies in the New Testament*** (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1946

[reed.], vol. II, p. 407. Cf. T. F. Torrance, ***The Apoealypse Today*** (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959), p. 11 — "Apocalipse ou Revelação é o desvendar da história tomada e conquistada pelo Cordeiro de Deus".

[2] ***The Revelation ofSt. John's Revelation*** (Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1943), p. 26.

[3] ***Op. cit.,*** p. 2.

[4] W. H. Simcox, ***The Revelation,*** rev. G. A. Simcox ("Cambridge Greek Testament"; Cambridge:

University Press, 1893), p. 40.

[6] A ***Criticai and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*** ("International Criticai

Commentary"; Edimburgo: T. & T. Clark, 1920), vol. I, p. 6.

****Ibid.***

[7] ***Word Pictures in the New Testament*** (Nova York: Harper & Brothers, 1933), vol. VI, p. 283.

[8] ***Op. cit.,*** p. 40.

[9] "The Revelation of St. John the Divine", ***Expositor's Greek Testament*** (Grand Rapids: Wm. B.

Eerdmans Publishing Co., s. d.), vol. V, p. 335.

[10] ***The Book of Revelation*** (Chicago: Grace Publications, 1935), p. 5.

[11] G. Abbott-Smith, A ***Manual Greek Lexicon ofthe New Testament*** (2[S] ed.; Edimburgo: T. & T.

Clark, 1923), p. 405.

[12] W. F. Amdt e F. W. Gingrich, A ***Greek-English Lexicon ofthe New Testament*** (Chicago: University of Chicago Press, 1957), p. 755.

[13] "Revelation", ***Commentary on the Holy Scriptures,*** ed. J. P. Lange (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.), p. 89.

[14] ***Gnomon ofthe New Testament,*** Trad. W. Fletcher (Edimburgo: T. & T. Clark, 1860), vol. V, p. 185. [16] ***Word Studies,*** vol. II, p. 408.

[16] ***A Revelation of Jesus Christ*** (Scottdale, Pensilvânia: Heral press, 1961), pp. 34-5.

[17] H. G. Liddell e R. Scott ***,AGreek-English Lexicon*** (nova edição, rev. H. S. Jones; Oxford: Clarendon Press, 1940), p. 1592.

[18] ***Op. cit.,*** p. 24.

[19] Friedrich Duesterdieck, ***A Criticai and Exegetical Handbook to the Revelation of John,*** trad. H. E. Jacobs ("Meyer's Commentary on the New Testament"; Nova York: Funk & Wagnalls, 1886), p. 97.

[20] ***Ibid.***

[21] "The Revelation" (Exegesis), ***The Interpreters Bible,*** XII (Nova York: Abingdon Press, 1957), p. 367.

[22] ***Op. cit.,*** I, p. 7.

[23] ***Op. cit.,*** p. 3.

[24] ***Ibid.***

[25] ***Ibid.***

[26] Simcox, ***op. cit.,*** p. 41.

[27] R. C. Trench, ***Synonyms ofthe New Testament*** (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 [reed.]) p. 210.

[28] ***Op. cit.,*** pp. 395-6.

[29] ***Op. cit.,*** p. 33.

[33] Ibid., p. 34

[31] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 1

[32] ***Ibid.,*** vol. I, p. 8.

[33] ***Op. cit.,*** p. 35.

[34] Samuel M. Jackson (ed.), ***The New Schaff-Herzog Encyclopedia ofReligious Knowledge*** (Grand Rapids: Baker Book House, 1950 [reed.]), vol. VIII, p. 56.

[35] "Revelation" (Exposição), ***Pulpit Commentary,*** XXII (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1950 [reed.]), p. 3.

[36] ***Op. cit.,*** p. 39.

[31] ***Ibid.***

[38] ***Op. cit.,*** p. 42.

[39] ***Op. cit.,*** p. 5. Cf. Kepler ***(op. cit.,*** p. 47): "A expressão 'que há de vir' em vez de 'o que será' enfatiza a mensagem do livro; ela prevê o retorno de Cristo".

[40] EGT, vol. V, p. 337.

[41] ***Op. cit.,*** p. 10.

[42] ***The Greek Testament,*** revelação. E. F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1958), IV, p. 549.

[43] ***Op. cit.,*** p. 6.

[44] ***Op. cit.,*** p. 3.

[45] ***Op. cit.,*** p. 43.

[46] As palavras estão no nominativo, em vez de no genitivo. Charles acha que isso "é mais bem explicado como um hebraísmo. Visto que o substantivo hebraico nos casos indiretos não é flexionado, o Vidente age às vezes como se o grego fosse semelhantemente não flexionado, e simplesmente coloca, como no exemplo presente, o nominativo em aposição com o genitivo".

[47] ***Op. cit.,*** p, 103.

[48] EGT, vol. V, p. 338.

[49] Charles, ***op. cit.,*** p. 14.

[50] ***Ibid.***

[51] ***Op. cit.***, p. 7.

[52] ***Ibid.***

[53] Julian Price Love, "The Revelation to John", ***The Laymarís Bible Commentary,*** ed. Balmer H. Kelly (Richmond, Va.: John Knox Press, 1960), vol. XXV, p. 54.

[54] ***Op. cit.,*** p. 16.

[56] ***Op. cit.,*** p. 36.

[56] EGT, vol. V, p. 339.

[57] ***Op. cit.,*** p. 4.

[58] Veja 1.18; 4.9-10; 5.13; 7.12; 10.6; 11.15; 14.11; 15.3, 7; 19.3; 20.10; 22.5.

[59] ***Op. cit.,*** p. 9.

[60] EGT, vol. V, p. 339.

[61] Plummer ***(op. cit.,*** p. 4) observa: "Aqui e em João 19.37, o autor, ao citar Zacarias 12.10, abando

na a LXX e segue o texto massoreta hebraico. A LXX muda de 'traspassaram' para 'insultaram' [...] Aqui e em João 19.37, o autor, ao traduzir do hebraico, usa a palavra grega pouco comum ***ekkentan".*** (Cf. Charles, ***op. cit.,*** vol. I, p. 18).

[68] ***Op. cit.,*** p. 10.

[69] ***Op. cit.,*** p. 4.

[70] ***Op. cit.,*** p. 46.

[71] Simcox, ***op. cit.,*** p. 45.

[72] ***Op. cit.,*** p. 11.

[73] ***Op. cit.,*** p. 48.

[74] "The Revelation", Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown, ***A Commentary Criticai,***

Experimental and Practical on the Old and New Testaments (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 [reed.]), vol. VI, p. 657.

[75] ***Op. cit.,*** vol. V, p. 199.

[76] ***Op. cit.,*** vol. III, 18.1 (p. 101).

[77] ***Ibid.,*** vol. III. 20.8-9 (p. 103).

[78] ***Op. cit.,*** p. 5.

[79] ***Op. cit.,*** p. 103.

[80] ***Op. cit.,*** p. 46.

[81] ***Op. cit.,*** I, p. 22.

[82] ***Op. cit.,*** p. 58.

[83] ***Ibid.***

[84] ***Op. cit.,*** p. 13.

[85] Adolf Deissmann, ***Bible Studies,*** trad. A. Grieve (Edimburgo: T. & T. Clark, 1901), p. 217.

[86] ***Light from the Ancient East,*** trad. L. R. M. Strachan (ed. revisada; NY: George H. Doran, 1927), p. 359.

[87] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 23.

[88] EGT, vol. V, p. 342.

[89] ***Op. cit.,*** p. 10.

[90] Frederick G. Kenyon, ***Handbook to the Criticism ofthe New Testament*** (2ª ed.; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951 [reed.]), p. 34.

[91] ***Op. cit.,*** I, p. 25; cf. comentários em 2.12.

[92] ***Op. cit.,*** p. 23.

[93] ***The Letters to the Seven Churches ofAsia*** (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1904), p. 183. [9i] ***Ibid,*** p. 191.

[95] ***Op. cit.,*** p. 6.

[96] ***Op. cit.,*** p. 15.

[97] ***Op. cit.,*** p. 104.

[98] ***Op. cit.,*** p. 47. Charles acha que a frase aqui, "semelhante a um filho de homem", é "o equivalente exato" de "o Filho do homem" nos Evangelhos e Atos 7.56 ***(op. cit.,*** vol. I, p. 27).

[99] EGT, vol. V, p. 343. [m] ***Ibid,*** p. 344.

[101] ***Ibid.***

[102] ***Op. cit,*** p. 16.

[103] ***Op. cit.,*** p. 7.

[104] ***Op. cit.,*** p. 65.

[106] ***Op. cit,*** p. 53.

106 ***Op. cit.,*** p. 17.

107 ***Ibid.***

108 Lenski, ***op. cit.,*** p. 69.

100 ***Ibid.***

110 ***Op. cit.,*** vol. I, p. 30.

111 ***Op. cit.,*** p. 16.

112 ***Op. cit.,*** p. 41.

113 *Op. cit.,* vol. I, p. 31.

114 *Ant.* XVIII. 1. 3.

115 *War* III. 8. 5.

116 "Hades", *Theological Dictionary ofthe New Testament,* ed. Gerhard Kittel, vol. I (Grand Rapids:

Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 148.

117 *Op. cit.*, vol. I, p.32. *ns Ibid.,* p. 31.

119 Os melhores manuscritos gregos acrescentam "pois" — à luz da autoridade de Jesus sobre a

morte e o Hades, e a gloriosa visão da sua divindade e majestade.

120 *Op. cit.*, p. 42.

121 *Op. cit.,* vol. I, p. 33.

122 *Op. cit.*, p. 42.

123 *Op. cit.,* p. 21.

124 *Ibid.*, p. 22.

125 *Op. cit.,* vol. I, pp. 34-5.

126 *Ibid.,* vol. I, p. 34.

127 *Op. cit.,* p. 43.

128 *Op. cit.*, p. 8.

SEÇAO II

[1] ***Op. cit***., pp. 61-2.

[2] ***Op. cit***., p. 6.

[3] Barclay, ***op.*** cit, vol. I, pp. 70-1.

[4] ***Op. cit.,*** p. 23.

[5] ***Ibid***., p. 24.

[6] ***Ibid.***

[I] ***Op. cit.***, p. 42.

[8] ***Op. cit.,*** p. vol. I, p. 75.

[9]***Ibid.,*** vol. I, pp. 75-6.

[10] ***Op. cit.,*** pp. 63-4.

[II] ***Ibid.,*** p. 64.

[12] ***Op. cit.,*** p. 25.

[13] ***Didache,*** p. 11.

[14] ***Op. cit.,*** p. 241.

[16] ***Op. cit.,*** p. 28.

[16] ***Ibid.***

[17] ***Op. cit.,*** p. 46.

[18] ***Op. cit.,*** p. 27.

[19] Cyril C. Richardson (ed.), ***Early Christian Fathers,*** "Library of Christian Classics" (Filadélfia: Westminster Press, 1953), vol. I, p. 88.

[20] ***Op. cit.,*** p. 27.

[21] ***Ibid.,*** p. 29.

[22] ***Ibid.***, p. 30.

[23] ***Ibid.***

[24] ***Op. cit.*** p. 269.

[25] Inácio, ***To the Smymaeans 1.2.***

[26] ***Ibid.*** 12:1 e 13:1.

[27] ***Op. cit.***, p. 32.

[28] De acordo com Swete, ***op. cit.,*** p. 33. Contra, Charles, ***op. cit.,*** vol. I, p. 59.

[29] ***Op. cit.,*** p. 34.

[30] ***Op. cit.*** p. 281.

[31] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 60.

[32] ***Op. cit.,*** p. 283. Existe uma certa diferença de opinião se Pérgamo ou Efeso era, na verdade, o

assento do governo romano na Ásia nessa época (veja as citações de F. F. Bruce em CBB, vol. VII, p. 470). Pellett diz: "Na época de Augusto [27 a.C.—14 d.C.] a capital foi mudada para Éfeso" (IDB, vol. I, p. 258).

[33] ***Op. cit.,*** pp. 292-3.

[M]***Ibid.,*** p. 283.

[35] ***Ibid.,*** p. 293.

[36] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 61.

[37] ***Op. cit.,*** pp. 297-8.

[38] ***Op. cit.,*** p. 37.

[39] ***Op. cit.,*** p. 106.

[40] R. H. Charles acha que **também** significa "bem como na igreja de Efeso" ***(op. cit.,*** vol. I, p. 64).

[41] ***Op. cit.,*** pp. 64, 73.

[42] ***Op. cit.,*** p, 38.

[43] ***Op. cit.,*** pp. 107-108.

[44] ***Op. cit.,*** I, p. 64.

[m] ***Letters to the Seven Churches*** (Grand Rapids: Baker Book House, 1956 [reed.]), pp. 55-57.

[46] ***The Oxford Annoted Apocripha,*** ed. Brucce Metzger (Nova York: Oxford University Press, 1965),

p. 265.

[47] ***Op. cit.,*** I, p. 65.

[48] ***Ibid.,*** p. 66. [m]***Ibid.***

[50] ***Ibid.***

[51] ***Op. cit,*** p. 40.

[w]*Ibid.*

[53] *Op. cit.,* pp. 307-8.

[54] Swete, *op. cit.,* p. 41.

[55] *Op. cit.,* vol. I, p. 67.

[56] *Op. cit.,* pp. 41-2.

[57] *Op. cit,* p. 53.

[58] Acerca de **e** antes de **caridade,** Charles *(op. cit.,* vol. I, p. 69) diz: "0 *kai* aqui introduz uma descrição explicativa de *erga"* **(obras).** Isto é, suas **obras** consistiam de amor, fé, serviço e perseverança.

[59] "Diakonia", *Theological Dictionary ofthe New Testament,* ed. G. Kittel, vol. II (Grand Rapids:

Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 87.

[60] *Op. cit.,* p. 114.

[61] *Op. cit.,* p. 42.

[62] A KJV traz: "Tenho contra ti *'algumas coisas"'.* Essas palavras praticamente não têm apoio no texto grego. Erasmo aparentemente a derivou da Vulgata latina.

[63] Moffatt, *op. cit,* p. 360.

[64] *Op. cit.,* p. 150.

[65] *Op. cit,* vol. I, p. 69.

[66] *Ibid.,* vol. I, p. 71.

[87] Swete, *op. cit,* p. 44.

[68] *Ibid.,* p. 45.

[69] Charles, *op. cit.,* vol. I, pp. 73-4.

[7o] *Ibid.,* vol. I, p. 74.

[71] *Op. cit.,* p. 46.

[72] *Op. cit.,* vol. I, p. 78.

[73] *Op. cit.,* p. 368.

[74] *Op. cit.,* vol. I, p. 78.

[75] *Op. cit.,* p. 82.

[76] *Op. cit.,* p. 56.

[77] *Ibid.*

[78] *Op. cit.,* p. 50.

™*Ibid.,* p.49.

[80] *Op. cit.,* p. 377.

S1lbid., pp. 377-8.

[82] *Op. cit.,* p. 130.

[83] *Op. cit.,* p. 50.

[84] *Bible Studies,* p. 196. A KJV traduz "nomes".

[85] Lenski, *op. cit.,* p. 131.

[86] *Op. cit.,* p. 364.

[87] *Op. cit,* vol. I, p. 82.

[88] *Op. cit,* pp. 51-2.

™*Ibid.,* p. 52.

[90] *Op. cit,* p. 400.

[91] Abbott-Smith, *op. cit,* p. 20.

[92] Kittel (ed.), *Theological Dictionary,* vol. I, p. 250.

[93] *Op. cit,* p. 53.

[94] *Op. cit,* vol. I, p. 86. [m]*Ibid.*

[96] *Op. cit,* pp. 391-2. [m]*Ibid.,* p. 405.

[98] Cf. a linguagem em Isaías 45.14.

[99] *Op. cit,* p. 59.

[100] *Commentary on the Epistles to the Seven Churches* (Londres: Macmillan Co., 1883), p. 178.

[101] *Op. cit.,* p. 144.

[102] "The Revelation of St. John", *Commentary on the Whole Bible,* ed. C. J. Ellicott (Grand Rapids:

Zondervan Publishing House, s. d.), vol. VIII, p. 548.

[103] *Op. cit.,* p. 56.

[104] A palavra Eis praticamente não tem suporte nos manuscritos gregos. Ela aparentemente vem

do latim.

[105] *Op. cit.,* p. 56. [m]*Ibid.,* p. 57.

[101] *Commentary,* pp. 186-7.

[108] *Op. cit.,* p. 58.

[109] Adaptado de Erdman, *op. cit,* p. 60.

[110] Simcox, *op. cit.,* p. 69.

[111] Charles, *op. cit.,* vol. I, p. 94.

[112] Swete, *op. cit.,* p. 60.

[113] *Ibid.,* p. 61.

[114] *Op. cit.,* vol. I, p. 98.

[115] *Op. cit.,* p. 63.

™*A Popular Exposition to the Seven Churches ofAsia* (Londres: Hodder and Stoughton, 1891), p. 209.

[117] Erdman, *op. cit.,* p. 63.

[118] *The Letters ofOur Lord* (Londres: Pickering & Inglis, s. d.), p. 104.

[1] ***Op. cit.,*** I, p. 102-103.

[2] ***Op. cit.,*** p. 73.

[3] ***Op. cit.,*** p. 67.

[4] A Septuaginta usa outra palavra (***toxon***) para arco-íris em Gênesis 9.13. Assim Swete (p. 68) diz que "é incerto impor uma referência ao arco-íris da aliança" aqui.

[5] ***Op. cit.,*** p. 69.

[6] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 195.

[7] ***Op. cit***p. 70.

[8] ***Op. cit.,*** p. 380.

[9] *Synonyms,* p. 310.

[10] ***Op. cit.,*** p. 179.

[11] ***Op. cit.,*** p. 71.

[12] ***Op. cit***p., 50.

[13] ***Op. cit.,*** p. 71.

[14] ***Op. cit.,*** p. 50.

[15] ***Op. cit.,*** p. 72. [ie]***Ibid.,*** p. 73.

[11] ***Ibid.,*** p. 74. [m] ***Ibid.,*** p. 75.

[19] ***Op. cit.,*** vol. I, pp. 137-8.

[20] ***Op. cit.,*** p. 78.

[21] ***Ibid.,*** p. 79.

[22] ***Ibid.***

[23] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 138. [u]***Ibid.***

[25] ***Op. cit.,*** p. 75.

[26] ***Op. cit.,*** p. 67.

[27] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 140.

[28] ***The Book ofRevelation*** (Neptune, N.J.: Loizeaux Brothers, 1964), p. 139.

[29] Uma palavra diferente é usada em João 1.29, 36; Atos 8.32; 1 Pedro 1.19.

[30] Kittel, ***op. cit.,*** vol. I, p. 340.

[31] No grego **que** é masculino, referindo-se aos **olhos** (masculino), e não às **pontas** (neutro).

[32] Cf. Swete, Charles, Lenski e outros.

[33] Citado em Charles, ***op. cit.,*** vol. I, p. 146.

[34] Swete, ***op. cit.,*** p. 81.

[35] ***Ibid.,*** p. 82.

[36] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 150.

[37] *Op. cit.,* p. 677.

[38] *Op. cit.,* p. 85.

[39] *Op. cit.,* p. 171.

[40] *Op. cit.,* p. 22.

[41] *Op. cit.,* p. 86.

[42] *Op. cit,* p. 67.

[43] *Op. cit,* p. 73.

[44] Swete, *op. cit.,* p. 88.

[45] *Ibid.*

[46] *Op. cit,* vol. I, p. 167.

[41] *Ibid.,* p. 168.

[48] *Op. cit.,* pp. 88-9.

[49] *Ibid.*, pp. 85-6.

[50] ***Notes on the New Testament: Revelation,*** ed. Robert Frew (Grand Rapids: Baker Book House, 1949 [reed.]), pp. 142-6.

[51] *Ibid.,* p. 157.

[52] ***The Revelation ofSt. John,*** trad. John H. de Vries (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964 [reed.]), p. 72.

[53] *Op. cit.,* p. 89.

[54] *Ibid.,* p. 90.

[55] Eusébio, *Ecclesiastical History,* 4.15 *(op. cit.,* p. 146).

[66] *Op. cit,* p. 90.

[57] O melhor texto grego traz: "Depois disso vi (v. 1) e "Depois dessas coisas vi (v. 9). O verbo é exatamente o mesmo nos dois textos.

[58] Swete, *op. cit,* p. 96. [m] *Ibid.,* p. 99.

[6o] *Op. cit.,* p. 249.

[61] *Op. cit.,* vol. I, p. 209.

[62] *Ibid.,* p. 207.

[63] *Op. cit.,* p. 98.

[64] *Ibid.*

[66] *Op. cit.,* p. 100.

[67] *Ibid,* p, 104

[68] *Ibid.*

[69] *Ibid.*

[n] *Ibid.,* p. 106.

[71] *Op. cit.,* p. 63.

[72] *Ibid.,* p. 66.

[73] *Op. cit.,* p. 102.

[74] *Op. cit.,* p. 68.

[75] *Op. cit.,* vol. I, p. 224.

[76] Swete, *op. cit.,* p. 108.

[77] *Op. cit.,* vol. I, pp. 227-30.

[78] **A** palavra grega para **incensário** geralmente significa "olíbano", mas aqui claramente indica um incensário.

[79] *Op. cit.,* p. 109. [m] *Ibid.,* p. 111.

[82] *Op. cit.,* p. 113.

[83] *Op. cit.,* vol. II, p. 62.

[84] *Ibid.*

[85] *Op. cit.,* p. 120.

[1] *Ibid.,* p. 121.

[87] *Op. cit.,* p. 102. [sa] *Op. cit.,* pp. 126-7. [m] *Ibid.,* p. 128.

[90] *Op. cit.,* vol. I, p. 268.

[91] *Op. cit.,* p. 131.

[92] *Op. cit.,* p. 110.

[93] *Op. cit.,* p. 133. [u] *Ibid.*

[95] Op. *cit.,* p. 113.

[96] *Ibid., p.* 112.

[97] *Op. cit.,* p. 119.

[98] G. R. Beasley-Murray, "The Revelation", *The New Bible Commentary,* ed. F. Davidson (2ed.; Londres: Inter-Varsity Fellowship, 1954), p. 1182.

[99] *Op. cit.,* p. 134.

[100] *Ibid.,* p. 137.

[101] *Ibid,* p. 138. [m] *Op. cit.,* pp. 291-2.

[103] *Op. cit.,* p. 145.

[104] *Op. cit.,* vol. IV, p. 667.

[105] *Semeion* ocorre 77 vezes no NT. Na KJV, essa palavra é corretamente traduzida por "sinal" em

50 ocasiões e incorretamente por "milagre", 23 vezes. A KJV traduz *semeion* por "maravilha" aqui e em 12.3 e 13.13.

[106] *Op. cit.,* vol. I, p. 315.

[107] *The Apocalypse* (10ed.: Nova York: Charles C. Cook, 1909 [direitos autorais em 1865]), vol.

II, p. 277.

[m] ***Ibid.,*** p. 303.

[109] ***Ibid.,ç.*** 305.

[110] Barnes, ***op. cit.,*** pp. 305-6.

[111] ***Op. cit.,*** p. 155.

[112] ***Ibid.,*** p. 159.

[113] Seiss, ***op. cit.,*** vol. II, p. 382.

[114] **E eu pus-me sobre a areia do mar** (v. 1) nos manuscritos gregos mais antigos é: "E ele pôs-

se sobre a areia do mar". Isso concordaria com o capítulo anterior (cf. RSV).

[115] ***Op. cit.,*** p. 161.

[116] ***Op. cit.,*** vol. I, p. 344.

[117] Simcox, ***op. cit.,*** p. 132.

[118] Veja suas ***Notas*** acerca de 2 Tessalonicenses 2.3-4.

[119] ***Op. cit.,*** p. 163.

[120] ***Ibid.,-p. 165.***

[121] ***Ibid.***

[m] ***Ibid.,*** p. 168.

123 $R_{eve}i_ati_{on\ 0}f$ St. John", ***Commentary on the Whole Bible,*** ed. C. J. Ellicott (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.), vol. VIII, p. 598.

[124] ***Op. cit.,*** p. 135.

[125] ***Ibid.,*** p. 136.

[126] ***Op. cit.,*** p. 465.

[127] ***Op. cit.,*** p. 174.

[128] Simcox, ***op. cit.,*** p. 137.

[129] Alguns manuscritos gregos trazem 616. Mas 666 parece a leitura correta. Ele é encontrado no

Papiro 47 do terceiro século.

[130] ***Op. cit,*** vol. II, p. 4.

[131] ***Op. cit.,*** p. 176.

[132] Simcox, ***op. cit.,*** pp. 138-9.

[133] O "como" não está no melhor texto grego.

[134] ***Op. cit.,*** p. 179.

[135] ***Op. cit.,*** vol. II, p. 6.

[136] ***Op. cit.,*** p. 180.

[137] Simcox, ***op. cit.,*** p. 140.

[138] ***Op. cit.,*** p. 186.

[139] O **Filho do Homem** está sem o artigo definido no grego. Assim, alguns têm insistido que a

passagem aqui significa "como um ser humano".

[140] ***Op. cit.,*** p. 350.

[141] ***Op. cit.,*** p. 144.

[142] *Op. cit.,* p. 190.

[143] *Ibid.,* p. 194.

[114] *Op. cit.,* p. 456.

[146] Existe um apoio muito equilibrado dos manuscritos gregos para essas duas traduções.

[146] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 469.

[147] *Op. cit.,* p. 199.

[148] *Op. cit.,* vol. IV, pp. 698-9.

[150] *Op. cit.,* p. 208.

[151] Embora o verbo *(synegagen)* esteja no singular, o sujeito é*pneumata* **(espíritos,** w. 13-14). No

grego, o substantivo plural neutro geralmente requer um verbo no singular.

[152] *Op. cit.,* vol. II, p. 50.

[153] *Op. cit.,* p. 209.

[164] *Op. cit.,* p. 156.

[155] *Op. cit.,* p, 356.

[156] *Ibid.,* p. 361. [im] *Ibid.,* pp. 374-5.

[158] *Op. cit.,* p. 213. [m] *Ibid.,* p. 215.

[160] *Ibid.,* p. 216.

[U1] *Ibid.,* p. 217.

[162] *Op. cit.,* vol. IV, pp. 710-1.

[163] *Interpreteis Bible,* vol. XII, p. 495.

[164] *Op. cit.,* pp. 389-90.

[165] *Ibid.,* p. 392.

[166] *Op. cit.,* p. 222.

[167] *Op. cit.,* p. 393.

[168] Swete, *op. cit.,* p. 224. [m] *Ibid.*.

[170] **O** advérbio **fortemente** não está no texto grego. Ele aparentemente foi acrescentado da Vulgata latina.

[171] *Op. cit.,* p. 396.

[172] *Op. cit.,* vol. III, pp. 159-212.

[173] *Op. cit.,* p. 272.

[174] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 149. [m] *Ibid.,* p. 247.

[176] *War* vii. 5.4.

[177] *Bible Studies,* p. 160.

[178] *Encycolpaedia Britannica* (1944), vol. XX, p. 775.

[179] É claro que essa frase pertence ao final do versículo 16 e não ao início do versículo 17 (como

ocorre na KJV).

180 *Op. cit.,* p. 239.

181 *Ibid.*, pp. 240-1. [m] *Ibid.,* p. 241.

183 Kittel, *op. cit.,* vol. I, p. 264.

184 E honra não está no melhor texto grego.

185 *Op. cit.,* p. 244.

186 *Ibid.,* p. 247.

187 *Ibid.,* p. 252.

188 *Ibid.,* p. 156.

189 *Ibid.,* p. 257.

190 Jeremias, "*abyss*", Kittel, *op. cit.,* vol. I, p. 9.

191 Assim um quiliasta é também chamado de milenarista.

192 Talvez devesse ser observado que durante os últimos anos tem havido muita controvérsia

acerca da questão do arrebatamento pré-tribulação *versus* um arrebatamento pós-tribula-ção. Essas duas posições são defendidas por pré-milenaristas.

193 *Op. cit.,* p. 260.

194 *Op. cit.,* p. 564.

195 Simcox, *op. cit.,* p. 132.

202 *Op. cit.,* p. 237.

203 Em Ezequiel, temos o reino messiânico no capítulo 37, a destruição de Gogue e Magogue

nos capítulos 38—39 e a Nova Jerusalém nos capítulos 40—48 (cf. Ap 20.4-6; 20.7-10; 21.1—22.21).

204 *Ant.* i. 6. 1.

205 *Op. cit.,* vol. II, p. 188. [m] *Ibid.,* p. 189.

207 Simcox, *op. cit.,* p. 185.

208 *Op. cit.,* p. 271.

[109] *Ibid.*

[2W] *Ibid.,* p. 272.

[211] *ib,* p. 272.

[212] Trench, *Synonyms,* p. 220.

[213] *Op. cit.,* p. 279.

[214] *Ibid.,* p. 280.

[215] *The Words of Jesus,* trad. D. M. Kay (Edimburgo: T. & T. Clark, 1909), pp. 125-6.

[216] *Op. cit,* p. 281.

[217] *Op. cit.,* p. 74 (acerca de 4.3).

[218] *Op. cit.,* p. 286.

[219] *Op. cit.,* p. 639.

[220] *Ibid.*

[221] *War,* w. 5-6.

[222] *Op. cit.,* vol. II, p. 167.

[223] *Ibid.,* p. 168.

[224] **A KJV** traz **E as nações** *daqueles que são salvos* **andarão à sua luz.** "Daqueles que são salvos" não está no melhor texto grego.

[225] **Puro** não está no melhor texto grego.

[226] Kittel, *op. cit.,* vol. I, p. 355.

[227] *The Revelation of John* ("The Cambridge Bible Commentary"; Cambridge: University Press,

1965), p. 121.

[228] *Op. cit.,* p. 305.

[229] *Ibid.,* p. 305.

[™] *Ibid.,* p. 305. [m] *Ibid.,* p. 310.

[232] "Revelation", *A Commentary [...] on the Old and New Testament,* por Robert Jamieson, A. R.

Fausset, David Brown (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 [reed.]), vol. VI, p. 730.

[233] **Op.** *cit.,* p. 311.

[234] *Op. cit.,* p. 248.

[235] A palavra **Ora** não está no melhor texto grego.

[236] Alguns manuscritos antigos trazem: "com todos os santos", (cf. RSV).

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Alford, Henry. *The Greek Testament.* Revisado por E. F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1958.

Barclay, William. *The Revelation ofJohn.* 2ª ed. "The Daily Study Bible". Filadélfia: Westminster Press, 1960.

Barnes, Albert. *Notes on the New Testament: Revelation.* Ed. Robert Frew. Grand Rapids: Baker Book House, 1949 (reed.).

Beasley-Murray, G. R. "The Revelation". *The New Bible Commentary.* Ed. F. Davidson. 2ª ed. Londres: Inter-Varsity Fellowship, 1954.

Bengel, John Albert. *Gnomon of the New Testament.* Trad. W. Fletcher. Edimburgo: T. & T. Clark, 1860. Vol. V.

Blaney, Harvey J. S. "Revelation". *The Wesleyan Bible Commentary.* Vol. VI. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1966.

Bowman, John Wick. *The Drama ofthe Book of Revelation.* Filadélfia: Westminster Press, 1955.

Carpenter, W. Boyd. "The Revelation of St. John". *Commentary on the Whole Bible.* Ed. Charles J. Ellicott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.

Charles, R. H. *A Criticai and Exegetical Commentary on the Revelation ofSt. John.* "International Criticai Commentary". Edimburgo: T. & T. Clark, 1920. 2 vols.

Clarke, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ.* Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.

Duesterdieck, Friedrich. *A Criticai and Exegetical Handbook to the Revelation ofJohn.* Trad. H. E. Jacobs. "Meyer's Commentary on the New Testament". Nova York: Funk & Wagnalls, 1886.

Erdman, Charles R. *The Revelation ofJohn.* Filadélfia: Westminster Press, 1936.

Fausset, A. R. "Revelation". A *Commentary [...] on the Old and New Testament.* Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, Vol. VI. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 (reed.).

Glasson, T. F. *The Revelation ofJohn.* "The Cambridge Bible Commentary". Cambridge: University Press, 1965.

Kepler, Thomas. *The Book of Revelation.* Nova York: Oxford University Press, 1957.

Kiddle, Martin. *The Revelation ofSt. John.* "Moffatt New Testament Commentary". Nova York: Harper & Brothers, s. d.

Kuyper, Abraham. *The Revelation ofSt. John.* Trad. do holandês por J. H. deVries. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1964 (reed.).

Lange, John Peter. "Revelation". *Commentary on the Holy Scriptures.* Ed. J. P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.

Laymon, Charles M. *The Book of Revelation.* Nova York: Abingdon Press, 1960.

Lenski, R. C. H. *The Interpretation ofSt. John's Revelation.* Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1943.

Love, Julian Price. "The Revelation of John". *The Layman's Bible Commentary,* Ed. Balmer H. Kelly, Vol. XXV. Richmond, Va.: John Knox Press, 1960.

McDowell, Edward A. *The Meaning and Message ofthe Book of Revelation.* Nashville: Broadman Press, 1951.

Moffat, James. "The Revelation of St. John the Divine". *Expositor's Greek Testament.* Vol. V. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s. d.

Newell, William R. *The Book of Revelation.* Chicago: Grace Publications, 1935.

Niles, D. T. **As** *Seeing the Invisible.* Nova York: Harper & Brothers, 1961.

Plummer, A. "Revelation" (Exposition). *The Pulpit Commentary.* Ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reed.), Vol. XXII.

Richardson, Donald W. *The Revelation of Jesus Christ.* Richmond, Va.: John Knox Press, 1964.

Rist, Martin. "The Revelation" (Exegesis). *The Interpreters Bible.* Ed. George A. Buttrick, *et al,* Vol. XII. Nova York: Abingdon Press, 1957.

Seiss, J. A. *The Apocalypse: A series of special lectures on the Revelation of Jesus Christ.* lOed. Nova York: Charles C. Cook, 1909 (direitos autorais em 1865).

Simcox, W. H. *The Revelation.* Rev. G. A. Simcox. "Cambridge Greek Testament". Cambridge: University Press, 1893.

Smith, J. B. *A Revelation of Jesus Christ.* Scottdale, Pa.: Herald Press, 1961.

Strauss, Lehman. *The Book of Revelation.* Neptune, N.J.: Loizeaux Borthers, 1964.

Swete, Henry B. *The Apocalypse ofSt. John.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co.,

1951 (reed.).

Wesley, John. *Explanatory Notes upon the New Testament.* Londres: Epworth Press, 1941 (reed.).

II. CARTAS ÀS SETE IGREJAS

Barclay, William. *Letters to the Seven Churches.* Londres: SCM Press, 1957.

Martin, Hugh. *The Seven Churches.* Filadélfia: Westminster Press, 1956.

Morgan, G. Campbell. *The Letters ofOur Lord.* Londres: Pickering & Inglis, s. d.

Plumptre, E. H. A *Popular Exposition of the Epistles to the Seven Churches of Asia.* Londres: Hodder and Stoughton, 1891.

Ramsay, W. M. *The Letters to the Seven Churches ofAsia.* A. C. Armstrong & Son, 1904.

Seiss, Joseph A. *Letters to the Seven Churches.* Grand Rapids: Baker Book House, 1956 (reed.).
Trench, R. C. *Commentary on the Epistles to the Seven Churches.* Londres: Macmillan Co., 1883.

III. OTHER BOOKS

Abbott-Smith, G. A *Manual Greek Lexicon of the New Testament.* 2ª edição. Edimburgo: T. & T. Clark, 1923.

Arndt, W. F., e **Gingrich,** F. W. A *Greek-English Lexicon ofthe New Testament.* Chicago: University of Chicago Press, 1957.

Dalman, Gustaf. *The Words of Jesus.* Trad. D. M. Kay. Edimburgo: T. & T. Clark, 1909.
Deissmann, Adolf. *Bible Studies.* Trad. Alexander Grieve. Edimburgo: T. & T. Clark, 1901.

_. *Light from the Ancient East.* Trad. L. R. M. Strachan. Ed. rev. Nova York: George H.

Doran, 1927.

Eusebius, Pamphilus. *Ecclesiastical History.* Trad. C. F. Crase. Grand Rapids: Baker Book House, 1955 (reed.).

Guthrie, Donald. *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation.* Chicago: Inter-Varsity Press, 1962.

Kittel, Gerhard (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament.* Vols. I-II. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.

Liddell, H. G. e **Scott,** R. *A Greek-English Lexicon.* Nova ed. rev. por H. S. Jones. Oxford: Clarendon Press, 1940.

Richardson, Alan. *The Gospel According to St. John.* "Torch Bible Commentaries". Londres: SCM Press, 1959.

Robertson,A. T. *WordPictures in the New Testament.* Vol. VI. Nova York: Harper & Brothers, 1933.

Russell, E. D. S. *The Method and Message ofJewish Apocalyptic: 220 a.C.—100 d.C.* Londres: SCM Press, 1964.

Stauffer, Ethelbert. *NewTestament Theology.* Trad. John Marsh. Londres: SCM Press, 1955.

Toeuance, Thomas F. *The Apocalypse Today.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

Trench, R. C. *Synonyms ofthe New Testament.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 (reed.).

Vincent, Marvin R. *Word Studies in the New Testament.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1946 (reed.).

Westcott, B. F. *The Gospel According to St. John.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reed.).

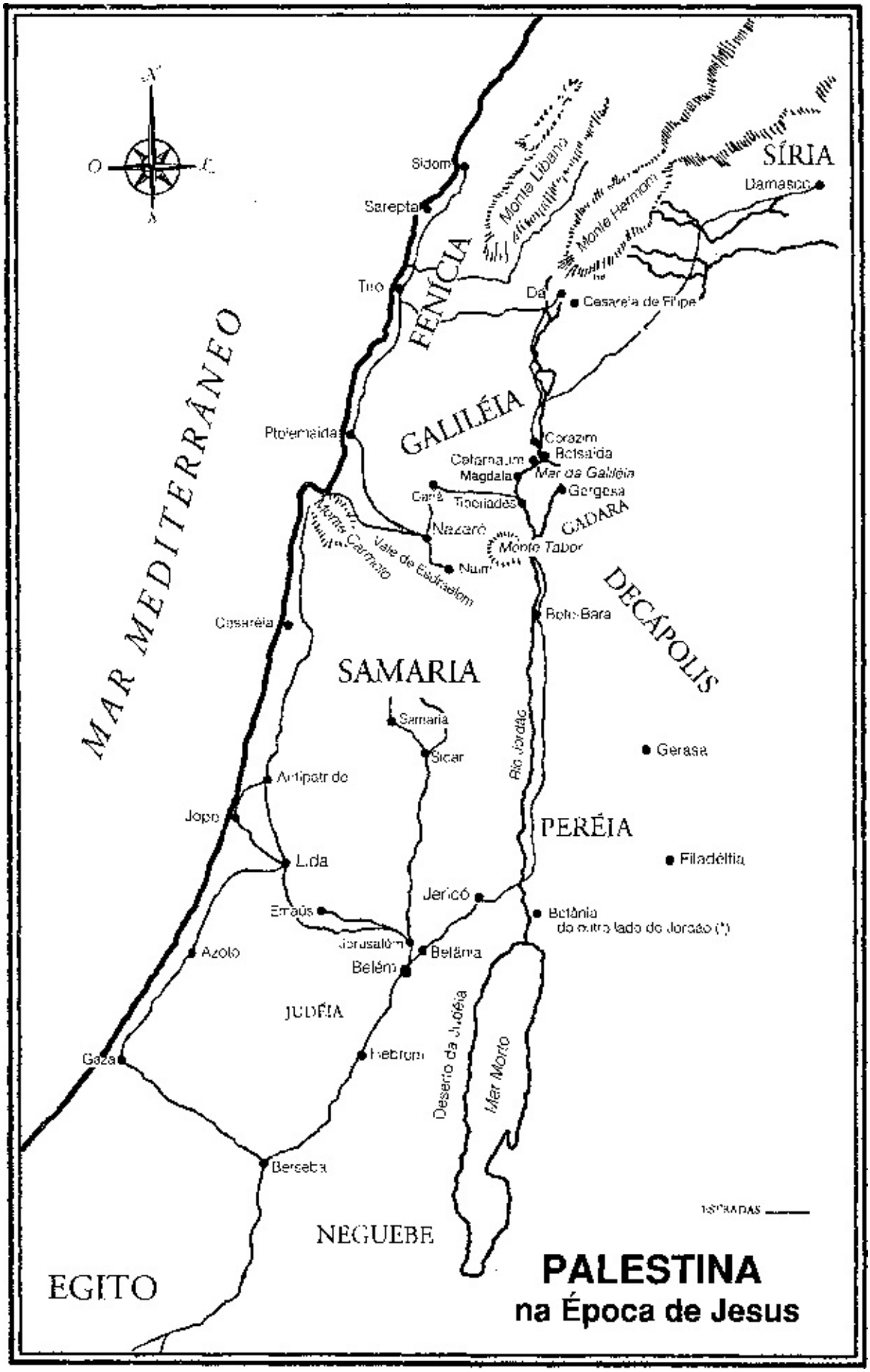
Wikenhauser, Alfred. *New Testament Introduction.* Trad. J. Cunningham. Nova York: Herder & Herder, 1958.

Zahn, Theodor. *Introduction to the New Testament.* Traduzido da 3S edição alemã. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 (reed.). 3 vols.


EUROPA
Mar Negro
ITÁLIA
Mar Adriático
Roma
Três Vendas
Praça De Ápio
Putéoli
MACEDÔNIA
Filipos
Anfípolis
Neápolis
Tessalônica
Beréia
Apolônia
TRÁCIA
BITÍNIA
PONTO
GALÁCIA
Adramítio
Assós
Pérgamo
Tiatira
Mitilene
ÁSIA
CAPADÓCIA
Sardes
Nicópolis
ACAIA
Mar Egeu
Régio
SICÍLIA
Filadélfia
Antioquia
Esmirna
Éfeso
Hierápolis
Colossos
PÍSIDIA
Icônio
Listra
Derbe
Tarso
CILÍCIA
Corinto
Cencréia
Atenas
Laodicéia
Mileto
PATMOS
PANFÍLIA
Perge
Cnido
Rodes
Pátara
Mira
Selêucia
Antioquia
Siracusa
MALTA
Salamina
SÍRIA
Fenice
CRETA
Cabo Salmona
Laséia
Bons Portos
CHIPRE
Pafos
MAR MEDITERRÂNEO
O MUNDO MEDITERRÂNEO
na Época de Paulo
N
O
L
S
Sidom
Damasco
Tiro
Ptolemaida
Cesaréia
Samaria
Jope
Jericó
Jerusalém
Gaza
Cirene
LÍBIA
Alexandria

Mapa 1

Mapa 2



A PLANTA DO TABERNÁCULO NO DESERTO

30 x 10 x 10 côvados (13,5 x 4,5 x 4,5 m)

O o

A Mesa dos Pães da Proposição

2 x 1 x 1,5 côvados (90 x 45 x 67,5 cm)

O Propiciatório e a Arca do Concerto

2,5 x 1,5 côvados (1,125 m x 67,5 cm)

£

O Altar do Incenso

1x1x2 côvados (45 x 45 x 90 cm)

O SANTO LUGAR

20 x 10 x 10 côvados (9 x 4,5 x 4,5 m)

o

3

p

O SANTO DOS SANTOS O Lugar Santíssimo

10x10x10 côvados (4,5 x 4,5 x 4,5 m)

O Castiçal de Ouro

(Sete Braços)

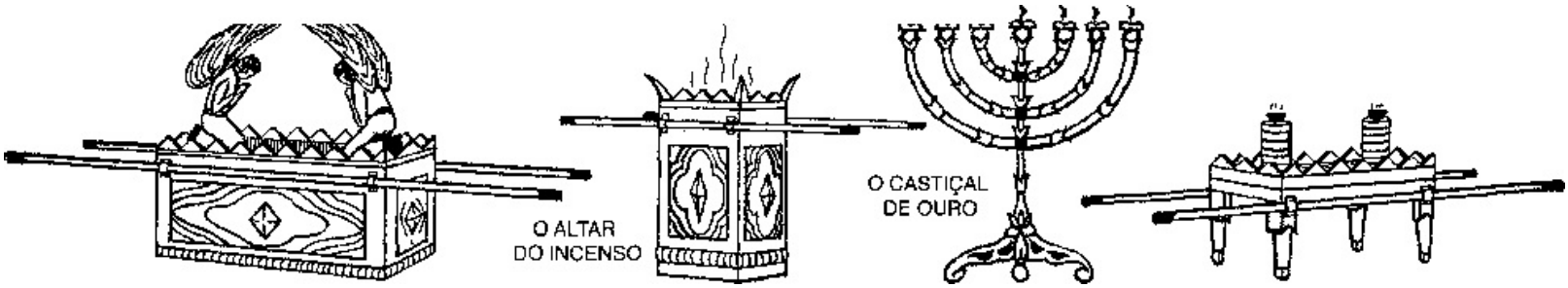
oo<x}ooo

Diagrama A

» > >

A MESA DOS PÃES DA PROPOSIÇÃO

<L



A ARCA DO CONCERTO

Autores deste volume

RICHARD S. TAYLOR

Professor de Teologia e Missões no Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. Th.B., Cascade College; A.B., George Fox College; M.A., Pasadena College; Th.D., Boston University.

A. F. HARPER

Editor-executivo do Departamento de Escolas Eclesiásticas da Igreja do Nazareno. AB., Northwest Nazarene College; M.A., University of North Dakota; Ph.D., University ofWashington; D.D., Northwest Nazarene College.

ROY S. NICHOLSON

Chefe da Divisão de Religião no Central Wesleyan College, South Carolina, e ex-presidente da Convenção Geral da Igreja Metodista Wesleiana. Fez especializações no Central Wesleyan College e em outros institutos bíblicos e escolas religiosas. D.D., Houghton College.

ELDON R. FUHRMAN

Chefe do Departamento de Teologia no Western Evangelical Seminary, Portland, Oregon, e presbítero na Evangelical United Brethren Church. A.B., John Fletcher College; B.D., Asbury Theological Seminary; D.D., Cascade College; S.T.M., Biblical Seminary em New York; Ph.D., State University of Iowa.

HARVEYJ. S. BLANEY

Chefe da Divisão de Graduação em Estudos Teológicos e deão interino do Eastern Nazarene College, Quincy, Massachusetts. A.B., Eastern Nazarene College; B.D., Yale University; S.T.M., Harvard University; Th.D., Boston University.

DELBERT R. ROSE

Chefe do Departamento de Teologia Bíblica no Asbury Theological Seminary, Wilmore, Kentucky, e presbítero na Evangelical United Brethren Church. A.B., John Fletcher College; M.A., Ph.D., State University of Iowa; graduado no Garrett Theological Seminary, New York Theological Seminary, e no Union Theological Seminary (New York).

RALPH EARLE

Professor de Novo Testamento no Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. A.B., Eastern Nazarene College; M.A., Boston University; B.D., Th.D., Gordon Divinity School; pós-doutorado pela Harvard University e Edinburgh University (Escócia).

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Em Dez Volumes

Volume I. Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio

Volume II. Josué; Juizes; Rute; 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; 1 e 2 Crônicas; Esdras; Neemias; Ester Volume III. Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cantares de Salomão Volume IV. Isaías; Jeremias; Lamentações de Jeremias; Ezequiel; Daniel

Volume V. Oséias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu; Zacarias; Malaquias

Volume VI. Mateus; Marcos; Lucas

Volume VII. João; Atos

Volume VIII. Romanos; 1 e 2 Coríntios

Volume IX. Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito; Filemom

Volume X. Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas; Apocalipse



10

H(‘breus a Apocalipse

Richard S. In\ lor A. F. flarper Roy S. Nicholson Eldon li. Fuhrinan Harvev .1. S. Blane\ Delberl H. Rose Ralph Earle

0 *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracionai. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0694-4

